

SYLVIA MERCEDES

The cover features a central figure, a woman with a long braid, wearing detailed brown leather armor and a red cape. She is holding a glowing red, fiery object. The background is a large, ornate, golden-brown archway with a sunburst pattern. The overall color palette is dominated by warm, golden, and reddish tones, with a dark, textured floor at the bottom. The title 'TEARS OF DUST' is written in a large, elegant, golden serif font, with 'OF' in a smaller size between 'TEARS' and 'DUST'.

TEARS
OF
DUST

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 5



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

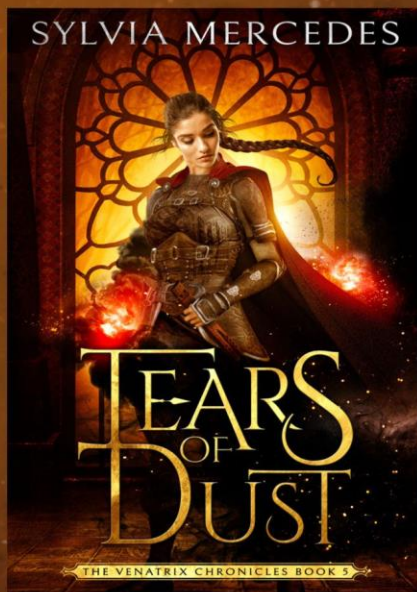
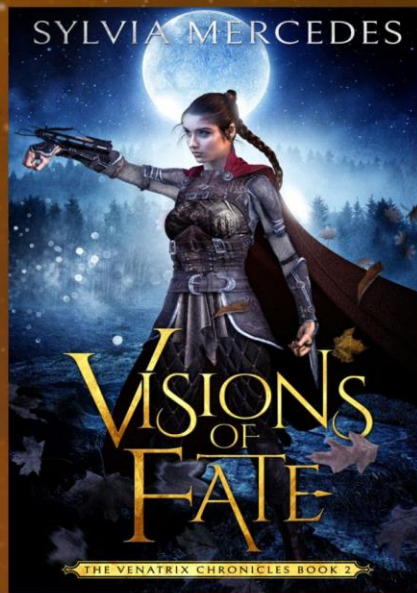
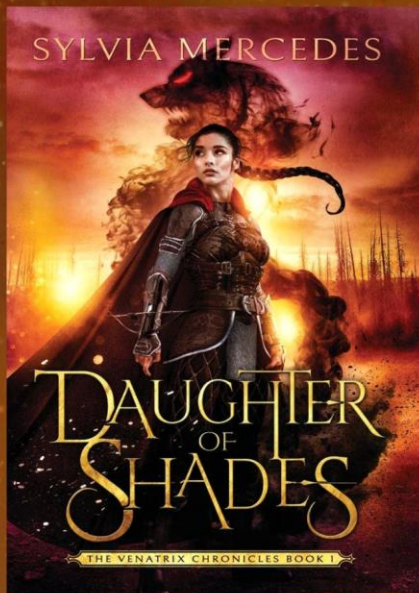


DOSSAIDS



THE VENATRIX CHRONICLES

ORDEM DE LEITURA



SUMÁRIO

Sinopse

Glossário de Terminologia

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

SINOPSE

Depois de dois dias isolada, Ayleth ainda não sabe por que Fendrel a colocou em prisão domiciliar. Drogas poderosas suprimem Laranta bem no fundo dela, deixando-a sozinha com muitas perguntas sem respostas. O que aconteceu com a sequestrada Senhora Cerine? Por que o Príncipe Gerard não interveio para ajudar? Qual é a agenda final de Fendrel?

E, com mais urgência, onde está Terryn? Fendrel o prendeu também pela maldição que carrega? A maldição que quase o fez matar Gerard...

Quando uma Phasmatrix chega ao castelo com uma horda de caçadores de sombras, Ayleth teme que eles tenham vindo para testar Terryn e, se ele não puder ser curado, para executá-lo. Mas a Phasmatrix tem um objetivo diferente em vista, e a vida de Terryn pode não ser a mais ameaçada.

A traição envolve Ayleth por todos os lados, e a desgraça ardente a aguarda ao amanhecer. Ela encontrará um aliado inesperado em meio à tempestade que se aproxima? Ou ela enfrentará a verdade de seu passado, e suas consequências futuras, sozinha?

THE VENATRIX CHRONICLES

KINGDOM
OF
TERINION

Skada Mountains

Drauvall Borough

Aalis River

Castra Breca

Wodechran Borough

Sang River

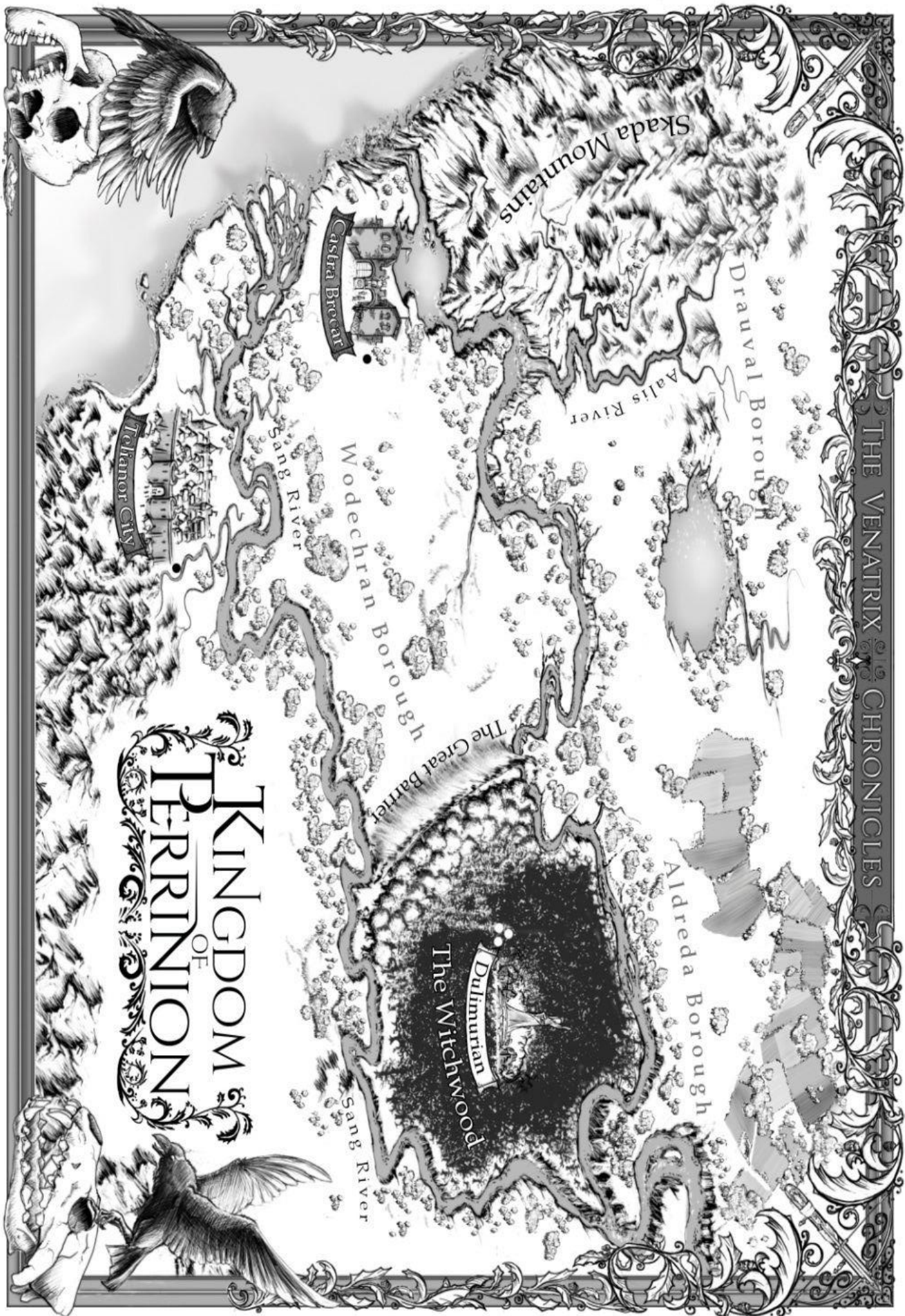
Telamor City

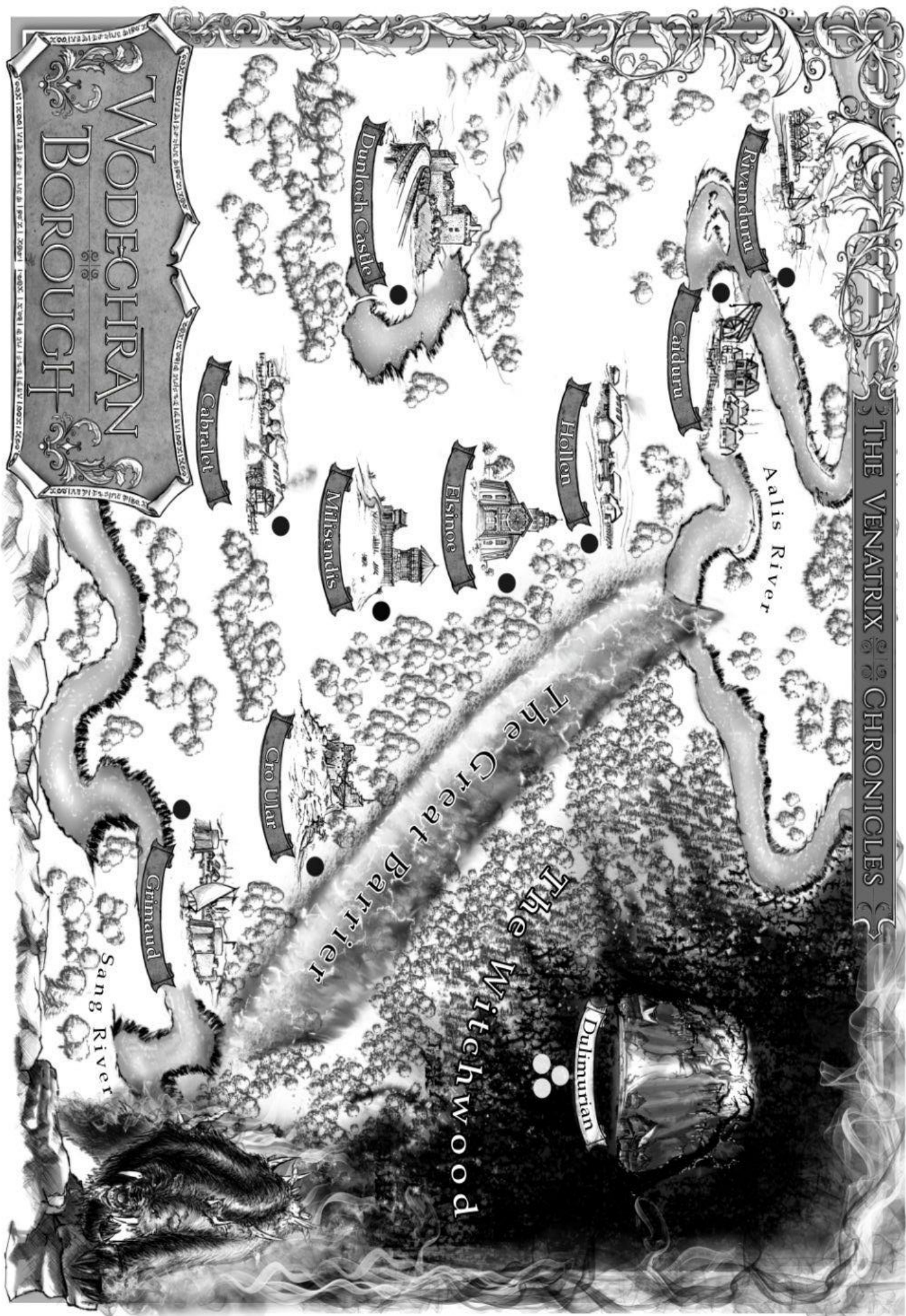
The Great Barrier

Aldreda Borough

Dulmurian
The Witchwood

Sang River





GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA

Sombras: Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal - as Assombrações - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

EVANESCER

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

FERAIS

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

LURES

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

VISTORES

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

SHIFTERS

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

TRANSMUTADORES

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.

PRÓLOGO

A Grã-Vanderiana se mexeu em seu assento duro, desejando ter pensado em se esgueirar furtivamente em uma almofada. Ela poderia facilmente ter escondido uma sob suas vestes abundantes. Elevada em um estrado para ficar ligeiramente acima de todos os outros assentos abaixo da grande cúpula, sua cadeira alta foi esculpida em pedra, pedra velha, suas bordas arredondadas pelo tempo e pelo uso. Como um símbolo dos tempos, parecia prestes a desmoronar sob seu traseiro ossudo.

Quarenta venadores Domini estava sentados abaixo dela: vinte à sua direita, vinte à sua esquerda, homens e mulheres de todos os grandes castras dos Cinco Reinos de Gaulia. Eles foram convocados para um conselho especial, e alguns viajaram grandes distâncias para se reunir aqui na Cidade Sagrada de Roihm nesta ocasião. Todos os olhos na sala estavam agora fixos em um único ponto: o rosto da jovem de olhos solenes parada no centro do círculo do conselho sob a grande cúpula.

Nestes anos difíceis, numerosas heresias tendo rastejado como câncer em suas fileiras, ameaçavam a estabilidade da Ordem Evanderiana. O Conselho de Agla deveria fazer um movimento para cimentar seu poder mais uma vez. Mas deveria ser o movimento certo. Esta mulher oferecia a resposta que a Ordem tão desesperadamente precisava? Ou ela era mais uma falsa esperança prestes a ser exposta?

Ela era uma venatrix. Do Norte. Ela havia viajado com a senhora da sua castra, uma Domina d'Arcand, que mesmo agora se dirigia apaixonadamente

ao conselho. A jovem venatrix estava por perto com o olhar abatido. Ela ainda não tinha falado uma palavra, permitindo que sua domina falasse por ela.

A domina terminou de dizer sua parte, e enquanto os ecos desbotados de sua voz ainda persistiam nos recessos do salão abobadado, os membros do Conselho Agla trocaram olhares de esguelha. Alguns fragmentos de murmúrios surgiram no meio deles.

Grã-Vanderiana levantou a mão e os murmúrios pararam. Ela se virou para a direita e acenou para du Radomil, o porta-voz oficial do conselho. Vendo seu gesto, ele juntou suas vestes vestais e se levantou imediatamente. Ele era um homem alto e ossudo, com um nariz que parecia um bico de garça pronto para espetar alguns peixes desavisados. Ele agora torceu o nariz para as duas mulheres abaixo.

— Domina d'Arcand... — disse ele. — Você faz suas reivindicações com grande confiança. Mas deixe-me ter certeza de que eu e meus estimados irmãos a entendemos corretamente. Você está dizendo que esta jovem, sua protegida... ela pode usar a Coroa de Mauval e... sobreviver?

— Ela tem o sangue dos Mauvalis. — Domina d'Arcand respondeu, sua voz tremendo levemente enquanto ela tentava reprimir seu fervor. Mas ela não conseguia esconder a excitação tremeluzente em sua alma, que reverberava através do éter ao seu redor, visível à visão das sombras. — Ela é descendente do próprio Imperador Mauval, o Grande. Os phasmatores de Roihm inspecionaram seu sangue e testaram seu espírito. Ela é única. E ela está pronta. Aguardamos apenas a aprovação deste conselho e a autorização da Grã-Vanderiana.

— Se sim, por que essa autorização foi recusada da última vez que você a trouxe aqui? — du Radomil persistiu. — Ou estou enganado? Os registros mostram que você trouxe essa mesma jovem para Agla antes e ela foi recusada.

Domina d'Arcand baixou o queixo respeitosamente, mas a Grã-Vanderiana sentiu um forte estremecimento em seu espírito. — Ela foi considerada despreparada quando viemos pela primeira vez para apresentar nosso caso. Muito jovem, muito inexperiente. Mas... — acrescentou ela, com veemência. — Isso foi há treze anos. Ela realizou muito desde então. Ela provou seu valor para a Ordem inúmeras vezes.

Enquanto a domina falava, a Grã-Vanderiana observava as reações da jovem venatrix. Ela não se moveu, mal parecia respirar. Mas a sombra que ela carregava dentro dela pulsava com poder. Um Elemental, de potência surpreendente que estremecia logo abaixo de suas canções de supressão.

Du Radomil respirou fundo para iniciar um novo discurso, mas a Grã-Vanderiana o interrompeu com uma tosse oportuna. — Deixe a venatrix avançar. — Ela disse, acenando.

Com isso, a jovem olhou para cima. Então, como se repentinamente galvanizada, ela deu três passos largos em direção ao assento alto e fez uma reverência. Ela era, a Grã-Vanderiana notou com uma leve curvatura de seus lábios, muito bonita, depois de um estilo sombrio e mortal. Mais alta do que a média, com longos cabelos castanhos, metade dos quais ela amarrou para trás com um nó, deixando o resto caindo em ondas sobre seus ombros. Ela se endireitou, seu velho e bastante puído uniforme escovado cuidadosamente, as fivelas polidas para um brilho brilhante.

— Seu nome. — du Radomil exigiu.

A jovem respondeu com uma voz clara e profunda: — Odile, Venatrix di Mauvalis.

— E por que você veio perante este conselho, Venatrix di Mauvalis?

A venatrix não olhou para du Radomil. Ela focou seu olhar na Grã-Vanderiana, seus olhos como flechas no alvo.

— Eu vim reivindicar a coroa de Mauval. — disse ela.

Toda aquela sala parecia respirar fundo. Até a Grã-Vanderiana recuou ligeiramente em seu assento duro. Tal afirmação feita com tanta ousadia levantava muitas polêmicas.

A Grã-Vanderiana apoiou-se pesadamente no braço direito da cadeira e estreitou os olhos para a garota. — Eu já recusei você uma vez... — ela disse. — O que te faz pensar que vou mudar de ideia?

A venatrix mudou em seus pés, sua postura levemente agressiva embora sua expressão permanecesse respeitosa, mesmo recatada. — Grã-Vanderiana... — disse ela. — Há treze anos você me disse que eu ainda não tinha experimentado o suficiente das dificuldades que nossa Ordem exige de nós. Você disse que até que eu vivesse, perdesse e sofresse, eu não poderia saber o que realmente significa ser uma venatrix de Evander. Que eu não poderia ser digna de usar a Coroa de Mauval.

Ela engoliu em seco. Por um breve momento, um brilho como lágrimas brilhou em seus olhos e uma onda passou por sua alma. O momento passou e sua expressão endureceu como pedra.

— Eu cacei sombras em campos selvagens e nas ruas das cidades. Arranquei ninhinhos de sombra e permaneci junto às piras de inatos. Eu salvei almas e almas condenadas, eu matei, liberei e destruí. Perdi e ganhei, sofri e aprendi. Eu me... transformei.

Com cada palavra que ela falava, o brilho em sua alma se intensificava. Duro como gelo, brilhante como uma estrela, parecia pulsar para fora dela até que o mero corpo físico em que ela se encontrava foi subsumido por sua aura espiritual. A luz da sombra brilhava em cada par de olhos naquela sala, refletindo o poder de sua alma, e ninguém poderia ter desviado o olhar dela, mesmo que quisesse.

— Dê-me o tesouro criado por meu ancestral. — disse Odile di Mauvalis, — E farei tudo o que você sempre sonhou e muito mais. Pelo poder contido nessa faixa de Éter, suportarei o peso que até agora esmaga suas almas. Eu vou lhes mostrar a salvação no lugar da morte.

Por um momento, ela manteve toda a câmara cativada, como se sua voz tivesse lançado um feitiço.

Então, um membro do conselho levantou-se abruptamente, atraindo todos os olhares para ele. Era o velho Dominus du Velimir de Talmain. Ele era mais velho do que a maioria dos presentes, tão velho que muitos se perguntavam por que ele não havia recebido a Morte Gentil e enviado para seu descanso final há muito tempo. Mas ele manteve o controle de seu corpo e de sua sombra e manteve seu assento neste conselho ano após ano, década após década.

— Grã-Vanderiana, você não pode se entreter esta loucura. — Sua voz era forte apesar da idade. — A Coroa de Mauval é a arma mais perigosa que o mundo já conheceu. Todos os que tentaram reivindicar seu poder desde os primeiros dias de sua criação morreram. Eu estive lá há sessenta anos. Eu ainda era um jovem aprendiz quando o Venator du Charulf, carregando a mesma sombra que esta mulher agora carrega em seu corpo, declarou-se um recipiente adequado para o poder da Coroa. Ele era tão habilidoso quanto ela e mais experiente. Ele podia formar estátuas de oblidite e fazê-las dançar sob seu comando. Então, eles lhe deram a coroa e quando, em segundos, ela o dominou, ele explodiu em uma explosão de puro oblivis que massacrou todos em um raio de dezesseis quilômetros! Só eu sobrevivi, salvo por meu mestre, arremessado do perigo no último instante. Mas eu vi o resultado.

O velho balançou a cabeça, olhando em volta para seus colegas venadores. — Ninguém mais se lembra. Mas acredite na minha palavra: a

coroa de Mauval deve permanecer nos cofres. Seria melhor para o mundo se fosse esquecida.

Domina d'Arcand inclinou a cabeça e fez um sinal respeitoso na direção do velho du Velimir. Mas ela se virou para a Grã-Vanderiana mais uma vez, seus olhos brilhando e duros. — Conheço a história tão bem quanto qualquer homem ou mulher nesta câmara. — disse ela. — Eu sei os nomes de todos que tentaram usar a Coroa desde os dias de sua criação. Mauval, o Grande, por cuja habilidade e arte secreta foi criado pela primeira vez, ligou-a ao seu próprio sangue e ossos para que ninguém, exceto ele ou um de seus herdeiros, pudesse usá-la e sobreviver. — Ela fez um gesto com a mão para indicar Venatrix Odile. — Ela é seu sangue. Ela pode sobreviver. Como o próprio Mauval, ela pode unir o poder da Coroa ao poder que carrega dentro de si. Ela pode sondar todas as profundezas dessas habilidades conjuntas. Pensem nisso, minhas irmãs, meus irmãos! Pensem no que isso pode significar!

A domina fez uma pausa então, deixando suas palavras afundarem. A Grã-Vanderiana quase podia ouvir os pensamentos se agitando nas cabeças de cada membro daquele conselho. Todos conheciam as histórias e lendas de Mauval, o Grande: aquele que controlava e manipulava o estranho elemento oblivis. De acordo com a lenda, seus poderes eram tão profundos que ele podia mergulhar dedos sombrios em mortais tomados pela sombra e extrair sombras sem ferir corpos mortais ou almas mortais.

Quantas sombras os membros deste mesmo conselho mataram entre eles? Quantos homens e mulheres? Quantas crianças? A Grã-Vanderiana não conseguia se lembrar de sua própria contagem... salvo para as crianças. Ela se lembrava de cada uma delas com uma clareza tão vívida que às vezes a assustava. Seus rostinhos assombravam seus sonhos. Eles pairavam logo atrás de seus olhos acordados.

Essa era a tentação do legado de Mauval. Essa era a tentação da Coroa. Encontrar alguém que pudesse comandar toda a extensão de seu poder significaria uma tremenda mudança dentro da Ordem. A maioria dos tomados pela sombra ainda precisariam ser caçados e mortos para salvar suas almas. Mas as crianças...

As crianças podem ser subjugadas. E trazidas aqui para Roihm, onde esta venatrix de rosto severo esperaria por elas. Ela vestiria a Coroa, invocaria seu poder e purificaria o mal de suas almas. Então elas poderiam ser mandadas para casa, inteiras e vivas, para suas famílias.

Dizia-se que Mauval era capaz até de separar espíritos inatos de seus hospedeiros. Todas aquelas piras acesas em Gaulia poderiam ser apagadas de repente. Para todo sempre.

A Grã-Vanderiana cuidou para que nenhum desses pensamentos aparecesse em seu rosto, para que ninguém pudesse sentir o desejo repentino que surgiu em seu coração. Porque o resto do legado de Mauval também permanecia. Um legado de tirania, brutalidade e massacre. O legado de um monstro.

Mas Mauval não era membro da Ordem de Santo Evander. Ele não tinha irmãos de maior idade e sabedoria para guiar todos os seus movimentos.

A Grã-Vanderiana estudou a jovem em pé com os ombros curvados e olhou para o lado de sua domina. Ela era alta e forte, ainda jovem, mas com linhas de maturidade começando a se aprofundar na testa e nos cantos dos olhos. Qualquer que seja o seu sofrimento nos últimos treze anos, isso a tinha envelhecido, endurecido. Transformou-a de uma criança ardente em uma caçadora mortal.

Ela poderia ser o recipiente de que eles precisavam? Ela poderia realmente se tornar sua salvação?

A Grã-Vanderiana se levantou. Todos os olhos na câmara se voltaram para ela, desde o Dominus sentado à sua direita e esquerda, até os atiradores escondidos em suas alcovas acima. Até Venatrix Odile ergueu os olhos bruscamente, como um coelho observando o círculo do falcão no céu. A Grã-Vanderiana sorriu com isso, sentindo a potência de sua própria força como senhora desta poderosa assembleia.

Ela desceu do assento alto e se aproximou da jovem lentamente. Ela se aproximou o suficiente para ver o comprimento de seus cílios escuros contra a palidez de suas bochechas macias.

— Se eu deixar você tocar a coroa de Mauval... — disse ela, enunciando cada palavra claramente para que todos pudessem ouvir. — Mesmo que apenas para provar seu poder, provavelmente isso a matará. Sua domina lhe disse que você poderá usá-la por causa de sua herança. Mas seu sangue foi misturado e mesclado desde os dias de Mauval. Ninguém pode dizer como ele reagirá ao espírito contido no Éter. Ele pode matá-la assim como matou todos os outros antes de você. Você entende?

A venatrix acenou com a cabeça. — Eu entendo, Grã-Vanderiana. — Ela murmurou.

— Há mais... — a Grã-Vanderiana continuou. — Você terá meros segundos para provar seu controle. Não podemos arriscar um massacre. Se eu ver o mais tênue sinal de que você está vacilando, darei a ordem, e os vinte e quatro atiradores que agora estão ao seu redor irão atirar em você com a Morte Gentil. Mas sua morte não será suave. Você vai morrer, Venatrix Odile, violentamente. E ninguém aqui será capaz de salvar sua alma da condenação que se seguirá. Eu nunca pediria a ninguém que arriscasse tanto. — Ela respirou fundo, estremecendo, as cordas de sua garganta se contraíram. — O que você me diz, Odile, Venatrix di Mauvalis?

A jovem levantou o olhar para encontrar a Grã-Vanderiana. Seus olhos eram negros como um céu sem estrelas, e atrás dos discos de suas pupilas tremeluzia uma sombra mais escura e mais profunda ainda. — É uma honra dar minha vida pelo serviço de Evander e minha Deusa. — disse ela. — A seu serviço, Grã-Vanderiana. — Ela curvou a cabeça respeitosamente, um punho pressionado contra o coração.

A Grã-Vanderiana assentiu. Ela gostou desta resposta. Ela gostava da humildade da mulher.

— Pelos três santos nomes... — declarou ela, levantando ambos os braços para que as mangas de suas vestes escuras caíssem até os cotovelos. — Pelo Coração da Deusa, Cabeça da Deusa e Alma da Deusa, por meio deste comando o Santo Conselho de Evander para dar uma resposta, sim ou não. Quem deseja que a coroa de Mauval seja trazida, que essa garota tenha uma chance? Diga agora...

A câmara se encheu com um coro de vozes falando em resposta: — Sim.

— Quem deseja que a coroa permaneça intocada? — a Grã-Vanderiana continuou. — Diga agora...

— Não.

Apenas uma voz. O velho Dominus du Velimir ficou olhando ao redor para seus irmãos, vendo a determinação em seus olhos. Ele não tentou falar, não tentou discutir, quando era apenas sua voz contra tantos.

— Seu voto foi anotado, Dominus du Velimir. — du Radomil falou por sua ama. — A vontade do conselho é clara.

Du Velimir fez uma reverência. Sem uma palavra, ele desceu de seu assento, desceu para o centro da sala e atravessou o espaço aberto para a porta. Ninguém o deteve. Ninguém o chamou. Ele passou perto de Venatrix

Odile, mas não a olhou nos olhos. Ele deixou o conselho, fechando a porta rapidamente atrás de si.

A Grã-Vanderiana esperou até que o último eco de seu fechamento morresse. Em seguida, ela voltou para seu assento, aquele banco velho e em ruínas, e olhou para a mulher parada ali com os olhos baixos. Um arrepio de mau presságio percorreu seu coração.

Mas não forte o suficiente para detê-la. Não agora que a votação foi lançada.

— Que a coroa seja trazida. — disse a Grã-Vanderiana.

CAPÍTULO 1

Ayleth sibilou bruscamente por entre os dentes, saltou para trás da janela como se tivesse sido picada e pressionou as duas mãos sobre o coração. Mas a dor que queimava seu seio não era física. Essa dor ultrapassou inteiramente o corpo, dirigida diretamente à alma.

Uma maldição feia.

— Malditos Assombrados. — Ela rosnou e respirou fundo várias vezes pelo nariz enquanto a pulsação diminuía lentamente.

Dois dias agora, presa em seu próprio quarto. De alguma forma, a indignidade de sua situação parecia pior do que se o Venator Dominus tivesse achado adequado jogá-la em uma masmorra. O que ela era aos olhos dele, alguma criança mal comportada?

O que ela era a seus olhos... em absoluto? Dois dias de confinamento proporcionaram tempo suficiente para refletir sobre a questão, mas ela ainda não havia se decidido por uma resposta satisfatória. Ele desconfiava dela, sim. Possivelmente a temia. Mas... porquê? Ela não lutou ao lado dele para proteger o príncipe no ataque mais recente? Ela não provou sua lealdade ao lidar com o veneno de ferro para suprimir sua sombra após a batalha? O que ela fez para merecer prisão domiciliar?

Ninguém veio falar com ela nesse ínterim. Nem Dominus Fendrel, nem o Príncipe Gerard, nem... ninguém. Venatrix Everild abria a porta duas vezes ao dia para colocar uma travessa de comida e trocar um penico. Nada mais. Nenhuma palavra do que poderia estar acontecendo além dessas quatro paredes. Ela tinha apenas suas suposições, confusas como estavam, e tudo o

que ela podia ver de sua janela. Mesmo assim, ela tinha que ficar dois passos atrás do vidro ou arriscar que a barreira de sangue de Fendrel cortasse sua alma.

Seu coração ainda batia forte contra o esterno com o choque da maldição. Ela deixou suas mãos caírem, seus dedos se fechando em punhos. A mesma droga se espalhava por suas veias, fazendo sua cabeça girar e seu estômago revirar se ela se movesse muito rapidamente. Ela poderia ignorar tais desconfortos. No entanto, sua influência em seu espírito, no mundo de sua alma, era profunda. Colocou uma parede entre ela e sua sombra.

— *Laranta?* — Ayleth sussurrou dentro de sua própria mente. Ela sabia que era inútil, mas não se conteve. Estar separada de sua sombra era semelhante a estar separada de sua própria mão direita. — *Laranta, você pode me ouvir?*

Atrás da barreira das drogas, ela sentiu sua sombra se mover. Ela pensou ter ouvido o mais fraco eco de uma sugestão de voz em resposta, um latido agudo de *Aqui, Senhora! Aqui, aqui!* Mas isso pode ter sido sua imaginação preenchendo o que ela esperava ouvir, nenhuma realidade.

Pela milésima vez, Ayleth se perguntou o que, exatamente, o Venator Dominus pensava que ela poderia fazer? Normalmente, sòm era usado entre os evanderianos apenas em casos de ferimentos ou doenças, quando uma venatrix não tinha uma mente sã o suficiente para amarrar e suprimir sua própria sombra. A droga evitava que a sombra residente expulsasse a alma mortal e tomasse posse total do corpo hospedeiro.

Mas... Laranta nunca a machucaria assim. Pelo menos, nunca de propósito.

Laranta a amava.

— Mais heresia. — Sussurrou Ayleth enquanto o pensamento passava por seu cérebro viciado em drogas. Sombras não podiam sentir amor. As sombras não experimentavam nenhuma emoção própria, pelo menos não como os mortais entendiam a emoção. Santo Evander ensinou que todos os sentimentos que as sombras conheciam eram roubados diretamente de seus anfitriões.

Ayleth baixou a cabeça, cerrando os olhos com força, resistindo à vontade de desabar na cama desarrumada. Heresia ou não, não importava agora. Ela não estava doente, e Dominus Fendrel não a forçou a tomar o sòm para sua própria proteção. Ele a mantinha presa neste quarto, drogada e separada de sua sombra por causa do... que? Achava que ela era uma ameaça ao príncipe? O próprio príncipe cuja vida ela salvou três noites atrás? Fendrel suspeitava que ela estava ligada aos Diabos Carmesins, Ylaire di Jocosa e Inren di Karel?

Nada disso fazia sentido!

Abrindo os olhos, ela mudou sua posição para a esquerda, tentando se inclinar para obter a visão mais clara de sua janela sem ativar as proteções de sangue. Fendrel colocou as proteções no lugar enquanto ela estava inconsciente, usando seu próprio sangue, ela adivinhou pela evidência dos cortes no dedo indicador e médio de sua mão direita. As barreiras não conseguiam bloquear sua visão, no entanto. De um certo ângulo perto da parede, com a cabeça inclinada para um lado, ela podia apenas vislumbrar parte do círculo que circundava o pátio de Dunloch. Mesmo mais meio passo, e a barreira a golpearia novamente, mas...

Ayleth agarrou a pequena cadeira delgada ao lado da cama, levou-a até a parede e subiu no assento para melhorar a visão. A altura adicionada

melhorou sua visão, embora apenas ligeiramente. Agora ela podia vislumbrar, entre as dependências, o lago cintilante e até mesmo parte da margem oposta.

Algo tremeluziu no ar. Ayleth estreitou os olhos e, inconscientemente, tentou usar os poderes de Laranta para aumentar sua visão, como pegar uma adaga em uma bainha vazia. Bufando de frustração, ela balançou a cabeça e olhou novamente, limitada à sua visão mortal. Ela não precisava da visão das sombras para identificar o que seus sentidos mortais quase perceberam: um feitiço. Um feitiço de barreira envolvendo toda Dunloch.

Portanto, não havia sido abaixada desde o ataque recente.

Um movimento no pátio chamou sua atenção: uma figura montada trotou ao longo do caminho, afastando-se de Dunloch. Alguém usando um capuz vermelho.

— Terryn? — Ayleth sussurrou antes que pudesse se conter.

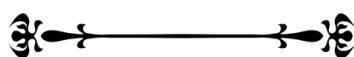
Mas não. Não poderia ser Terryn. O cavalo era muito escuro, não o castanho-avermelhado da égua do Venador du Balafre. E a própria figura, embora alta e larga, não era alta nem larga o suficiente. Venatrix Everild, decidiu Ayleth. Everild estava deixando Dunloch.

O que isso significa? A barreira, o cavaleiro solitário... O Rei Gardin e seu filho permaneceram em Dunloch mesmo após o ataque das bruxas? Dominus Fendrel havia deixado o feitiço de barreira no lugar para mantê-los seguros enquanto esperava por reforços? E o que dizer de Senhora Cerine, sequestrada pela Bruxa Fantasma três noites atrás? Nenhum esforço foi feito para recuperá-la? Ou seu resgate era o propósito de Everild enquanto ela cavalgava agora?

Nenhuma venatrix, por mais habilidosa que seja, poderia enfrentar a Bruxa do Ardor e a Bruxa Fantasma sozinha.

Ayleth praguejou e bateu com o punho na parede. O que Fendrel estava pensando, mantendo-a presa assim? Ela deveria sair com Everild para caçar! Fendrel não poderia ir; ele precisava ficar para garantir a segurança do rei e do príncipe. Terryn não poderia ir; ele ainda sofria com a maldição da Bruxa do Ardor. Até que essa maldição fosse realmente quebrada, ele seria mais um risco do que qualquer ajuda. Mas Ayleth estava perfeitamente saudável e inteira, pronta para lutar, pronta para caçar e para resgatar Senhora Cerine.

— Por que sou uma prisioneira? — ela sussurrou, descendo da cadeira para afundar em seu assento. — O que eu fiz?



Venatrix Everild cavalgava tão perto da fronteira da Floresta da Bruxa quanto ela ousava. Seu cavalo obedeceu ao seu pedido quando eles deixaram o campo aberto de Wodechran Borough e entraram nas sombras profundas da floresta periférica, mas quanto mais perto eles se aproximavam da escuridão da própria Floresta da Bruxa, com mais frequência a fera sacudia a cabeça, estremecia e recuava em nada. Por fim, Everild desmontou, amarrou sua montaria a uma árvore com um tapinha simpático em sua bochecha e continuou a pé.

Ela dificilmente poderia culpar o cavalo. Se ela tivesse alguma escolha no assunto, ela também não daria um único passo para mais perto da Floresta da Bruxa. Agora que ela se aproximou, agora que ela sentia o fedor permeando o ar e se agitando pelo chão sob seus pés, agora que ela experimentou aquele tremor indefinível da alma causado pela mera proximidade desta vasta e

horrível maldição, ela não poderia. Acho que ela uma vez desejou o posto avançado de Wodechran Borough para si mesma. O dever principal da venatrix ou venador de Wodechran era manter a Grande Barreira, o enorme e complexo feitiço da canção estabelecido há quase vinte anos para manter a Floresta da Bruxa à distância. Uma tarefa nobre, para a qual Everild havia treinado arduamente ao longo dos anos. Ela sabia como tocar o feitiço em seu Vocos; ela sabia como canalizar os poderes de sua sombra para criar e manter o feitiço. Mas...

Ela estremeceu enquanto abria caminho mais fundo na floresta ciliar. Prestigioso ou não, esse não era mais um cargo que ela cobiçava. No entanto, a Grande Barreira deve ser mantida. Com Terryn du Balafre atualmente sofrendo sob uma maldição e fora de ação, e com reforços ainda não chegados do castra, coube a Everild cumprir a tarefa.

Quando ela se aproximou da barreira, seus olhos dispararam para cada sombra, e ela se sentiu tão nervosa quanto seu cavalo. Dentro de seu corpo, sua sombra zumbia com poder. Antes de partir de Dunloch, ela havia tocado uma variação complexa da Invocação em seus tubos Vocos de duas cabeças, invocando os poderes da sombra enquanto mantinha ataduras cuidadosas e protetoras que a impediam de dominá-la. Ela sentiu o zumbido da Grande Barreira bem antes de vê-la através da espessa folhagem da floresta periférica. Empurrando através de um último grupo de árvores, ela olhou para frente com visão de sombra e viu o feitiço em forma de teia se estendendo de um tronco alto a um tronco alto em uma parede enorme, estendendo-se por quilômetros em uma linha quase reta.

Além do feitiço, a Floresta da Bruxa esperava com paciência venenosa.

Everild deu um suspiro trêmulo e endireitou os ombros. Ela nunca tinha estado tão perto da Floresta da Bruxa antes. Histórias de seu horror de repente

pareciam insignificantes quando comparadas à realidade diante dela. Por todos os relatos que ela ouviu, esta floresta maligna surgiu de uma maldição lançada pela própria Terrível Odile, pouco antes da espada do Rei Escolhido cortar sua cabeça de seus ombros. Se esta história fosse verdadeira, a maldição era poderosa de fato. O brilho dourado do sol de outono do meio-dia banhava a floresta periférica onde Everild estava, mas além da Grande Barreira, tudo era escuridão e sombra, o ar denso com veneno como espirais de fumaça.

Everild piscou e desviou o olhar rapidamente, focando sua atenção no feitiço. A faixa de música parecia forte o suficiente, mas era melhor prevenir do que remediar. A última coisa que Perrinion precisava agora era de mais monstros tomados pelas sombras escapando da Floresta da Bruxa.

Everild se aproximou da barreira, tomando cuidado para não deixar seu olhar vagar para a floresta além. Alcançando os sentidos de sua sombra, ela tocou um dos fios do feitiço que zumbia. Estava, como ela havia adivinhado, forte. Mas quando ela estendeu seus sentidos para a direita, ela sentiu aquela força vacilar. Em algum lugar próximo, a canção do feitiço estava desaparecendo, precisando de reforço.

Partindo em um ritmo acelerado, Everild caminhou pela floresta ciliar, a teia de feitiços zumbindo à sua esquerda. Ela a seguiu por três quilômetros antes de encontrar o lugar estreito. Foi o trabalho de alguns momentos desembainhar sua flauta Vocos e tocar uma variação de reforço da música para consertar a falha. Ela seguiu em frente o mais rápido possível, o tempo todo assediada pela proximidade implacável, ansiosa e faminta de Floresta da Bruxa do outro lado daquela música.

De repente, Everild parou.

Como que do nada, uma pequena figura saiu de trás de uma árvore, diretamente em sua linha de visão. Uma criança, ela percebeu à segunda

vista. Uma menina, não mais do que três ou quatro anos de idade, com cabelos longos e desgrehados de uma cor indistinguível sob a sujeira. Enormes olhos pálidos piscaram em um rosto incrustado de sujeira.

Atrás daqueles olhos brilhava o poder inconfundível de uma sombra.

Movendo-se com cuidado, Everild deslizou a mão para as aljavas de dardos envenenados pendurados em seu peito. Criança ou não, qualquer sombra era uma ameaça e deveria ser tratada. Mas ela não podia usar seus venenos sem primeiro determinar a variedade de sobra carregada naquela pequena hospedeira. Ela procurou com sua visão de sombra.

E piscou surpresa com o clarão ascendente de jade brilhante.

Um vidente. A garota carregava um Vidente dentro dela. O que significava que ela era inata, pois os videntes só se manifestavam em hospedeiros inatos.

Everild soltou um suspiro lento, as mãos congelando sobre as aljavas. Ela não poderia matar esta criança sem condenar sua alma. Uma morte violenta por fogo era necessária para salvar um inato, uma morte que Everild não estava preparada para lidar. Talvez ela pudesse subjugar a criança. Talvez ela pudesse deixá-la inconsciente e carregá-la de volta para Dunloch, para ser tratada de acordo com a lei de Evander.

A venatrix tirou um dardo de sua aljava e lentamente o enfiou em seu escorpião. A garota observava cada movimento seu, os olhos sem piscar. Assim que Everild soltou a trava de segurança do mecanismo de disparo do escorpião, aqueles olhos grandes e inocentes se ergueram para encontrar os dela, uma luz cor de jade brilhando intensamente.

— Eu posso te levar para a princesa. — Ela disse.

Everild congelou novamente. A voz era humana, ou principalmente humana. Havia uma qualidade estranha e ecoante nela, o que poderia

significar que era a sombra possuidora que falava, usando a boca de seu corpo hospedeiro.

— Ela está por perto. — Continuou a criança, inclinando a cabeça para o lado. — Ela está machucada.

O polegar de Everild ficou tenso sobre o gatilho. Cada instinto disse a ela para atirar, mas algo naquela voz a fez parar. — Quem? — Ela exigiu em um grunhido. — Quem é que quer dizer?

— A princesa. — A criança disse novamente. — No vestido branco.

Um nó se formou na testa de Everild. Seu rosto se contraiu sob as bandagens enroladas em seu nariz quebrado. — Senhora Cerine? — ela perguntou, tirando o polegar do gatilho, mas mantendo seu escorpião apontado para a criança. — Você está me dizendo que sabe onde encontrar Senhora Cerine?

— Ela está... machucada. — disse a garota. — Ela não se move. Eu te levo.

Everild deu um longo suspiro. Senhora Cerine tinha evanescido fora do Dunloch levada pela Bruxa Fantasma três noites atrás em seu próprio baile de casamento. Fendrel duvidava que a senhora ainda estivesse viva. Ele presumiu que uma ou outra bruxa havia roubado seu corpo e expulsado sua alma, se elas simplesmente não a tivessem matado imediatamente após sua fuga de Dunloch.

Porém, algo nas palavras da criança parecia verdadeiro, com sombra ou sem sombra. Pode ser que o corpo de Senhora Cerine estivesse à mão, descartado pelas bruxas que não tinham mais uso para ela. Em caso afirmativo, não seria certo levar seus restos mortais de volta ao príncipe enlutado, de volta para onde a senhora poderia ser colocada para descansar de acordo com as cerimônias corretas? Melhor do que deixá-la aqui na selva para ser atacada por feras e apodrecer.

Everild olhou para a criança, mudando da visão sombria para mortal e vice-versa. Uma sombra de vidente dificilmente era perigosa. Embora seus poderes pudessem ser úteis à sua maneira, os videntes não tinham habilidades de combate. E em tal hospedeiro, pouco além da infância, não poderia representar nenhuma ameaça. Não faria mal seguir a pequena, ver se o que ela dizia era verdade... e então a derrubar silenciosamente com veneno de paralisia e carreguá-la de volta para a necessária morte violenta.

— Tudo bem. — disse ela, balançando a cabeça uma vez. — Leve-me a... a princesa.

Sem dizer uma palavra, a criança se virou e trotou pela floresta marginal, desconfortavelmente perto da teia da música de barreira. Everild deu passos largos em sua perseguição, mantendo seu escorpião em pé e pronto, apenas no caso.

Elas haviam caminhado não mais do que três minutos antes de Everild ver o corpo caído no chão à sua frente, ofuscado por árvores altas. Um corpo usando um vestido de baile branco esfarrapado com detalhes dourados. Mesmo sem o vestido, Everild teria reconhecido a cabeça tosada de Senhora Cerine, seu cabelo cortado rente ao couro cabeludo de acordo com a prática da Irmandade Siveline. Não havia como confundir a senhora.

Ela estava tão quieta...

A criança correu e caiu de joelhos ao lado da senhora, colocando uma das mãos no braço de Cerine. Então ela olhou para cima e para trás para Everild. Lágrimas brilharam em seus olhos enormes.

— Sinto muito. — disse ela. Então ela falou novamente, desta vez sua doce voz mortal misturando-se com as estranhas cadências sobrenaturais de uma sombra. — *Eu sinto muito.*

Aviso estourou nos sentidos de Everild. Os instintos de uma caçadora rugiam descontroladamente em suas veias... mas tarde demais. Ela deu um passo para trás, seu escorpião subindo, e começou a girar no lugar.

Algo a pegou pela garganta.

Então veio a dor.

CAPÍTULO 2

Terryn estava fora da porta do escritório do príncipe, sua mão congelada em um punho erguido, seus nós dos dedos pairando sobre os painéis de madeira. Os momentos se passaram, os batimentos cardíacos batendo em sua garganta. Ele não conseguia bater.

Covarde.

Fazendo uma careta, Terryn baixou a mão e baixou a cabeça, estudando seus pés. Ele não via Gerard desde três noites atrás. Três noites atrás, quando, sob o poder cativante da Bruxa do Ardor, ele quase o matou. Três noites atrás... uma noite da qual ele nem conseguia se lembrar.

Não parecia possível, de alguma forma. Toda a sua vida foi devotada ao serviço do Príncipe Dourado. Fendrel trouxe Terryn para a Ordem de Santo Evander e o criou para tomar o lugar de Fendrel um dia como Capuz Negro, mão direita do rei. Terryn sempre conheceu seu duplo propósito na vida: cumprir seus votos à Deusa, e fazê-lo servir ao escolhido da Deusa.

Mas no momento de crise ele se voltou contra Gerard.

A culpa esfaqueava em sua consciência, mais dolorosa do que qualquer ferimento físico. Ele não sentia a maldição. Mesmo agora, procurando dentro de si mesmo, Terryn não podia sentir nenhum traço da magia da Bruxa do Ardor. Ele se lembrou de quando Ylaire o implantou pela primeira vez dentro dele, há muito tempo, quando ele era uma criança pequena. Ela tatuou seu rosto com seu sigilo, mergulhando o poder de sua sombra diretamente em seu sangue. Mas quando Fendrel encontrou Terryn, ele esculpiu aquele símbolo de

sua bochecha, sangrando a maldição dele. Ou pelo menos foi o que disseram a Terryn.

Fendrel mentiu para ele todos esses anos? Ou ele estava apenas errado?

A mandíbula de Terryn se apertou. Ele deveria estar na cama ainda, descansando depois de sua provação. Fendrel havia garantido a ele que ele havia enviado reforços do castra, incluindo a Phasmatrix Domina, que deveria ser capaz de eliminar a maldição do sistema de Terryn de uma vez por todas. Se não...

Bem, se não, Terryn sabia o que seu futuro reservava. Um venador amaldiçoado era um venador comprometido, inseguro para enviar para o campo. Ele receberia a Morte Gentil. Sua alma seria separada daquela de sua sombra. Ele iria, se a Deusa fosse misericordiosa, ascender à Sua Luz e não ser arrastado para o inferno dos Assombrados. E isso seria o fim de tudo. De tudo.

Ele só podia esperar que a Phasmatrix fosse capaz de oferecer algo mais. Isso, ou...

Ou ele poderia ousar considerar sua sugestão.

Sua garganta se apertou enquanto ele tentava engolir, mas sua boca estava muito seca. Ele se endireitou, empurrando rapidamente esse pensamento para o fundo de sua mente, onde não poderia fazer mal. Ele tinha problemas suficientes para enfrentar. Adicionar heresia à mistura só aumentaria os males de sua situação.

Ele enfrentou a porta novamente. Ele deveria agir agora, antes que os reforços do castra cheguem. Antes que ele perdesse sua chance para sempre. Erguendo o punho, ele bateu três vezes na porta, então esperou, virando a cabeça ligeiramente para ouvir uma resposta. Nenhuma veio, então ele bateu novamente, com mais força, até que os nós dos dedos doeram.

Uma voz aguda rosnou do cômodo adiante, uma voz que ele mal reconheceu: — O quê?

— Sou eu, Gerard. — Terryn disse.

No começo, nada. Três respirações se passaram antes que ele ouvisse o que poderia ser o barulho de uma cadeira, seguido por passos no chão de madeira e o barulho de uma fechadura sendo girada. A porta se abriu. Terryn espiou a tempo de ver o lado do rosto de Gerard quando o príncipe se virou e caminhou pelo escritório até sua mesa.

— Feche a porta atrás de você. — Gerard disse, jogando as palavras de volta por cima do ombro.

Terryn obedientemente fechou a porta enquanto seu olhar percorria o escritório. Não poderia haver indicação mais clara do estado mental do príncipe do que a condição de seu escritório. Normalmente, este cômodo era grande, bem equilibrado, cada peça da mobília arrumada de maneira justa, cada livro em seu devido lugar. Mesmo a ampla mesa de Gerard perto da janela, embora habitualmente repleta de documentos de trabalho, sempre foi encomendada com cuidado e precisão para um fluxo ideal de produtividade.

Agora parecia pertencer a um louco. As cadeiras douradas perto da lareira estavam tortas, uma deitada de lado, a outra empurrada contra a lareira aberta. Os livros foram puxados de suas prateleiras e espalhados em todas as direções, papéis soltos espalhados pelo chão como folhas mortas, muitos deles rasgados como se tivessem sido arrancados diretamente de suas encadernações. A mesa de Gerard sofreu arranhões nas pernas e ao longo da superfície, como se ele tivesse descarregado a frustração nela com uma lâmina.

Mas o próprio Gerard parecia muito pior. Ele ainda usava suas vestes de casamento, Terryn notou. Apenas o paletó havia sido jogada de lado no chão. Seu gibão bordado estava desamarrado e flácido, a camisa solta da

calça. Seus pés estavam descalços e deviam estar gelados, pois nenhum fogo aliviava o frio do outono nas paredes e no chão. Tufos de cabelo desgrehados emolduravam seu rosto pálido e caíam sobre a testa enquanto ele desabava em sua cadeira do outro lado do escritório. Ambos os braços descansaram frouxamente sobre a pilha de pergaminhos, penas quebradas e tinta derramada.

O pior de tudo eram seus olhos. Ocos, sombreados, crus e vermelhos, eles olhavam para fora de seu rosto, os olhos de um homem quebrado. Um homem que falhou com aqueles em quem mais confiava.

Terryn quase perdeu a coragem de novo, quase fugiu do escritório sem dizer uma palavra. Mas não importava o quanto seu coração falhasse, ele marchou através do espaço entre a porta e a mesa, chamando a atenção de seu príncipe.

— Eu vim para... pedir desculpas. — Ele disse, sua voz áspera enquanto ele se esforçava para controlá-la.

Gerard recostou-se na cadeira, um braço caindo em seu colo, o outro ainda estendido sobre a mesa. Ele não disse nada, apenas esperou.

— Eu... Eu permiti que Senhora Cerine fosse levada. — Terryn continuou. — Eu me virei contra você. Eu teria matado você se não fosse...

Se não fosse por Ayleth.

Ayleth que se jogou sobre ele, envolvendo os braços em volta de seu corpo, mesmo quando as espinhas explodiram em suas roupas, mesmo quando seus membros se quebraram e se transformaram em uma nova forma hedionda provocada pela maldição da Bruxa do Ardor. Essas memórias lampejaram como os resquícios de um sonho febril em sua mente, então desapareceram. Terryn fechou os olhos brevemente, tentando clarear sua mente, tentando enfocar seus pensamentos no que ele precisava dizer.

— Meu príncipe. — Ele forçou seus olhos a abrirem, forçou-se a olhar para o rosto assombrado de Gerard. — Eu não mereço mais ser seu servo. Não mereço nada melhor do que o julgamento do castra, e quando esse julgamento vier, vou enfrentá-lo sem dizer uma palavra. Mas eu juro para você, eu juro, Gerard... — sua voz falhou, mas ele se recuperou de uma vez. — Eu faria qualquer coisa para protegê-lo. Qualquer coisa.

O príncipe baixou o olhar, livrando Terry n brevemente de seu estranho olhar. Seus olhos vagaram pela mesa abarrotada à sua frente, e sua boca se retorceu repentinamente em um sorriso severo e melancólico. — Você faz essas promessas ao seu Príncipe Dourado, Terry n?

Terry n piscou uma vez. — Sim. — Ele respondeu.

Esse sorriso se alargou, e Gerard virou a cabeça para o lado como se contorcesse uma câibra no pescoço. — E se não houvesse nenhum Príncipe Dourado profetizado? E se eu não fosse nada? Nada mesmo. E se tudo o que nos disseram fosse mentira e eu não tivesse mais direito ao trono do que você, ou... ou Billin, o mensageiro, ou o guarda no portão, ou o caçador de ratos no porão? O que você diria então, Terry n?

— Eu... — Terry n hesitou, engoliu em seco. Gerard disse algo semelhante alguns dias antes do casamento malfadado. Por que esses pensamentos o atormentavam, por que sofria tal crise de fé, Terry n não podia adivinhar.

Mas a própria convicção de Terry n permaneceu tão inabalável como sempre. — Eu vou servi-lo, Gerard, até meu último suspiro. Você é o meu príncipe. Você é meu... — Ele não conseguia dizer isso. Ele nunca ousou dizer isso em voz alta, certamente nunca sonhou em dizer isso na presença de Gerard. Ele sabia que Gerard sabia, no entanto. Todos sabiam, embora ninguém falasse disso.

As palavras pairaram no ar, não ditas, mas verdadeiras: *Você é meu irmão.*

Gerard engoliu em seco, aquele sorriso horrível desaparecendo de seu rosto. — Obrigado. — Ele sussurrou. Por um momento ele se pareceu com ele mesmo. Pálido, abatido, assustado, mas novamente, embora brevemente, o nobre príncipe. A esperança prometida de Perrinion.

Terryn assentiu. Havia tanta coisa que ele queria dizer, mas nada fazia sentido, pois isso se acumulou em sua língua. Em vez disso, ele saudou seu príncipe e se virou para ir embora, sem esperar ser dispensado.

A voz de Gerard o parou antes que ele alcançasse a porta. — Você sabia que eles prenderam Ayleth?

A respiração de Terryn ficou presa. Por um momento, ele não conseguia se mover, não conseguia pensar. Então, como se de repente reclamasse o uso de seu próprio corpo, ele se virou para encarar o príncipe. — Prenderam ela?

Gerard acenou com a cabeça, respirando fundo, sua sobrancelha severa. — Ela está detida em seu quarto há dois dias.

— Por que? — A palavra saiu como um latido profundo, mais agressivo do que Terryn pretendia. — O que ela fez?

— Não sei. — Gerard balançou a cabeça lentamente, seus olhos não se afastando do rosto de Terryn. — Meu tio não vai me contar, e meu pai não vai me ver. Sei apenas que o castra foi enviado.

— Mas isso era para...

A voz de Terryn sumiu. Ele assumiu que Fendrel mandou o castra para lidar com sua maldição e fornecer reforços contra as bruxas. Mas não. Ele se lembrou agora: Fendrel havia enviado um mensageiro a Castra Breçar antes da noite do baile. Bem antes que a maldição de Terryn fosse revelada.

E agora Ayleth estava presa.

— Você sabe do que eles a acusaram? Você sabe por que eles a estão segurando? — Terryn exigiu. No lento movimento de cabeça de Gerard, ele

caminhou de volta através do escritório, plantando os punhos na mesa enquanto se inclinava. — Você sabe o que ela fez por você. Você sabe como ela lutou, como ela sofreu. Ela é sua venatrix devotada. Ela quase morreu por sua causa. Ela é leal a Perrinion, leal à Casa do Glaive. Ela pode ser... heterodoxa em algumas de suas práticas, mas nunca conheci uma venatrix mais digna.

Gerard encontrou o olhar de Terry, seu rosto tenso e tenso. — Você não precisa me convencer do valor ou da lealdade de Ayleth. Mas este é um negócio do castra. Se eu fosse rei, poderia ter algo a dizer, mas meu pai... ele ouviu Fendrel. E Fendrel é o Capuz Negro. Fendrel é o Venador Dominus.

Fendrel, que odiava Ayleth por algum motivo que Terry não conseguia entender. Não apenas porque ela estava no caminho de Terry para tomar Wodechran Borough e o posto avançado de Milisendis. Não apenas porque ela, por pura teimosia e determinação, desmontou todos os planos de Fendrel para Terry, para Gerard, para o futuro do reino. Não, havia algo mais impulsionando o ódio de Fendrel. Algo mais profundo, algo mais sombrio. Algo que Terry dificilmente ousaria questionar.

— Ele vai matá-la. — disse Terry. — Ele vai, Gerard. Ele vai matá-la para tirá-la do caminho.

— Eu... Eu não tenho nenhum poder com o castra. — Gerard disse novamente. — Não há nada que eu possa fazer.

— Pode tentar. — Os punhos de Terry se cerraram com tanta força que os nós dos dedos se destacaram afiados e brancos. — Não se esconda neste escritório. Não deixe sua... sua tristeza o destruir.

Gerard não disse nada. Seu rosto aflito perdeu a cor e ele olhou novamente para os pergaminhos empilhados à sua frente.

— Eu sei que você amava Cerine. — Terryn pressionou. — Eu sei que falhei com você. Eu sei que a deixei ser levada. Mas, por favor, Gerard, não deixe Ayleth sofrer pelo meu fracasso.

Por muito tempo o príncipe não respondeu. Pelo movimento de seus olhos, ele parecia estar lendo o pergaminho à sua frente. Foi o suficiente para deixar Terryn louco, e ele teve que se conter à força para não pegar aquela página sob o olhar de Gerard e rasgá-la em pedaços.

Mas, por fim, Gerard disse: — Vou falar com Fendrel e meu pai. Eu juro, Terryn. Eu não vou... Eu não vou deixar que eles a machuquem.

Palavras ocas. Terryn sabia disso. Gerard sabia disso. O Príncipe Dourado nunca poderia contestar a vontade do Rei Escolhido... ou do Capuz Negro.

Não havia mais nada a ser dito ou feito. Terryn se afastou da mesa, seu coração batendo dolorosamente contra o esterno. Ele se virou sem uma saudação, sem outra palavra, e marchou para fora do escritório, fechando a porta com força atrás de si.

CAPÍTULO 3

A torre norte, a torre mais alta de Dunloch, ostentava uma vista deslumbrante das torres leste e oeste e da ilha onde ficava o castelo; o lago, a ponte única, o portão sinistro abrindo-se em extensos parques; e, além de tudo isso, os campos, vilas e fazendas de Wodechran Borough. Dali de cima, um homem poderia detectar qualquer sinal de ataque se aproximando muito antes que ele se aproximasse. Ou então Fendrel tentou se fazer acreditar.

Embora ele quisesse dirigir seu olhar para qualquer outro lugar, ele se viu virando uma e outra vez para o leste, em direção a Floresta da Bruxa surgindo no horizonte. Essas colinas e vales de floresta venenosa, apenas mantidos à distância pelo feitiço da canção que ele mesmo havia criado anos atrás. Um feitiço que ele podia sentir enfraquecendo.

A barreira mais recente estabelecida em torno do Castelo Dunloch cintilou com maior poder e intensidade. Com a ajuda de Everild, Fendrel esperava manter o feitiço em capacidade total por muitas semanas, se necessário. E agora que Terryn estava de pé de novo, ele também poderia ser capaz de ajudar. A maldição da Bruxa do Ardor não conseguiria penetrar o feitiço de barreira, e Terryn deveria ser confiável o suficiente.

O rosto de Fendrel escureceu enquanto ele circulava a torre, olhando para a paisagem de Wodechran Borough. Terryn ainda merecia sua confiança? Apenas um mês atrás, ele teria confiado em Terryn, assim como confiava em seu próprio braço direito. Mas Terryn ainda era o mesmo homem, dedicado à causa de Evander acima de tudo? Ou teria o rosto bonito de uma jovem bruxa virado sua cabeça?

Sua mão se fechou inconscientemente em um punho e a dor subiu pelo seu antebraço. Apenas alguns dias atrás, Fendrel havia enfiado três pontas em sua carne para suprimir sua sombra com veneno de ferro. Seu espírito sombrio Anathema tinha ascendido a tal poder e ascendência durante sua batalha com a Bruxa Fantasma que ele sentiu sua própria alma enfraquecer o controle sobre seu corpo. Mais um minuto e a sombra teria tomado posse total.

Ele deveria ter cuidado. Todos eles devem ter cuidado. Tanta coisa pendurada em um equilíbrio tão precário!

— Vou acabar com isso. — Sussurrou ele, uma promessa levada pelo vento e carregada pelas águas ondulantes do Loch du Nóiv. — Vou acabar com tudo isso.

Uma porta rangeu, chamando sua atenção. Fendrel se virou para ver seu irmão emergir da escada da torre. O vento gelado atingiu a capa do rei, soprando-a atrás dele em ondas vermelhas. Gardin agarrou as dobras do tecido e puxou-as para mais perto enquanto se aproximava de Fendrel, com as mãos tremendo.

Ele parecia velho. Quase tão velho quanto Fendrel se sentia. O rei ainda era a figura forte e ereta de majestade que sempre fora, ainda com a promessa da Deusa cumprida. Mas... velho.

— Algum sinal deles? — o rei perguntou enquanto se colocava ao lado de seu irmão.

Fendrel balançou a cabeça. — A qualquer momento. A qualquer hora. Já se passaram seis dias desde que enviei o mensageiro. Eles virão.

Gardin ficou em silêncio por alguns momentos. Nenhum dos irmãos olhou para o outro; em vez disso, ambos olharam para a estrada norte, pela qual esperavam que sua ajuda chegasse.

— Devíamos matá-la agora. — disse o rei por fim. — Antes que seja tarde.

— Nós viemos até aqui. — Fendrel rosnou. — Estamos seguros o suficiente.

— Seguros? Como podemos estar seguros? Como algo que buscamos realizar nestes últimos vinte anos pode estar seguro agora que Gerard sabe?

Com isso, Fendrel acenou com a mão desdenhosa. — Teríamos que contar a ele eventualmente. Você não poderia transmitir sua coroa sem também transmitir seu segredo. É bom que ele saiba a verdade.

— E que verdade é essa, exatamente?

Por várias respirações frias, Fendrel não respondeu. Então ele se virou para seu irmão, fixando-o com um olhar duro. — Você é o Rei Escolhido. — disse ele. — Você cortou a cabeça da Terrível Odile de seu corpo. Você acabou com o reinado dela. Você liderou esta nação com força e a trouxe da ruína para a prosperidade. Você é o cumprimento da profecia, o herói predito. Essa é a verdade.

— Não toda a verdade. — Gardin respondeu. Seu olhar de aço cortou o de Fendrel, afiado como qualquer espada. — Você sabe como nós somos mentirosos, Fendrel. Podemos mentir um para o outro. E podemos mentir para o reino. Podemos mentir para meu filho, e para o castra, e para os que foram tomados pela sombra, e para as bruxas e para os próprios Assombrados. Mas não podemos mentir para a Deusa. Ela sabe.

— A vontade da Deusa foi cumprida. — disse Fendrel, embora sua voz estivesse presa na garganta. — A Idade de Ouro chegou.

— Se isso for verdade... — respondeu Gardin. — É apesar de nossos atos.

Um rugido vermelho cresceu na cabeça de Fendrel, uma raiva como ele raramente sentia, e não em muitos anos. Com ela, ele sentiu o poder de sua sombra enquanto ela lutava contra as supressões que a prendiam, lutando contra sua vontade. Se ele não mantivesse o controle, ele perderia completamente, perderia sua alma. Ele cravou as unhas nas palmas das mãos, e as veias de sua testa incharam com seu esforço simplesmente para não falar as palavras que queria lançar em seu irmão.

A porta rangeu novamente. Ambos os homens se assustaram e se viraram. — Gerard. — O rei disse, falando como se tivesse sido pego em algum ato culpado.

O príncipe apareceu na porta onde seu pai havia estado minutos antes. Ele não usava capa, apenas um gibão desabotoado e uma camisa para fora da calça, mas ele não vacilou quando o vento frio o atingiu. Ele avançou para encontrar seu pai e tio, plantando-se firmemente diante deles sob o céu baixo e cinza.

— Por que vocês prenderam Ayleth? — Ele demandou.

Fendrel sentiu o olhar de seu irmão desviar para seu rosto, mas não o encontrou. — Negócios do castra. — Ele respondeu em breve.

— Ela salvou minha vida. Ela salvou sua vida e toda Dunloch. Ela é uma heroína. — Os olhos de Gerard moveram-se do venador para o rei e vice-versa. Seu rosto estava pálido como um amanhecer de inverno, seus olhos muito brilhantes em suas órbitas ocas e avermelhadas. — Então, ela faz parte disso... esta pequena teia que você teceu. Não sei como. Não consigo imaginar uma conexão. Mas ela é parte disso, parte do seu segredo.

— Gerard... — Gardin começou, mas Fendrel levantou a mão, e o rei ficou em silêncio.

— Ela sabe? — Gerard exigiu, fixando sua atenção totalmente em Fendrel. — Ela descobriu a verdade sobre Terrível Odile? Ameaçou contar ao castra? Não... não, porque você não teria chamado o castra aqui se fosse o caso.

Fendrel certificou-se de que seu rosto era uma máscara de pedra.

Gerard praguejou amargamente, usando palavras que não cabiam a um príncipe. — Se você a matar, você apenas se afastará mais do propósito da Deusa.

— Você não sabe do que está falando. — disse Gardin.

Gerard se virou para seu pai, seus lábios puxados para trás em um grunhido. — Eu sei mais do que você. Sei que todos nós construímos nossas vidas, nossas fortunas, nossos destinos, sobre uma base de mentiras. Mentiras que remontam ainda mais longe do que a mentira que vocês dois conspiraram para manter. Os próprios ensinamentos de Santo Evander são construídos em nada mais do que uma tradução falsa. Você sabia disso, pai? Você sabia que ele mentiu também, para promover seus próprios planos, para trazer a ruína para as sombras que ele odiava? E nessa mentira você fundou sua vida, assim como agora você me pede para fundar minha vida em sua mentira. — Ele balançou a cabeça severamente, seu rosto muito branco. — Eu te digo, eu não vou permitir.

— E o que você vai fazer? — A voz de Fendrel era uma lasca de escuridão respirando entre seus lábios apertados. — Você pretende desistir de seu trono? Abdicar? Você vai acabar com a linhagem real dos du Glaives?

— Eu pretendo contar a verdade ao castra. — Gerard respondeu, puxando seus ombros para trás, seus olhos brilhando com uma luz semelhante à loucura. — Eu pretendo levá-los até o cofre e mostrar a eles o que você mantém escondido lá. Pretendo contar aos ministros de Telianor, a toda

Perrinion. Deixe-os decidir por quem serão governados. Deixe-os decidir se ainda desejam servir ao homem que não matou Terrível Odile.

Guardin respirou fundo e deu um meio passo em direção ao filho. Mas Fendrel pegou seu irmão pela frente da camisa, detendo-o. Guardin o empurrou, enviando raios de agonia disparados do ferimento de Fendrel. Fendrel não se mexeu. Depois de uma breve luta, Guardin cedeu.

— O que você acha que vai acontecer depois? — Fendrel perguntou tão baixinho que suas palavras quase foram perdidas pelo vento. — Você acha que seus ministros fiéis vão permitir que você ou seu pai vivam?

Gerard vacilou, mas apenas por um momento. — Essa decisão será deles.

— E o castra? O que você acha que eles farão quando descobrirem? Você acha que eles vão manter o segredo em segredo?

A isso Gerard não respondeu.

Fendrel deu um passo mais perto, elevando-se sobre seu sobrinho, o poder de sua sombra crescendo dentro dele a cada palavra. — A palavra vai se espalhar... — disse ele. — Não pense por um instante que Inren e Ylaire representam o último dos apoiadores de Odile. Tomados por sombras de todos os reinos ouvirão e se reunirão em Perrinion, ansiosos para restaurar sua deusa ao trono, ansiosos para desfrutar mais uma vez a loucura de poder que ela concedeu a seus súditos. E eles vão encontrá-la. Marque minhas palavras. Mesmo se a cortarmos em cem pedaços e distribuí-los por toda Gaulia, eles a encontrarão.

— Mas... eles não podem restaurá-la. — Gerard disse. — Você cuidou disso.

Guardin respirou fundo, mas Fendrel o interrompeu antes que ele pudesse falar. — Não importa. Saber que ela vive será o suficiente. Eles venerarão sua rainha morta-viva e se unirão sob sua bandeira mais uma

vez. Eles escolherão um deles para liderar em seu nome. Ylaire di Jocosa. Ou Inren. Ou um dos outros Diabos Carmesins que saiu do esconderijo. E eles nunca vão recuar. De novo não. Divididos, eles são perigosos. Unidos, eles são muito mais terríveis. E nenhum feitiço de música irá pará-los desta vez, não importa quantos bravos evanderianos sacrifiquem suas vidas.

Gerard abriu a boca, seu rosto tão tomado pela raiva e frustração que ele não se parecia mais com ele mesmo. Nenhuma palavra veio. Sem discussão.

Fendrel deu mais um passo e agarrou o príncipe com força pelos ombros. — A tradução do *Seion-Ebathe* foi debatida por anos. Mentes maiores que as suas questionaram e lutaram com os ensinamentos do Santo. Vivemos apenas pela fé, Gerard. Sabemos que a vontade da Deusa nem sempre se manifesta como imaginamos ou mesmo desejamos. Sabemos apenas que Ela espera que seus filhos ajam, não esperem passivamente pela intercessão divina. Você está lutando em sua fé, mas ouça-me agora; ouça aquele que enfrentou suas dúvidas e as venceu uma após a outra, como demônios a serem derrubados no chão. Ouça-me, pois minha fé é inabalável. Eu sei que você é o Príncipe Dourado. Eu sei que seu pai foi escolhido para acabar com o governo da Terrível Odile. Eu sei que a sua linhagem, a linhagem da du Glaives, será grande, não só em Perrinion, mas em toda a Gaulia. Sob seu governo, veremos a segurança e a paz restauradas. Um novo dia está amanhecendo, um dia em que não precisamos temer a escuridão dos Assombrados. Eu sei disso, Gerard. Eu sei disso para que você não precise.

Lutando para engolir, lutando até para respirar, Gerard ainda assim encontrou o olhar de Fendrel. — E você mataria Ayleth por causa de sua fé? — ele perguntou.

— Eu faria muito pior. — Fendrel respondeu, a convicção de anos envolvendo cada palavra como veneno.

Eles ficaram presos naquele olhar, nenhum querendo quebrar, nem querendo recuar. Fendrel se manteve firme. Mas ele não pôde descartar a surpresa que sentiu com a força nos olhos de seu sobrinho. Gerard não era Gardin, alguém que não podia ser facilmente conduzido. Seu sobrinho o desafiaria se ele apenas pudesse encontrar uma maneira.

O toque de clarim de uma trombeta cantou pelo ar. Aliviado a despeito de si mesmo, Fendrel se afastou do príncipe, olhando além da barreira do feitiço, através do Loch du Nóiv, para a estrada norte. Por fim, os cavaleiros se aproximaram do castelo. Fendrel estreitou os olhos. A menos que ele estivesse muito enganado, aqueles eram capuzes vermelhos que ele viu.

A Phasmatrix Domina finalmente chegou.

CAPÍTULO 4

Ayleth piscou.

Ela não quis. Ela pretendia manter os olhos firmemente abertos, apesar da atração calmante do sòm. Ela se recusou a sucumbir, recusou-se a afundar naquela dormência inquietante. Embora a cama a chamasse, ela se apoiou na cadeira delgada perto da parede, determinada a permanecer em pé, para manter a consciência.

Mas ela piscou. Só uma vez.

E quando ela abriu os olhos novamente, sua pequena câmara no Castelo Dunloch havia sumido, e ela se sentou sob um alto pinheiro na floresta de sua mente.

Um pequeno suspiro escapou de seus lábios. Ela não pretendia dormir, mas agora que ela estava aqui, foi um alívio deixar para trás toda a confusão e o medo do mundo desperto. Sua floresta era reconfortante, familiar... e principalmente recuperada da devastação do veneno do oblivis. Traços de cinzas ainda flutuavam no ar, mas quando ela respirou, ela cheirou apenas coisas frescas crescendo e renovação.

Talvez fosse normal se esconder aqui por um tempo.

A névoa se arrastou pelo chão da floresta, flutuando em torno de seus pés descalços. Ela sabia o que era: a droga, nublando sua mente, impedindo Laranta de alcançá-la. A princípio, Ayleth tentou ignorá-la, mas quanto mais ela ficava sentada embaixo da árvore, mais densa ficava a névoa. Finalmente, ela se levantou e saiu pela floresta, procurando um lugar onde a névoa não

fosse tão densa, algum lugar que ela pudesse ver, pensar e respirar com mais facilidade.

Uma sombra cintilou no limite de sua visão.

Ayleth parou. Tomando o cuidado de controlar cada movimento, para não permitir nem mesmo o menor traço de um estremecimento, ela se virou. A sombra se foi. Mas um instante depois, outra cintilou, novamente apenas na borda externa de sua visão periférica. Ela se virou de novo, mais rápido dessa vez, mas tarde demais.

Soltando um longo suspiro, ela continuou, os pés descalços sussurrando a palha de pinho, que ela não podia ver através das bobinas grossas de nevoeiro de sòm.

Uma terceira sombra. Uma quarta. Uma quinta.

Seu batimento cardíaco acelerou, não aqui em seu corpo projetado mentalmente, mas em algum lugar distante onde seu corpo físico dormia. Pulsava um ritmo sob seus pés, e Ayleth apressou-se a acompanhar esse ritmo, seguindo as sombras.

Elas pareciam familiares. Terrivelmente familiares. E todas elas levavam em uma única direção. Para o desfiladeiro profundo que cortava sua mente, mergulhando na escuridão muito abaixo.

Ayleth parou na beira do desfiladeiro. Os pinheiros não ousavam chegar perto de sua borda, deixando uma faixa clara entre a floresta e a borda. Acima, o dossel de nuvens cinzentas parecia mais perto do que nunca, engrossado pelo sòm. O desfiladeiro era tão profundo que mais nuvens flutuaram sob os pés de Ayleth. Mas, abaixo deles, ela podia sentir, se não ver direito, a ravina esperando lá embaixo.

Nos limites de sua visão, ela viu sombras brilhantes derramarem sobre a borda do desfiladeiro. Quando ela se virou para olhá-las diretamente, elas se

foram, mas ela sentiu a atração delas como se silenciosamente a instassem a segui-las. Para segui-las de volta para aquele lugar de memórias esquecidas, para a parte de sua mente que Hollis bloqueou com feitiços poderosos.

Ayleth cerrou os punhos. Ela quase esqueceu os segredos estranhos que ela descobriu da última vez que se atreveu a aventurar isso profundamente em sua mente. Bem, não, isso não era verdade... ela não tinha esquecido. Ela simplesmente não se permitia pensar em sonhos. A vida já era complicada e confusa o suficiente.

Mas e se a resposta para tudo estivesse lá embaixo?

Em algum lugar do mundo físico, suas unhas cravaram nas palmas das mãos com tanta força que ela quase acordou. Determinada a não deixar passar a oportunidade, ela balançou ao longo da borda da garganta e começou a descer abaixo do filme do nevoeiro de sòm, para baixo nas sombras, à pilha de escombros esperando abaixo. Ela caiu em cima de pedras quebradas que se mexeram e se ergueram sob seus pés. Movendo-se com cautela, ela escorregou para o chão desta ravina escura nas profundezas de sua própria consciência.

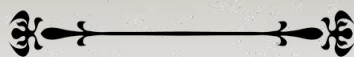
Mas ainda havia profundidades maiores a serem sondadas.

As sombras se reuniram nas bordas de sua visão, longas, ágeis e baixas. Lobos? Ou as sombras dos lobos? Elas se moveram ao lado dela, conduzindo-a pela ravina até o lugar onde um buraco como a boca de um poço mergulhava na rocha.

Ayleth se aproximou da borda daquele buraco e olhou para baixo.

Os feitiços de Hollis bloquearam a abertura, fios entrelaçados de magia e música formando uma teia muito forte para ser penetrada por qualquer meio que Ayleth possuísse. Mas se Ayleth se lembrava corretamente, um dos fios se soltou na última vez em que ela esteve aqui. Ela se ajoelhou, procurando uma fraqueza, procurando uma oportunidade. Ela precisava ter cuidado; outro

ataque aberto ao feitiço pode trazer uma segunda avalanche caindo sobre sua alma. Mas se ela pudesse...



Seu queixo bateu com força no chão, machucando sua mandíbula.

Ayleth ficou atordoada por três respirações ofegantes antes de se levantar com dificuldade, com as mãos tremendo. Seus olhos, piscando e deslumbrados, ainda acreditavam que ela viu um buraco e fios de feitiço brilhantes à sua frente. Mas não... não, isso foi apenas um sonho...

— Maldito Assombrados. — Ela rosnou, caindo de volta contra a parede de sua câmara. A cadeira delgada estava deitada de lado. Ela deve ter tombado durante o sono e caído, jogando-se de volta ao mundo desperto. O quarto, sua prisão, continuava como antes. A cama estava bem feita, embora amarrotada. Em um canto estavam os montes de um vestido de baile carmesim. A luz do sol agora formava uma linha dourada no chão do outro lado de sua janela protegida de sangue, indicando que a manhã havia avançado para a tarde. Outro dia perdido.

Ayleth encolheu os joelhos contra o peito. Sua mente ainda estava confusa pelas drogas, mas não tão ruim quanto antes de ela adormecer. Logo eles viriam para administrá-la novamente, mas no momento ela desfrutava de uma breve clareza. Ela pressionou o rosto contra os joelhos, meio desejando que eles viessem com a dose novamente em breve. Talvez ser drogada fosse melhor do que ficar presa aqui apenas com seus pensamentos como companhia.

Seus pensamentos... e aquelas estranhas figuras sombrias de seu sonho...

Um som distante atingiu seu ouvido. Ayleth ergueu a cabeça lentamente, voltando-se para a janela. Ela não conseguiu abri-la, mas o som fraco novamente penetrou nas vidraças: um som de algo se anunciando. Alguém estava vindo para Dunloch.

Ela se levantou devagar, as sobrancelhas franzidas, e voltou a colocar a cadeira perto da parede. Mas quando ela subiu mais uma vez para recuperar a visão estreita do pátio, ela não conseguiu ver nada de novo.

Quem se atreveria a vir para Dunloch neste momento? Todos os convidados do casamento do príncipe haviam fugido, com permissão para passar por uma estreita lacuna na barreira feitiço antes que ela se fechasse rapidamente atrás deles. Alguém mandou uma mensagem a Telianor, solicitando soldados? Mas não, isso era impossível, os mensageiros não poderiam viajar a distância em dois dias, e certamente ninguém poderia responder tão rapidamente. Quem quer que estivesse vindo tinha sido enviado bem antes do ataque.

Sua cabeça girou. Manchas escuras explodiram nas bordas de sua visão. Sabendo que ela cairia no chão em um momento, Ayleth desceu da cadeira e afundou pesadamente em seu assento. Ela simplesmente teria que esperar para ver quem havia chegado e com que propósito. Se alguém se importasse em avisá-la.



Ao som das trombetas anunciadoras, Terryn puxou o capuz sobre a cabeça e se apressou para o pátio da frente do castelo. Ele duvidava que Fendrel mandasse chamá-lo, então não esperou.

Uma única ponte conectava a ilha à costa. No final da ponte erguia-se um portão fortificado, um ponto de defesa digno contra oponentes mortais. Tomados pela sombra seriam mais difíceis de parar. Mas enquanto Terryn caminhava rapidamente pela ponte para o portão, ele sentiu, mesmo do outro lado da água, o poder do feitiço de barreira em torno de Dunloch. Nada poderia passar por essa barreira, desde que fosse reforçada periodicamente por alguém que conhecia as complexidades do feitiço.

Os guardas no portão saudaram Terryn com saudações solenes, reconhecendo-o pela cor de seu capuz. O capitão deu um passo à frente, dizendo: — Os membros da sua Ordem chegaram. Podemos abrir os portões, mas não podemos deixá-los passar.

Terryn assentiu. Os guardas não tomados não tinham meios de abrir o feitiço de barreira até mesmo para amigos. Terryn poderia fazer isso; ele próprio havia construído essa barreira há apenas alguns dias e conhecia suas complexidades. Mas ele não ousaria deixar ninguém passar sem o comando expresso de Fendrel, nem mesmo um grupo do castra.

Em vez disso, ele se aproximou da abertura de espionagem do portão e olhou para a estrada além. Uma companhia de quinze a cavalo encontrou sua visão. Todos usavam os capuzes vermelhos da Ordem de Evander, exceto a mulher no centro. Seu capuz era branco e Terryn a reconheceu imediatamente, sem nem mesmo ver seu rosto, Esabel, Phasmatrix di Conradin.

Seu coração se transformou em um bloco de gelo em seu peito.

— Terryn. Você não foi convocado aqui.

Ao som da voz de seu antigo mestre, Terryn imediatamente assumiu uma máscara de calma pétrea, uma expressão que ele aprendeu com o próprio Fendrel e aperfeiçoou ao longo dos anos. Ele se virou e encontrou o Venador

Dominus com uma saudação, dizendo apenas: — Eu ouvi a trombeta do arauto. Vim oferecer minha ajuda na abertura da barreira.

Fendrel se aproximou por entre os guardas reunidos, seus olhos brilhando sob a sombra de seu capuz preto. Ele segurava seus tubos Vocos em uma das mãos, já abertos em sua posição de duas cabeças. Embora a sombra de Terryn estivesse profundamente suprimida, ele sentiu a vibração da sombra Anathema de Fendrel nas profundezas das pupilas escuras do dominus. Aqueles olhos iluminados pela sombra estudaram Terryn cuidadosamente, olhando além de sua forma mortal externa para dentro de sua alma. Procurando algum traço da maldição da Bruxa do Ardor, sem dúvida. Mas enquanto a Bruxa do Ardor permanecesse do outro lado dessa barreira, ela não poderia manipular Terryn de acordo com sua vontade.

Fendrel piscou, e a luz da sombra em seus olhos esmaeceu momentaneamente. — Muito bem. — disse ele. — Fique comigo.

Terryn se aproximou de seu antigo mestre e deslizou seus próprios tubos Vocos de sua bainha em seu cinto. A uma ordem latida do Venador Dominus, os guardas avançaram para abrir os portões, que gemeram quando giraram em suas dobradiças maciças. Além brilhava a barreira, uma teia de feitiço de música. Fios de música amarrados juntos, cintilando no reino espiritual além da visão mortal.

Levando seu Vocos aos lábios, Terryn tocou um trinado rápido da Canção da Busca. Ele fechou os olhos, deixando sua consciência passar deste mundo para o reino de sua mente, onde tudo era árido e seco, um mundo de pedra. Pedra dura espalhava-se infinitamente de horizonte a horizonte, exceto por uma massa estranha e irregular logo diante de sua vista. Tinha a forma de um enorme lagarto coberto de magma há muito endurecido.

Com seu corpo mortal ainda tocando flauta Vocos, o eu-espírito de Terryn caminhou rapidamente através do terreno rachado e quebrado até a forma torturada. Ele precisava acessar o poder de sua sombra, mas isso deveria ser feito com precisão. Poucos dias atrás, a maldição da Bruxa do Ardor trouxe sua sombra rugindo a tais extremos de poder dentro dele que quase quebrou seu corpo mortal em mil pedaços. Desde então, ele trabalhou duro para colocar a sombra de volta sob camada sobre camada de supressão, certificando-se de que não tivesse oportunidade de se libertar. Essas amarras se manifestaram em sua mente como esta cobertura de pedra endurecida; mas embaixo dele, ele sentiu calor. Calor como o brilho de um sol poente.

E na fervura daquele calor, uma voz se manifestou em um sussurro pequeno e sutil: *Qual é o meu nome?*

No reino de sua mente, Terryn estremeceu. Mas seu corpo mortal não vacilou na música que ele tocou. Ele tinha ouvido essa voz muitas vezes para se deixar afetar agora, especialmente com Fendrel observando-o em seu trabalho. Ele mudou a música para uma nova melodia, a Canção da Colheita. A melodia envolveu sua alma enquanto ele caminhava até a forma de pedra e, estendendo uma mão, alcançou por baixo do exterior endurecido para colher um punhado de magia.

O ser preso na pedra sibilou. Mais uma vez, a voz do outro mundo gritou: *Você sabe meu nome?*

Terryn recuou, segurando a magia colhida perto. Seu corpo mortal finalizou a melodia com uma resolução firme de notas, então ele abriu os olhos, retornando sua consciência ao mundo mortal ao seu redor. Tudo isso não levou mais do que alguns segundos. Os portões estavam apenas se acomodando nas dobradiças, os guardas recuando para dar espaço aos dois venadores.

Fendrel grunhiu, satisfeito com os esforços de Terry. Ele se virou para o portão, as pernas apoiadas e os ombros para trás. — Siga minha liderança. — disse ele a Terry, e levou sua flauta aos lábios. Ele começou a tocar o feitiço da canção da barreira, mas não a variação que construiria ou sustentaria a barreira. Esta linha intrincada de música era a própria precisão, uma música para separar suavemente os fios tecidos da música sem deixá-los se desgastar e se desfazer, criando uma abertura larga o suficiente para os cavaleiros passarem.

Terry observou o efeito do feitiço da canção enquanto vibrava através da teia. Então ele começou a tocar outra variação. Sua tonalidade era bem diferente da de Fendrel, então as variações usadas para canalizar sua magia eram diferentes. Eficazes, no entanto. Enquanto Fendrel habilmente cortava as fortes cordas de teia da música, Terry pegou as pontas desfiadas e as amarrou para que não desaparecessem. Trabalhar com Fendrel era tão natural quanto respirar. Foi quase um alívio voltar a assumir esse papel, apoiando o trabalho de seu mestre.

Os evanderianos do outro lado do feitiço observaram a abertura crescer. Com um aceno de cabeça da Phasmatrix Domina, eles cavalgaram adiante, um por um passando pelo feitiço da canção e o portão, para a segurança de Dunloch. Entre eles, Terry avistou um rosto familiar, um rosto quadrado com uma barba cuidadosamente aparada emoldurando sua mandíbula e uma cicatriz recente e feia circundando sua bochecha. Uma cicatriz muito parecida com a de Terry.

Venador Kephán. O coração de Terry deu um salto ao ver o homem que, apenas um mês atrás, fora descoberto sob o domínio da Bruxa do Ardor. Ele havia sido enviado a Breçar para ter a maldição quebrada para que ele pudesse retornar ao seu trabalho no bairro de Wodechran. Os phasmadores do castra

conseguiram arrancar o sigilo de Ylaire? Ou a maldição permaneceu ininterrupta, escondida muito mais profundamente?

Os olhos de Kephan se voltaram para Terryn e, por um momento, seu rosto se iluminou com o reconhecimento. Algo na expressão de Terryn deve tê-lo feito pensar, entretanto, embora abrisse a boca, não pronunciou a saudação em seus lábios. Suas sobrancelhas se juntaram enquanto ele cavalgava através do portão.

Domina Esabel entrou por último. No momento em que ela passou pela barreira, Fendrel mudou a música para uma nova variação para reparar a abertura. Terryn seguiu seu exemplo. Enquanto Fendrel juntava os fios de magia de volta, Terryn os prendeu até que sua visão sombria não pudesse mais detectar onde havia uma abertura. Com o trabalho realizado, Fendrel e Terryn trouxeram a música a uma conclusão natural e harmoniosa. Então, ambos embainhando seus tubos Vocos, eles se voltaram para os evanderianos. Terryn saudou a domina, mas sua atenção se concentrou em Fendrel.

— Eu confio, Venador Dominus, há uma boa razão para este extremo de proteção. — Ela disse, sua voz rouca. Ela não era uma mulher jovem, nem mesmo em seu auge. Esabel di Conradin, se Terryn se lembrava corretamente, tinha quase sessenta anos de idade, prova de sua extrema força e controle sobre sua sombra. A maioria dos evanderianos não sobrevivia além dos cinquenta.

— Eu vou te contar tudo, Domina Esabel. — Fendrel respondeu com uma cortesia severa. — Assim que você tiver descansado de sua jornada, o Rei Guardin se encontrará com você, e iremos informá-la sobre o que aconteceu desde que enviei minha mensagem para você.

A Phasmatrix ergueu a mão em um único gesto afiado. — Não vou descansar antes de fazer o que vim fazer aqui, Dominus. Agora me diga: onde está essa venatrix que você afirma ser inata? Leve-me até ela.

O mundo ao redor de Terryn parecia inclinar-se, escurecer.

Por um momento, ele não conseguiu acreditar no que acabara de ouvir. As palavras da Phasmatrix ecoaram em sua cabeça como golpes surdos e mudos, sem compreensão. Ele ficou olhando para ela, com a boca aberta, os olhos lentamente arredondando enquanto a compreensão tomava conta.

Foi por isso que Fendrel trancou Ayleth. Foi por isso que ele convocou a Phasmatrix Domina de Bédoier.

As chamas pareceram explodir diante de sua visão. Em sua cabeça, Terryn já ouvia os gritos de Ayleth.

CAPÍTULO 5

Passos soaram na passagem do lado de fora, movendo-se rapidamente.

Ayleth ergueu a cabeça, piscando com força, e seu coração disparou, afastando a névoa da cidade. De alguma forma, ela sabia que aqueles passos estavam vindo atrás dela. Eles não soavam como os passos rápidos de Venatrix Everild.

Não... a menos que ela estivesse muito enganada, Fendrel se aproximava de sua porta. Com outros seguindo logo atrás dele.

Percebendo que não queria enfrentar o Venador Dominus esparramada no chão, Ayleth agarrou-se à cadeira estreita e tentou se levantar. A porta de seu quarto se abriu antes que ela conseguisse colocar os dois pés debaixo dela. Os ombros largos de Fendrel encheram o espaço, e ele olhou para ela, seus olhos brilhando com a luz da sombra.

Ele entrou no quarto, abrindo caminho para dois estranhos com capuzes vermelhos entrarem atrás dele. — Pronto. — disse ele, indicando Ayleth com um aceno de mão. — Segure-a rápido.

— O que...? Espere! — Ayleth engasgou, as palavras arrastando-se em sua língua. Os dois estranhos evanderianos, um homem e uma mulher, agacharam-se sobre ela e agarraram seus braços. Eles a puxaram para cima entre eles, suas mãos como algemas muito apertadas.

— Venha. — Fendrel disse e saiu pela porta para a passagem além.

Os olhos de Ayleth se arregalaram. — Não, espere! — ela gritou enquanto os evanderianos se moviam na esteira do Dominus. Mas ela era tarde demais. Eles a puxaram para a barreira de sangue na porta.

A explosão da maldição a tirou de suas garras e a jogou no chão no meio do quarto. Dor ardente cortou cada nervo de seu corpo, penetrando em sua alma. Ela não conseguia nem respirar, mas ficou paralisada e atordoada, todos os músculos tensos, a boca aberta em um grito silencioso. Então seu corpo teve espasmos e ela engasgou, vomitou e vomitou o conteúdo de seu estômago. A dor não diminuiu, mas pelo menos ela podia respirar novamente.

A voz de Fendrel retumbou em sua consciência dilacerada. — Eu esqueci. Espere enquanto eu desmantelo a proteção.

O som de seus Vocos tocando para cancelar a maldição causou arrepios na espinha de Ayleth. Quando terminou, sua visão clareou e ela se apoiou nos cotovelos, limpando a boca com as costas da mão. Os evanderianos se aproximaram dela novamente, e ela não tentou resistir quando a pegaram pelos cotovelos e a colocaram de pé.

Fendrel, com o rosto sem remorsos, embainhou seus Vocos e acenou com a cabeça. — Venham.

A explosão da barreira de sangue e o subsequente esvaziamento de seu estômago tiveram um bom efeito, pelo menos: ela estava com a cabeça muito mais lúcida do que nos últimos dias. Uma bênção mista. Enquanto os evanderianos a puxavam rápido demais na esteira de Fendrel, ela quase desejou que o som entorpecente aliviasse seu medo confuso.

Pelo menos ela estava fora daquele quarto apodrecido dos Assombrados.

Eles chegaram ao final da passagem, entrando na galeria aberta acima do saguão de entrada principal de Dunloch. Esticando o pescoço para olhar ao redor da mulher estranha que segurava seu braço, Ayleth teve um vislumbre do parapeito até o andar de baixo. Mais capuzes vermelhos. Muitos capuzes vermelhos. Os reforços do castra para a caça às bruxas, talvez. Ela teria permissão para se juntar a eles?

Fendrel liderou o caminho para a enorme escada da frente, movendo-se tão rapidamente que seu capuz preto caiu para trás, revelando seu cabelo claro amarrado para trás em três tranças apertadas. O estômago de Ayleth revirou-se de tontura enquanto os evanderianos a arrastavam para o topo da escada, mas ela não teve tempo de se recompor antes de começarem a descida. Seus pés tropeçaram em si mesmos, e ela teria caído de cabeça se não fosse pelas mãos duras de ferro que a seguravam em pé.

Muitos rostos esperavam lá embaixo, virados para cima para observá-la. Por um momento nauseante, ela reviveu três noites atrás, quando ela ficou sozinha no topo da mesma escada, lutando para descer enquanto usava as saias volumosas daquele vestido carmesim. Só Terryn a tinha observado então, seus olhos gelados brilhando divertidos.

Algun instinto obrigou Ayleth a procurar aqueles olhos agora entre a multidão que esperava abaixo. Como se sentisse um vento frio vindo de sua direção, ela olhou para as sombras perto da porta de entrada. Uma figura estava ali, afastada do resto, seu capuz puxado tão baixo que ela não podia ver seu rosto. Mas ela sabia que era Terryn. Por alguma razão que ela não soube nomear, seu coração se elevou, embora ligeiramente.

Seu alívio não durou mais do que um momento antes de ela tropeçar nos últimos degraus e cair de joelhos. Os evanderianos de ambos os lados não fizeram nenhum esforço para levantá-la novamente, mas continuaram a segurar seus braços em um ângulo estranho enquanto ela ofegava, tentando recuperar o fôlego.

Um par de botas de montaria gastas pela viagem entrou em sua linha de visão, as esporas de prata incrustadas na lama da estrada. Uma voz envelhecida falou acima de sua cabeça. — Esta é a venatrix?

— De fato, Domina. — Fendrel respondeu à direita de Ayleth. — Ayleth, Venatrix di Ferosa, recentemente de Drauval.

— E quem está vigiando o bairro de Drauval atualmente? — a velha voz perguntou.

— Hollis, Venatrix di Theldry.

Ayleth enrijeceu ao ouvir o nome de sua senhora. Uma onda de raiva pulsou de seu coração, seguida rapidamente por uma onda de tristeza.

— Ah, sim. — disse a velha voz. — Eu me lembro de Hollis. Ela lutou ao lado de você e do Rei Escolhido durante os dias finais da Terrível Odile, não foi?

— Ela lutou.

— E depois da guerra, ela se ofereceu para cuidar da remota Drauval. Ela gerencia o Posto Avançado Gillanluòc sem a ajuda de um irmão ou irmã caçadora, não é?

— Sim.

— E você acha que esta brava venatrix, uma heroína de Perrinion, sua própria irmã caçadora de outrora, você acredita que ela caiu na heresia?

Com essas palavras, a cabeça de Ayleth se ergueu. Ela olhou para a mulher à sua frente, surpresa ao ver que ela não usava uma vestimenta venatorial tradicional. Seu uniforme, embora em estilo evanderiano, era de phasmatrix, não de venatrix, e o capuz jogado para trás sobre seus ombros era branco. A Phasmatrix Domina, um dos membros mais graduados do Conselho de Breçar. Mesmo com Fendrel dominando todos os venadores em Perrinion, a Phasmatrix Domina era a senhora de todos os phasmadores: homens e mulheres tomados pela sombra que serviam para proteger a saúde espiritual e física de seus irmãos evanderianos.

O estômago de Ayleth embrulhou novamente. Por que a phasmatrix estava aqui? Fazia sentido para Fendrel convocar mais venadores para caçar os Diabos Carmesins. Mas por que um curador espiritual? Isso poderia ter algo a ver com a maldição de Terryyn? Mas não era Terryyn quem agora se ajoelhava aos pés da domina.

E o que tudo isso tem a ver com Hollis?

Balançando a cabeça para se livrar da névoa pegajosa, Ayleth falou com os dentes cerrados. — Hollis não é herege.

Uma sobrancelha fina e cinza deslizou pela testa pálida de pergaminho da domina, formando rugas. — Você falará quando for chamada, Venatrix di Ferosa.

Ayleth abriu a boca, preparada para protestar, preparada para derramar uma tagarelice de palavras em defesa da honra de sua senhora. Mas sua língua agarrou-se ao céu da boca. Quanto mais ela lutava, mais sua garganta se fechava. Ela olhou nos olhos da Phasmatrix e sabia que era ela quem fazia, sua sombra a impedia de falar.

Um movimento à direita atraiu sua atenção quando uma das figuras de capuz vermelho deu um passo à frente, jogando o capuz para trás. Os olhos de Ayleth se arregalaram de surpresa. Venador Kephan estava diante dela, seu rosto devastado pela mesma cicatriz feia que marcava o rosto de Terryyn, só que os seus eram recentes, pontos pretos ainda visíveis sobre a pele crua e enrugada.

— Domina. — Ele disse, saudando respeitosamente. — Esta jovem...

A phasmatrix virou um olhar implacável na direção de Kephan. — Você tem algo a dizer, Venator du Tam?

Kephan respirou fundo, as narinas dilatadas. — Eu só queria dizer que essa mulher salvou minha vida e a vida de seu irmão caçador apenas no mês

passado. Foi ela quem me parou quando, sob a escravidão da Bruxa do Ardor, tentei matar os dois. Se não fosse por ela, ainda seria escravo de Ylaire di Jocosa.

— Abaix-se, du Tam. — Fendrel rosnou. — Qualquer que seja a gratidão pessoal que você possa sentir por essa garota, não tem relação com o caso em questão. Fique quieto, eu te digo.

Os olhos de Kephan passaram de seu dominus para a phasmatrix e de volta para Ayleth. Sua sobrancelha se franziu, mas ele recuou, curvando a cabeça para que a sombra do capuz escondesse seu rosto cheio de cicatrizes mais uma vez.

A domina se dirigiu a Fendrel novamente. — Bem, Dominus? O que você tem a dizer?

Fendrel engoliu em seco. Embora ele fosse da mesma categoria que a phasmatrix e fisicamente pairasse sobre ela em força e altura, ele parecia de alguma forma infantil ao lado de sua figura ereta e estreita.

— Eu não gosto de lançar uma calúnia sobre minha ex-irmã caçadora. — Ele disse sombriamente. — Sei apenas o que meus próprios testes me disseram, os próprios testes para os quais busco sua verificação.

— Sim, li sobre suas descobertas. — respondeu a domina. — E eu vi o frasco que você mandou para o castra. Um teste estranho para realizar nas circunstâncias descritas. O envenenamento por oblivis não se relaciona de nenhuma maneira óbvia com o que você afirma ter encontrado. O que o levou a fazer esta venatrix passar por um exame tão desagradável?

O coração já acelerado de Ayleth pareceu dobrar de velocidade. Ela se lembrou daquele teste. Parte dela queria acreditar que não era nada mais do que um sonho, uma extensão dos outros sonhos febris que ela experimentou

enquanto se recuperava do oblivis. Aquela agulha cintilante pairando sobre seu olho, aquela penetração, aquela dor.

O rosto de Fendrel parecia pedra. — Algo... me pareceu... fora sobre ela. — disse ele lentamente. — Algo que não consigo descrever ou nomear. Mas aprendi ao longo dos anos a não duvidar de meus instintos. Então, realizei o teste e estou confiante de que li os resultados corretamente.

— Esperemos que não, Dominus. — respondeu a Phasmatrix. Dizendo isso, ela se ajoelhou, nivelando sua cabeça com a de Ayleth. — Soltem-na. — disse ela aos evanderianos, que obedeceram imediatamente, libertando-se de seus braços.

Ayleth olhou feio para eles, girando os ombros, mas a Phasmatrix a segurou pelo queixo. Ayleth congelou sob aquele toque gelado. A Domina inclinou a cabeça para um lado e para o outro, e seus olhos brilharam com a estranha luz de sua sombra, brilhando com uma cor que Ayleth não poderia discernir sem o poder ascendente de Laranta. Uma sombra de aparatação, se ela tivesse que adivinhar, uma manipuladora de mentes. Como a de Hollis. Ela sentiu o puxão feio no limite de sua consciência enquanto a sombra tentava se infiltrar em sua mente. O sòm em seu sistema tornava isso difícil, servindo para bloquear a presença externa da sombra tanto quanto suprimia Laranta.

Mas a Phasmatrix exerceu o poder de sua sombra com grande habilidade e não parecia indevidamente frustrada com as barreiras que encontrou. — Onde você estudou antes de começar seu aprendizado? — ela perguntou de repente, seus olhos não encontrando os de Ayleth, mas olhando além deles em sua cabeça.

— Castra Vielhir. — Ayleth respondeu imediatamente. A mentira familiar veio facilmente aos lábios dela.

— E, no entanto... — disse a Phasmatrix pensativamente. — Não encontro lembranças de Vielhir dentro de você. — Seu rosto severo endureceu. — Que idade você tinha quando veio para Venatrix di Theldry?

— Sete.

— Jovem para começar um aprendizado. — A Phasmatrix sentou-se sobre os calcanhares, ainda segurando o rosto de Ayleth, mas não olhando mais tão profundamente. — Sua história não se encaixa bem, Venatrix. Ainda assim, quando você me diz que sua senhora não é herege, vejo que acredita em suas próprias palavras.

— Hollis di Theldry é uma serva sincera de Evander. — Afirmou Ayleth com firmeza. — Sua lealdade para com a Ordem não pode ser posta em dúvida.

— E a sua?

Ayleth abriu a boca. Mas ela não conseguiu responder. Ela conhecia muito bem os jogos que vinha jogando nas últimas semanas desde que deixou Gillanluòc. Ela conhecia as liberdades que dera a sua sombra. Isso significava que ela não era leal à Deusa e aos ensinamentos do Santo? Toda a sua vida foi dedicada à causa de Evander. Certamente, alguns passos trôpegos ao longo do caminho não significavam heresia absoluta.

Mas ela agora se comprometeria a honrar os ensinamentos do Santo ao pé da letra, a partir de hoje? Ela se comprometeria a manter as terríveis amarras em Laranta que Hollis sempre insistira? Ela puniria para sempre sua sombra apenas por existir dentro dela?

Claro que ela deveria. Sua sombra era um parasita, um parasita malicioso e implacável.

Todas mentiras. Mentiras que Ayleth não suportava falar. Ela fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Interessante. — disse a Phasmatrix. Então ela se levantou abruptamente, sua capa usada pela viagem flutuando na rapidez de seus movimentos. Uma batida forte de suas mãos e os dois evanderianos avançaram, pegaram Ayleth pelos braços novamente e a puxaram para cima.

— Interessante. — Repetiu a domina. — Mas, em última análise, inútil sem o próprio teste. Segurem-na com firmeza. E você... — um gesto para outro evanderiano que estava perto. — Segure a cabeça dela. Não a deixe se mover.

Ayleth ficou tensa quando o terceiro evanderiano deu um passo atrás dela, segurando sua cabeça com firmeza com as duas mãos fortes. Ela sentiu não apenas a força mortal naquele aperto, mas também o poder da sombra.

Laranta! ela chamou impulsivamente, buscando a força de sua própria sombra. *Laranta, venha até mim!*

Mas sua sombra não respondeu e os olhos da Phasmatrix arderam. — Não tente invocar seus poderes na minha presença, garota. — Ela rosnou. — Lembre-se, estou em sua mente. Você se condena. Agora fique parada!

Uma terrível paralisia se abateu sobre os membros de Ayleth. Não importava que os dois evanderianos segurassem seus braços, que o terceiro segurasse sua cabeça. O poder da sombra da Phasmatrix foi mais do que suficiente para congelá-la no lugar. Ela não conseguia nem piscar enquanto observava a Phasmatrix tirar sua luva e estender a mão. Um de seus ajudantes correu para o lado dela, colocando um implemento reluzente em sua palma. Ayleth o reconheceu imediatamente. Era a mesma ferramenta estranha que Fendrel havia usado em seu olho.

Um grito cresceu no peito de Ayleth, mas ela não conseguiu soltá-lo, com a força que a sombra da Phasmatrix a mantinha cativa. *Laranta! Laranta!* ela gritou de novo, apesar do aviso que ela havia recebido. Ela não se conteve.

Movendo-se com velocidade de víbora, a Phasmatrix Domina se aproximou, pegou Ayleth pela nuca e cravou aquela agulha em seu olho que não piscava. A dor foi suficiente para quebrar o controle da sombra sobre ela.

Ayleth reagiu, cambaleando para trás, o grito finalmente escapando de seus lábios. Os evanderianos a seguraram com força, mas ela se debateu, conseguindo se livrar de um e dar um soco em um dos outros. Seu golpe falhou, e o evanderiano que segurava sua cabeça a agarrou pelos ombros, girou-a e forçou-a de bruços no chão, ajoelhando-se dolorosamente na parte inferior de suas costas. Ela se contorceu, mas não conseguiu escapar, e os outros dois evanderianos caíram pesadamente em seus braços, esmagando-a. Ela fechou os olhos com força contra a dor e rugiu de frustração, impotente.

— Sim, um teste desagradável com certeza. — A voz da Phasmatrix Domina rosnou. Um momento depois, Ayleth ouviu um tilintar de cristal. Abrindo o olho ileso, ela olhou para cima e viu a Phasmatrix aplicando cuidadosamente a gota de sangue na ponta de sua agulha em uma garrafa de líquido girando suavemente. Um líquido estranho e ligeiramente brilhante. Desta vez, ela reconheceu o que era.

Éter. Éter puro.

Sua dor esquecida, a lentidão do sòm há muito desaparecida, Ayleth observou com fascinação e medo misturados enquanto a domina girava o líquido. Éter era a substância mais estranha conhecida pelo homem, nem elemento nem liga, nem vegetal nem mineral, mas um material vivo que crescia e mudava e às vezes parecia até aprender. Depósitos foram encontrados nos locais, ruínas e templos mais antigos, e aparentemente haviam sido abundantes em todo o mundo em eras antes de a Deusa chamar a humanidade à vida. Os phasmadores teorizavam que eram as aparas que sobraram de quando a Deusa esculpiu a realidade em existências.

Mais raro que ouro, mais raro que diamantes, mais raro que oblidite. Ayleth ficou boquiaberta de espanto ao ver mesmo uma pequena quantidade contida naquele frasco.

A sombra da domina estava em ação, a magia cercou a garrafa e manipulou o Éter líquido, trazendo à vida suas propriedades sobrenaturais de uma forma que Ayleth não conseguia nem imaginar. Alguma alquimia estranha do físico e do espiritual, do tangível e intangível. O líquido na garrafa transformou-se em uma tempestade de energia, que pulsou através do éter de forma que até mesmo os mortais não tomados devem senti-la.

Então, tão repentinamente quanto começou, a tempestade cessou. A pulsação se acalmou e o Éter se acalmou... e se transformou.

A Phasmatrix virou a garrafa sobre a palma da mão, despejando um jato de pó de prata. — Aí está, Dominus Fendrel. — disse ela em uma voz desprovida de emoção. — Aí está a sua resposta.

— Ela é uma inata então. Exatamente como eu pensei. — Fendrel disse, parando acima de Ayleth como um anjo da desgraça. Ele se virou e gritou para os evanderianos alinhados no corredor: — Preparem a pira imediatamente.

O coração de Ayleth parou. Ela não conseguia acreditar no que ouvia, não conseguia fazer as palavras de Dominus caberem em seu cérebro. Então, com uma convulsão de puro terror por cada membro, ela gritou.

— Não! Não, você está errado! Não pode ser! — Seu corpo resistiu, quase contra sua vontade, mas com força suficiente para que o homem ajoelhado de costas caiu para um lado e ela quase se livrou dos outros dois. — Não por favor! Eu não sou inata! Não faça isso! Não faça isso! — Ela estava chorando, vomitando, meio louca de medo. Ela mal sabia o que ela fez, o que ela disse.

— Leve-a de volta para o quarto e proteja com as proteções de sangue. — disse a Phasmatrix Domina, falando em meio ao rugido na cabeça de

Ayleth. — Começaremos os preparativos imediatamente. A execução será de madrugada.

Os evanderianos levantaram Ayleth do chão, torcendo seus braços para trás para que ela não pudesse atacar seus captores. Ela lutou, mas a força que surgiu através dela naquele primeiro raio de horror agora se esvaiu, deixando-a flácida e sem vida em suas garras. Sua mente girava, e ela esticou o pescoço enquanto a carregavam em direção às escadas, em busca de algum sinal de ajuda.

Seu olhar pousou por uma batida de coração no rosto de Terryn, mortalmente pálido sob seu capuz baixo.

CAPÍTULO 6

Fendrel sentou-se na beira da cama no humilde quarto que reivindicou para si em Dunloch. Como irmão do rei, ele poderia escolher entre muitos quartos elegantes, mas quartos elegantes não combinavam com o Capuz Negro. Ele era um homem da estrada, um homem desgastado pelas dificuldades e perdas. Ele nunca poderia ficar confortável em almofadas de seda.

Então ele se sentou na cama estreita, tirando a braçadeira de couro de seu braço esquerdo. Ele amarrou os fechos firmemente contra as bandagens por baixo, e remover a pressão o fez fazer uma careta de alívio e dor. Ele enrolou a manga, revelando ataduras brancas manchadas de preto.

Ele não tinha muito mais tempo.

Ele enfrentou a verdade severamente enquanto desembalhava as bandagens e inspecionava as três feridas de punção feias. Crostas negras de sangue escorriam com a mancha de sombra, e escuridão como tinta corria por suas veias. Não demoraria muito para que ele tivesse que escolher quem iria negociar com ele a Morte Gentil. Não demoraria muito para que ele fosse forçado a aceitar seu destino final e passar seu legado.

Ele sibilou, pressionando suavemente um pano úmido contra as feridas. Mesmo aquele leve toque doeu, mas Fendrel mal o sentiu. Seus pensamentos o atormentavam com uma dor muito maior.

Terryn deveria ser seu legado. Terryn deveria ocupar seu lugar. A lei de Evander proibia os venadores da ordem de gerarem filhos; qualquer filho

gerado por pais tomados pela sombra seria necessariamente inato, uma abominação como a menina que matariam em apenas algumas horas.

Mas quando ele encontrou Terryn após a Batalha de Cró Ular, Fendrel soube: ali estava o garoto que ele treinaria de acordo com a retidão da lei de Evander. Aqui estava o homem que um dia vestiria o Capuz Negro no lugar de Fendrel e ficaria ao lado do Príncipe Dourado, assim como Fendrel ficaria ao lado do Rei Escolhido. Ali estava seu filho.

Mas tudo estava se desfazendo...

A porta do quarto, que Fendrel sabia que ele havia trancado, se abriu, batendo na parede e estremecendo com tanta força que as dobradiças ameaçaram quebrar.

— O que você fez, Fendrel?

Fendrel piscou uma vez, lentamente, e deu um longo suspiro. Ele cuidadosamente rolou a manga de volta para baixo para cobrir as feridas em seu braço, prendendo-a no pulso. — Terryn. Esta não é uma visita inesperada.

Seu ex-aprendiz entrou no quarto, a alma fervendo. Nenhum vestígio da sombra, pelo menos. Mesmo em seu estado perturbado, Terryn era um bom venador, mantendo um controle rígido sobre seu espírito interior. Mas o poder da própria alma de Terryn era suficiente para fazer os homens inferiores hesitarem.

Fendrel ergueu o olhar para encontrar o de Terryn. A luz do sol poente derramava-se pela janela oeste, brilhando na pele escura do rapaz, que tinha ficado mortalmente cinza. As linhas de sua mandíbula estavam tensas e seus olhos estavam enormes e fixos.

— Ayleth não é congênita. — disse ele. — Você planejou matá-la desde o início. Você fez algo. Você manipulou o teste.

— É isso que você acha? — Fendrel perguntou suavemente. — Que Domina Esabel é tão facilmente enganada em seu ofício? Você a viu realizar o teste dachr com seus próprios olhos. Você viu as lágrimas da alma da garota virar pó quando misturadas com Éter. Você sabe a verdade.

Terryn balançou a cabeça freneticamente. — Eu sei que você a odeia. Sei que você faria qualquer coisa para matá-la, embora não entenda por quê. Tem algo a ver com Venatrix di Theldry?

Com esse nome, Fendrel sentiu o sangue sumir de seu rosto. Ele colocou a braçadeira de couro de volta no braço esquerdo, apertando os fechos até que a dor fosse grande o suficiente para afastar as emoções crescentes que ele não ousava enfrentar. — Hollis di Theldry será tratada de acordo com a lei. Ela já foi intimada a Breçar para prestar contas de suas ações. Ela conhecia os riscos de abrigar uma inata... mas treinar alguém nos segredos de nossa ordem? Isso é traição além do perdão, além da redenção. Ela vai pagar o preço.

Ela enfrentaria a morte. Mais do que isso, ela enfrentaria os Assombrados. A lei de Evander não oferecia misericórdia para aqueles que se desviaram do caminho. Hollis seria morta, e sua alma, junto com a de sua sombra, seria conduzida para aquele reino de caos e tormento, para sofrer eternamente pelo mal que ela realizou neste mundo.

Era a vontade de Evander.

Fendrel se levantou, olhando para o rosto pálido de Terryn. — É hora de você aprender, garoto. — Ele disse, cuspiendo a última palavra. — É hora de você perceber que nenhum sentimento seu, nem amor, nem luxúria, nem anseio, tem um lugar neste nosso trabalho. — Ele colocou uma mão pesada no ombro de Terryn, apertando com força, seus dedos cavando no tecido de sua jaqueta. — A garota vai queimar. Agradeça pelo menos que sua alma será salva.

Terryn baixou o olhar. Então, seus lábios se curvando para trás em um rosnado cruel, ele pegou Fendrel pelo braço, girou-o e o jogou contra a parede. O rosto de Fendrel pressionou a pedra, e Terryn, torcendo o braço de seu mestre dolorosamente para trás, se apoiou contra ele, respirando com dificuldade.

— Deixe-a ir. Fale com a domina. Ponha um fim nisso. Agora.

As narinas de Fendrel dilataram-se. Por um instante, ele relaxou nas garras de Terryn, apenas o suficiente para sentir parte da pressão sair das mãos de Terryn. Então ele se jogou para trás, colocando um pé na parede para aumentar sua força. Terryn perdeu o equilíbrio apenas o suficiente, e Fendrel se virou, pegando o jovem pela garganta. Com um movimento de balanço, ele arremessou Terryn contra a parede, segurando-o com força.

— É assim que você deseja que tudo acabe, Terryn? Você vai morrer agora como um traidor da causa? Você me deu razão suficiente para matá-lo onde você está. Então me responda, e com cuidado: você é o servo de Evander? Ou você é escravo dessa bruxa? Você não pode ser os dois, então o que é, garoto?

Terryn não conseguiu responder. Os dedos de Fendrel pressionaram com muita força, apertando sua garganta de forma que ele não conseguia respirar. Mas a luz intermitente havia sumido de seus olhos, substituída por horror. Não o horror do próprio Fendrel, não... Este era um pavor muito mais profundo.

— Ah. Você entende agora. — disse Fendrel. Ele afrouxou o aperto na garganta de Terryn o suficiente para que o ar não ficasse mais obstruído, mas manteve o jovem preso no lugar. — Você entende a sedução das bruxas. Temeu a própria Odile... ela já foi membro da nossa Ordem. Mas ela caiu na heresia e atraiu muitos para ela. As palavras venenosas de uma única

bruxa podem colocar nações de joelhos. Já aconteceu antes. Isso vai acontecer de novo. Não se deixe transformar, meu garoto. Não se deixe desviar do que você sabe que é certo.

As pálpebras de Terryn baixaram. A veia em sua testa se destacou fortemente sob o cabelo escuro caindo em seu rosto.

Fendrel deixou sua mão mover-se do pescoço de Terryn ao ombro e deu um único passo para trás. — Venha no amanhecer de amanhã. — disse ele. — A pira será acesa. Fique comigo então. Fique comigo e ofereça os gritos dessa bruxa inata à Deusa como penitência. O fedor de seu cadáver fumegante será incenso em suas narinas, purgando seu cérebro daqueles pensamentos lascivos que ameaçam desviá-lo do caminho. Fique comigo então, Terryn. E vamos esquecer tudo isso. Continuaremos em nossa missão vitalícia. Nós serviremos e honraremos a Deusa com nosso serviço até nosso último suspiro.

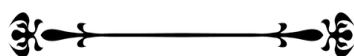
Terryn tremeu sob a mão de Fendrel. Com uma sacudida repentina, ele se afastou, passando por seu mestre e movendo-se para a porta. Fendrel gritou para suas costas. — Você sabe o que deve fazer!

O jovem venador parou na porta, meio se virando, mas sem olhar bem nos olhos de Fendrel. — Você está errado. — Ele disse, sua voz baixa, quebrada. — Eu não sei de mais nada.

Ele fechou a porta atrás de si, deixando Fendrel mais uma vez sozinho.

O sol se pôs. A noite caiu.

Logo viria o amanhecer.



Terryn encontrou uma escada silenciosa, parte da rede de passagens ocultas que permitiam que os criados se movessem por Dunloch sem perturbar seus mestres reais. A maioria dos criados abandonou seus postos após o ataque três noites atrás, entretanto, não havia ninguém para perturbar Terryn no espaço silencioso e sombrio.

Ele se sentou dez degraus acima, sob uma estreita fresta da janela. O ar frio soprou em torno dos painéis de vidro mal ajustados, mas ele não se importou. Ele embalou sua cabeça pesada em suas mãos.

Seria possível que ele estivesse duplamente amaldiçoado? Encantado por esta linda garota inata, assim como Fendrel disse? Essa garota que tinha sido sua companheira por muitas semanas. Esta garota ao lado de quem ele lutou e sangrou e sofreu e triunfou, nunca percebendo o que ela realmente era.

Mas isso era uma mentira. Ele sabia o tempo todo que havia algo errado, algo perigoso sobre ela.

Deve ter sido seu estado inato que ele sentiu que o deixou tão inquieto em sua presença. Sua alma reagiu ao erro de sua própria natureza. Deveria ser esse o motivo... Deveria ser por isso que até mesmo olhar para ela fez seu sangue virar lava em suas veias, fez seus pulmões se contraírem até que ele mal conseguia respirar.

Ele puxou o cabelo, cerrando os dentes, lutando contra a raiva e o horror e as outras emoções mais terríveis crescendo dentro dele. Se ele pudesse puxar a cabeça de seus ombros e jogá-la nos degraus de pedra, ele o teria feito com prazer.

Como servo de Evander, ele conhecia a lei. Se Ayleth era de fato congênita, como as evidências confirmavam, ela deveria morrer. Pelo fogo. Era a única maneira de salvar sua alma. Se ele realmente... Ele engoliu em seco

dolorosamente, com a garganta grossa. Se ele realmente se importasse com ela, ele seria o único a acender o fogo.

Um gemido baixo escapou de seus lábios, e ele se dobrou sobre onde estava sentado, seus olhos apertados com força. Na escuridão dentro de sua cabeça, ele a viu novamente, a viu dançando em um vestido vermelho-fogo, os ombros nus, o cabelo solto e voando, rebelando-se contra os passos tradicionais da música e criando seus próprios movimentos únicos, estranhos e ágeis e graciosos. Só agora, aquelas saias rodopiantes pegaram fogo, e as chamas a engolfaram. Terryn ouviu seus gritos enquanto sua pele escurecia, descamava...

— Aí está você.

Terryn se endireitou, olhando sem compreender o rosto abaixo dele. Demorou algumas respirações antes de ser capaz de reconhecer Kephane entrando na escada.

— Eu tive que chamar minha sombra para pegar um rastro de você, você está bem escondido. — O venador disse, fechando a porta atrás dele. Ele subiu a escada estreita até ficar apenas alguns degraus abaixo de Terryn. Ele encostou as costas na parede, os braços cruzados. — O Dominus nos informou sobre o ataque na outra noite. — disse ele. — Sobre o que... o que aconteceu com você.

Terryn virou a cabeça pesada para um lado, levantando os olhos opacos para encontrar os de Kephane. Ele podia ver a pergunta lá no olhar do venador, a pergunta que ele não queria fazer. Se a maldição de Terryn ainda estava ativa depois de todo esse tempo, a de Kephane também estava? Apesar das cicatrizes feias em seus rostos, eles estavam tão encantados com a Bruxa do Ardor como sempre?

— Vamos caçá-los. — disse Kephan, mas sem muita convicção. — Nós vamos encontrar e matar aqueles bruxos. Existem alguns caçadores impressionantes na comitiva da domina.

— Não haverá qualquer nós. — Terryn rosnou.

Kephan suspirou, mas não discutiu. Ele sabia tão bem quanto Terryn quão tolo seria arriscar que os dois saíssem à caça. Não quando, em um lampejo da magia Anathema, eles poderiam ser instantaneamente transformados em inimigos mortais.

O silêncio durou um pouco demais, o suficiente para que Terryn se perguntasse por que Kephan permaneceu. Ele olhou para o outro venador novamente e pegou o olhar do homem fixo contemplativamente em seu rosto.

— Eu... sinto muito por di Ferosa. — disse Kephan.

Terryn desviou o olhar novamente, estudando a parede.

— Isso nos faz imaginar o que Venatrix di Theldry estava pensando. — Ele continuou. — Recebendo uma inata. Treinando-a nos segredos de nossa ordem. Mas então... — Ele encolheu os ombros.

Houve um sopro de dúvida nessa sentença inacabada? Uma pergunta trêmula suspensa no éter entre eles?

A mão de Terryn moveu-se para seu seio, para algo escondido dentro de seu gibão, e ali descansou. Ele rangeu os dentes até que sua mandíbula doesse.

— Talvez... — Kephan continuou em um tom pensativo. — Ela pensou que se ela treinasse a garota no controle adequado de sua sombra, ela poderia ficar segura. Pelo menos por um tempo adiar a morte necessária o máximo possível. Afinal, um impulso de misericórdia é tão perverso?

Foi a misericórdia que motivou Hollis di Theldry? Ou covardia. Terryn não sabia dizer. Ele mesmo ficou na mesma posição apenas um mês atrás, quando segurou Nilly du Bucheron em seus braços. E ele ainda não sabia o que

teria feito se a escolha não tivesse sido tirada dele. Ele ainda não sabia se teria encontrado vontade para fazer o que a lei exigia.

Em seu coração mais secreto, ele esperava que não.

Kephan estendeu a mão e agarrou Terryyn pelo ombro. — É uma era sombria para a qual nascemos, meu amigo. Uma era de sacrifícios.

— Muitos sacrifícios. — Terryyn murmurou, não pretendendo que suas palavras fossem ouvidas. Mas ele tinha se esquecido da sombra Feral que Kephan carregava, aumentando seus sentidos. Ele sentiu os olhos do venador aguçarem seu foco.

— Você acha? Então, o que você vai fazer? Mais um sacrifício é demais?

Ele não continuou. O silêncio caiu entre eles. Por fim, Terryyn ergueu os olhos e viu a pergunta ainda pairando nos olhos de Kephan. O que ele estava perguntando exatamente? Isso foi um convite? Para... que? Revolta? Kephan estava se oferecendo para lutar por Ayleth? Contra Fendrel, contra a Phasmatrix Domina, contra treze outros venadores altamente qualificados da Ordem...

Seria suicídio.

Kephan o observou em silêncio por alguns momentos, como se lesse os pensamentos que passavam pela cabeça de Terryyn. Ele suspirou profundamente e deu um passo para trás descendo a escada estreita. — Todos nós devemos possuir nossas escolhas, du Balafre. — disse ele. — Mesmo aquelas que somos forçados a fazer.

Ele deu as costas a Terryyn, descendo a escada. A luz fraca da janela estreita brilhou em seu cabelo acobreado.

— E qual é a sua escolha? — Terryyn gritou atrás de sua cabeça. — Você usa o capuz vermelho como eu, du Tam. Depois de tudo, você ainda é leal ao Santo.

— Eu sou? — Kephan deu uma olhada rápida por cima do ombro para Terryn. Então ele abriu a porta na parte inferior da escada e saiu, fechando-a atrás de si. Deixando Terryn sozinho nas sombras.

CAPÍTULO 7

De volta ao quarto dela. Seu quarto horrível, terrível e infernal.

Ayleth sentou-se na beira da cama, os dedos agarrando o colchão macio com tanta força que as unhas começaram a rasgar o tecido. Nada além de horror a esperava, nada além de horror enchia sua cabeça. As chamas dançavam diante de sua visão, e sua pele já estremecia com uma agonia imaginária que não podia se aproximar da realidade que a esperava.

Sua mão deslizou para a cintura, para o lugar onde seus tubos Vocos costumavam ficar pendurados em uma bainha. Mas eles haviam levado todos os seus implementos e armas há muito tempo. Em vez disso, ela pegou um punhado de sua própria camisa, bem acima do coração, e abaixou a cabeça. Se ao menos ela tivesse algum meio de chegar a Laranta! Se ela pudesse libertá-la, deixá-la subir, deixá-la tomar posse total de seu corpo compartilhado. Se ela pudesse falar com ela uma última vez...

Inata. Isso explicava muito.

Foi por isso que Hollis suprimiu suas memórias. Em algum lugar além do feitiço de teia deve haver lembranças de sua vida antes de Hollis a encontrar. Coisas que Hollis não queria que ela soubesse sobre si mesma, para seu próprio bem.

Hollis deve tê-la encontrado na caça, percebido o que ela era e... feito a escolha insana de abrigar uma criança inata. Para treiná-la. Para protegê-la.

E, maldita idiota que ela era, ela tinha fugido! Bem nos braços do homem que iria reconhecê-la pelo que ela era e fazer o que Hollis não podia. Ayleth

fechou os olhos, afundando em sua própria cabeça. Ela deveria ter ouvido sua senhora. Ela nunca deveria ter deixado Gillanluòc.

— *Laranta.* — Sussurrou ela, esforçando-se para captar algum traço de sua sombra. — *Laranta, sinto muito. Laranta, venha me encontrar.*

Do outro lado da corrente de ligação da alma, ela sentiu sua sombra se mover, mexer. Laranta percebeu sua angústia e quis ir até ela para lhe oferecer conforto. Mas ela não conseguiu. Sem seus tubos Vocos, Ayleth não tinha esperança de invocá-la. Eles a tinham dosado com sòm novamente, e nem ela nem Laranta poderiam penetrar naquela névoa.

Ayleth abriu os olhos, voltando ao mundo desperto. Para este quarto que de repente parecia pequeno e próximo. Para a escuridão de uma noite que passaria rápido demais. Ela tinha que lutar contra os efeitos soporíferos do sòm, segurar suas últimas horas de vida. Uma vela e pederneira estavam em uma mesa próxima, mas ela não teve vontade de acendê-la. Sem fogo. Não essa noite.

Levantando-se da cama, Ayleth caminhou tão perto da janela quanto ousou. As proteções de sangue foram reativadas e ela sabia que não devia chegar perto demais. Ela não conseguia ver nada lá embaixo. Os evanderianos estavam se aventurando além do feitiço de barreira para juntar lenha para sua pira? Ou achariam quantidade suficiente para queimar uma mulher adulta aqui na ilha? Estariam eles agora mesmo amontoando madeira e acendendo ao redor de uma estaca robusta?

Ainda bem, decidiu ela, que não pudesse ter acesso a Laranta. Se ela pudesse, ela lutaria. Ela sabia que iria. Como ela poderia simplesmente se submeter às chamas? Com o poder de Laranta fluindo por ela, ela lutaria contra todos no quintal, e eles seriam forçados a derrubá-la com venenos,

forçados a lidar com a Morte Gentil. Em seguida, os Assombrados iriam abrir e arrastá-la para o tormento.

Não.

Ela vislumbrou os Assombrados. Ela sabia a verdade. A lei de Evander era misericordiosa. Melhor morrer pelas chamas do que sofrer pela eternidade.

Mas Laranta...

As lágrimas encheram os olhos de Ayleth, queimando suas bochechas enquanto transbordavam. Laranta seria levada à condenação. Sozinha. Sem entender o que havia acontecido com as duas. Acreditando que Ayleth era sua inimiga, aquela que a prendia, que a suprimia com veneno. Aquela que humildemente permitia que elas fossem conduzidas ao seu destino.

O peito de Ayleth se comprimiu com tanta força que ela mal conseguia respirar. Seus ouvidos se esforçaram para captar qualquer som fora daquela janela, sons de construção, sons de madeira e gravetos sendo recolhidos. Ela se concentrou tanto que deixou de ouvir os sons mais próximos e não reconheceu os passos que se aproximavam até que estivessem do lado de fora de sua porta.

Seu coração deu um salto quando a trava da porta girou, a fechadura estalou. Ela girou em uma posição defensiva agachada, sua respiração presa em sua garganta, suas mãos cerradas em punhos. A porta se abriu.

Gerard entrou.

— Sua Alteza! — Ayleth ofegou. — Já é... hora?

Gerard, com o rosto ferido, ergueu as duas mãos para tranquilizá-la. — Não, não. Não, ainda não é meia-noite. Exigi que me deixassem falar com você. — Ele olhou por cima do ombro para algum guarda invisível parado do lado de fora. — Dê-nos um pouco de privacidade. Por favor.

Uma mão se moveu. Ayleth teve um vislumbre de uma ponta de ferro e uma braçadeira, mas por outro lado não viu mais nada do Evanderiano parado

nas sombras. Quem quer que fosse, agarrou a porta e fechou-a com firmeza, deixando-a sozinha na presença do Príncipe Dourado.

Eles se encararam. Gerard parecia alguém que tinha olhado para os Assombrados por muito tempo, tão angustiada era a expressão em seu rosto.

— Ayleth. — disse ele por fim. — Eu... estou fazendo o que posso. E eu não vou parar, eu juro.

Ayleth levantou-se de onde estava. Ela se ergueu e colocou os ombros para trás. Ela não desmoronaria na presença do Príncipe Dourado. Ela seria corajosa. Ela o deixaria orgulhoso.

— Você tem sido um bom mestre. — Ela disse em um sussurro. Foi o máximo que ela conseguiu, com medo de que sua voz falhasse. — Você me deu o que eu queria: uma chance de provar meu valor.

— Você fez. — Gerard respondeu. Na escuridão da câmara, com apenas uma lasca de luar para iluminar o quarto, era difícil ler sua expressão. Eram lágrimas que ela viu brilhando em seus olhos? — Você mais do que provou a si mesma. Você, Ayleth, Venatrix di Ferosa, é uma alma nobre, uma verdadeira serva da Deusa em todos os aspectos.

— Não. — A palavra saiu como uma pequena baforada diante de seus lábios. — Eu sou uma inata. Até que eu seja purificada, a Deusa deve virar o rosto para mim.

Com pressa, a coragem que ela conseguiu reunir falhou. Ela caiu de joelhos, não em genuflexão, mas em fraqueza. Soluços ficaram presos em sua garganta, e ela engasgou com eles, não querendo mesmo agora dar-lhes poder sobre ela. Ambas as mãos pressionaram seu coração, e todos os músculos de seu rosto se contraíram no esforço de empurrar para baixo a histeria crescente.

Gerard cruzou o quarto, ajoelhando-se na frente dela. Ela sentiu a mão dele pousar em seu ombro. — Amanhã de madrugada estarei lá. — disse

ele. — Fendrel e a Domina não vão me ver esta noite, mas eu não vou deixá-los fazer isso sem lutar. Eu mesmo subirei na pira para detê-los. Você me salvou. Mais de uma vez. Você salvou... você salvou Cerine. Tentou salvá-la. Você deu tudo que tinha. Você não merece isso. Inata ou não, não me importo. Você não merece isso.

As palavras dele fluíram sobre ela, uma cachoeira de conforto que mergulhou no solo seco e morto de sua alma temerosa. Ela sabia a verdade; e pelo tom de sua voz, ela sabia que ele também sabia. Ele não tinha autoridade sobre o castra. Somente o próprio rei pode desviar a domina e o dominus de seu propósito. Mas Guardin já havia deixado clara sua desconfiança de Ayleth.

Ela estremeceu, então forçou a cabeça para cima para encontrar o olhar sério do príncipe. — Foi uma honra servi-lo. Você será um rei poderoso.

Seu rosto se contorceu de dor com suas palavras. Duas lágrimas escaparam, derramando-se por seu rosto lindo demais. E que maravilha! Que maravilha que o profetizado Príncipe Dourado da Deusa olhasse para ela com tanta compaixão. Cuidasse dela. Chorassem por ela, mesmo. Foi o suficiente para trazer o mais fraco dos sorrisos aos lábios.

Gerard se levantou abruptamente. — Eu devo ir. — disse ele asperamente. — Vou falar com meu pai. Vou fazê-lo ver a razão.

Ayleth sentou-se sobre os calcanhares, os braços em volta da cintura e ergueu o rosto para ele. Ela não disse nada a princípio, apenas olhou. Lentamente, sua sobrancelha se contraiu em uma carranca. O príncipe se virou para a porta, levando a mão ao trinco. Mas ele fez uma pausa quando Ayleth disse: — É estranho. Me disseram... Disseram-me que você me mataria.

— O que? — Ele se virou e olhou para ela, seus olhos brilhando ao luar. — O que você disse?

— A pequena vidente. — Ayleth inclinou a cabeça enquanto o estudava. — Nilly du Bucheron, a criança inata. Ela me deu uma visão. Eu vi você com sua espada desembainhada. Você estava triste, mas não hesitou. Você cortou minha cabeça e... Fiquei grata. — Sua carranca se aprofundou, e ela desviou o olhar do rosto confuso do príncipe, estudando o chão. — Eu teria preferido aquela morte, eu acho.

O silêncio demorou muito. Por fim, sem dizer uma palavra, o príncipe abriu a porta e saiu, fechando-a atrás de si. Ayleth ouviu um raio cair, mas não importou. Aparafusada ou não, as proteções de sangue nunca a deixariam passar.

Ela permaneceu ajoelhada naquele chão frio e duro por ela não conseguia adivinhar quanto tempo. Os minutos pareciam voar rápido demais e, ao mesmo tempo, se arrastar em uma eternidade de espera cheia de terror. Ela quase desejou o amanhecer e o fim. Mas que fim! Como ela poderia enfrentar isso?

Em algum momento, ela se levantou e foi até a cama, onde se deitou e olhou para o dossel acima. Uma memória recente veio a ela do nada, uma memória de estar deitada aqui, não muitas noites atrás, destruída pela dor dos efeitos colaterais do envenenamento por oblivis. Alguém puxou a cadeira delgada para perto de sua cama naquela noite. Alguém cujo rosto ela não podia ver, mas que segurou sua mão durante as longas e terríveis horas. Alguém... alguém...

Ele estaria lá ao amanhecer junto com o príncipe? Ele também lutaria por ela? Ela sabia que não devia ter esperança. Ele permaneceria em silêncio, assim como havia feito na presença da Phasmatrix Domina. Ele ficaria ao lado do Venador Dominus, um verdadeiro Evanderiano de ponta a ponta.

Agora que ele sabia o que ela era, ele poderia suportar olhar para ela?

As lágrimas correram continuamente por suas bochechas. Ela fechou os olhos com força. Como ela ansiava por Gillanluòc! Como ela ansiava por Hollis, por Chestibor, pelas estradas selvagens e solitárias nas montanhas de Drauval Borough. Como ela desejava voltar e desfazer seus erros, obedecer aos comandos de Hollis, ficar em silêncio onde pertencia, longe de Dunloch e das intrigas do reino. Hollis estava tentando protegê-la. Hollis sabia o que ela era, sabia que no minuto em que se envolvesse com o castra, seu segredo seria descoberto. E a própria Hollis? Certamente ela seria caçada também. O castra não mostraria misericórdia...

Um baque sacudiu a parede.

Em seguida, um som pesado de colapso. Como um corpo caindo.

Ayleth abriu os olhos e sentou-se na cama, olhando para a porta. Ela tinha imaginado esses sons? O pesado ferrolho rangeu ao se levantar e a trava da porta se moveu. Ayleth levantou-se de um salto, uma das mãos agarrando-se à cabeceira da cama para se apoiar quando a porta se abriu e uma figura entrou.

— Terryn!

Sua capa tremulou como asas atrás dele quando ele se virou e fechou a porta rapidamente. Então ele a encarou, segurando uma braçada de itens que sua mente confusa não conseguiu reconhecer a princípio. Terryn cruzou o quarto e os colocou em sua cama, um de cada vez. Seus tubos. Seu escorpião. Seus venenos.

Ela ergueu o olhar e encontrou aqueles olhos gelados sob o capuz puxado para baixo. — O que você está fazendo? — ela exigiu.

— O que você acha? — Sua voz sombria como a meia-noite retumbou em seu intestino. Ele enfiou a mão dentro de sua capa e tirou um frasco de cristal facetado. — Este primeiro. — disse ele, jogando-o para ela. Ela o pegou e o

ergueu até o nível dos olhos. Sua mandíbula estava estupidamente aberta. — Beba. — disse Terry. — É o antídoto para o sòm. Você tem que estar esperta se quisermos fazer uma maldita oração do Assombrados.

Seus dedos tremiam tanto que ela quase deixou cair o frasco ao tirar a tampa. Inclinando a cabeça para trás, ela drenou o conteúdo em um gole, confiando que a dose estava correta. Queimou na descida. Ela tossiu e engasgou, mas não se permitiu vomitar. Quase imediatamente ela sentiu seus efeitos: o sòm derreteu.

Bem no fundo dela, Laranta se mexeu.

Terry pegou seus tubos Vocos, puxando-os de sua bainha. — Chame sua sombra. — disse ele. — Tanto de seu poder quanto você ousa. Prossiga.

Ayleth pegou os canos, mas em vez de levá-los aos lábios, ela estendeu a outra mão e agarrou Terry pelo cotovelo. — O que é isto? Você realmente não acha que pode me tirar daqui.

— Não. — Ele respondeu. — Mas eu posso ter certeza que posso tentar.

— Você... você ficará arruinado. — Ela apertou seu braço com força, um súbito frenesi de esperança e medo turvando em sua cabeça como uma tempestade. — Eles vão te pegar e eles vão te matar. Eles vão condenar sua alma com a minha. Você não pode fazer isso. Você não pode! Tem que...

Terry a agarrou pela nuca, os dedos enroscados em seu cabelo, cravando-se em seu crânio. Ela engasgou quando ele a puxou em sua direção, e por um segundo, seus olhos brilharam intensamente diante de sua visão e sua respiração estava quente em seu rosto.

Então sua boca pressionou com força contra a dela. Todo pensamento fugiu de sua mente, toda razão, todo medo. Tudo desapareceu em um rugido de confusão e calor, um raio que disparou direto para seu núcleo e queimou por cada membro. Ela ficou tensa, pronta para se libertar.

Mas em vez disso, ela soltou seu braço e o agarrou pelo pescoço, puxando-o para mais perto, pressionando seu corpo contra o dele. O outro braço dele envolveu-a e, por um instante de poder pulsante tão inebriante que a tornou mais forte ainda do que quando a sombra dela surgia através de seus membros, Ayleth soube o que era estar totalmente viva.

O instante passou. Ele se separou.

— Agora mova-se. — Ele rosnou, seus lábios pairando um pouco acima dos dela.

CAPÍTULO 8

Gerard estava do lado de fora da porta de seu pai, uma vela erguida em uma das mãos. Os ecos de sua batida desapareceram, respondidos apenas com silêncio. O príncipe cerrou os dentes, assobiando uma respiração aguda.

— Pai. — Ele chamou, não se importando se algum dos ouvidos atrás das portas ou nos cantos o ouvisse. — Pai, deixe-me entrar. Precisamos conversar.

Ainda sem resposta. Gerard encostou o ouvido na porta e poderia jurar que ouviu passos andando do lado de dentro. Seu pai não aparecia desde a chegada dos evanderianos, nem mesmo para saudar a Phasmatrix Domina. Quando Gerard prendeu um dos criados do rei, o pobre homem balançou a cabeça e disse que Guardin ordenou que todos saíssem de seus aposentos e não admitiria ninguém.

Gerard fez uma careta para a porta. Ele tentou a trava novamente, mas ela não cedeu. — Por favor, pai. — Ele pediu, baixando ligeiramente a voz. — Você tem que me deixar entrar. Você não pode me manter no escuro. Não sobre isso. Se houver alguma razão pela qual Ayleth deve morrer, você tem que me dizer.

Sem resposta. E realmente, o que Gerard esperava? Ser um congênito era motivo suficiente para qualquer pessoa morrer de acordo com as leis de Evander. Como príncipe, Gerard havia estudado os escritos do Santo e sabia tanto quanto qualquer um que não fosse membro da ordem. Ele entendeu a teoria, entendeu a lógica: queime o corpo para salvar a alma.

Mas agora... agora que ele sabia o quanto o Santo estava disposto a distorcer suas interpretações do texto sagrado... À luz desse conhecimento,

como ele poderia aceitar qualquer lei evanderiana pelo seu valor nominal? Todo o ensino era comprometido. Perigoso.

— Mal. — Gerard sussurrou. As sombras no corredor pareciam se aproximar, mais fundo, prontas para devorá-lo e à pequena luz de sua vela. Respirar era difícil, como se o próprio ar tivesse se transformado em vapores venenosos.

Gerard deu as costas para a porta de seu pai e caiu contra ela. Sua mente agitada, lutando para vadear as mentiras, lutando para dar sentido a esta nova realidade. Lutando para pensar em algo, qualquer coisa que ele pudesse tentar para salvar sua venatrix leal. Resumidamente, seus pensamentos voaram para Terryn. Ele encontraria um aliado lá? Terryn ousaria enfrentar Fendrel, contra a vontade do próprio castra? Os sentimentos de Terryn por Ayleth eram mais profundos do que a mera admiração. Mas quão mais profundos?

Não. Ele balançou a cabeça, passando a mão pelo rosto cansado. Não valia a pena considerar. Incluir Terryn nisso seria arriscar sua vida também. Por mais que doesse a Gerard pensar na execução de Ayleth, a ideia de perder Terryn era cem vezes pior. Como ele poderia enfrentar este mundo sozinho? Ele fechou os olhos, sentindo o desespero de sua situação pressionar seus ombros, pronto para esmagá-lo.

— Sua Alteza?

Gerard se encolheu ao som da voz de seu chanceler. Yves era a última pessoa com quem ele queria falar agora. Mas ele se endireitou e ergueu sua lanterna para iluminar um rosto marcado de preocupação. A pele de Yves estava muito pálida no brilho, seus olhos arredondados com um terror que parecia nunca o deixar nesses dias. — Sim o que é? — Gerard exigiu, sem tentar disfarçar a impaciência em sua voz.

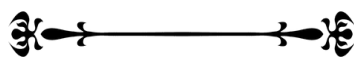
— É o portão. — Yves torceu as mãos nervosamente, sua barba tremendo a cada palavra. — O capitão Achard acaba de mandar um recado: a venatrix voltou.

— Que venatrix? — Gerard perguntou, carrancudo. — Você quer dizer... Everild? Venatrix di Lamaury?

Yves acenou com a cabeça e lambeu os lábios secos. — Tem mais. Parece que a venatrix foi ferida e... e...

— O que homem? Fale!

— E Senhora Cerine está com ela.



Gerard chegou ao outro lado da ponte sem fôlego, o ar frio da noite penetrando em seus pulmões. Tochas iluminavam o mundo ao redor do portão, e pelo menos seis guardas de plantão circulavam no nível do solo com mais nas torres de flanco acima.

Um deles, o capitão Achard, se separou dos demais. — Vossa Alteza. — Ele começou.

Gerard o interrompeu. — Mostre-me!

O capitão recuou e indicou a fenda do espião nas pesadas portas do portão. Já estava puxado para trás, e Gerard, ainda ofegante por causa da corrida, saltou até ele e olhou para fora.

Ele não conseguiu detectar o feitiço de barreira que ouviram cercar Dunloch. Ninguém sem poderes de sombra poderia. Portanto, foi estranho e terrível ver a forma esguia pressionada contra a barreira invisível, batendo as

mãos inutilmente, como faria contra uma parede sólida e invisível. O luar brilhou em seu rosto.

Gerard a reconheceu imediatamente. — Cerine!

Ela não conseguia ouvi-la. A barreira permitia que o som entrasse, mas nenhum som saísse. Ele bateu o punho contra o portão, então se virou para o capitão atrás dele. — Por que você não abre para ela?

— Estamos sob as ordens do Capuz Negro. — respondeu Achard. — Não devemos abrir o portão para ninguém. Mesmo se o fizéssemos, ela não poderia passar pela... mágica.

— Alguém mandou uma mensagem para o Capuz Negro?

— Sim sua Majestade. Esperamos por ele a qualquer momento.

Rosnando inarticuladamente, Gerard voltou para a posição do espião. Ele pensou que nunca iria vê-la novamente. Quando a Bruxa Fantasma evanesceu fora de Dunloch, levando Cerine, ele não se atreveu a acreditar... Mas ela estava viva! E pelo que o luar revelava, sem ferimentos. Seu vestido de noiva estava em farrapos e seu rosto devastado pelo terror, mas ela estava viva.

— Cerine. — Ele sussurrou novamente.

Sua voz gritou, atravessando a barreira. — Ela tentou me salvar! Ela tentou me salvar!

Só então Gerard se lembrou de que o chanceler Yves disse que Venatrix Everild também havia retornado. Onde ela estava? Olhando além dos gestos desesperados de Cerine, ele viu algo caído no chão logo atrás dela. Um corpo.

— Afaste-se!

A voz afiada de seu tio atravessou Gerard como um raio. Ele saltou para trás do portão, virando-se para encontrar a figura do Venator Dominus que se aproximava. — É Cerine. — disse ele, sua própria voz áspera de medo.

— É o que dizem. — Fendrel respondeu, empurrando Gerard para o lado para espiar ele mesmo pela abertura do espião. Gerard sentiu que explodiria de impaciência crescente. Ele queria agarrar o ombro do tio, sacudi-lo, forçá-lo a abrir o portão e o feitiço da música. Mas Fendrel não devia ser apressado.

— Capitão Achard, o que você viu da abordagem delas? — ele exigiu, ainda olhando para fora, seus olhos intensos.

O capitão se aproximou deles, ficando perto de Gerard. — Observadores nas torres do flanco as avistaram vindo por entre as árvores. A senhora parecia estar apoiando Venatrix Everild até chegarem à barreira. Então a venatrix caiu e não se moveu desde então. Não vimos feridas.

Fendrel semicerrou os olhos, sem dúvida usando sua visão de sombra, que não era limitada pelas sombras da noite. Ele não falou, e seu rosto não traiu nada, exceto por um rápido dilatar de suas narinas.

A voz de Cerine ecoou novamente na escuridão: — Ela tentou me salvar! Ela tentou me salvar!

— Tio. — Gerard disse, segurando o braço de Fendrel. — Você tem que trazê-las. As bruxas podem vir a qualquer momento. — A Bruxa Fantasma pode ter uma âncora plantada em algum lugar próximo, permitindo-lhe evanescer em qualquer lugar nas proximidades. Ela poderia aparecer atrás de Cerine em um piscar de olhos e arrastá-la para longe, para nunca mais ser recuperada.

Fendrel recuou da abertura do espião, o rosto tão marcado que parecia muito mais velho do que era. — Pode ser uma armadilha.

Gerard deu um passo para mais perto de seu tio. — Ou pode ser que Everild arriscou tudo para trazer Cerine de volta, e tudo será em vão quando as bruxas as alcançarem.

Ele percebeu que Fendrel sentia a mesma urgência. Afinal de contas, Everild era sua tenente, sua camarada de confiança em muitas caçadas, muitas batalhas. Ela tinha servido ao seu lado por pelo menos oito anos.

— Ela pode estar viva. — Gerard insistiu. — Ela pode estar sangrando.

Fendrel se virou para o sobrinho, os lábios torcidos para trás, deixando os dentes brilharem à luz da tocha. — Não tente forçar minha mão, garoto. Eu sei o que essa garota significa para você. Mas eu sei melhor do que você do que Inren e Ylaire são capazes.

Gerard sentiu o sangue sumir de seu rosto. Ele recuou, as mãos cerradas em punhos. Ele pode ser príncipe, mas não tinha poder aqui. Ele não podia fazer nada além de permanecer firme, silenciosamente instando Fendrel a agir, a tentar.

Fendrel recuou do portão, olhando para cima em sua grande altura. Sua mão moveu-se para os tubos Vocos em seu cinto. — Abra. — Ele comandou. — Eu irei mais perto. E você... — seus olhos brilharam para encontrar os de Gerard novamente. — Vai recuar.

Gerard acenou com a cabeça apesar dos protestos em sua língua. Os guardas se apressaram em obedecer ao Venador Dominus, e o pesado portão se abriu, apenas o suficiente para deixar um homem passar. Fendrel entrou na estrada que conduzia ao portão, seus Vocos para fora e agarrados em seu punho direito. Gerard chegou tão perto da abertura quanto ousou, sem desobedecer diretamente ao comando de seu tio. Ele observou enquanto Fendrel se aproximava da barreira invisível.

Cerine o viu chegando. Ela recuou vários passos, as mãos caindo para os lados, os olhos enormes e brilhando com lágrimas. Então ela se jogou para frente, batendo na barreira com os dois punhos. — Ela tentou me salvar! — ela gritou. — Ela tentou! Ela tentou!

Fendrel apontou. Cerine não conseguiu ouvi-lo falar através da barreira, mas obedeceu ao seu gesto, recuando até ficar atrás do corpo caído na estrada. Gerard, seu ângulo melhor, agora viu o rosto de Venatrix Everild, pálido ao luar, seu nariz quebrado envolto em bandagens, seu capuz vermelho jogado para trás sobre os ombros.

Fendrel parecia estar estudando o que podia sobre a venatrix caída e Cerine através da barreira. Gerard não conseguiu detectar nenhuma subida ou descida do peito de Everild. Os homens a viram caminhar até o portão, então ela estava viva não muito tempo atrás. Ela ainda poderia ser salva se Fendrel se apressasse.

Novamente o olhar de Gerard se ergueu para Cerine, parada vários passos além da venatrix. Suas mãos estavam cruzadas, sua cabeça inclinada. Ela parecia tão paciente quanto uma santa de pedra em uma capela, sem revelar nada do desespero com que clamara momentos antes.

Por fim, Fendrel ergueu sua flauta. Gerard apurou os ouvidos, embora soubesse que era inútil. A música tocada naquele instrumento não podia ser percebida pelos sentidos mortais; soava em um reino de espírito além do alcance ou consciência de Gerard. Ele também não conseguia discernir o efeito que aquela música tinha no feitiço de barreira, embora ele tenha visto pela maneira como Fendrel balançava que custou esforço para seu tio operar essa estranha magia dele.

— Vamos. — Gerard respirou. — Vamos! Vamos.

De repente, Fendrel baixou os canos e se virou para gritar por cima do ombro: — Capitão Achard, envie um de seus homens.

Gerard deu um passo para frente, mas uma mão em seu ombro o segurou rápido. A voz de Achard latiu logo atrás dele: — Você. Vá. — Esse aperto firme

puxou Gerard de lado, abrindo espaço para um dos guardas passar rapidamente.

Livrando-se do aperto do capitão, Gerard voltou para a abertura, determinado a ver o que pudesse. Achard pairava atrás dele, pronto para conter o príncipe novamente se fosse necessário.

O guarda correu para o lado de Fendrel. Gerard podia ouvir a voz de seu tio retumbar. — Fique perto de mim. Pegue a senhora e volte correndo para dentro. Não sabemos quanto tempo temos.

O guarda acenou com a cabeça e, com uma palavra do Venador Dominus, disparou estrada abaixo, passando por onde a barreira antes havia estado. Fendrel seguiu em seus calcanhares, ajoelhou-se ao lado do corpo de Everild e puxou a venatrix robusta por cima de seu ombro. O guarda pegou Senhora Cerine e, em poucos instantes, os dois correram de volta para o portão. Fendrel parou antes de alcançá-lo, largou a venatrix e se virou para usar sua flauta de Detrudos para mais uma vez encerrar o feitiço. Mas o guarda carregou Senhora Cerine de volta ao portão, os braços dela em volta do pescoço dele.

O capitão Achard não foi rápido o suficiente para deter seu príncipe desta vez. Gerard saltou pelo portão e encontrou o guarda com os braços estendidos para aliviá-lo de seu fardo. — Cerine! Cerine, você está bem? — ele gritou.

Ela gemeu em suas mãos, lutando. Ele rapidamente a colocou de pé e a apoiou nos cotovelos. Seu rosto manchado ergueu-se para o dele, seus olhos tão redondos que ele podia ver o branco rodeando suas íris azul-claro. — Ela tentou me salvar! — ela gritou, engasgando com as palavras com tanta força que se dobrou, seu corpo estremecendo como se fosse vomitar. Gerard tocou a

nuca dela. Ele se sentiu totalmente desamparado e totalmente aliviado ao mesmo tempo.

Cerine se recuperou e ficou de pé novamente, segurando Gerard pelo braço. — Ela tentou me salvar. — Ela disse, sua voz mais calma desta vez. — Ela... tentou...

— Eu sei. Eu sei, Cerine. — Gerard disse, colocando o braço em volta dela, uma familiaridade que ele nunca teria ousado tentar até alguns dias atrás. — Venha. Deixe-me ajudá-la lá dentro. Você pode andar?

Ela balançou a cabeça vigorosamente, mas apoiou-se pesadamente em seu braço enquanto ele a conduzia para fora do meio dos guardas, para longe do portão e de volta para a ponte. Sua respiração veio em suspiros curtos e agudos, e ela continuou balançando a cabeça. — Ela tentou. Ela tentou. Ela tentou. Ela tentou.

A pobre garota estava perdida na histeria. Qualquer que fosse sua provação, ela certamente não era capaz de discutir isso agora. — Está tudo bem. — Gerard murmurou gentilmente. — Você está segura agora. Você está segura em Dunloch. Nada pode penetrar a barreira de Fendrel, eu juro. Nem mesmo Floresta da Bruxa consegue superar seus feitiços! Você está segura. Elas não podem mais alcançá-la.

Cerine choramingou. Seu corpo inteiro cedeu como se toda a força tivesse se esgotado com uma pressa. Percebendo que ela estava prestes a desmaiar, Gerard a segurou pelos ombros e joelhos, segurando-a perto. Ela era uma coisinha tão delicada, carregá-la dificilmente era mais difícil do que carregar uma criança. Ela balançou a cabeça novamente, as lágrimas caindo de seus olhos, mas colocou os braços em volta do pescoço e afundou o rosto em seu pescoço e ombro. Ela estava viva. Viva! E em seus braços, sã e salva.

Talvez a Deusa ainda fosse misericordiosa, afinal.

— Deixe-me entrar. — Gerard disse.

CAPÍTULO 9

— O que nos Assombrados foi isso?

Ayleth lançou as palavras nas costas de Terryn enquanto ele caminhava pelo quarto até a porta da câmara. Ele não respondeu, apenas abriu a porta e desapareceu do lado de fora. — Terryn! — ela o chamou em um sussurro forte que foi tão alto quanto ela ousou dadas as circunstâncias.

O que diabos no próprio mundo da Deusa ele pensava que estava fazendo? Ele deveria estar louco. Ela morreria em horas... seria queimada viva na fogueira, pelo amor dos Assombrados purulentos! Seu mundo acabara de desabar ao seu redor, um mundo feito das mentiras de Hollis e de suas próprias crenças estúpidas, tudo reduzido a nada, e ele teve a coragem de ir e fazer algo como... isso.

— Terryn! — ela sibilou de novo e pisou o mais perto que pôde da porta antes que o horrível formigamento das proteções de sangue a fizesse recuar. — Terryn, você não pode simplesmente partir! O que diabos você espera que eu... Uau. — Ela recuou rapidamente quando Terryn reapareceu na porta, movendo-se desajeitadamente enquanto ele arrastava um corpo para dentro do quarto. Um corpo com um capuz vermelho. Com um dardo de veneno ainda preso em sua garganta.

— Quem é esse? — perguntou Ayleth, olhando estupidamente enquanto Terryn apoiava o homem contra a parede.

— Venator du Gontier. — respondeu Terryn, cruzando as mãos do homem recatadamente em seu colo. — Seu guarda esta noite. — Ele lançou um olhar por cima do ombro. — Por que você não chamou sua sombra?

Ayleth não conseguia falar. Seu cérebro embaçou como se estivesse drogado com mais sòm. Ela não conseguia tirar os olhos daquele dardo no pescoço de du Gontier. Terryn havia derrubado um companheiro venador, um de seus irmãos. Com veneno evanderiano.

Ele era um homem morto.

— Venatrix!

A voz aguda de Terryn a trouxe de volta ao momento, e Ayleth desviou o olhar do venador inerte. — Não importa. — disse ela. — Com ou sem a minha sombra, não consigo passar pela porta. Não consigo nem chegar perto.

— É por isso que preciso que você chame sua sombra. — disse Terryn, alcançando a parte da frente de seu casaco. Com uma sacudida rápida e um floreio, ele sacou um longo trapo manchado com algo escuro. Ayleth olhou para ele, sem saber o que era que ela viu. Então ela percebeu: sangue. Sangue enegrecido pela sombra. Sangue de Fendrel. Como Terryn tinha conseguido tal coisa, ela não podia começar a adivinhar, mas era exatamente o que ela precisava. Exatamente o que Laranta precisava.

Percebendo que Terryn pressionou seus Vocos em suas mãos, ela colocou os tubos em posição e os colocou nos lábios. Com uma oração fugaz à Deusa para que nenhum venador com sombras ascendentes estivesse perto o suficiente para ouvir, ela começou a tocar a Canção de Convocação. Suas mãos tremiam e ela teceu a primeira variação muito rapidamente, tropeçando nas notas. Laranta não respondeu.

Embora a impaciência rugisse em suas veias, Ayleth respirou fundo e fechou os olhos. Ela deixou a canção do feitiço fluir através dela, então mergulhou com ela no reino de sua mente, voltando em espírito para as sombras escuras da floresta de pinheiros.

Ela estava nua de novo, como sempre ficava quando entrava neste reino. A melodia de convocação girou em torno dela, movendo-se pelos pinheiros como uma brisa. Ayleth pôs as mãos em concha em volta da boca e gritou: — *Laranta, venha até mim! Por favor!*

Laranta se agitou no meio das árvores, além da visão de Ayleth.

— *Laranta, sinto muito. Eu nunca deveria ter usado o veneno de ferro em você. Eu nunca deveria ter amarrado você! Você sempre confiou em mim, sempre me ajudou, sempre...*

Sua voz falhou, e no mundo mortal ela lutou para manter a música.

— *Por favor.* — Ela continuou, não mais gritando para as árvores. Não importava, não aqui. Em sua mente, apenas ela e Laranta existiam. Ela podia gritar, ela podia sussurrar, ela não podia dizer nada. Laranta saberia. Laranta sempre soube.

— *Eu juro.* — Ela baixou a cabeça, pressionando as mãos contra o coração.
— *Juro, Laranta... Eu nunca vou amarrá-la novamente.*

As sombras se moveram. Ayleth sentiu a mudança sem olhar. A escuridão tomou forma, e a enorme cabeça de sua sombra de lobo pairava a poucos centímetros de seu rosto.

Senhora, disse Laranta. Eu ajudo?

Ayleth ofegou. No mundo mortal, suas mãos pararam de tocar a flauta, nem mesmo se preocupando em resolver a melodia da canção do feitiço. Sua imagem mental de si mesma envolveu os braços nus em volta do pescoço escuro do lobo, o que era como tentar abraçar uma nuvem de fumaça. Laranta balançou a cabeça, envergonhada, e se dissipou totalmente. Mas não importa. Ela estava de volta, ela estava perto.

Nada além do fogo as separaria novamente.

Ayleth abriu os olhos, deixando para trás a floresta de pinheiros e voltou ao odioso quarto da prisão. Terry n a observava, seu rosto um estudo, a cicatriz em sua bochecha direita destacando-se totalmente ao luar. Agora, com Laranta ascendente dentro dela, Ayleth poderia estudá-lo com a visão das sombras e ver como os poderes de sua própria sombra cintilavam nas bordas de sua alma. Ele deve ter libertado mais de sua sombra de suas canções supressoras do que era seu hábito. Ela podia sentir como os feitiços de ligação se esforçavam para manter o espírito contido.

Terry n arriscou mais do que a ira do castra para ir até ela.

— Você está no controle? — ele exigiu, sua voz terrível com descrença. Ele sabia que ela não havia terminado a canção do feitiço, que ela não havia colocado nenhuma restrição em sua sombra.

— Eu estou. — respondeu Ayleth com confiança. — Nós estamos prontas.

Terry n assentiu. Ele tinha pouca escolha a não ser acreditar nela, apesar de tudo que seu treinamento lhe ensinou. Ele havia envenenado um companheiro venador. Ele não era melhor do que um herege agora.

Ele estendeu o pano ensanguentado para Ayleth, que o pegou imediatamente. — *Laranta*. — ela falou dentro de sua cabeça. — *Venha*. — Sua sombra derramou de sua mente em um fluxo de escuridão, manifestando-se diante de sua visão na forma de um lobo. Terry n não podia vê-la, mas ele a sentiu e recuou meio passo. Ayleth o ignorou e levou o pano até o nariz da sombra.

— *Há uma maldição na porta*. — Ela disse. — *Uma maldição de sangue, ancorada com meu sangue e o sangue deste homem. Você pode encontrar a âncora?*

Laranta farejou os trapos, os olhos brilhantes e interessados. Então ela se virou e caminhou até a porta, passando por Terry n em seu caminho. Ele

estremeceu e puxou ainda mais para trás. Ayleth seguiu sua sombra, estudando a intrincada trama de teia de maldição que a impedia de se aproximar da porta. Ela não tinha sido capaz de ver isso antes, com Laranta suprimida. Terryn pode não ser capaz de ver tudo, mesmo com sua sombra, pois era uma proteção definida para ela e apenas para ela.

Mas todas as maldições tinham que ser ancoradas em algum lugar; caso contrário, elas simplesmente se dissipariam em nada.

Laranta se aproximou da teia de feitiço, mas latiu e saltou para trás quando ela chegou perto demais. Aparentemente, a proteção era forte o suficiente para afetar tanto as sombras quanto os mortais. — *Está tudo bem, Laranta.* — disse Ayleth, embora seu batimento cardíaco acelerasse. — *Encontre a âncora. Isso é tudo que você precisa fazer. Apenas encontrar a âncora.*

Sinto o cheiro, rosnou Laranta, os olhos brilhantes. *Sinto o cheiro no chão. Debaixo.* Ela fixou o olhar no local, e Ayleth, usando sua visão sombria, também olhou. Lá ela podia ver onde todos os complexos e sinuosos fios tecidos da canção do feitiço afundavam em uma única tábua do chão.

— Lá! — disse ela, apontando para Terryn. — Pronto, aquela tábua.

Terryn entrou em ação imediatamente. Ele puxou a adaga da bainha e cutucou a tábua. Ela se soltou mais facilmente do que se poderia esperar, provavelmente porque foi puxado recentemente por Fendrel quando ele plantou a âncora de maldição. Com certeza, quando Terryn deslizou a prancha em suas mãos, Ayleth pôde ver a mancha de uma impressão de mão ensanguentada, a de Fendrel, provavelmente, usada para selar a âncora no lugar.

Ela assentiu severamente. — Destrua-a.

Terryn segurou o tabuleiro entre as mãos. De repente, a luz brilhou nas veias de seus braços, tão forte que brilhou através de suas mangas e braceletes

de couro. Pulsou em um fluxo cintilante de poder, saindo por meio de seus dedos e para a placa, que chiou, queimou e se desintegrou em uma pilha de cinzas.

A maldição quebrou.

Ayleth ofegou de alívio e deu um passo em frente. Terryn se levantou antes que pudesse demorar um segundo e estendeu a mão ainda brilhante para detê-la, estremecendo de dor óbvia. — Pegue suas armas. — Ele disse, mordendo as palavras. — Coloque seu capuz.

Ayleth acenou com a compreensão e voltou para o lado da cama. Sua melhor aposta era se disfarçar como o que ela era, ou o que ela tinha sido: uma venatrix. Com todos os evanderianos vindo para Dunloch naquele dia, ela poderia ser capaz de passar por eles sem ser detectada. Se ela tivesse uma sorte extraordinária.

Ela vestiu o colete, vestiu as aljavas de venenos e prendeu o escorpião no pulso direito. Sua mão pairou momentaneamente sobre a braçadeira esquerda com a ponta. Para completar o uniforme, ela deveria usá-la, mas... não. Nunca mais. Ela esconderia o braço esquerdo sob a capa se fosse necessário.

Na verdade, ela sabia que o disfarce não seria suficiente. Enquanto os olhos mortais podem ser enganados pelo uniforme externo, e o capuz pode cobrir seu rosto, ela não pode disfarçar a sombra dentro dela. As sombras dos venadores e venatrizes agora caminhando pelos corredores de Dunloch reconheceriam um estranho em seu meio. Se eles fossem bem treinados, bem sob o controle de seus mestres, eles soariam um alerta.

Mas se eles estivessem suprimidos apenas o suficiente, ou se odiassem seus mestres o suficiente para resistir ao controle, eles poderiam deixá-la ir. Eles podem.

Ayleth afivelou o cinto que segurava as bainhas dos tubos Vocos e Detrudos. Mais ferramentas que ela nunca usaria novamente, mas ela as usaria para mostrar, pelo menos. — *Laranta*. — Ela falou dentro de si. — *Você precisa ir mais baixo. Fique o mais quieta e pequena que puder. Não chame atenção. Você me entende?*

Sua sombra de lobo fluiu de volta para sua mente e desabou em uma pequena forma agachada no centro da floresta de pinheiros. *Sou pequena, senhora*, disse ela. *Muito pequena*.

Provavelmente não o suficiente. Laranta era um espírito potente, repleta de poder e presença. Mas ela era obediente e, desde que não fizesse nenhum movimento repentino, talvez nenhuma outra sombra a notasse.

Ayleth puxou o capuz sobre a cabeça e os ombros, puxando-o para cobrir o cabelo desgrenhado. Só então ela se virou e encarou Terryyn novamente. Ele não estava mais cheio de magia de sombra. Seu rosto estava tenso, a cicatriz feia destacando-se totalmente contra a palidez de sua bochecha. Mas ele havia dominado o poder dentro dele. Por enquanto.

Ele encontrou seu olhar por duas respirações. Então, sem dizer uma palavra, ele saiu para a passagem. Ayleth não teve escolha a não ser segui-lo.

Que alívio foi cruzar aquele limiar sem nenhuma proteção esfaqueando sua própria alma! Depois de passar, ela fechou a porta atrás dela. Sem dúvida, a casa de Dunloch fora proibida de chegar a qualquer lugar perto deste quarto, mas se por acaso alguém olhasse para baixo da passagem, não deveria ver nada de errado. Além da falta de guarda, talvez.

Ela seguiu rapidamente os passos de Terryyn. Cada tábuia do piso parecia ranger com sua própria melodia clamorosa, mas isso pode ser apenas a imaginação de seus nervos em pulo. — Espero que você tenha um plano. — ela sussurrou, as palavras quase inaudíveis, sua voz era muito baixa.

Terryn respondeu com lábios tensos: — Sim. Sairmos de Dunloch vivos.

Ele avançou vários passos pela passagem, mas Ayleth o segurou pela manga. — Não podemos simplesmente sair pela porta da frente. — Ela acenou com a cabeça para um dos outros quartos à sua esquerda. Todas as câmaras desta ala estavam provavelmente vazias. Quem iria querer dormir tão perto da cela de prisão de uma inata condenada? — Estamos mais seguros passando por uma janela. Estas não são protegidas.

Terryn parecia que ia protestar. Ele não tinha experiência em escalar as paredes da fortaleza Dunloch. Mas ele acenou com a cabeça uma vez e estendeu a mão para o trinco da porta mais próxima. Abrindo-o silenciosamente, ele olhou para dentro. — Vazio. — Ele sussurrou, e abriu mais a porta, passando. Ayleth se moveu para segui-lo.

A voz de Laranta explodiu de repente em seu ouvido: *Sombra, Senhora! Sombra, sombra, sombra!*

CAPÍTULO 10

O chanceler Yves enviou fortes criados para aliviar o príncipe de seu fardo antes que ele chegasse às portas da fortaleza, mas Gerard se recusou a deixar Cerine ir. — Acenda fogo no quarto dela. — Ele gritou para um homem, e para outro. — Traga comida, cobertores e roupas limpas.

Cerine estava gelada em seus braços e tremendo como uma folha. Ela estava em choque. Evanescer nas garras da bruxa já era ruim o suficiente, mas quem sabia que outros horrores ela suportou nas mãos de Inren e Ylaire nos últimos dias?

Ele não esperou que Fendrel o seguisse, embora tenha poupado uma breve oração por Venatrix Everild, para que a Deusa mostrasse sua misericórdia. Ela deve ter sofrido muito para trazer Cerine para casa e pode já ter pago com a vida.

— Ela tentou me salvar. — Cerine choramingou novamente enquanto Gerard a carregava pelos degraus da varanda em direção às portas da frente abertas. Ela levantou a cabeça de seu ombro e olhou ao redor. Com um pequeno gemido, ela resistiu com força em seu suspiro, contorcendo-se tanto que ele quase a deixou cair. Ela abriu a boca e soltou um grito sem palavras.

— Cerine, está tudo bem. — Gerard disse, tomando cuidado para manter sua voz calma. Ela se agarrou aos ombros dele, estremecendo violentamente. — Você está segura agora. Você está segura, Cerine. Eu tenho você.

O chanceler Yves olhou para eles como se estivessem ambos possuídos, e os criados recuaram vários passos, os rostos brancos de pavor. Ninguém

queria chegar muito perto da prisioneira de uma bruxa. Quem poderia dizer quanta mancha de sombra uma pessoa tão infeliz carregaria com ela?

Gerard ajustou seu aperto em Cerine. Ele não se importava com o que os criados pensavam, com o que temiam. Ele não iria deixá-la ir, não agora que ele a tinha de volta. Ele nunca a deixaria ir novamente. — Deixe-me levá-la aos seus aposentos. — disse ele. — Você precisa se aquecer.

Ela choramingou e deixou sua cabeça cair novamente quando eles cruzaram a soleira para o salão de entrada. Ela não fez nenhum outro som ou protesto quando ele correu para a escada larga. Sua própria urgência deu-lhe força, e ela era um fardo leve. Ele a carregou até a ala do segundo andar, onde seus aposentos esperavam, vazios desde a manhã após sua captura.

Um criado conseguiu acender uma luz na lareira antes de Gerard entrar. Outros colocaram comida e cobertores novos. Gerard carregou Cerine para a cama e deitou-a com cuidado, descansando a cabeça dela na almofada. Ela estremeceu, agarrando-se aos trapos de seu vestido de noiva, balançando a cabeça para frente e para trás.

— Ela tentou me salvar. Ela tentou me salvar. Ela tentou me salvar.

— Calma, calma. — Gerard murmurou, acariciando sua testa. Seus olhos não conseguiam captar o suficiente de seu rosto, embora estivesse pálido e cheio de medo. Ela estava realmente aqui? Ou tudo isso não passou de um sonho desesperado?

Suas mãos se agitaram de repente, chamando sua atenção para as feridas em seus pulsos. As bruxas a amarraram, puxaram as cordas ásperas com muita força, mordendo sua carne. — Água. E panos. — Gerard ordenou, e um croado apressou-se em obedecer. Enquanto esperava, Gerard pegou as mãos de Cerine nas suas, apertando-as gentilmente, mas com firmeza, para que ela não

pudesse se golpear acidentalmente. — Cerine, querida. Cale-se agora. Você está segura; você está segura.

Ela se sentou ereta na cama, segurando as mãos dele com tanta força que ele pensou que os ossos dos dedos poderiam quebrar. Olhando para o rosto dele, ela gritou com volume suficiente para que qualquer um na ala oeste do castelo tenha ouvido: — Ela tentou me salvar!

Gerard tentou soltar as mãos, mas ela não o deixou ir, nem mesmo quando ele se levantou. Ele quase a puxou para fora da cama, de tão forte que ela o segurou. — Ela tentou me salvar! — Ela gritou novamente e novamente. — Ela tentou me salvar!

— Cerine, por favor! Pare!

Uma batida de passos atrás dele, e Fendrel irrompeu o quarto. — Solte-a, Gerard. — disse ele, levantando seu escorpião armado com um dardo e mirando no peito de Cerine.

O instinto percorreu seu corpo e Gerard saltou entre seu tio e Cerine, que ainda segurava suas mãos. — O que você está fazendo? — ele chorou.

— Dê um passo para trás. — Fendrel rosnou. Seu braço de disparo tremia e ele ergueu o braço esquerdo para firmá-lo. — Everild está morta. Por horas.

Gerard ficou boquiaberto. Ele não entendeu. — Isso é impossível! Não se passou uma hora desde que os guardas a viram caminhando com Cerine...

Sua voz diminuiu até o nada. Ele se virou de seu tio para olhar para Cerine. Ela estava soluçando agora, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ela continuava a lamentar a mesma frase sem parar. E de repente Gerard percebeu o que ela estava dizendo.

Tentou. Tentou.

Everild não teve sucesso. Ela não salvou Cerine.

Ele olhou para o rosto da mulher que amava. E ele viu quando ela de repente se dobrou, seu corpo inteiro se contraindo, arfando. Sua garganta ficou tensa e seu rosto ficou roxo enquanto ela engasgava e engasgava. Ela se inclinou para o lado da cama e tudo se derramou, todo o conteúdo de seu estômago. Gerard saltou para trás... e assistiu a uma pedra preta facetada rolar pelo chão.

Fendrel saltou para o lado de Gerard, agarrou-o pelos ombros e puxou-o para trás. Cerine se dobrou de lado, soluçando, as unhas rasgando o cabelo curto do couro cabeludo, deixando linhas de sangue.

— É tarde demais. — disse Fendrel. — A âncora está ativada. As bruxas estão em Dunloch.

CAPÍTULO 11

— O que está errado? — Terryn olhou para Ayleth pela porta aberta da câmara em que ele acabara de entrar.

Ayleth recuou até o centro da passagem, longe da porta. Parte de sua mente a instou a correr atrás de Terryn, para escapar pela janela da câmara. Mas a voz selvagem de Laranta em sua mente continuava a advertir, *Sombra! Sombra! Sombra!*

Alguém estava perto. Alguém estava perto. Um venador? Sua fuga de seu quarto já tinha sido descoberta?

— *Laranta.* — Ela falou em sua mente. — *Dê-me o seu...*

Algo a atingiu entre os ombros, derrubando-a completamente. Ela bateu no chão com força, virando o rosto apenas no último momento para evitar quebrar o nariz. O poder de Laranta disparou por seus membros e ela começou a rolar antes que todo o seu corpo aterrissasse. O segundo golpe atingiu-a na caixa torácica. Ela engasgou, o fôlego saiu dela e caiu com força em seu ombro.

— *Laranta!* — ela gritou.

Sua sombra de lobo rugiu em sua cabeça. Uma explosão de força sobrenatural percorreu cada membro, Ayleth atacou com uma das mãos e acertou um pé calçado com uma bota antes que outro chute pudesse acertar. Com uma torção viciosa, ela tirou o equilíbrio de seu agressor. Um corpo caiu no chão ao lado dela. Ela viu cair. Mas não fez nenhum som ao pousar.

Sem tempo para pensar nisso. Não havia tempo para se perguntar por que Terryn não se apressou para ajudá-la. Ela se levantou imediatamente,

ignorando a dor nas costelas e nas costas, jogando-se em cima daquela figura escura, as mãos alcançando a garganta. Ela teve um vislumbre do rosto barbudo de um homem estranho, ela sentiu a tensão de seu pescoço sob seus dedos. Seu punho recuou para o primeiro golpe, mas atingiu o chão onde sua cabeça deveria estar.

Ayleth engoliu um grito de dor. Mas o poder de Laranta era ascendente demais para ela fazer uma pausa, mesmo para respirar. Ela saltou sobre seus pés, procurando algum sinal de seu agressor, mas o corredor estava vazio.

Grunhindo, sons abafados vieram da câmara aberta. Ayleth saltou para a porta. Seu agressor de alguma forma escapou de seu domínio e foi atrás de Terryn em vez disso?

Não, nenhum atacante. Dois homens lutavam com Terryn, jogaram-no contra a parede e derrubaram a mobília. Raios de luz dispararam por seus braços, seu poder de sombra crescendo para combatê-los. Mas esse poder, uma vez liberado, pode ser mais perigoso do que os próprios atacantes.

Ayleth entrou no quarto. Ela agarrou um dos homens pelo pescoço e pelas costas da camisa. Com a força de Laranta, ela o balançou como uma boneca de palha, jogando-o de cara na parede, com força suficiente para deixá-lo inconsciente. Duro o suficiente para matar.

Mas ele se dissipou em suas mãos, como vapores. E de repente, havia dois dele, um de cada lado dela, agarrando seus braços.

— Assombrados! — ela praguejou e se jogou para trás, tentando se libertar. Eles se seguraram, mas ela puxou os dois do chão. Eles torceram seus braços, mas ela torceu para trás, balançando-os um no outro.

Eles se quebraram em poeira e fumaça quando se conectaram. E reformado como três.

Eles se viraram e olharam para ela, esticando o pescoço em sequência. O mesmo homem, três vezes, seus dentes brilhando em um sorriso através do que ela percebeu que não era uma barba, mas um fungo horrível cobrindo sua mandíbula e pescoço. O resto de seu rosto estava sombreado por um capuz vermelho-sangue.

— Abaixese!

A voz de Terry. Ela lançou um olhar selvagem por cima do ombro e viu apoiado em um homem agarrado às suas costas e outro enrolado em sua cintura. Um deles colocou o braço em volta do pescoço. Mas o braço erguido de Terry apontou para os três homens na frente de Ayleth. Uma luz cegante se reuniu em sua palma.

Ela se jogou no chão antes que o brilho da luz atingisse seus inimigos. Seus corpos espelhados brilharam como tochas de puro fogo branco, em seguida, explodiram e se espalharam no ar. Desta vez, eles não se reformaram.

Ayleth, tropeçando no chão, girou e se lançou contra um dos homens que segurava Terry. Ela teve que discernir que tipo de sombra este homem estava usando que poderia multiplicar seu hospedeiro à vontade. Ela nunca encontrou nada parecido com este poder, e não sabia que veneno usar. Ela arrancou o homem da cintura de Terry, e Terry se dobrou, puxando o homem de costas por cima da cabeça e caindo no chão. Mais uma vez, o corpo não fez nenhum som ao golpeá-lo, apenas desapareceu em uma nuvem de vapores escuros.

Terry, esfregando seu pescoço, murmurou para Ayleth: — Segure-o! — Sua mão moveu-se para as aljavas de venenos em seu peito.

Ayleth torceu os braços do homem para trás, forçando-o a se ajoelhar. Ela pressionou um pé na parte inferior de suas costas para que ele não pudesse se

mover. Terryn tirou um dardo de sua aljava, caminhou em direção ao homem e o cravou em seu pescoço.

O homem cedeu e desapareceu, escapando das garras de Ayleth. O dardo caiu inutilmente no chão.

— Não, não, não! — Ayleth limpou os vapores, mas não adiantou. Ela se virou para um lado e para o outro, esperando que o homem reaparecesse a qualquer momento, ou vários dele ao mesmo tempo. Mas não veio nada. O quarto estava vazio.

— O que é que foi isso? — Ayleth exigiu em um sussurro urgente, voltando-se para Terryn. Então ela engasgou, seus olhos se arregalando ainda mais. A luz ainda pulsava nas veias de seus braços, crescendo mais rápido e mais brilhante com cada batida de seu coração. Sua sombra estava subindo, muito rápido, muito rápido! Se ele não fizesse nada, isso certamente arrancaria sua alma de seu corpo e assumiria plena ascensão.

Ayleth viu sua mão direita alcançar a ponta de ferro em sua braçadeira esquerda. — Não! — ela gritou. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele. — Você vai precisar dos poderes da sua sombra! Não a suprima agora!

Seus olhos pareciam vibrar em suas órbitas com a intensidade da dor e do poder percorrendo-o. Quando ele os fechou, mais luz brilhou através das pálpebras. Ele curvou a cabeça, lutando contra a magia crescente dentro, seus lábios torcidos para trás de seus dentes cerrados.

Ayleth estendeu a mão para o cinto, tirando os cachimbos Vocos da bainha e apertou-os em sua mão. — Use-o. — ela insistiu.

Suas mãos tremiam tanto que ela temeu que ele deixasse cair o instrumento. As primeiras notas da canção do feitiço Supressão racharam e se arrastaram enquanto ele tocava, mas ele encontrou a variação e conseguiu passar por vários compassos. A princípio, nada pareceu acontecer, e Ayleth

temeu que a ponta de ferro fosse necessária, afinal. Mas Terryn era um mestre em sua flauta, ela nunca conheceu ninguém igual a ele. Ele mudou de variação em variação, suave e sem costura, apesar da dor que ele deveria estar sentindo.

Lentamente, o poder dentro dele diminuiu, ainda potente, mas não mais à beira de se libertar. Ayleth observou o que aconteceu com uma fascinação horrorizada. Ela nunca tinha visto uma sombra tão poderosa contida e controlada dentro de um corpo mortal antes.

Nenhum homem, não importa sua força de vontade e convicção, seria capaz de conter tal força por muito tempo. E ainda... e ainda...

— Terryn. — ela disse, assim que ele terminou de resolver as últimas notas do feitiço da música. — Terryn, você tem que deixar sua sombra solta.

Ele tirou o Vocos de seus lábios, respirando com dificuldade. Ele não parecia ter forças nem para olhar para ela.

— Eu sei que é uma heresia dizer isso. — Ela continuou, segurando o braço dele. — Mas... bem, eu sou uma inata. Aparentemente, nasci herege, goste ou não. Não importa mais. — Ela se ajoelhou na frente dele e tentou fazê-lo encontrar seus olhos. Mas ele se virou, sua respiração muito difícil, o suor escorrendo de sua testa pálida. — Você tem que deixar sua sombra solta. — disse ela. — Suprimi-la assim... vai te matar. As próprias supressões, é o que está causando essa dor! Um poder como esse não pode ser contido. Vai rasgar sua alma em pedaços se você continuar tentando segurá-la.

Ele balançou sua cabeça. Ele mal conseguia ficar em pé, muito menos formar qualquer tipo de argumento.

— Escute-me. — Ayleth deslizou a mão pelo braço dele, ao redor do escorpião para tocar seus dedos. Ela hesitou apenas um momento, então agarrou sua mão e apertou. — Por favor. Eu vi o espírito que você carrega. Não acredito que isso vá prejudicá-lo.

— Isso importa? — Terryn ergueu a cabeça com esforço, seus olhos gelados se fixaram nos dela. — Importa o que você acredita?

Ela não conseguiu responder. Na verdade, ela não podia saber com certeza. Continuar suprimindo a sombra iria matá-lo mais cedo ou mais tarde, mas deixá-la solta? Isso pode destruí-lo em um instante. Ela tinha apenas suposições e esperanças, nenhuma base sólida o suficiente para sustentar arriscar a vida de um homem... A vida de Terryn.

Quando sua cabeça caiu para frente, seu olhar caiu sobre o dardo não utilizado. Soltando a mão de Terryn, tentando não notar como seus dedos procuraram agarrar os dela antes de se afastarem completamente, ela agarrou o dardo e o segurou mais perto de seu rosto para inspeção. Foi anunciado com veneno de aparatação.

— Aquele venador com quem acabamos de lutar. — disse ela, olhando intensamente para Terryn. — Ele carregava uma aparatação? Um manipulador de mente? Aquelas imagens que vimos dele eram apenas projeções?

Terryn ficou de pé. Ele respirou fundo mais uma vez em seus pulmões antes de fechar seu Vocos e embainhar o instrumento. — Isso não foi venador.

Ayleth piscou para ele, depois se levantou lentamente de sua posição ajoelhada no chão. — Ele usava um capuz vermelho.

Terryn balançou a cabeça. — Aquele homem não estava entre os evanderianos que chegaram hoje. — Linhas sombrias endureceram sua expressão. — Eu sei quem ele é.

— Quem?

— O Bruxo da Legião.

O estômago de Ayleth embrulhou. Reagindo à emoção de sua anfitriã, Laranta rosnou, confusa, mas pronta para qualquer coisa. Ayleth não tentou acalmá-la. — Scias du Sibb. — ela respirou. — Outro Diabo Carmesim.

Terryn assentiu. Ele arrancou o dardo da mão de Ayleth e o enfiou em seu escorpião, ajustando os mecanismos de disparo.

— Mas ele... ele estava preso. — disse Ayleth. — Não estava? Ele fugiu para além da Grande Barreira durante a Purificação. Ele está preso na Floresta da Bruxa. Ele não poderia escapar a menos... a não ser que...

É claro. A Bruxa Fantasma. Ela poderia evanescer dentro e fora até mesmo do feitiço de barreira mais poderoso. Contanto que ela tivesse uma âncora plantada ao alcance do outro lado. Com Inren mais uma vez ascendente e Fayline suprimida, não havia nada que a impedisse de buscar seus irmãos.

De trazer todos eles para Dunloch.

Terryn observou o rosto de Ayleth, sem dúvida vendo como sua mente percorria as possibilidades e probabilidades, uma após a outra. Ele balançou sua cabeça. — Aquele era o Bruxo da Legião. Devemos presumir que ele e os outros Demônios sobreviventes escaparam de Floresta da Bruxa, e não sabemos quantos deles invadiram o castelo. Eu tenho que...

Sua voz foi sumindo. Mas Ayleth terminou por ele, sabendo o que ele queria dizer. — Você não pode escapar comigo. Você tem que avisar os outros. Você tem que ajudar. — Ajudar aqueles que pretendiam queimá-la viva.

Ela fez uma careta e ergueu o braço de escorpião, colocando o gatilho no modo de disparo.

— Ayleth. — Terryn fechou a distância entre eles, estendendo a mão para ela, mas não exatamente a tocando. — Vá. Saia pela janela, saia daqui. Se

Dunloch foi violado, você poderá escapar durante qualquer luta que vier. Esta é a sua chance.

Ele a chamou pelo nome. Ela não conseguia se lembrar de jamais tê-lo ouvido chamá-la de qualquer coisa além de Venatrix ou di Ferosa antes de agora. Mas ela não era uma di Ferosa. Ela nem era uma venatrix, não mais. Ela era apenas ela mesma. Uma inata, uma abominação. Uma desgraça para a Ordem, para toda a humanidade.

Mas a maneira como ele disse o nome dela... soou como um presente.

Ela sorriu repentina e ferozmente. Ela o pegou pela frente de seu colete, puxou seu rosto para baixo e pressionou seus lábios nos dele. Não foi o mais terno dos momentos, seus narizes colidiram e seus dentes bateram, Ayleth poupou o mais breve arrependimento de nunca ter tido a chance de praticar suas lamentáveis habilidades de beijo com este homem, que este beijo provavelmente seria o último, e que neste momento final ela provavelmente apenas machucou o lábio.

Mas a mão dele subiu para segurar sua bochecha. Um gesto tão gentil em contraste com a aspereza de seu beijo! Sua respiração ficou presa com aquele toque, e por um instante selvagem, ela se esqueceu de bruxas e heresias, esqueceu-se de chamas e venenos. O calor queimava em seu peito e percorria seus membros, e ela só desejava que houvesse tempo: tempo para se perder nesse sentimento ultrajante, tempo para se perder nesses braços fortes e lábios flexíveis, que respondiam ao seu ataque com delicioso interesse.

Ela o empurrou com tanta força que ele cambaleou dois passos para trás. — Encontre o príncipe. — disse ela. — Leve-o para um local seguro. — Arrancando um dardo de suas aljavas, ela o encaixou em seu escorpião. — Vou caçar o Bruxo da Legião.

CAPÍTULO 12

Fendrel pegou Gerard pelo ombro, puxando-o para longe da cama. — Nós devemos ir. Agora. — Ele disse.

Gerard afastou sua mão e em vez disso estendeu a mão para Cerine. Ele passou um braço em volta dos ombros dela, sem falar, simplesmente segurando-a, seu rosto pálido de medo. A própria menina soluçava incontrolavelmente, perdida em sua histeria. O sangue escorria em riachos finos dos cantos de sua boca.

Fendrel olhou para a cena, sua mente executando cálculos rápidos. Gerard não iria deixar a garota, isso era certo. E ela não seria nada além de um risco, fraca demais para correr sozinha, para não mencionar uma portadora de âncoras. A maneira como ela repetia a mesma frase implicava que sua língua não era dela para controlar, não totalmente. Ela estava sob a influência de uma bruxa.

E a âncora de maldição de Inren estava no chão ao lado da cama.

Fendrel a agarrou, segurando-a para capturar a luz do fogo. Havia maneiras de destruir essas coisas, mas nada que ele tivesse prontamente disponível para ele. Ele caminhou até a janela mais próxima e a abriu com tanta força que uma vidraça se estilhaçou. Em seguida, ele atirou a pedra nas águas brilhantes do Loch du Nóiv. Ele quase acreditou ter ouvido o *plop* enquanto ela afundava sob as ondas iluminadas pela lua.

Mas, por melhor que tivesse um braço de arremesso, ele não poderia jogá-la a um quilômetro de distância. A Bruxa Fantasma podia evanescer em qualquer lugar nas proximidades de uma de suas âncoras, os fios de magia

conectavam-nas a ela, sempre puxando-a de volta dos Assombrados, pelos quais ela se movia. Em um piscar de olhos, ela poderia aparecer neste mesmo quarto.

Fendrel girou para longe da janela. Ele tinha que colocar o príncipe em segurança, tinha que levá-lo ao cofre. Mas ele não podia levar a maldita garota também, não sem um risco muito grande. Erguendo o braço de escorpião, ele mirou o dardo envenenado no pescoço exposto da garota, onde ela estava agachada na cama. A Morte Gentil funcionava tão eficazmente em mortais não tomados quanto em mortais tomados pela sombra, e era misericordiosamente rápida. Seu dedo começou a apertar o mecanismo de disparo.

Gerard ergueu os olhos e, com um grito, saltou entre Fendrel e seu alvo. — Se você matá-la, eu vou matar você.

O coração de Fendrel pareceu parar em sua garganta. Ele leu nos olhos de seu sobrinho que Gerard quis dizer o que disse: Ele agiria sem hesitação. Assombrados, droga, era por isso que Evander proibia seus servos de se tornarem vítimas do amor! O amor invariavelmente levava um homem à tolice, à ruína. O amor quebrava o guerreiro mais experiente, transformando-o em nada mais do que uma criança fraca e inútil. Fendrel sabia disso. Ele havia muito tempo atrás endurecido seu coração contra tal sentimento fraco, tal vulnerabilidade. Mas...

Mas ele amava seu sobrinho. E se ele desse o tiro, o tiro que ele sabia que deveria dar, Gerard nunca o perdoaria. Ele tentaria matar Fendrel e, embora não conseguisse, carregaria o ódio pelo tio até o túmulo.

Fendrel abaixou sua arma. Sabendo como ele sabia que já havia perdido a batalha que se aproximava.

— Levante-a. — ele rosnou. Ele atravessou o quarto e pegou Cerine por um braço. — Nós temos que levar você para o cofre. Você e seu pai. Antes que seja tarde.

Gerard acenou com a cabeça sem questionar. Segurando a garota com força pelo outro braço, ele ajudou Fendrel a puxá-la para fora da cama. Ela estava mole em seus braços, mas de alguma forma conseguiu ficar de pé. Gerard envolveu o pescoço dela com o braço, então encontrou o olhar de Fendrel e acenou com a cabeça.

Fendrel respondeu ao aceno com a cabeça e tirou o dardo da Morte Gentil de seu escorpião. Em vez disso, ele usou um veneno Evanescer. Se Inren aparecesse, ele a derrubaria com um único tiro. E Dunloch tinha reforços agora, os quatorze evanderianos que vieram com a Domina Esabel. A Bruxa Fantasma era uma inimiga formidável, mas mesmo que trouxesse Ylaire com ela, certamente elas não poderiam ser páreo para tal força. Não as duas sozinhas.

— Fique atrás de mim. — Fendrel disse, movendo-se rapidamente para a porta. Gerard meio que carregou Cerine atrás dele. Ela soluçava, a cabeça e os ombros tremendo, o rosto curvado. Pelo menos ela parecia estar fazendo algum esforço para abafar o som. Talvez, apesar de sua histeria, ela estivesse um pouco ciente do que acontecia ao seu redor.

Fendrel saiu para a passagem, seu braço direito levantado, escorpião pronto e apoiado em seu braço esquerdo. Gerard se apressou em seus passos, arrastando a garota com ele. Os corredores familiares de Dunloch pareciam repentinamente assombrados, mortais. Na ala leste, no lado oposto da fortaleza, um guarda estava postado do lado de fora da porta protegida por sangue do quarto da bruxa. A maioria dos outros treze venadores e venatrizes estariam no pátio pavimentado na base da torre norte, preparando a pira,

arrumando a lenha e gravetos, enquanto outros ajudavam a Phasmatrix Domina nos preparativos exclusivos necessários para matar uma inata.

Ou eles poderiam já estar mortos. A Bruxa Fantasma se movia rápido.

Sua sombra reagiu ao seu medo. Fendrel sentiu seu poder aumentar como a batida de seu próprio pulso na garganta. Isso ficava satisfeito quando ele estava com medo. O medo ameaçava quebrar sua concentração, permitindo que a sombra tivesse muito mais oportunidade de trabalhar seu caminho através dos feitiços da canção de ligação.

Mas Fendrel tinha longos anos de prática em controlar seu medo. Ele piscou uma vez e com força. Quando suas pálpebras se ergueram, o medo se foi, trancado no canto mais profundo e escuro de sua mente, tão remoto que poderia muito bem nem existir. Sua sombra se contorceu de frustração, mas não pôde fazer mais nada.

A luz da sombra cintilou nos olhos de Fendrel, e ele não via o mundo como pedra e argamassa, coisas da matéria. Em vez disso, a cada passo que dava, ele afundava mais profundamente no reino espiritual, observando a sobreposição de luzes e padrões estranhos no mundo além da percepção mortal. Uma sombra se aproximava. Bem no final do corredor, depois de uma curva. Nem uma sombra que Fendrel reconhecesse, certamente nenhuma daquelas que chegavam os evanderianos.

Uma figura apareceu no final da passagem.

Fendrel deu seu tiro.

O dardo disparou pelo ar e atingiu a cavidade exposta de uma garganta.

Uma voz profunda retumbou em uma risada reverberante: — Oh, Fendrel, Fendrel, meu velho amigo. Você acabou de atirar em mim com um veneno Evanescer? Você deve saber melhor do que atirar sem primeiro ter certeza de seu alvo.

Fendrel engasgou.

Então Inren di Karel não tinha evanescido em Dunloch sozinha.

A risada se transformou em um rosnado, e a luz da sombra cintilou, iluminando momentaneamente um rosto que Fendrel reconheceu. Um rosto bonito e moreno, com maçãs do rosto salientes e longos cabelos negros que caíam soltos sobre os ombros. Salvo pela escuridão de seus olhos, poderia facilmente ter sido confundido com Terryn.

Mas então a boca se torceu em um sorriso feroz e o rosto não se parecia mais com o de Terryn.

— Você e eu, Fendrel, somos velhos amigos. Você deve me chamar de Gillotin, Venador Dominus du Visgarus, de acordo com minha posição.

— Você não é um venador. — Fendrel rosnou. — Você traiu a Ordem de Evander quando se apaixonou pelos venenos e mentiras de Terrível Odile. — Sua mão se moveu lenta e suavemente, indo para o veneno Anathema que carregava no peito. Ele conhecia este homem, conhecia a sombra que carregava. O primeiro dos Demônios Carmesins de Terrível Odile, ele há muito abandonou seu corpo original, mudando de hospedeiro várias vezes ao longo dos séculos do reinado de Odile.

Este anfitrião, esta bela figura, de ombros largos e ainda forte, apesar de seus anos de cativo na Floresta da Bruxa, seria seu último.

— Essa é uma maneira de ver as coisas. — O Bruxo Cadáver sorriu. — Pode-se dizer com a mesma facilidade que o velho Evander traiu a humanidade quando iniciou a matança de inocentes e chamou isso de vontade da Deusa. — Ele inclinou a cabeça ao mesmo tempo em que erguia as duas mãos, uma segurando uma adaga. Ele cortou um longo corte em sua palma cicatrizada. — Gosto mais da minha interpretação.

— ABAIXE_SE! — Fendrel rugiu e se jogou de volta em Gerard e Cerine. Nem um pouco cedo, o Bruxo Cadáver lançou um respingo de sangue e, com ele, uma explosão de magia Anathema que cortou logo acima de suas cabeças. Os raios da maldição atingiram as paredes de pedra da passagem, deixando sulcos profundos. Poeira e destroços choveram sobre suas cabeças.

Fendrel se sacudiu e se levantou de um salto. Ele não parou para checar Gerard e a garota. Ele só podia esperar que eles tivessem evitado a explosão quando ele os derrubou. A figura escura caminhou em direção a ele pela passagem, sua sombra chicoteando das profundezas de sua alma em um clarão de Anathema ardente.

— Vá para o cofre! — Fendrel gritou por cima do ombro. Com consciência periférica, ele acreditou ter sentido Gerard se levantando, puxando Cerine junto com ele. — Vá, vá! — ele pediu. Ele tinha que confiar no menino para recuar pelo corredor, para contornar a escada dos criados.

Cadáver riu de novo. — Não vá, príncipezinho brilhante! Precisamos de você e daquele seu sangue excelente.

O coração de Fendrel parou. Eles sabiam. Eles sabiam o que estava escondido nas profundezas da Fortaleza Dunloch. Eles sabiam, e...

Com o rugido de um guerreiro, Fendrel sacou sua adaga, abriu a palma da mão e lançou uma mancha de sangue fresco em um arco semelhante a uma foice. Com ele voou uma maldição, uma maldição mortal que poderia rasgar um corpo em pedaços. Ele não se importava naquele momento se ele causaria uma morte violenta. Ele deveria matar este homem. Ele deveria detê-lo agora, antes que um único momento mais se passasse. Sua maldição foi lançada pela passagem.

Cadáver ergueu a mão, já com mais dois cortes novos. O poder de sua sombra Anathema explodiu do centro de sua palma, bloqueando a

explosão de Fendrel. A magia frustrada explodiu para cada lado, rasgando as paredes. Partes do teto caíram, chovendo pedra e gesso.

Fendrel apertou sua mão para trazer mais sangue e se preparou para lançar outro raio. Mas a outra mão do Cadáver já estava levantada, e sua maldição voou rápido, como uma flecha disparada do arco. Acertou Fendrel no braço que segurava sua adaga.

— Peguei! — O Cadáver sorriu. Ele fechou a mão em punho, e Fendrel sentiu todo o controle, todo o domínio de seu membro desaparecer. Já não pertencia a ele.

Cadáver torceu o pulso, e o braço de Fendrel dobrou. Sua adaga acertou seu rosto. Ele só foi rápido o suficiente para erguer o braço esquerdo e segurar o próprio pulso, esticando-se. O Bruxo Cadáver se aproximou, sua risada profunda enquanto reverberava naquele peito largo. Ele sorriu como um demônio, torceu o pulso e manipulou os fios de poder fluindo de seu sangue para Fendrel. Ele tentou outro ângulo, tentando agora fazer com que Fendrel se apunhalasse na garganta. Fendrel apenas se defendeu. Ele recuou contra a parede.

— É tarde demais, meu velho amigo. — O Cadáver cerrou o punho e apertou. Então ele torceu novamente, torcendo a adaga de modo que quase escorregou das mãos de Fendrel. — Já estamos dentro. Você não pode nos parar agora.

Fendrel rangeu os dentes quando seu braço rebelde puxou para trás e então bateu novamente, a ponta de sua lâmina rasgando sua carne.

CAPÍTULO 13

Primeiro, uma estaca foi erguida e presa no centro das pedras do pavimento no pátio dos fundos com vista para o lago. Em seguida, seis capuzes vermelhos, homens e mulheres, trabalharam juntos para montar o enorme monte de madeira e gravetos necessários para uma pira de execução. Foi um trabalho árduo, e o sol já havia se posto antes que as pilhas de combustível subissem o suficiente.

Kephan se separou de seus irmãos. Ele se encostou em um muro de contenção perto da base da torre e os observou trabalhando. Venator du Harsent lançou-lhe olhares feios, e Venatrix di Javis perguntou se ele estava com muito medo de quebrar as unhas para oferecer ajuda, sua voz pingando sarcasmo.

Kephan não respondeu. Ele também não fez nenhum movimento para ajudar. Ele observou a pira subir, e seu coração batia forte na garganta como se observasse seu próprio andaime sendo erguido.

O movimento atraiu sua atenção. Kephan ergueu os olhos para ver Domina Esabel e seus dois venadores presentes se aproximarem dos degraus de pedra que levavam ao pátio. O capuz branco da Domina brilhava brilhante e espectral à luz da lua. Ela avistou Kephan onde ele estava, e uma sobrancelha deslizou por sua testa enrugada.

— Kephan, Venador du Tam. — disse ela, e acenou com a cabeça para onde os outros evanderianos trabalhavam. — Você não se junta a seus irmãos em seus trabalhos?

— Não tenho estômago para isso. — respondeu Kephan ao mesmo tempo que fazia uma saudação respeitosa.

O rosto da Domina se contraiu. — Nenhum de nós aprecia a tarefa a ser cumprida. Mas quando almas estão em perigo, devemos nos elevar acima e fazer a boa obra para a qual somos chamados.

— Queimar viva a jovem que salvou minha vida? — O peito de Kephan se apertou e ele se virou, olhou novamente para aquela estaca. — Eu não sei se eu chamaria isso de um bom trabalho, minha Domina.

Kephan sentiu o olhar de Esabel ao lado de seu rosto, estudando o padrão de cicatrizes em sua bochecha. — Você não se importa com o bem eterno da alma de sua irmã caçadora? — ela disse, sua voz suave e sedosa e perigosa. — Talvez, Venador du Tam, você esteja mais comprometido do que percebemos a princípio. Devemos rever o seu caso quando o trabalho de amanhã estiver concluído.

Dizendo isso, ela desceu até a pira. Seus dois companheiros lançaram olhares inquietos a Kephan enquanto a seguiam. Kephan cruzou os braços e se encostou na parede. Ele ouviu a Domina chamar Venatrix di Javis, mas ele não conseguia distinguir suas palavras através do rugido em suas têmporas.

De repente, ele percebeu que o dia estava próximo, o dia em que seu serviço na Ordem de Santo Evander terminaria.

Ele fez uma careta e engoliu em seco. — Não fique surpreso, meu velho. — Ele murmurou para si mesmo, sua voz repreendendo. — Você sabia que isso iria acontecer eventualmente.

Ele sabia há muito tempo que um dia enfrentaria uma tarefa hedionda demais, que um dia seria solicitado, em nome da Deusa, a cometer um ato que nenhum homem de consciência jamais poderia. E esse seria o dia em que ele morreria. Ele acreditava que o dia havia chegado vários meses atrás, quando

chegou a notícia do castra confirmando os testes de Nane e ordenando a morte da pequena Nilly du Bucheron. Kephan acreditava honestamente que morreria lutando com Nane. De todas as pessoas! Nane, que era seu coração, mas que servia à Ordem com determinação inabalável.

Mas as circunstâncias se organizaram de tal maneira que Kephan viveu e Nane morreu. Um fato pelo qual Kephan nunca poderia se perdoar. Ele abaixou a cabeça. A luz das tochas tremeluziu em vermelho nas pedras do pavimento sob seus pés, dançando ao redor das bordas de sua sombra.

— Pelo menos a criança sobreviveu. — Ele sussurrou.

Ayleth não teria tanta sorte. Ela estava condenada. Qualquer que fosse a última resistência que ele escolhesse, ele o faria sozinho. Ele lutaria contra seus irmãos para salvar a jovem venatrix, uma garota que ele mal conhecia. Ele tinha esperança de encontrar um aliado em Terryn; ele esperava que as semanas em que Terryn serviu ao lado de Ayleth tivessem amolecido seu coração gelado, ensinado-lhe um pouco de compaixão. Mas Terryn foi cuidadosamente moldado por Fendrel ao longo dos anos. Ele não poderia quebrar esse molde agora.

— Então você vai fazer isso sozinho. — Ele murmurou. — E eles vão te matar, e eles vão te condenar pelo que você fizer. E então eles vão queimar a garota apesar de tudo. Que idiota você é, Kephan!

Não importa. Ele faria isso de qualquer maneira.

— Vejo você em breve então, Nane. — ele sussurrou, as palavras quase inaudíveis na noite. Mas embora seu coração tremesse, sua resolução se firmou.

A tocha mais próxima dele estalou repentinamente, cuspidando faíscas. Kephan olhou para cima e viu as chamas chicotear novamente, assobiando com raiva enquanto gotas de chuva caíam. Franzindo a testa,

Kephan olhou para o céu, que estava claro e cheio de luar há apenas alguns momentos. O trovão rosnou ao longe. Uma tempestade chegava rapidamente, se formando no lago e se acumulando no céu acima de Dunloch.

Outra gota caiu na bochecha de Kephan. Ele gritou assustado. Queimou! Era realmente a chuva que ele sentiu ou uma faísca da tocha?

Outra gota caiu. Alguém gritou. Alguém amaldiçoou.

Então os céus se abriram.

Uma dor ardente e lancinante caiu sobre o rosto de Kephan, suas mãos. Ele gritou e puxou o capuz sobre a cabeça, envolvendo a capa firmemente em torno de si. Era alguma proteção, mas ele sentiu um calor ardente enquanto o tecido queimava.

Gritos irromperam lá embaixo enquanto as tochas se apagavam uma por uma. Sombras frenéticas se moveram, então passos soaram nas escadas enquanto os venadores fugiam da tempestade. Uma voz se elevou acima das demais, quase irreconhecível em sua dor. Embora seus pés girassem para correr para o abrigo do castelo, Kephan se virou sem querer, olhando de volta para o pátio. Domina Isabel estava prostrada, retorcendo-se e contorcendo-se nas pedras, com o capuz e o manto arrancados.

— Assombrados, maldito! — Kephan rosnou e correu atrás dela. Sua capa ainda oferecia algum escudo, pelo menos, mas quando ele estendeu as mãos para agarrar a domina, a chuva queimou em sua pele, queimando até os ossos. Com o resto da luz da tocha, ele viu seu rosto mutilado. Algo líquido escorreu de suas órbitas oculares e ele não teve coragem de olhar mais de perto.

Erguendo-a com um braço em volta do ombro, Kephan meio carregou, meio arrastou a mulher escada acima. A porta da fortaleza ainda estava aberta e ele mergulhou para dentro, deixando cair a domina em uma pilha de

membros. Ele arrancou a capa e o capuz encharcados, jogando-os fora. Com os olhos arregalados e selvagens, ele viu Venatrix di Jarvis por perto, junto com alguns dos outros. Quantos? Ele não tinha certeza. Nem todos eles.

— Ajude ela! — ele rosnou para di Jarvis, que, estremecendo, saltou para o lado da domina e começou a rasgar suas vestes externas, tentando poupá-la de mais queimaduras. À luz do lampião mais próximo, Kephan viu a pele pálida de Esabel derreter e enegrecer em grandes manchas. Ela quase não era mais reconhecível.

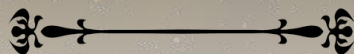
Ele se virou para olhar pela porta. A chuva já estava se dissipando, mas o ataque não havia terminado. Algo mais rolou sobre a superfície do lago, uma enorme parede de névoa. Ela se derramou direto através da barreira de feitiços e enxameou até as costas da ilha.

Kephan rosnou uma maldição cruel e arremessou a mão apenas o suficiente para agarrar a maçaneta da porta e fechá-la, batendo com força. Isso deveria ajudar, embora os selos não sejam seguros o suficiente para evitar que a névoa se espalhe pelas bordas, espalhando um veneno sutil.

Ele sabia de quem era esse trabalho. — O Bruxo da Tempestade. — Ele sibilou. — Ele escapou de Floresta da Bruxa. E quantos outros com ele?

Não houve tempo para decifrar, não houve tempo para hesitação. Kephan se virou para Venatrix di Jarvis, Venador du Harsent e os outros ali na passagem com ele, todos tossindo, arfando e se contorcendo de dor. Seu próprio corpo gritava por causa de inúmeras pequenas feridas, mas ele se endireitou e tirou seu escorpião do coldre.

— Di Jarvis. — Ele latiu. — Fique com a domina. Mantenha-a segura. Du Harsent, você está comigo. Precisamos chegar ao rei.



Guardin du Glaive caminhava pelo quarto com passos rápidos. Ele cruzou na frente da escrivaninha que havia sido trazida de um escritório para sua câmara privada, que agora estava amontoadada com vários volumes abertos, muitos com páginas meio rasgadas. Ele não suportava olhar naquela direção, entretanto, então ele caminhou de sua lareira, onde uma chama brilhante brilhava, de volta para a janela que dava para o pátio de pedra e a margem do lago abaixo.

Cada vez que ele ia até a janela, ele parava novamente para inspecionar o progresso que estava sendo feito. Os evanderianos foram rápidos e eficientes, uma estaca estava de pé, com combustível suficiente para queimar pelo menos três corpos adultos. Óleo de lamparina foi adicionado aos gravetos para que acendesse rapidamente, flamejando alto e rápido. Nenhuma chance para a acusada morrer por asfixia antes que o próprio fogo fizesse seu trabalho de limpeza.

O olhar de Guardin se ergueu da pira para o lago e além para o horizonte. Uma tempestade estava se aproximando. Será que uma chuva forte encharcaria a madeira demais para que o fogo fosse atingido? Ele esperava que não. Ele esperava que as nuvens passassem, não interferindo no trabalho a ser feito.

Oh, Deusa lá em cima, o amanhecer nunca viria?

Seu coração estremeceu no peito e todo o seu corpo estremeceu. Ele se afastou da janela novamente, andando de volta através do quarto até sua porta. Lá ele parou e ouviu. Gerard não havia retornado, graças à graça da Deusa. Ele não suportava falar com o filho. Agora não. Não até que fosse

feito. Não até que ele soubesse que ela havia partido deste mundo e que tudo estava seguro mais uma vez.

Ela deveria morrer. O cumprimento da profecia deveria ser protegido. A todo custo.

Um grito ecoou na margem do lago.

Guardin se voltou para sua janela. Sua sobrancelha se franziu com um nó. Acelerando o passo, ele voltou correndo para abrir a janela e olhou para o quintal. Ao som de chuva caindo, ele praguejou. Afinal, a tempestade havia chegado. Ele deveria orar para que passasse rapidamente, que não encharcasse os gravetos...

Uma gota atingiu sua mão. Ele gritou e recuou. Seus olhos se arregalaram enquanto ele olhava para a pele nas costas de sua mão, que escurecia e borbulhava diante de seus olhos. A surpresa e a dor cresceram dentro dele com tanta força que ele não conseguia nem pensar.

Gritos, indistintos, mas cheios de terror, chegaram a seus ouvidos. Ele pensou ter ouvido a voz formidável da Phasmatrix Domina... mas então sua voz se transformou de gritos de comando em gritos. Guardin ficou paralisado em sua janela, a mão ferida agarrada ao peito. Ele tentou entender o caos, tentou entender as sombras selvagens lançadas pelas tochas crepitantes, que apagavam uma após a outra. Esta não era uma tempestade natural. Isso era...

— Não. — Guardin murmurou. Ele se afastou da janela. — Não pode ser!

Fendrel. Fendrel deveria ser informado. Ele deveria encontrar e avisar Fendrel.

Não! Não, em primeiro lugar, ele deveria chegar ao cofre. Nem mesmo a Bruxa Fantasma poderia evanescer através das alas. Ele deveria ir imediatamente.

— Gerard. — Ele sussurrou. E quanto ao filho dele?

Ele hesitou com a mão na maçaneta da porta. Todo o seu treinamento de guerreiro se reduziu a nada em face desse terror. Ele sabia o que significava a tempestade lá fora. Ele sabia quem tinha vindo para Dunloch, quem de alguma forma havia violado as barreiras. E se um deles conseguiu, os outros também.

Ele não poderia lutar contra tais inimigos. Ele não tinha armas para detê-los. Ele deveria chegar ao cofre, confiar em Fendrel para encontrar Gerard, e...

— Indo a algum lugar, lindo rei?

Guardin girou e observou a fenda nos mundos se abrir diante de seus olhos. A Bruxa Fantasma, vestindo o corpo bem torneado e quase nu da jovem Liselle di Marin, entrou em seu quarto através da escuridão rodopiante.

CAPÍTULO 14

O estrondo de maldições na ala oeste reverberou pelos corredores de pedra.

Terryn parou derrapando assim que alcançou a galeria aberta que dava para o salão de entrada. Suas mãos agarraram o corrimão da altura da cintura para se apoiar, e a luz da sombra faiscou em seus olhos. A aura sangrenta da magia Anathema dançou diante de sua visão, irradiando de uma das passagens ao longo do salão.

— Fendrel. — Ele sussurrou. Certamente deveria ser Fendrel usando seu poder de sombra. Mas em quem? Por mais que pudesse forçar seu olhar, Terryn não podia detectar o número de almas sombrias presentes, não a esta distância. Ele precisaria invocar mais poderes de sua sombra, e isso ele não ousava fazer.

Sons arrancados em sua audição mortal, guardas gritando uns com os outros, o tilintar de armadura e o tilintar brilhante de lâminas. Havia gritos também, gritos de dor, mais distantes, como se viessem dos fundos do castelo. Os homens e mulheres não tomados de Dunloch estavam tentando lutar contra as bruxas? Tolos! Mesmo se um deles de alguma forma conseguisse desferir um golpe mortal, a violência da morte apenas impulsionaria o espírito das sombras residente em um novo hospedeiro.

Terryn hesitou. Ele queria descer correndo as escadas, correr para ajudar aqueles indefesos não tomados. Mas não. Ele tinha que encontrar Gerard.

Amaldiçoando, ele se impulsionou a se mover, correu ao longo da galeria e dirigiu-se a uma porta que dava para a passagem de um criado na parede. Ele

irrompeu pela porta, quase trombando com um grupo de serventes aterrorizadas. Elas gritaram e cobriram o rosto, mas ele passou por elas e correu pelo corredor, muitas vezes obrigado a virar os ombros em um ângulo estranho, tão perto que as paredes pressionavam de ambos os lados.

Ele dobrou uma esquina e bateu em outro corpo obstruindo seu progresso. A pessoa caiu para trás com um grito, cega na escuridão quase completa da passagem à noite. Mas Terry, olhando com visão sombria, viu seu rosto. — Gerard!

— Terry, é você? — A voz de Gerard, tensa de terror, alcançou Terry como um homem que busca uma última tábua de salvação. — Fendrel está em apuros! Ele está segurando uma sombra na passagem do lado de fora. Não Inren. Não sei quem é, mas ele usava um capuz vermelho! Os evanderianos se voltaram contra nós?

Terry balançou a cabeça, não querendo perder tempo para explicar. — Fendrel pode cuidar de si mesmo. Precisamos colocá-lo em segurança. Isso é tudo que importa. — Ele pegou a mão estendida de Gerard, puxando-o para cima. Só então ele viu que o príncipe não estava sozinho. — Senhora Cerine? — Terry ofegou, surpreso demais para acreditar no que viu.

Ela não respondeu. Sua alma, visível a seus olhos sombreados, vibrava como a corda de um alaúde, cantarolando com uma única nota contínua de puro medo. E havia mais além. Em volta daquele espírito que zumbia, algo a feria, algo constrangedor e sombrio, como os tentáculos de uma planta negra e venenosa.

Ela estava sob uma compulsão.

Terry agarrou o braço de Gerard com mais força e puxou, arrastando-o dolorosamente pelo espaço muito apertado da passagem dos criados até que

ele ficou do outro lado de Terry, longe de Cerine. — Terry, não! — Gerard protestou.

— Ela não pode vir conosco. — Terry disse sombriamente. Ele ergueu a mão. Em suas veias, pura luz branca queimava, aumentando em pressão e poder. Ele não o soltou, ainda não. Ele não desejava machucar a senhora. — Ela está amaldiçoada.

— Por favor, Terry. — Gerard persistiu. Ele puxou o braço de Terry. — Não é culpa dela.

— Não importa. A maldição está ativa. Ela pode se voltar contra você a qualquer momento.

— Como você poderia!

Terry sacudiu a cabeça para ver os olhos do príncipe, que eram rodeados de branco enquanto se esforçavam para percebê-lo nas sombras. — Ela não tem mais probabilidade de se voltar contra mim do que você. E ela é muito menos perigosa.

Terry não conseguiu responder. Sua garganta parecia fechar com todas as palavras.

— Eu não vou deixá-la. — Gerard deu um passo mais perto de Terry, seus dentes à mostra em um rosnado feroz. — Não vou deixá-la, Terry.

Por três terríveis batidas de coração, nenhum dos dois se moveu, nem falou. Mas não havia tempo para demorar, não havia tempo para discutir. O príncipe precisava ser protegido.

— Tudo bem. — disse ele. — Venha. — Ele estendeu a mão e segurou o cotovelo de Cerine. Ela não fez nenhum protesto, nenhum som; ela mal parecia respirar. Ele a puxou para mais perto, então deu a volta para assumir a liderança na frente de Gerard, deixando o príncipe colocar o braço em volta

dos ombros de Cerine. — Fique atrás de mim. — disse ele. — Siga perto e não perca tempo. Ela consegue acompanhar o ritmo?

— Ela vai. — Gerard respondeu severamente.

— Dunloch foi violado. — Terryyn disse enquanto caminhavam ao longo da passagem escura, de volta à porta pela qual ele havia entrado. Ele contornou a porta, fechando-a silenciosamente enquanto eles avançavam, e liderou o caminho até a escada em espiral, que os levava até o andar térreo. Eles tinham que ir para a galeria de retratos. Embora nunca tivesse visto, Fendrel disse a Terryyn que havia um cofre ali, uma sala segura com proteções de sangue que poderia proteger o príncipe ou outros de seu sangue. — Eu não sei quantas bruxas estão aqui. — Ele continuou. — Eu vi uma pelo menos, mas Inren deve ter trazido outras pessoas com ela quando ela evanesceu.

Ele não poderia dizer mais. Mesmo que ele ousasse correr o risco de ser ouvido enquanto eles se arrastavam pela passagem, ele não queria dar voz aos seus próprios medos. Mas a verdade não podia ser negada: se a bruxa fantasma tinha vindo para Dunloch, ela sem dúvida trouxe Ylaire com ela. A Bruxa do Ardor. Cujo sigilo ainda marcava a alma de Terryyn, abaixo das cicatrizes feias em sua bochecha.

Não importava. Uma vez que ele levasse Gerard para o cofre, nada disso importaria. Mesmo que a Bruxa do Ardor o encontrasse e o quebrasse osso por osso, se Gerard estivesse seguro, seu trabalho estaria feito. E Ayleth...

Não, ele não pensaria nela. Nem mesmo com a queimação de seu beijo áspero quente em seus lábios. Ele deveria limpar todos os pensamentos sobre ela de sua mente. Ela poderia cuidar de si mesma. Ela sempre fez. Ela sempre faria.

Eles chegaram ao fim da escada em espiral. A porta estava aberta. Outros haviam fugido não muito antes, as criadas que Terryyn encontrara antes,

talvez. Ele olhou para fora, seu escorpião erguido e pronto. Os gritos dos guardas pareciam próximos demais, mas não havia ninguém à vista. Seus sentidos de sombra discerniram mais explosões de magia Anathema no andar de cima, e possivelmente outras perturbações de sombra, menos distintas e mais distantes. Mas aqui o caminho parecia bastante claro. Espreitando à frente com visão de sombra, ele não viu nenhum traço de almas de sombra através das paredes.

— Venha. — disse ele e saiu da passagem para uma sala de armazenamento. Eles ainda estavam nos aposentos dos criados do castelo, mas não muito longe da galeria de retratos. Terryn liderou o caminho, seu escorpião estendido diante dele, armado com a Morte Gentil.

Rastejando como ladrões na noite, os três saíram em um suntuoso corredor de mármore. À esquerda estava a galeria de retratos. Terryn acenou com um aceno rápido e deu um passo leve e rápido em direção à galeria.

— Espere! — A voz de Gerard era um suspiro tenso.

O som enviou um arrepio de horror à espinha de Terryn. Ele girou e viu Gerard tropeçar enquanto tentava agarrar e apoiar Cerine. Ela caiu com força, pousando sobre as mãos e os joelhos, a cabeça inclinada e tremendo. Algo em sua alma trêmula se acendeu repentina e brilhantemente, cegando a visão sombria de Terryn.

Magia anathema. Ondulou através de sua alma, rolando de um sigilo implantado em sua bochecha, e oprimiu seu corpo físico. Ela gritou e caiu de cara quando seus ossos se quebraram. As espinhas se projetaram em suas costas, rasgando seu vestido, pingando sangue.

— Cerine! — Gerard caiu de joelhos ao lado dela. Ele agarrou seus braços com mãos indefesas como se pudesse de alguma forma mantê-la unida. — Deusa, não!

Terryn avançou. Ele só teve tempo de agarrar o pulso dela quando o braço dela balançou em um arco. Um instante mais lento, e as garras de navalha rasgando as pontas de seus dedos teriam cortado a garganta de Gerard. Terryn se retorceu com força e caiu, com o braço dolorosamente dobrado atrás dela. Mas, mesmo quando ela caiu, o resto de seu corpo se dobrou, quebrou. Sua mandíbula se desequilibrou e seu grito tornou-se um rugido.

Puxando o braço para trás, Terryn deu um soco forte em seu rosto, derrubando-a. Ela caiu em um feixe de membros mutantes, engasgando com sua própria voz horrível. Terryn saltou para trás e empurrou Gerard atrás dele. Ele levantou seu escorpião.

Com um grito sem palavras, Gerard agarrou o braço de Terryn e puxou. Sua pontaria foi ampla; a Morte Gentil voou por cima do ombro disforme de Cerine e atingiu a parede oposta.

Os olhos de Terryn brilharam para o rosto de Gerard. O príncipe não disse uma palavra, mas seu rosto falava muito, ameaças de violência e morte.

Com o canto do olho, Terryn viu Cerine se recompondo, já recuperada do golpe que recebera. Ela navegou pelo ar, e Terryn apenas teve presença de espírito o suficiente para colocar um pé atrás das pernas de Gerard e derrubá-lo de costas. Cerine voou sobre o príncipe e caiu de quatro vários metros além. Ela virou seu rosto horrível e sibilou. Uma língua comprida e púrpura se projetava através de uma gaiola de dentes.

Mas, por mais distorcida que fosse, ela não era nem grande nem forte.

Terryn praguejou de novo, desejando em vão ter um pouco da força aumentada de Ayleth naquele momento.

Cerine saltou. Ela mirou em Gerard, não em Terryn, impulsionada pela compulsão da maldição. Suas mãos como garras rasgaram o rosto do príncipe,

mas Terryn agarrou seu pescoço e uma das espinhas de suas costas, girou-a e a esmagou contra a parede, deixando-a sem fôlego. Ela desabou, um lamentável feixe de membros e ossos.

Antes que Terryn pudesse recuperar o fôlego, ela se levantou novamente, atacando. Terryn levantou um braço. Suas garras de navalha rasgaram o couro de sua braçadeira e arranharam a pele por baixo. A força do impulso dela o derrubou. Ele caiu com força com ela em cima dele, babando, furiosa. A espuma voou de sua mandíbula desequilibrada; sangue escorria dos dentes selvagens que rasgaram suas gengivas. Sua longa língua chicoteou em seu rosto, e suas mãos procuraram sua garganta. Ele esmurrou seu rosto uma e outra vez, mas ela não caiu.

De repente, a pressão diminuiu de seu peito. Terryn tossiu, engasgou e se apoiou nos cotovelos, sua visão nadando. Ele balançou a cabeça e viu Gerard parado com Cerine na frente dele. Um braço envolveu seu pescoço enquanto o outro segurou a parte de trás de sua cabeça, prendendo-a no lugar. Ela se contorceu, mas ele angulou seu corpo para que suas espinhas não pudessem rasgar seu torso. Suas mãos chicotearam o ar descontroladamente, mas nunca o atingiram... como se ela ainda tivesse uma pequena medida de controle, como se ela lutasse contra a compulsão da maldição que a conduzia a matá-lo.

Terryn viu os lábios de Gerard se movendo, mas ele não pôde ouvir o que quer que ele disse sobre a selvagem baba de Cerine e sua luta por ar. Então seus olhos rolaram para trás. O corpo monstruoso caiu inerte nos braços de Gerard. Terryn observou a fúria da magia Anathema em sua alma desaparecer enquanto ela ficava inconsciente.

Gerard soltou seu pescoço e com ternura ergueu seu corpo horrível em seus braços, embalando-a como uma criança.

Terryn se levantou com dificuldade, respirando pesadamente. — Gerard. — ele disse. — Não podemos levá-la.

O príncipe ergueu os olhos para ele. Um longo corte desceu ao lado de seu rosto, escorrendo sangue. Seus olhos estavam vazios de medo, mas uma faísca de desafio brilhou em suas profundezas.

— Você tem que colocá-la no chão, Gerard. — Terryn disse. — Ela ainda está amaldiçoada, e ela vai...

Nas sombras além do príncipe, uma figura saiu de trás de um pilar entre eles e a porta da galeria de retratos, um homem alto vestindo o uniforme da guarda do príncipe.

Terryn imediatamente saltou para se colocar na frente de Gerard e Cerine, entre eles e o estranho. Ele acertou outro dardo da Morte Gentil em seu escorpião, endireitou os ombros e apontou sua arma para o coração do homem. Sua visão de sombra saltou e girou, lutando para discernir um traço de sombra. Mas a alma do homem estava de alguma forma... confusa. Borrada.

— Declare-se! — Terryn gritou.

— Oh, meu doce bichinho de estimação. — O homem disse, sua boca dura se abrindo em um sorriso enorme e selvagem. — Você não me reconhece neste corpo? Eu precisava de algo mais forte do que aquela velha sacerdotisa, embora nunca tenha gostado de usar uma forma masculina.

Toda a vida parecia sair do corpo de Terryn. Seus pulmões se contraíram, incapazes de respirar. Então, com um espasmo e rugido, ele avistou seu escorpião, apertou o gatilho...

E no último momento apontou para cima, atirando o dardo envenenado diretamente no teto.

O homem ergueu a mão ensanguentada cerrada em um punho apertado de controle. — Isso mesmo, querido. — A Bruxa do Ardor falou através da boca roubada. — Você não quer me machucar, quer?

CAPÍTULO 15

O ar noturno em torno do Castelo Dunloch estava cheio de uma tensão inexplicável.

A amazona solitária caminhando pelos jardins do parque de Dunloch em direção à fortaleza da ilha sentiu aquela tensão em seus ossos, em sua alma. Cautelosa, ela puxou as rédeas de seu cavalo quando avistou as torres do castelo e tirou um conjunto de tubos Vocos de sua bainha em seu cinto. Algumas linhas de música estranha depois, a luz da sombra brilhou em seus olhos.

Ela entrou em colapso e recolocou os tubos na bainha. — Continue andando. — Ela murmurou para sua montaria e continuou descendo a estrada por entre as árvores. O que quer que estivesse esperando no final desta estrada, era melhor cavalgar e enfrentá-lo, não ficar indecisa aqui no meio da noite.

Depois de mais alguns passos, o zumbido de um feitiço de música barreira picou em sua mente.

Ela puxou o cavalo e parou novamente, sua sobrancelha se contraindo. Isso foi inesperado. Um feitiço de barreira? Aqui? Em torno do castelo? Ela sabia da Grande Barreira a não muitos quilômetros daqui, prendendo a Floresta da Bruxa... mas o que poderia ter motivado um venador a levantar uma defesa tão forte em torno de Dunloch nesta época de paz?

— O que ela fez? — a amazona sussurrou.

Ela esporeou os flancos de seu cavalo, incitando-o a um trote, depois a um galope, avançando rapidamente pela estrada até a ponte do castelo ficar à vista. O enorme portão apareceu, ameaçador ao luar. A luz das tochas cintilou

dentro das torres do flanco, mas ela não viu nenhum sinal de guardas de serviço.

Definitivamente, algo não estava certo aqui.

O feitiço da música de barreira brilhava em sua visão sombria, uma complexa trama de força mágica. Magia arcana, ela pensou, misturada com fios de Anathema. Alcançando as percepções de sua própria sombra, ela tocou a teia, testando sua qualidade. Sua boca se transformou em uma carranca mais profunda. Havia magia familiar aqui. Uma tecelagem de tal complexidade, de tal densidade, poderia ser obra de apenas um homem. Um venador poderoso...

Então ele estava aqui. Em Dunloch.

Portanto, ele já deveria saber o que ela fez.

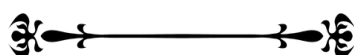
Então. Mais ou menos...

O que ele pensou quando percebeu a verdade? Que ação ele tomou em resposta? Os anos suavizaram sua dura determinação? Ele tinha aprendido a ver a razão além de seu fanatismo fixado? Ele percebeu sua intenção?

Ou ele já havia matado sua Ayleth?

Com um movimento de sua capa, a amazona desceu do cavalo e se preparou para o feitiço. Cada barreira tinha seus pontos fracos, e os evanderianos eram treinados para encontrar esses pontos, para usá-los de acordo com a necessidade. Seus olhos rápidos, brilhantes com a sombra da luz, estudaram a complexa tecelagem e encontraram um lugar onde ela havia sido aberta recentemente.

Ela levou seu Vocos aos lábios e começou a tocar. O poder subiu das profundezas de sua alma.



Kephan liderou o caminho, Venador du Harsent logo atrás dele. Eles pararam apenas o tempo suficiente para afrouxar as amarras de suas sombras, e agora, com a visão da sombra brilhando em seus olhos, Kephan não pôde deixar de se perguntar se deveria invocar mais poder. Sua sombra Feral não apenas aumentava seus sentidos mortais, mas simultaneamente oferecia-lhe uma gama de sentidos não naturais para os quais a linguagem mortal não tinha nome.

Com esses sentidos, ele sentia um perigo implacável e opressor por todos os lados.

Du Harsent parou atrás dele. Kephan parou, olhou para trás e viu seu companheiro venador armando seu escorpião. — O que você está fazendo? — Ele demandou.

— Aquela chuva. — Du Harsent olhou para Kephan, seus olhos brilhando com magia. — Esse foi o trabalho do Bruxo da Tempestade. Ele é um Elemental tomado pela sombra.

Isso era verdade. E se eles encontrassem o Bruxo da Tempestade em algum lugar dessas passagens, o veneno Elemental seria necessário para derrubá-lo. Mas se eles encontrassem qualquer outra bruxa com qualquer outro tipo de sombra, o veneno errado serviria apenas para enfurecê-los e fortalecê-los.

Kephan decidiu não discutir. Seus sentidos de sombra sentiram o terror palpável percorrendo du Harsent, que, como um dos ajudantes da Phasmatrix Domina, levava uma existência bastante protegida para um evanderiano. Mas Kephan optou por não seguir o exemplo de du Harsent. Em vez disso, ele carregou sua arma com o veneno Anathema. Algo disse a ele que, se a Bruxo

da Tempestade tinha vindo para Dunloch, a Bruxa do Ardor estava perto também.

Seus ouvidos se encheram de gritos, com sons de batalha em diferentes partes do castelo. Eles saíram da passagem para um corredor de pilares fora da galeria de retratos e se apressaram para o grande saguão de entrada. Lá eles pararam mortos em suas trilhas, sua respiração presa em suas gargantas. Seis membros da guarda doméstica estavam presos na parede oposta, enormes lanças de cristal projetando-se de suas armaduras, de seus rostos. O cristal pulsou com magia.

— A Bruxa de Cristal. — Kephane sibilou, recuando para fora do grande salão para se proteger atrás de outro pilar. — Ela também está aqui.

Du Harsent praguejou e se atrapalhou ao trocar os dardos mais uma vez. Kephane simplesmente usou sua visão de sombra para vasculhar a sala. Nenhum sinal de vida, as almas dos guardas há muito haviam fugido de seus restos mortais. Nenhuma sombra estava perto também.

Uma porta se abriu. Cinco figuras caíram de uma escada escondida de criados, seus olhos arregalados, suas bocas abertas em gritos silenciosos de terror. Du Harsent estremeceu de surpresa e girou seu escorpião, mirando. Kephane só foi rápido o suficiente para bater sua mão de lado de modo que o dardo voou sobre a cabeça de uma jovem e atingiu a parede. Ela deu um grito sufocado e fugiu com os outros quatro para as sombras.

Kephane lançou um olhar duro para du Harsent. Du Harsent lançou-lhe apenas um meio olhar para trás antes de procurar outro dardo. Kephane não esperou para ver qual veneno o venador escolheria desta vez. Ele se virou novamente para o cavernoso saguão de entrada e saiu de trás de seu pilar em direção à enorme escada da frente.

Uma explosão sacudiu as paredes acima, na ala oeste. Kephan parou novamente na base da escada, todos os músculos de seu corpo saltando com o instinto de fugir. Ele suprimiu o desejo e subiu as escadas. A suíte do rei ficava na ala oeste. Qualquer que fosse a terrível alteração que estivesse ocorrendo atualmente, Kephan sabia que deveria enfrentá-la se esperava alcançar seu soberano. Ele ouviu du Harsent em seus calcanhares, respirando com dificuldade. Ele não estava totalmente grato naquele momento pela ajuda do caçador acelerado.

De repente, sua visão sombreada brilhou. Kephan parou tão abruptamente que du Harsent bateu em suas costas antes de tropeçar vários passos para trás. Uma figura estava no patamar. Uma pequena figura, do tamanho de uma criança, mas transbordando de uma sombra de luz ascendente.

Kephan a encarou, incapaz de se mover.

— Cuidado! — du Harsent rosnou. Ele saltou na frente de Kephan como um escudo e mirou com seu escorpião. — Está ascendente!

Kephan vislumbrou a pena negra da Morte Gentil carregada na arma. — Não! — ele gritou e empurrou du Harsent violentamente para o lado, jogando-o contra o corrimão de mármore. — Ela é uma vidente. Olha para ela... ela é inofensiva.

Du Harsent, com o braço de disparo preso na mão de Kephan e preso desajeitadamente ao lado do corpo, fez uma careta feroz. — Não importa. Ela é uma tomada, ela é uma delas. Um monstro.

— Uma Vidente. — Kephan disse novamente, sua voz firme. — Você não entende? Ela é inata.

Essa última palavra chegou a du Harsent. Ele congelou em sua luta. Dar a Morte Gentil a um inato era condenar sua alma. Nem mesmo um homem tão

volátil como du Harsent queria ser culpado de tal ato. — Tudo bem. — Ele rosnou, e a tensão saiu de seu braço.

Kephan relaxou seu aperto e recuou. Du Harsent se endireitou, olhando para o patamar e a criança ainda parada ali, tão pequena, tão solene. Ele puxou sua adaga. — Não há tempo para fogo. — disse ele. — Isso terá que ser violento o suficiente.

Ele deu dois passos rápidos antes de Kephan pegá-lo e balançar o outro venador descontroladamente, usando a força convocada de sua sombra Feral. Seus olhos, aumentados pelo poder da sombra, viram um lampejo do rosto de du Harsent assim que o homem bateu no corrimão e voou. Ele viu o choque, o medo. A traição.

Nesse lampejo, foi como ver o rosto de Nane novamente... a última vez que Kephan o viu vivo.

Du Harsent desapareceu de vista, seguido por um baque surdo. Kephan saltou para espiar por cima do corrimão, até o andar de baixo. O venador ficou imóvel, seus braços e pernas abertos como uma estrela. Usando sua visão sombria, Kephan procurou por sinais da alma do homem e, para seu maior alívio, viu que ainda estava amarrada firmemente a seu corpo. Ele não estava morto então. Qual a extensão de seus ferimentos, Kephan não conseguia adivinhar. Mas ele não estava morto. Ele também não mataria crianças tão cedo.

Um grito distante seguido por um berro de raiva atraiu a atenção de Kephan de volta para cima. A criança ficou exatamente onde ela estava, olhando para ele. Alheia aos horrores ao seu redor. Ela piscou para Kephan.

Ele se sacudiu e se apressou até o patamar, subindo os degraus de dois em dois. A menina o observou ir, os olhos ligeiramente arredondados. Uma luz cor de jade fluía de suas profundezas.

— O que você está fazendo aqui, criança? — ele exigiu em um sussurro baixo. — Como você entrou?

— As bruxas. — A garota inclinou a cabeça para ele. — Elas me trouxeram para ver o caminho.

— Bruxas? — Kephan cerrou os dentes contra uma maldição. — Quantas bruxas? Quantas estão aqui?

A garota balançou a cabeça lentamente. A luz da sombra verde em seus olhos cintilou e então se intensificou, engolindo suas pupilas e íris em discos verdes brilhantes. Quando voltou a falar, sua voz não era mais a de uma criança, mas uma voz estranha e numerosa, ecoando continuamente contra si mesma: — *Sangue com sangue. Osso com osso. A rainha se levantará para reivindicar os seus. Sangue com sangue. Osso com osso. A rainha se levantará para...*

Um grito cortou o ar. Um som horrível e antinatural, vindo da ala leste desta vez. Kephan respirou fundo pelas narinas. Não houve tempo para demorar. Movendo-se rapidamente, Kephan agarrou a garotinha e a jogou levemente sobre o ombro. As palavras continuaram em uma torrente imparável, derramando de seus lábios. — *Sangue com sangue, osso com osso, sangue com sangue, osso com osso...*

— Obrigado, tive uma ideia geral. — Kephan rosnou. Ele virou no patamar e correu até a ala oeste, longe daquele último grito horrível. Ele não podia levar a criança consigo para uma luta. Mas ele não podia deixá-la ali para que bruxas ou evanderianos a encontrassem. Ele tentou uma série de maçanetas, encontrando a maioria delas trancadas. Quando ele encontrou um que cedia, ele empurrou a porta e, após uma breve varredura para se certificar de que o cômodo estava vazio, colocou a garota de pé lá dentro.

— *Sangue com sangue...* — disse ela, estendendo os braços magros para ele. — *Osso com osso. A rainha se levantará...*

— Sim, eu sei, ela se levantará para reivindicar os seus. — Kephan pressionou um dedo silenciador contra a boca dela. — Você ficará aqui e ficará quieta. Eu voltarei para você. Se eu puder.

Com essas palavras, ele fechou a porta e correu de volta pelo corredor em direção à galeria aberta acima da escada. Ele parou na grade para verificar o mecanismo de disparo de seu escorpião.

Um estrondo de magia explodiu no ar atrás dele. Kephan girou, olhando através do espaço aberto e através da balaustrada para a ala leste e as sombras além. Uma voz gritou em algum lugar perto: — Pare ou eu atiro!

— Ayleth? — ele sussurrou.

CAPÍTULO 16

Gritos ecoaram nos níveis inferiores e até mesmo de fora. Os sentidos de Ayleth, intensificados pelas percepções não naturais de Laranta, captaram todos os sons, mesmo através de sólidas paredes de pedra. Tantos gritos, tantas vozes assustadas vindo de todos os lados.

Seu instinto a incitou a correr em direção aos gritos, para lançar seu poder contra qualquer mal que assediava o povo indefeso de Dunloch. Mas ela deveria se concentrar. A caçada começou. Ela salvaria mais pessoas se derrotasse o Bruxo da Legião agora, antes que ele pudesse enviar suas poderosas ilusões para golpear e quebrar mentes inocentes.

— *Laranta, encontre a aparatação.* — Ordenou ela, afastando a consciência dispersa de sua sombra e focalizando-a em busca de um sentido claro. Não um perfume, não uma visão, não um som, mas uma percepção diferente de qualquer um desses. Mais clara. Mais ousada. Uma percepção de sombra.

Agachada na vanguarda da mente de Ayleth, Laranta rosnou de ansiedade, pronta para explodir em sua forma de lobo como fumaça e saltar pela passagem adiante. Mas isso pode alertar a Bruxo da Legião sobre a abordagem de Ayleth. Muito arriscado. — Calma, garota. — disse Ayleth.

Seus olhos, preenchidos com a visão de Laranta, olharam para o corredor, percebendo o mundo do espírito cobrindo a pedra, o gesso e as tapeçarias. Ela detectou algumas almas mortais tremendo de terror atrás de portas fechadas. Caso contrário, esta passagem parecia estar vazia de espíritos, exceto...

Sombra! Laranta latiu em advertência repentina.

Ayleth se virou, seu escorpião erguido, armado com um dardo envenenado. Ela atirou na figura que estava passando diante de sua vista, acertando um golpe em sua coxa.

— Assombrados! — uma voz áspera praguejou e o homem caiu sobre um joelho. Ayleth sacou a Morte Gentil, encaixando-o no lugar enquanto caminhava rapidamente pelo corredor. Sua visão sombria turvou-se com um poder repentino e crescente. Tarde demais, ela percebeu que havia atingido uma sombra, mas não uma aparatação. Em sua pressa, ela usou o veneno errado.

Ela se jogou no chão, cobrindo a cabeça com os braços quando uma explosão de força crua e furiosa da sombra disparou sobre sua cabeça e estilhaçou as paredes de cada lado dela. Todos os painéis de madeira da altura da cabeça se quebraram em lanças ásperas de madeira e dispararam pelo ar. Ela foi rápida o suficiente para evitar o pior, mas sibilou de dor quando várias lascas menores cravaram em suas mãos expostas; e ela sentiu o impacto de pelo menos uma lasca maior na parte de trás de seu gibão, incapaz de penetrar no couro robusto.

Sua mente girava com cálculos rápidos, mais rápido do que o pensamento mortal. Ela usou o veneno errado e enfureceu a sombra, temporariamente fortalecendo-a. Mas, nesta explosão de poder, ela teve a oportunidade de ver qual foi exatamente o seu erro, que tipo de sombra ela realmente enfrentou. O clarão brilhante do centro da alma do homem era inconfundível, um Elemental. Mas qual elemento ele usava exatamente?

Ela estava rolando antes que os destroços fossem removidos, sua mão alcançando suas aljavas. Puxando-se para cima em uma posição de tiro ajoelhada, ela mirou no homem, cujos braços estavam estendidos, sua mandíbula cerrada enquanto ele lutava para puxar a sombra de volta sob seu

controle. Seus olhos se fixaram nela, e ela reconheceu seu rosto. Ele não era um bruxo. Este homem era um dos evanderianos que ela vira no grande salão naquele dia, quando foi levada perante a Phasmatrix Domina.

Um venador.

— Você! — ele gritou, apontando uma mão diretamente para ela.

— Pare ou eu atiro! — Ayleth latiu. Ela viu seus olhos piscarem para o fim de seu escorpião, viu-o se perguntando se ela carregou ou não corretamente desta vez. Ela poderia derrubá-lo em um segundo, a menos que ele fosse rápido o suficiente com seus poderes para desviar o tiro.

— Ouça-me. — disse Ayleth, mantendo a arma apontada diretamente para a garganta dele. — A Bruxa Fantasma penetrou Dunloch. Ela trouxe outros com ela.

— Você acha que eu não sei? — Os olhos do venador brilharam. — Você é um deles, não é? Inata! Elas vieram para te salvar? Para levar você de volta com elas?

— Não seja estúpido. — Ayleth deu um passo cuidadoso em sua direção. — Já lutei contra a bruxa antes e matei um de seus hospedeiros. Posso ser inata, mas ainda sou serva da Deusa. E posso ajudá-lo a detê-las. Podemos ajudar uns aos outros.

— Bruxa. — O homem rosnou, sua mão trêmula. — Herege. Eu nunca vou me juntar a você. — Seu poder se acumulou, agitando-se quase fora de controle dentro dele, embora como isso se manifestaria Ayleth ainda não conseguia adivinhar.

— Pare! — ela gritou. — Eu vou atirar em você!

— Atire em mim então. — O venador cuspiu.

Ayleth apertou o gatilho.

Algo atingiu seu braço. O tiro saiu ao lado e Ayleth engasgou, puxando com força, tentando se afastar. Mas algo havia se enrolado em seu pulso e, quando ela olhou, viu que era um galho de madeira sólido, vivendo e crescendo diretamente das farpas ao longo da parede. Usando a força de Laranta, ela se soltou, mas outro galho se esticou atrás dela e agarrou seu outro braço, enquanto um terceiro se enrolou em seu tornozelo e um quarto alcançou seu pescoço. Ayleth também os quebrou, mas eles continuaram vindo, um após o outro, pulsando com magia.

— Não! Clodio, não!

Ayleth mal conseguia ver através do emaranhado de galhos, mas reconheceu a voz imediatamente. — Venador du Tam? — ela engasgou, esquivando-se em torno de um galho chicoteado apenas para ser atingida na lateral da cabeça por outro. Sua visão girou, mas ela viu a figura quadrada de Kephan aparecer no final da passagem.

O outro venador olhou para ele e rosnou. — Você finalmente se tornou herege depois de todos esses anos, Kephan? Jogado no seu lote com essa bruxa? Sempre soubemos que era apenas uma questão de tempo. — Com essa palavra final, ele torceu o braço e outro galho disparou da parede ao lado de Kephan.

Kephan se esquivou do galho, endireitou sua posição, ergueu seu escorpião e atirou. Seu dardo voou direto, atingindo o outro venador em sua coxa. O venador rugiu. O lampejo de poder que o dardo errado de Ayleth lhe dera cintilou e toda a sua alma estremeceu, tentando lutar contra os efeitos do veneno Elemental que agora corria por ele. Ele caiu de joelhos.

Ayleth rasgou outro galho, tentando chegar ao fim da passagem. — Venador du Tam! — ela gritou. Ele se virou para ela.

Uma sombra se moveu atrás dele. Então outra. E uma terceira.

Três figuras se manifestaram do nada e, antes que Ayleth pudesse gritar um aviso, começaram a esmurrar Kephan com os punhos. Ele caiu sob os golpes, surpreso, então rugiu de pé novamente, seu poder da sombra Feral fluindo por seus braços. Ele revidou, derrubando duas das figuras no ar.

Mais três apareceram em seu lugar. E outras também, cercando-o e ao outro venador, que não pôde lutar enquanto o veneno paralisante fazia efeito. Ele desapareceu atrás de uma parede de homens brutais, todos gêmeos uns dos outros, todos chutando, rasgando, socando, mordendo.

Sombra! Laranta uivou.

— *Um pouco tarde agora.* — Rebateu Ayleth. Ela voltou para a estranha floresta fragmentada, esperando que uma das projeções da Bruxo da Legião aparecesse atrás dela a qualquer momento. Ela viu Kephan jogar vários outros no chão, mas eles simplesmente desapareceram como vapores, e mais apareceram em seus lugares.

Ayleth rapidamente inseriu um novo veneno de aparatação em seu escorpião. — *Onde está?* — Ela exigiu. — *Onde está a sombra?*

Perto, perto, Laranta insistiu, forçando seus sentidos para longe da batalha que ocorria no final da passagem. Em vez disso, ela mudou sua consciência para o teto. A Bruxo da Legião não estava neste andar, Ayleth percebeu. Ele estava acima dela, exercendo a influência de sua sombra de uma distância segura. Onde quer que estivesse, ele podia perceber os venadores que agora atacava, mas ela devia estar fora de seu alcance de consciência. Ela teria que manter assim se quisesse salvar Kephan.

— *Tudo bem, Laranta.* — disse ela. — *Eu preciso que você desça novamente. Tão pequena quanto você puder. Esconda-se para que ele não sinta nenhuma outra sombra próxima.*

Sem um murmúrio de protesto, Laranta obedeceu, com mais rapidez do que teria obedecido aos comandos dos tubos Vocos. Ela saltou de volta para a mente de Ayleth e se enrolou em si mesma, reduzida a uma bola de magia, fervendo com potencial, mas momentaneamente inócua.

Ayleth se virou e correu de volta pelo corredor, empurrando os galhos e raízes que brotavam da parede, e dirigiu-se à escada de serviço no final do corredor. Ela abriu a porta e subiu os degraus três degraus de cada vez. Seu corpo parecia fraco e vulnerável sem a força de Laranta surgindo através dela, mas isso não importava.

A porta do terceiro andar não fez barulho quando Ayleth a abriu. Ela pensou ter ouvido grunhidos e sons fortes de golpes vindos de baixo, mas sem os sentidos aprimorados de Laranta, isso provavelmente foi imaginado. Seus olhos mortais lutaram para ver muito neste corredor escuro. Ela se moveu pelo corredor, fez uma ligeira curva.

Um homem estava agachado diante dela. Ele pressionava uma mão no chão enquanto a outra agarrava a testa como se doesse. Mesmo sem Laranta ascendente dentro dela, Ayleth sentiu a potência da magia tremeluzindo no ar ao seu redor, uma aura invisível no éter. Ela se preparou para atirar.

A tábua do assoalho sob seu pé rangeu.

O homem saltou para cima, girando, a mão estendida. As sombras das figuras apareceram de um lado para o outro no corredor, uma dúzia ou mais, todas se virando agressivamente para se jogarem sobre ela. Mas elas congelaram. O próprio homem, com os olhos redondos e fixos, caiu de joelhos.

— Minha rainha! — ele gritou. — Você está acordada!

Ayleth piscou.

Então ela deu o tiro.

O dardo disparou pelo corredor, entre todas aquelas formas fantasmas, e acertou diretamente entre os olhos do Bruxo da Legião, que se arregalaram ainda mais em choque total. Ele ergueu os dois punhos, e as ilusões de si mesmo cambalearam, sacudiram. Algumas delas acertaram a cabeça de Ayleth. Uma conseguiu acertar um golpe em seu ombro que a fez cambalear, mas as outras erraram quando o bruxo perdeu o controle de suas projeções sob a influência do veneno.

Ayleth, com o ombro doendo, marchou pela passagem. Ela removeu uma Morte Gentil de sua aljava. O homem olhou para ela, um jovem pálido e sardento, como um garoto de fazenda com cara nova. Um corpo roubado recentemente, desmentindo a verdadeira idade dos espíritos venenosos alojados nele. Uma tatuagem preta marcava sua testa, ainda com crostas de aplicação recente. Ayleth reconheceu-a instantaneamente, mesmo que não reconhecesse o rosto do menino, as cinco linhas verticais que se erguiam de uma única barra horizontal. A marca dos Diabos Carmesins.

A luz da sombra girava em seus olhos e fluía de seus dutos lacrimais, desaparecendo lentamente enquanto a sombra sucumbia aos efeitos do veneno. — Minha... Rainha... — ele engasgou.

— Não sou a rainha de ninguém. — Rebateu Ayleth. Ela enfiou a Morte Gentil em sua garganta.

O homem caiu como um saco de batatas. Ayleth deu um passo para trás e observou enquanto as almas rosnadas dentro dele lutavam fracamente contra a morte à qual não podiam resistir, uma morte tão suave que não oferecia poder. Eventualmente, as almas pararam de lutar. Duas almas apenas, o bruxo e sua sombra, unidos inextricavelmente. A alma original pertencente ao corpo deste menino há muito se fora, expulsa e deixada para vagar neste mundo.

A mão de Ayleth moveu-se impulsivamente para seus Detrudos. Mas ela parou. Mesmo quando ela sentiu a fenda aberta no mundo que se abriu no ar acima dela, mesmo quando ela sentiu o fôlego pútrido que era os Assombrados buscando recuperar o seu, ela não fez nada. Ela não tentaria salvar o espírito desse homem, separar a alma do bruxo daquela de sua sombra. Ela meramente observou enquanto ambas as almas, agitando-se ineficazmente, eram puxadas para longe, lançando uma última explosão brilhante de magia aterrorizada pouco antes de desaparecer no vazio.

Os Assombrados recuperou outra alma perdida... e ganhou uma nova alma mortal no processo. Foi um fim justo para um monstro como o Bruxo da Legião.

Com uma maldição que era quase uma prece, Ayleth levantou-se, desceu correndo as escadas até o andar de baixo e empurrou a misteriosa floresta de lascas até onde dois corpos jaziam. Kephan ainda estava parcialmente ereto, os ombros encostados na parede, o cotovelo apoiando o torso. O outro venador estava imóvel no chão, o sangue acumulando-se embaixo dele. A visão sombria de Ayleth não detectou nenhum sinal de uma alma viva naquele corpo, humano ou sombra.

— Ele está morto. — Kephan engasgou. Ayleth se agachou ao lado de seu antigo irmão de caça. — Cuidado! — ele a avisou enquanto ela tentava ajudá-lo a se sentar. — Eu estou com algumas costelas quebradas, eu acho. Nada que não possa ser consertado, minha sombra me protegeu do pior.

— Obrigada por impedi-lo. — disse Ayleth. Assim que ela falou as palavras, elas pareceram erradas. Afinal, o homem era irmão de armas de Kephan. E ele agora estava morto.

Kephan olhou para ela. — Como você saiu do seu... — Sua voz se interrompeu, e seus olhos se arregalaram até que os brancos cercaram suas íris

pálidas. — Isto... está acontecendo! — ele disse, então gemeu e agarrou sua bochecha.

— Venador? — Ayleth estendeu a mão, mas ele a afastou com um tapa e, quando o fez, ela viu as cicatrizes em seu rosto. Mais do que isso, a visão sombreada de Laranta revelou a ela o brilho pulsante e abrasador do sigilo ganhando vida logo abaixo daquelas cicatrizes.

— Ela está aqui! Ela está aqui! — Kephan gritou. — Ela vai me assumir. Você tem que ir, garota. Vá!

Ayleth levantou-se de um salto, dando vários passos para trás. Kephan gemeu e enterrou o rosto no chão, seu corpo se retorcendo de dor. A qualquer momento, ele se transformaria em algo monstruoso. A qualquer momento ele surgiria e a atacaria. Qualquer momento...

— Terryn. — Kephan ergueu o rosto torturado, olhando para Ayleth. — Não sou eu que ela quer. É Terryn... e ela o pegou!

Um grito rasgou o castelo, mais alto do que todos os outros. Um grito dilacerante, estridente e sobrenatural de uma alma em agonia mortal.

Ayleth se virou, o sangue escorrendo de seu rosto. Então, com um rosnado, ela chicoteou um dardo Feral de suas aljavas e o mergulhou no pescoço de Kephan. A paralisia tomou conta, e ele caiu de lado, momentaneamente poupando a deformação da maldição de Ylaire. Ayleth recuou. — Desculpe, Venador. — Ela sussurrou.

Ela saiu correndo o mais rápido que Laranta conseguiu carregá-la.

CAPÍTULO 17

— É por isso que prefiro trabalhar com cadáveres.

Fendrel sentiu o aumento de poder percorrendo seu braço enquanto a voz de Guillotin ronronava em seu ouvido. Apenas a força de sua própria sombra Anathema lutando para suprimir a maldição o manteve vivo. A ponta de sua adaga picou sua própria garganta, mas por pura força de vontade ele a virou para o lado de modo que ela mergulhou na parede de gesso, cavando até a madeira e pedra abaixo.

Fendrel buscou dentro de sua alma um controle sobre sua própria sombra. Se ele pudesse canalizar esse poder dentro dele para seu braço amaldiçoado, talvez ele pudesse anular a maldição. Não quebrá-la, quebrá-la exigiria mais dor, mais tempo, mais precisão do que ele tinha disponível agora. Mas se ele pudesse apenas tornar a maldição impotente...

Sua sombra gritou, resistindo ao seu alcance. Ele chicoteou contra os feitiços de amarração que o reprimiam, puxando os fios. Ele não podia lutar contra isso e a maldição da Bruxa Cadáver.

— Os cadáveres não revidam, sabe? — Disse ele. Ele circulou Fendrel, um punho pressionado casualmente na parte inferior de suas costas, enquanto o outro, fluindo com sangue, torceu o fio de maldição incrustado no braço direito de Fendrel. — Aquela venatrix que eu encontrei na barreira, por exemplo. Ela era boa e maleável assim que morreu. Com apenas uma pequena ajuda da garota, ela caminhou até os portões deste castelo como se ela fosse um ser vivo. Uma carcaça tão excelente! Ela ainda está por aí? Eu gostaria de usá-la novamente antes que ela apodreça.

O rosto de Everild, rígido de morte, apareceu diante da visão de Fendrel. Ele rosnou e torceu o próprio pulso, pronto para quebrar o osso se fosse necessário.

Passos soaram na escada. O Cadáver e Fendrel viraram seus olhares a tempo de ver uma venatrix aparecer a não mais que cinco passos deles no final da passagem. — Dominus, a Fantasma... — ela começou.

Fendrel rugiu: — Abaixese! — Tarde demais. Seu próprio braço se moveu contra sua vontade, jogando a adaga com precisão de especialista. A lâmina cravou direto no coração da mulher. O impacto a fez recuar vários passos. Ela olhou para o peito e caiu de joelhos.

Quando ela caiu para trás na morte, os espíritos dentro dela explodiram em uma violenta propulsão de magia. A sombra que ela carregava rugiu para longe, fora da vista de Fendrel, procurando na vizinhança por um novo corpo hospedeiro para habitar. Alguma criada. Um ajudante de cozinha. Alguma alma estável e azarada. Algum pobre bastardo despreparado, prestes a ser vencido por um poder que os mortais nunca deveriam suportar.

No instante em que se foi, seu corpo se moveu. Fios de fios de maldição teceram através de seus membros, visíveis à visão sombria de Fendrel. O sangue escorreu por seu torso quando ela se levantou e balançou onde estava.

— Ah, vê? — a Bruxa Cadáver gritou, seu belo rosto moreno brilhando de alegria. — É disso que estou falando. Tão prestativa, tão agradável.

A venatrix deu dois passos cambaleantes. Guillotin torceu a mão novamente, como um mestre de marionetes manipulando uma corda. Ela deu mais um passo, desta vez mais gracioso, com toda a coordenação da vida. Ela puxou a adaga de osso de Fendrel de seu peito com um grande jorro de sangue do coração. Fendrel observou com horror quando a venatrix se virou e olhou para ele através de seus olhos mortos.

Então ela estava correndo para ele, balançando a lâmina. Ele rugiu, soltando sua própria mão apenas o tempo suficiente para desviar o golpe dela, em seguida, chutou-a com força no estômago de modo que ela caiu em uma pilha não natural de membros mortos.

Seu punho direito bateu em seu rosto novamente, não mais armado, mas ainda com a intenção de sua destruição. Ele acertou um golpe antes que ele o pegasse novamente com a mão esquerda. O sangue jorrou de suas narinas, pelo rosto e boca. Sangue fresco correndo.

Isso era tudo que ele precisava.

Batendo a própria mão direita na parede com força suficiente para atordoá-la momentaneamente, ele arrastou a mão esquerda pelo rosto, manchando a palma e os dedos com sangue. Então ele lançou uma maldição no momento em que a venatrix estava se levantando, atingindo-a em cheio. Ela voou para trás com o impacto, atingindo a parede oposta, seu cadáver cortado em uma dúzia de lugares, uma perna quase decepada no joelho, um braço pendurado em um coto ensanguentado.

— Impressionante! — O Cadáver aplaudiu educadamente e esfregou as mãos ensanguentadas de alegria. — Você sempre foi um talento, velho amigo. Um oponente formidável naqueles dias finais de nossa guerra gloriosa. Mas diga-me, você pode lutar contra si mesmo e mais três?

Passos atrás dele. Fendrel se virou, seu queixo caindo de horror. Um jovem pajem, uma criada e uma das subsecretárias do príncipe avançaram pelo corredor. Seus rostos estavam cinzentos de morte, desprovidos de qualquer expressão. Sem malícia, sem sede de sangue. Simplesmente vazios. E mortais.

Sua mão direita bateu novamente enquanto ele estava distraído, fazendo Fendrel cambalear. Os três mortos se moveram, nenhum deles forte, nenhum deles poderoso. Não importava. Eles se amontoaram sobre ele enquanto ele

ainda lutava contra as próprias mãos, o pajem rasgando seu estômago, a criada agarrando suas costas, o secretário alcançando sua garganta. Suas mãos agarraram e puxaram, seus rostos vazios nadaram diante de sua visão. Ele deu uma joelhada no pajem morto e jogou a mulher contra a parede com o ombro.

Os dedos da secretária fecharam-se em torno de sua traqueia e, quando ele tentou agarrá-los, para afastá-los, sua mão direita rasgou seus próprios olhos. Ele puxou sua sombra, e a tensão de seu poder rasgou os feitiços da música restritiva, as únicas coisas que o impediam de destruir sua alma e habitar totalmente seu corpo. Obter mais poder sem primeiro fortalecer essas restrições era suicídio. Mas os dedos da secretária se apertaram e ele não conseguiu respirar. A escuridão se fechou em torno de sua visão. Que escolha ele...

Uma voz apareceu em sua mente: – *Não seja estúpido.*

Uma voz seca e sardônica.

Uma voz que ele conhecia.

Seus olhos, fixos no rosto morto da secretária, giraram para o lado. O Cadáver estava a três passos, com as mãos sangrando erguidas, apertando o ar enquanto seu cadáver da marionete apertava a garganta de Fendrel. Mas atrás dele... atrás dele...

Os olhos do Bruxo Cadáver se arregalaram quando sua própria sombra de repente percebeu o que se aproximava. Ele largou Fendrel, deixando os dedos da secretária morta ficarem moles, e se virou.

Um dardo Anathema atingiu sua bochecha. Atrás dele estava a forma curta e ágil de uma venatrix, seu escorpião erguido.

– Assombrados, você? Sua vadia! – o Bruxo Cadáver gritou, tocando os dedos ensanguentados naquele lugar da bochecha cinzelada onde o veneno acabara de tocar. Não o suficiente para derrubá-lo, mas o suficiente para afetar

seu controle em sua sombra. Ele a atacou com uma maldição, arremessando-a com um arco respingado de seu próprio sangue. Mas a maldição se espalhou e se chocou contra a parede a vários metros de onde ela estava.

Ela sacou um segundo dardo e o acertou no escorpião. Com uma chave de força, o Cadáver arrastou a criada morta entre ele e a venatrix. Ele não tinha controle suficiente para usá-la como uma arma, apenas o suficiente para torná-la seu escudo. O segundo dardo da venatrix atingiu o olho da mulher morta em vez de seu alvo pretendido.

A anathema dentro do Bruxo Cadáver se debateu contra o veneno que descia por seu corpo hospedeiro para afetar a alma interior. Fendrel viu a sombra como uma dúzia de tentáculos ensanguentados se estendendo do centro do hospedeiro, se debatendo e se contorcendo de frustração.

O Bruxo Cadáver, apertando as mãos com força, lançou outra maldição no chão a seus pés, sem foco, mas poderosa. Rasgou o piso e sacudiu as paredes. Tanto a venatrix quanto Fendrel caíram de joelhos, e o pajem e a secretária caíram inertes, sem os fios de maldição de seus membros.

Usando a criada como escudo, o Bruxo Cadáver fugiu pela passagem. A venatrix arremessou atrás dele, mas dentro de alguns passos ela acertou a maldição final e ricocheteou nela. O ar parecia ondular como trapos rasgados e pingando sangue. Qualquer novato poderia ver que a maldição não duraria mais do que alguns momentos. Mas por alguns momentos foi eficaz, e o Cadáver desapareceu por uma passagem lateral, cambaleando em retirada.

— Assombrados, droga! — a venatrix sibilou, golpeando a barreira da maldição com a ponta de ferro em sua braçadeira.

Fendrel endireitou-se para olhar para ela de sua cadeira no chão. — Hollis! — ele gritou.

Ela se virou para ele. Seus olhos brilharam. — Muito bem, Venator Dominus. — respondeu ela friamente. — Você ainda tem uma maldição sobre você.

Fendrel abriu a boca. Mil coisas que ele queria dizer se acumularam em sua língua em um instante. Palavras de ira e confusão, tristeza e alegria. Palavras de urgência e comando.

Em vez disso, ele olhou para seu braço direito opaco e fez uma careta com o que sua visão sombria lhe disse. A maldição que Gillotin havia lançado ainda estava implantada. Não era uma implantação profunda, não duraria mais que um dia. Mas, enquanto isso, ele não podia usar o braço, e não podia correr o risco de vê-lo de repente se voltar contra ele.

Hollis deixou a barreira da maldição temporária e correu para se ajoelhar ao lado dele. Ela estendeu as duas mãos, tocando cuidadosamente o braço dele como se tivesse um ferimento físico. Fendrel sentiu a potência da sombra crescendo dentro dela, até os limites dos feitiços de supressão.

— Eu posso bloquear sua mente. — ela disse, encontrando seu olhar por um mero instante antes de se concentrar em seu braço novamente. — Eu posso fazer você esquecer que tem um braço direito. Se você não se lembra, a maldição não deve funcionar. Será como se você não tivesse nenhum braço. Não vai durar muito, mas...

— Faça isso. — Fendrel mordeu as palavras bruscamente, cerrando os dentes com força para evitar dizer qualquer outra coisa.

Ela acenou com a cabeça. De repente, as mãos dela agarraram os lados do rosto dele, e ela olhou profundamente em seus olhos, além de seu olhar mortal, sua visão sombria mergulhando direto em sua mente. Ele estremeceu, mas não recuou. Ele não gostava que ela visse as tensões torturantes que ele sofria em seus esforços contínuos para controlar sua sombra. Ele não queria

que ela visse as dúvidas que o atormentavam, o medo subjacente a cada decisão de comando. Reforçando sua vontade contra a dela, ele suprimiu todos esses pensamentos e sentimentos, recusando-se a lhe dar acesso.

Ela não pressionou. Com a precisão de uma atiradora experiente, ela enviou seus poderes de aparatação direto para aquele lugar em sua mente que controlava seu corpo. Esta era uma das primeiras habilidades em que as aparições eram treinadas no castra, e Hollis não era novata em seu ofício.

— Pronto. — disse Hollis, e Fendrel estremeceu com a sensação da sombra dela deslizando para fora, como um dedo frio passando por seu cérebro. — Você está seguro no momento.

Fendrel acenou com a cabeça. Ele se levantou, cambaleando um pouco. Sua garganta parecia machucada e seu olhar se voltou rapidamente para o homem morto e para o pajem caído no chão próximo. O Cadáver escapou. E...

— Gardin! — Fendrel engasgou. Todas as perguntas que ele queria lançar a Hollis evaporaram em um instante de terror turbulento e impetuoso. — Eu tenho que chegar ao meu irmão.

Ele estava em movimento no instante seguinte, deixando os cadáveres e a barreira da maldição desbotada para trás e apressando-se em outro caminho, através de um pequeno patamar superior para os aposentos do rei. Hollis o seguiu, exigindo: — O rei também está aqui? O que está acontecendo, Fendrel? Por que são...

Ele não a ouviu. Ele não poderia ter respondido de qualquer maneira. O sangue latejava em seus ouvidos e sua sombra rugia em sua alma. Ele viu a porta fechada da suíte de seu irmão e se jogou contra ela. Abrindo rápido. Poderia ser... poderia ser...

Erguendo o braço esquerdo, Fendrel limpou o sangue fresco que ainda escorria pelo rosto. Com um grito, ele lançou uma maldição naquela porta. As dobradiças quebraram. A porta cedeu e caiu.

— Fendrel! — Hollis gritou de novo, mas ele a ignorou. Pisando na porta, ele correu para o quarto iluminado pelo fogo, virando para um lado e para outro, seus olhos disparando de sua cabeça.

A câmara estava vazia. Guardin se foi. Deixando sua porta trancada por dentro.

— Ela está com ele. — Fendrel murmurou. Ele se virou para olhar para Hollis, que inclinou a cabeça para trás para encará-lo. — A Bruxa Fantasma. Ela o tem. Eles estão indo para o cofre.

CAPÍTULO 18

A dor percorreu os membros de Terryyn, correndo por suas veias como fogo. A magia Anathema queimou seu sangue, direto para sua alma, oprimindo sua vontade com o desejo de sucumbir, obedecer, dobrar os joelhos às compulsões do lançador de maldições.

— Terryyn! — A voz de Gerard. Mas tão longe.

A visão de Terryyn faiscou, lampejos de magia explodindo em rajadas diante de seu olhar deslumbrado. Incapaz de suportar a visão, ele fechou os olhos e, em vez disso, contemplou a paisagem dura de pedra de sua mente. A maldição inundou o horizonte como um rio derretido de sangue, derramando-se em todas as rachaduras e fendas, infiltrando-se nas profundezas de seu espírito.

Ele fugiu da torrente. A imagem de seu eu espiritual tropeçou enquanto ele corria, mantendo-se apenas alguns passos à frente do ataque que o afogaria. Diante dele, a alguns passos de distância, assomava a forma draconiana protuberante revestida de pedra de sua sombra reprimida.

Não havia outro lugar para onde correr. O magma de sangue da maldição iria varrer sua cabeça, e ele sucumbiria à sua vontade, à vontade da Bruxa do Ardor que o controlava. Desesperado, Terryyn correu para aquela protuberância de pedra e escalou seu lado duro e inclinado para a crista semelhante a uma espinha. O sangue derretido varreu ao redor, espirrando contra a pedra e subindo, subindo. Isso o pegaria. Não havia como escapar.

A pedra se moveu embaixo dele. Ele cambaleou, desesperado para recuperar o equilíbrio. Uma voz retumbou no final em forma de uma cabeça enorme.

— *Você sabe meu nome?*

Terryn abriu seus olhos mortais. O mundo ao seu redor explodiu com a luz vermelha do Anathema. A Bruxa do Ardor, vestindo o corpo do guarda, caminhou em direção a ele, a mão ensanguentada estendida, os dentes arreganhados enquanto ela torcia o fio de maldição que prendia Terryn a ela.

— Vamos, bichinho de estimação. — Ela sussurrou pela boca do homem. — Você só se machucará lutando.

Seus ossos pareciam estar se quebrando dentro dele. Ele caiu de joelhos, não em subserviência à bruxa, mas simplesmente porque não conseguia mais ficar de pé. Onde estava Gerard? Onde estava Cerine? Ele não podia procurá-los. A dor era demais. Seus braços tiveram espasmos e todos os dedos ficaram tensos. Os cordões em sua garganta se destacaram quando ele jogou a cabeça para trás, gritando com os dentes cerrados.

Ele fechou os olhos.

Mais uma vez ele parou em sua paisagem mental. A maldição de sangue aumentou rapidamente, fumegando com o calor que derreteria a pele de seus ossos se este corpo não fosse uma mera projeção. A massa sob ele se mexeu novamente, e somente agarrando uma coluna incrustada de pedras ele se salvou de uma queda.

— *Você sabe meu nome.* — disse a voz. — *Diga-me.*

— *Não!* — Terryn gritou. — *Você vai me destruir! Demônio do Assombrados, você destruirá minha alma!*

— *Meu nome.* — disse a voz. — *Me diga meu nome.*

Os olhos mortais de Terryn se abriram novamente. A Bruxa do Ardor estava sobre ele, a menos de um braço de distância. Se ele tivesse vontade, ele poderia derrubar o corpo do guarda, poderia esmurrar seu rosto, poderia enfiar um dardo envenenado em sua garganta. Mas outro choque de pura agonia disparou de sua cabeça, desceu por sua espinha, chegando a cada extremidade. Ele sentiu seus ossos quebrados começando a se reconectar em uma nova e horrível forma.

— Entregue-se agora, garoto. — disse o guarda. Seu rosto sorriu com a astúcia estranha e sedutora que todos os anfitriões da Bruxa do Ardor exibiam. — Quanto mais você luta, mais sofre. Você nunca vai quebrar minha maldição sobre você.

Um movimento repentino atrás do ombro do guarda.

O olhar de Terryn girou, alertando a Bruxa do Ardor no último momento. Seu corpo hospedeiro começou a girar no momento em que um punho se balançou e a atingiu com força na cabeça. Com um grito, ela caiu sob o golpe, o corpo de seu grande homem aterrissando com um baque.

Gerard ficou ao lado da Bruxa do Ardor, desarmado, mas destemido. Seu rosto se contorcia de raiva, ele chutou o guarda na cabeça, chutou-o novamente nas costelas, chutou novamente com mais força e mais força. A Bruxa do Ardor rosnou ferozmente, cuspidando espuma e sangue da boca de seu hospedeiro. Terryn viu o aumento da magia Anathema no centro da alma do guarda. Ele tentou gritar um aviso, para instar Gerard a fugir. Mas sua boca não o obedecia.

A Bruxa do Ardor levou a mão do guarda à boca e mordeu selvagememente, tirando sangue fresco. Ela o arremessou, e junto com ele uma maldição explosiva que fez Gerard voar pelo corredor, aterrissando no chão duro e derrapando vários metros.

— Garoto estúpido! — A Bruxa do Ardor cuspiu um dente quebrado enquanto puxava o corpo do hospedeiro para cima. Um braço havia deslocado na ferocidade do ataque do príncipe e agora balançava inutilmente. Mancando, ela caminhou pela passagem em direção ao príncipe. — Estúpido pequeno bastardo príncipe. Precisamos do seu sangue, mas não precisamos de você. Acho que sua cabeça vai se sair bem sozinha!

Gerard não se moveu. A maldição o matou? Ela o surpreendeu? Se ele já não estivesse morto, a Bruxa do Ardor iria matá-lo nos próximos momentos. Momentos...

Terryn piscou e, por um instante, ele ficou de pé na paisagem de sua mente novamente. O magma de sangue em chamas estendia-se de horizonte a horizonte, e pouco mais do que um ponto de apoio permanecia aqui no topo do monte de pedra.

— *Diga meu nome.* — A voz em sua cabeça insistiu, fraca sob a inundação da maldição. — *Diga meu nome. Diga!*

Terryn baixou a cabeça. Esse era o fim então. Ele morreria. Ele perderia sua alma. Ele nunca alcançaria a Luz da Deusa, mas seria expulso de seu corpo para vagar até que se desvanecesse em nada. O esquecimento total era sua condenação.

Mas ele salvaria Gerard.

Ele abriu a boca. No mundo mortal e no mundo de sua mente simultaneamente, ele falou o nome, o nome que ele conheceu desde o momento em que o espírito estranho entrou em seu corpo, a partir do momento imediatamente antes dele, com a ajuda de Fendrel e do Conselho de Breçar, amarrou e suprimiu sob esta caixinha de pedra. O nome que ele conhecia, mas fora proibido de falar, de pensar, de até mesmo reconhecer sua existência. O nome de sua sombra.

— Nisirdi! — Ele gritou.

A pedra sob seus pés quebrou. Luz branca disparada de cada fenda em feixes tão brilhantes que podiam cortar pele e osso. Mais luz irrompeu pelo magma sanguíneo, expulsando-o em ondas da protuberância de pedra.

— *Prazer em conhecê-lo, homem mortal.* — Disse a voz.

O dragão de pedra ergueu a cabeça.

Os olhos mortais de Terryn se abriram. A Bruxa do Ardor se agachou sobre Gerard, puxando-o pela frente de sua camisa. A cabeça do príncipe tombou para o lado, sangrando por vários ferimentos. A bruxa recuou uma mão, maldição mágica acumulando no espaço entre os dedos enrolados.

— Ylaire! — Terryn gritou.

Assustada, ela girou a cabeça do guarda para fitar Terryn.

— NÃO! — Ela gritou na voz roubada do homem.

Soltando o príncipe, ela estendeu a mão ensanguentada, agarrando o fio da maldição preso à alma dele, esforçando-se para recuperar o controle. A luz branca pulsou nas veias de Terryn, eliminando a maldição. A Bruxa do Ardor torceu o fio de conexão, puxou o local de ancoragem, o sigilo implantado na bochecha de Terryn. Terryn sentiu o poder da maldição ainda resistindo à magia crescente da sombra.

— *Você precisa me libertar, mortal.* — A voz disse em sua cabeça. — *Eu posso quebrar a maldição se você deixar.*

A mão de Terryn procurou seus Vocos. A Bruxa do Ardor, percebendo o que estava fazendo, saltou e correu para ele, uma adaga brilhando na mão do guarda. Ela conseguiu dirigir seu corpo hospedeiro três passos. Mas antes que ela pudesse dar o quarto passo, Terryn soprou uma rajada de uma nota nos Vocos, a nota única e penetrante que, quando tocada, quebrava todos os

feitiços. Gritou através de seus sentidos, cortou sua alma, obliterando a última das supressões de ligação em sua sombra.

Em Nisirdi.

O poder explodiu de cada poro do corpo de Terryn, explodiu do âmago de seu espírito. Ele gritou, não de dor desta vez, mas de terror. Este poder era muito grande. Este poder estava muito cheio de toda a luz, toda a música estranha da magia Arcana.

De seu peito ergueu-se um ser de majestade angelical. A mente deslumbrada de Terryn, incapaz de compreender o que via, criou uma forma, uma forma, para tentar entender. Ele viu um dragão poderoso, glorioso, puro, brilhando como todas as estrelas do céu. Ele desenrolou asas de brilho prismático, sacudindo a última poeira dos feitiços de supressão semelhantes a pedra. Sua esguia cabeça coroada de chifres arqueada na ponta de um longo pescoço serpentino, e espinhos como lâminas de prata brilhavam em suas costas e nos comprimentos infinitamente enrolados de sua cauda.

A Bruxa do Ardor parou, o corpo hospedeiro que ela usava derrapando até parar. Os olhos do guarda se arregalaram quando Ylaire olhou para aquele ser ascendente. Seja qual for a forma que aquela mente mortal conjurou para entender o incompreensível, isso encheu a bruxa de horror absoluto.

O dragão de luz avançou.

A Bruxa do Ardor levantou a mão ensanguentada e do centro do corpo hospedeiro surgiu sua sombra Anathema, balançando para encontrar aquele outro poder tremendo. A visão de sombra confusa de Terryn discerniu algo como uma cobra, pingando sangue, golpeando o pescoço do dragão, tentando agarrar e enrolar em volta do corpo, membros e asas do dragão. Mas o dragão pegou a cobra em seus braços abertos, envolvendo-a em um abraço de asas poderosas.

A estranheza do encontro foi demais para a mente de Terryyn tentar compreender. Ele desviou o olhar antes que seu espírito se partisse de pura insanidade e seus olhos mortais pousaram na Bruxa do Ardor.

Ela o viu no mesmo momento. E eram os olhos dela que ele viu no rosto roubado daquele homem. Os mesmos olhos que tinham olhado para ele quando ele era uma criança pequena e indefesa, enquanto ela acariciava sua bochecha antes de rasgá-la, implantando-o com seu sigilo. Os mesmos olhos que riram dele no rosto gentil de Senhora Mylla, os mesmos olhos que zombaram dele enquanto ele sofria sob suas compulsões.

Sua sombra, envolta na luz e no poder de Nisirdi, não poderia ajudá-la agora.

Embora pura magia Arcana se derramasse de seu corpo, escorrendo de seus olhos, narinas, pontas dos dedos, Terryyn ainda possuía uma pequena medida de controle. Ele podia sentir sua alma escorregando sob o poder ascendente de sua sombra. Mas ele tinha alguns segundos restantes. Todo o tempo que ele precisava.

Ele puxou um dardo Anathema, saltou na Bruxa do Ardor e o lançou na boca aberta e gritando do guarda.

Ela tentou correr. O corpo hospedeiro que ela usava era forte, mas os golpes de Gerard a enfraqueceram. Terryyn segurou o braço quebrado do guarda e se recusou a soltá-lo, mesmo quando o veneno fez efeito. O homem caiu, torcendo-se em desespero, ainda gritando. A sombra Anathema, caindo sob a potência do veneno, derreteu-se dos braços do dragão da luz, afundando-se cada vez mais para enrolar-se dentro do corpo hospedeiro. A luz de dois espíritos entrelaçados, bruxa e sombra, acalmou e embotou a quase nada.

Terryyn abriu a boca. Uma luz branca pura disparou de sua garganta, e ele sorriu através dela e disse: — Bons sonhos, Ylaire.

Ele caiu de joelhos ao lado do corpo do guarda e enfiou a Morte Gentil ao lado do outro dardo, bem na língua inchada do homem. O mundo balançou ao seu redor quando a realidade se partiu em dois, e ele sentiu a explosão de queimadura fria dos Assombrados em sua pele. Os portões infernais se abriram para recuperar mais uma sombra que escapou. Terryn estremeceu, mas então algo se moveu e o bloqueou, protegendo-o do ar horrível e venenoso daquele outro reino. Uma vasta asa branca em forma de concha ao redor de seu corpo, gentil como os braços de uma mãe.

Os Assombrados fechou. Terryn caiu ao lado do corpo do guarda morto e sentiu sua alma oprimida rasgando-se por dentro.

CAPÍTULO 19

Ayleth desceu correndo a escada da frente, concentrando as percepções de Laranta em meio ao barulho de gritos, terror e confusão, concentrando-se naquela voz. Seu sangue bombeava freneticamente em suas veias. Mesmo com o poder da sombra dirigindo-a, ela sentiu que não poderia correr rápido o suficiente, não poderia chegar a tempo.

Vultos surgiram diante de sua visão mortal nas longas sombras escuras do grande saguão. Sua visão sombria quase não os viu, pois eles não possuíam espíritos brilhantes, mas seu coração deu um salto de pavor com a visão. Eles eram homens. Mulheres também. Três rostos que ela reconheceu entre os funcionários da casa e dois evanderianos.

Cada um deles preso à parede por saliências de cristal.

A Bruxa de Cristal esteve aqui. Crisenthia di Bathia. Isso contava quatro dos sete Diabos Carmesins sobreviventes, incluindo a Bruxa Fantasma e o Bruxo da Legião, que ela acabara de matar. E a Bruxa do Ardor. Ela estava aqui com certeza.

Quantos deles estavam aqui dentro da fortaleza? E como eles escaparam de Floresta da Bruxa pela Grande Barreira?

A resposta se apresentou mesmo enquanto ela derrapava no chão polido, tentando não olhar para os mortos nas paredes. A Bruxa Fantasma. É claro. Agora que a Bruxa do Ardor havia chamado Inren para ascender, dominando a alma persistente de Fayline d'Aldreda, Inren poderia facilmente cruzar a Barreira e retornar, passando por Assombrados. Contanto que ela tivesse deixado uma pedra âncora do outro lado. Ela poderia ter levado todos

os demônios para fora. Ela poderia ter trazido todos eles para Dunloch também.

E com que outro propósito senão matar o Rei Escolhido e seu filho?

Outro grito explodiu nos sentidos de Ayleth, levando esses outros pensamentos para longe de sua mente. Ela se atirou em torno dos pilares de sustentação do grande salão e adernou a ampla passagem norte. Assim que ela entrou neste corredor, o mundo explodiu em uma explosão de luz de sombra tão brilhante que Ayleth ergueu as duas mãos para proteger o rosto. Ela caiu de costas na parede, virando a cabeça, enquanto Laranta uivava em sua mente: — *Sombra! Sombra! Cace a sombra!*

Ayleth endireitou-se e, estremecendo por causa da luz, olhou para o corredor novamente. Através do brilho da magia, seus olhos físicos viram quatro figuras. A mulher mais próxima estava com a cabeça virada para que Ayleth não pudesse ver seu rosto. Três figuras masculinas jaziam no chão não muito adiante na passagem, o Príncipe Gerard, um dos guardas domésticos com dois dardos pendurados saindo de sua boca aberta, e... Terryn...

Das profundezas de sua alma derramou-se a luz da sombra branca.

— Não. — Sussurrou Ayleth. Então ela gritou: — Não! Por favor!

Ela sabia o que era. A vastidão de poder que emanava de Terryn disse a ela que ele havia liberado sua sombra. Exatamente como ela várias vezes insistiu que ele fizesse. Por que, ela não sabia, mas ele tinha feito isso, e agora este incrível redemoinho de poder arrancaria sua alma de seu corpo.

Ela não podia deixar isso acontecer.

— Não! Não! — ela gritou, depois passou a falar em espírito, lançando sua voz através de Laranta, estendendo a mão para aquela sombra. — *Por favor, não o machuque!*

A luz branca parecia se reunir em uma forma, uma forma que ela quase podia reconhecer, mas não totalmente. Ela sentiu uma profunda sensação de glória, majestade, pureza. Todas as coisas que ela nunca pensou em associar a sombras. E ela sentiu, mais do que viu, o interesse irresistível de olhos observando-a.

— *Eu não quero machucá-lo.* — uma voz falou. Ou melhor, uma canção cantada, sem palavras, mas com tal complexidade e precisão que Ayleth entendeu o significado, desimpedida pelas limitações da linguagem. — *Não desejo machucar o mortal.*

— *Mas você está!* — Ayleth disse. — *Você o está machucando. Ele não pode sustentar este nível de poder. Ele não sabe como. Você vai destruí-lo, vai expulsar sua alma. Por favor, por favor, pelo bem de Terryn, reduza!*

— *Não gosto de reduzir de novo.* — respondeu a voz, desta vez com mais severidade. — *Estou cativo há muito tempo.*

E o que ela poderia dizer sobre isso? Ela sabia quão profundamente Terryn havia amarrado sua sombra, como ele a tratou. Ele acreditava que era seu inimigo, seu pior e mais próximo inimigo, e com razão. Este ser era muito maior do que qualquer coisa que Ayleth já vira.

Ela não podia discutir. Então ela disse apenas: — *Por favor, não o machuque. Eu... não posso suportar perdê-lo.*

O ser a observou de perto. O brilho de seu brilho pulsou com interesse e curiosidade. Então ele disse: — *Nem eu.*

Enquanto falava, ele se reduzia. Ayleth observou, incrédula e maravilhada, enquanto a luz branca se fundia na forma de uma besta longa e elegante com asas magníficas. Ele inclinou sua extraordinária cabeça para baixo para Terryn e pareceu momentaneamente descansar a ponta de seu nariz delgado contra o coração de Terryn. Em seguida, encolheu e fluiu para seus

membros e torso, enrolando-se firme e silencioso. O brilho branco continuou a brilhar através da pele de Terryn por alguns momentos, iluminando o corredor, mas finalmente desapareceu, deixando tudo escuro e estranhamente quieto.

Com um grito mudo, Ayleth caiu de joelhos ao lado de Terryn. Ela agarrou seus ombros e puxou-o para cima, e seu coração saltou para a garganta quando os olhos dele piscaram rapidamente.

— A-Ayleth? — ele gaguejou, balançando a cabeça e olhando para ela incrédulo.

Ayleth não conseguia falar, nem começar a explicar. Ela o puxou para perto em um abraço rápido, mas rapidamente o empurrou novamente para encontrar seu olhar. Ele a encarou, os olhos fixos em seu rosto, mas sem realmente vê-la. Ele estava tentando compreender o que havia acontecido, tentando dar sentido a tudo isso.

Então ele piscou novamente, e quando seus olhos voltaram a se concentrar, ele exclamou: — Gerard!

Ambos se viraram para o príncipe deitado perto da mão, coberto por uma dúzia de cortes de uma maldição de sangue cruel. Ayleth e Terryn correram para o lado do príncipe, caindo parcialmente sobre o estranho guarda em seu caminho. Ayleth, olhando para as pontas das flechas com penas, viu que o guarda havia sido derrubado por um dardo paralisante e pela Morte Gentil. Seria possível que a Bruxa do Ardor tivesse roubado o corpo deste homem como um hospedeiro?

Ela não se demorou com esse pensamento, mas correu com Terryn até o príncipe. Ela rapidamente colocou os dedos em sua garganta. Um pulso! Ele estava vivo, apenas inconsciente.

— Ela ia matá-lo. — disse Terry, referindo-se ao guarda, Ayleth concluiu. — Eu precisei... Eu tive que... — Seus olhos procuraram os de Ayleth mais uma vez, enormes e desesperados. E cheio de admiração. — Eu a deixei sair.

— Você fez a coisa certa. — Ayleth pousou a mão sobre a dele. — Você ainda está vivo.

Terry olhou para o príncipe mortalmente imóvel. Então, com um aceno de cabeça, ele se moveu para deslizar um braço sob os ombros de Gerard. — Temos que levá-lo ao cofre. É a única maneira de mantê-lo seguro enquanto caçamos o resto desses demônios.

Ayleth assentiu e ajudou Terry a levantar Gerard. O príncipe gemeu, parecia tentar se recompor de volta à consciência, mas finalmente caiu como um peso morto nos braços de seu irmão. Seu rosto estava rasgado, três cortes feios sangrando profusamente. Ayleth envolveu o pescoço com um dos braços de Gerard para ajudar Terry a apoiá-lo. Então seu olhar pousou mais uma vez na mulher inconsciente.

— Senhora Cerine! — ela exclamou. No momento seguinte, ela se engasgou de horror ao reconhecer os farrapos ensanguentados no vestido da senhora, lugares onde as lombadas se projetavam e os ossos se quebraram e se reticularam. Uma colisão de pensamentos caiu no cérebro de Ayleth, realizações, suposições, confusões, tudo misturado em um. Eles a usaram. As bruxas a usaram para entrar no castelo. Como exatamente, Ayleth ainda não conseguia entender, mas eles tinham feito isso.

— Precisamos ir. — Insistiu Terry, a voz fina e tensa. — Deixe-a por enquanto. Bem vinda de volta. — Antes que ele pudesse continuar, duas figuras correram para o corredor do outro lado de Cerine. Dominus Fendrel e...

— Hollis! — Ayleth gritou.

Como se esta noite não pudesse ficar mais complicada!

Dominus e venatrix pararam ao avistar Terry, Ayleth e seu fardo. Ayleth ficou tensa, meio pronta para Fendrel tentar atirar onde ela estava, prisioneira fugitiva que era.

Em vez disso, o dominus rugiu: — Para o cofre! O cofre! — Terry e Ayleth trocaram olhares rápidos. O Dominus estava sobre eles no momento seguinte, agarrando o inconsciente Gerard de seus braços e deixando-o cair sem cerimônia a seus pés. — Deixe-o! Comigo de uma vez. Para o cofre! — ele comandou.

Hollis estava em sua visão periférica, Fendrel estava diante dela e o comando soou em seus ouvidos. Embora esse mesmo homem houvesse apenas algumas horas ordenado que sua pira fosse erguida, isso não importava agora. O treinamento de Ayleth assumiu o controle. Ela acertou o passo, seguindo-o pelo corredor até a galeria de retratos. Era como algo saído de um pesadelo estar nos calcanhares de Fendrel, Terry em sua mão direita com uma sombra não suprimida enrolada firmemente no centro de seu espírito, e Hollis à sua esquerda. Será que tudo isso nada mais era do que uma conjuração de sua mente aterrorizada? Que ela adormeceu naquela detestável prisão de um quarto de dormir e apenas sonhou com este caos?

Fendrel, com o braço direito pendurado estranhamente sem vida no ombro, usou o esquerdo para abrir a porta da galeria de retratos, batendo nela com o ombro. Ele correu para dentro, Hollis em seus calcanhares. Ayleth estava começando a segui-los quando um raio de magia passou diante de sua visão. Ela recuou contra Terry, que a segurou antes que ela caísse.

— Hollis! — Ela engasgou.

Sua visão clareou. Ela viu sua ex-senhora se recuperar de um rolo e assumir uma postura defensiva, a luz da sombra brilhando em seus olhos. Sua sombra de aparatação deve tê-la avisado sobre o ataque que se aproximava bem a tempo. Fendrel também saiu ileso da explosão, que atingiu a parede oposta. Entre duas grandes pinturas, sobressaíam imensos cristais, brilhando como dentes. Um pedaço de gesso caiu no chão.

A Bruxa de Cristal esperava lá dentro, bloqueando o caminho para o cofre.

CAPÍTULO 20

Hollis olhou por cima do ombro, viu o que havia acontecido com a parede e soube imediatamente quem devia ser seu agressor. Sua mão moveu-se para as aljavas, puxou um dardo paralisante e o enfiou em seu escorpião.

Depois de se levantar, Ayleth acenou com a cabeça para Terryyn e pegou seus dardos. Ele seguiu o exemplo, e os dois, um de cada lado da porta, espiaram para dentro da galeria. Outra explosão de magia atravessou a visão sombreada de Ayleth, e Fendrel apenas evitou ter sua perna direita presa no cristal, que brotou do chão em uma formação da altura de um homem.

Terryyn encontrou os olhos de Ayleth do outro lado da porta. Seu ângulo proporcionou-lhe uma visão melhor da galeria. Ayleth suspeitou que ele pudesse ver a Bruxa de Cristal. Ela o observou, seu escorpião erguido e pronto.

— *Laranta.* — Ela falou por dentro. — *Estenda a mão. Descubra onde a bruxa está. A sombra.*

Os sentidos de sua sombra de lobo se estenderam pela câmara, não a visão, o olfato ou a audição, mas outros sentidos para os quais Ayleth não tinha nome. Eles se manifestaram na cabeça de Ayleth, e sua mente os transformou em algo que ela pudesse compreender, uma visão sombria de uma figura parada a dez passos da porta secreta no final da galeria. Uma figura transbordando de poder, que lançou mais uma explosão que errou o alvo, mas sacudiu as paredes.

Ayleth encontrou o olhar de Terryyn. — Diga-me quando. — Ela murmurou, confiando que ele a entenderia.

Com as costas pressionadas contra a parede, em ângulo para que pudesse ver dentro da câmara com apenas um olho, ele acenou com a cabeça. Sua bochecha cicatrizada ficou tensa, sua mandíbula cerrada. Então seus olhos se voltaram para ela e seus lábios se moveram silenciosamente: — Agora!

Ayleth saltou para a câmara e mirou, permitindo que os sentidos de sua sombra a guiassem. Antes que seus olhos mortais se fixassem em seu alvo, ela atirou, e o dardo disparou pela galeria, entre a forma móvel de Fendrel e afloramentos de cristal crescidos do chão, voando direto em sua trajetória até o coração da bruxa.

Acertou em cheio.

A ponta envenenada do dardo dobrou-se e quebrou-se na pele impenetrável e brilhante de Crisenthia di Bathia.

A Bruxa de Cristal olhou para o dardo. Ela havia mudado de corpo desde que Ayleth a vira pela última vez na Floresta da Bruxa. Ela agora usava a forma de uma mulher enorme com seios de barril, seu cabelo espiralando para fora de sua cabeça em cachos sólidos e cristalizados. Suas mãos enormes se fecharam em punhos enquanto ela olhava diretamente para o rosto de Ayleth. E sorria.

O poder de Laranta cresceu dentro dela, e Ayleth saltou com tanta velocidade e força que ela correu parcialmente para cima e ao longo da parede, evitando por pouco a explosão direcionada em sua direção. Ela sentiu o toque frio da magia, sentiu como ela tentava pegá-la, envolvê-la, enviar cristais brotando de seus próprios ossos através de sua pele. Apenas a força e agilidade de sua sombra a salvaram. Desta vez.

Ela caiu com força, perdeu o equilíbrio e caiu sobre o ombro. O treinamento a fez rolar rapidamente atrás de uma das saliências de cristal no chão, o que era um escudo eficaz.

Ela espiou entre as formações e viu a Bruxa de Cristal levar outro dardo, desta vez do escorpião de Hollis, igualmente ineficaz. Hollis se esquivou de uma explosão e Fendrel se escondeu atrás de outra projeção de cristal, com o braço direito inútil ao lado do corpo, incapaz até mesmo de atirar. Ela viu o poder de Anathema crescendo dentro dele e o observou se levantar e lançar uma maldição sangrenta na cabeça da bruxa. Atingiu, mas não produziu nenhum efeito visível além de fazê-la cambalear dois passos para trás.

A Bruxa de Cristal sorriu novamente, seus dentes brilhando como muitos diamantes quadrados. Atrás dela, a porta que levava ao cofre estava aberta.

– *Eu tenho uma ideia.*

Ayleth estremeceu, reconhecendo a voz que de repente apareceu em sua cabeça: Hollis, falando através do poder de sua aparatação, entrando diretamente na mente de Ayleth.

– *Venador du Balafre.* – disse ela, e Ayleth percebeu que a voz de sua senhora estava aparecendo em várias mentes ao mesmo tempo. – *Precisamos de uma distração. Você pode usar seu poder para atordoar a bruxa? É isso que tenho em mente.*

Ayleth estremeceu quando Hollis apresentou uma imagem, uma imagem do que ela esperava que Terryn pudesse fazer, plantada diretamente em suas cabeças. Quando a imagem desapareceu, ela olhou para Terryn, ainda na porta, e o viu assentir. Ele entendeu. Isso significaria recorrer ao poder de sua sombra logo depois de quase ser dominado por ela. Ele poderia fazer isso? Ele poderia equilibrar o controle necessário para canalizar tal poder com uma sombra não suprimida?

– *Todos.* – disse a voz de Hollis. – *Tapem os olhos!*

Ayleth escondeu o rosto nos braços. Mesmo assim, o brilho cegante repentino da magia Arcana pareceu queimar direto, queimando seus globos

oculares, ameaçando derreter seu cérebro. Ela podia sentir aquela magia, aquela luz, refletida em muitos cristais até encher toda a câmara.

A Bruxa de Cristal gritou. E Hollis entrou em cena. O poder da sombra de Hollis subiu do fundo de sua alma, mais ascendente do que Ayleth jamais sentira. Ela não podia olhar para sua patroa com a luz da sombra de Terryn ainda refletindo nos cristais em poder mortal, mas com os sentidos de Laranta ela sentiu que aumentava, e ela sabia que Hollis devia ter usado seus Vocos para liberar a maioria de seus feitiços de restrição.

Com precisão de especialista, Hollis atacou com sua aparatação, mirando diretamente na mente da Bruxa de Cristal. A bruxa, vencida pela dor, não estava pronta para o ataque. Ela gritou de novo, desta vez de raiva, mas Hollis já estava em sua cabeça.

O calor e o brilho da magia de Terryn se desvaneceram. Ayleth se atreveu a erguer a cabeça, os olhos ofuscados por manchas escuras. Ela olhou ao redor de seu escudo de cristais e viu a bruxa se contorcendo no chão, seus enormes membros incrustados de cristal se debatendo e indefesos. De repente, o cristal derreteu, deixando para trás nada além de uma pele pálida e macia.

Fendrel entrou em ação antes mesmo de Ayleth se levantar. Usando o braço esquerdo, ele puxou um dardo paralisante e o enfiou na carne exposta do pescoço da bruxa. Crisenthia deu um último grito furioso e tentou reunir forças o suficiente para disparar uma rajada de magia no rosto de Fendrel. Mas Hollis ainda estava em sua cabeça. O braço da bruxa se afastou de seu alvo e sua mão se apertou, sufocando a explosão.

O veneno fez efeito, subjugando-a de corpo e alma.

Terryn entrou atrás de Fendrel, suas mãos ainda brilhando com o brilho da magia que ele acabara de canalizar. Mais uma vez, sua sombra se enrolou com força dentro dele, não tentando subjuga-lo, mas a força e a magia

zumbiam de seu núcleo de forma que ele parecia carregar uma música com ele a cada passo que dava. Ele puxou um dardo de Morte Gentil de suas aljavas e se ajoelhou sobre a Bruxa de Cristal.

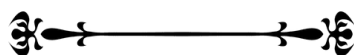
Fendrel agarrou seu ombro. — Não. — disse ele. — Deixe-a. Podemos precisar dela para interrogatório. — Então ele olhou de volta para Hollis, que se levantou trêmula, enfraquecida pelo uso da sombra. — Me siga! — ele latiu e, deixando Terryn com a bruxa, dirigiu-se à porta aberta que conduzia aos cofres.

Ayleth e Hollis fizeram um breve contato visual antes de ambas entrarem em ação, seguindo o Venador Dominus. Terryn chamou a atenção de Ayleth quando ela passou por ele, sua expressão ilegível. Ela desviou o olhar rapidamente, deixando-o amarrar a Bruxa de Cristal de acordo com o comando de Fendrel.

Ela alcançou a porta alguns passos à frente de Hollis e desceu apressada os degraus estreitos em busca de Fendrel. Ele ainda poderia querê-la morta. Ele ainda poderia ordenar que ela fosse queimada viva assim que a batalha for concluída. Mas, por enquanto, ela seguiria Fendrel do Glaive direto para a boca do inferno se houvesse alguma chance de ele levá-la a parar essas bruxas.

— Sem passado. — Ela sussurrou. — Sem futuro. Apenas a caça.

Laranta rosnou em sua cabeça.



Inren di Karel estava na passagem do lado de fora da abóbada de nível inferior, que foi fechada rapidamente contra ela. Sua mão, manchada e

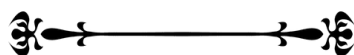
escorrendo de sangue fresco, pressionou sua superfície lisa. Mesmo aquele toque deveria tê-la enviado de volta contra a parede. Mas o sangue cobrindo sua mão e protegendo-a das proteções de sangue não era dela.

Guardin se ajoelhou aos pés da bruxa com as duas mãos pressionadas em seu pescoço, tentando estancar o sangramento de uma ferida aberta. Ele morreria com esse corte se não fosse amarrado. Seu corpo estremeceu, estremeceu e sua visão girou.

— Não vai funcionar. — Ele engasgou, cuspidando mais sangue com cada palavra. — As alas... as alas...

O rosto adorável de Liselle di Marin sorriu para ele, e Inren falou pela boca dela. — Eu sei como funcionam as proteções de sangue, querido rei. Aprendi um ou dois truques ao longo dos anos. Só alguém com sangue do Glaive dentro pode passar, certo? Nós vamos... — Ela lambeu a adaga, pouco se importando quando a lâmina cortou sua língua. — Lá. Vamos ver como isso funciona, vamos?

As figuras se moveram de cada lado do rei moribundo. Duas figuras, duas bruxas. Eles observaram a bruxa fantasma com interesse solene e silencioso enquanto ela colocava a mão ensanguentada no ferrolho, erguia-o e abria a porta.



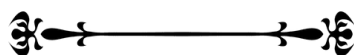
Ayleth estava apenas um passo atrás do Venador Dominus na escada estreita, seu escorpião de pé e pronto, apontado por cima do ombro dele. No fundo de sua mente, ela se perguntou exatamente o que eles estavam fazendo. Se houvesse uma câmara protegida por sangue abaixo, fazia sentido

trazer Gerard e seu pai aqui, onde estariam seguros enquanto os evanderianos lidavam com os Diabos Carmesins.

Por que Fendrel tirou Gerard dos braços de Terry n e o deixou no chão, exposto e sozinho naquele corredor? Ele tinha adivinhado que as bruxas estabeleceriam uma defesa aqui? E as próprias bruxas estavam simplesmente à espreita, sabendo que o rei e seu filho viriam aqui por segurança? Como elas sabiam sobre o quarto seguro? Não era como se isso fosse de conhecimento comum? Ou havia algo mais...

A mente de Ayleth explodiu em turvas nuvens de escuridão, seus sentidos cheios de fedor e clamor e uma sensação de facas rasgando sua pele. Ela caiu para trás nos degraus estreitos, pressionando-se contra a parede, sem se dar conta do que estava à sua volta, sem se dar conta do perigo.

Sua mente estava cheia de nada além de gritos, uma dor horrível.



A luz da lamparina de Inren brilhou no sarcófago além da porta, iluminando a mesa de pedra onde um cadáver jazia em estado de funeral, as mãos cruzadas sobre o peito. Um cadáver sem cabeça usando os restos queimados de um vestido fantástico enfeitado com joias.

Além da mesa, em um pedestal sob o vidro, estava a cabeça decepada.

Todo o cabelo estava queimado, e a pele estava enegrecida e horrível, especialmente ao redor da testa, que queimara até o crânio. As pálpebras estavam semicerradas, mas uma sensação estranha e vibrante deu a impressão de que se abririam novamente a qualquer momento. Quase se podia ver o movimento dos olhos negros por trás da pele pálida e translúcida.

— Não. — Os lábios do Rei Escolhido moveram-se silenciosamente. Ele não conseguia falar. Ele mal conseguia se manter em pé, encostado na parede, as mãos pressionadas contra o ferimento mortal.

— Minha rainha. — Sussurrou Inren. Ela deu um passo. As proteções de sangue deveriam derrubá-la de uma vez, para despedaçá-la em mil pedaços. Mas ela adivinhou a fraqueza da magia de Fendrel corretamente. Com o menor vestígio do sangue fresco de Gardin dentro dela, ela passou pela enfermaria intocada.

Com gritos de alegria e ansiedade, os dois bruxos ao redor de Gardin se aproximaram dele. Ambos queriam o gosto de seu sangue. Eles pegaram o que precisavam e correram atrás de Inren para a sala. — Tragam-no. — a bruxa fantasma chamou para o segundo homem antes que ele entrasse.

O bruxo fez uma pausa. Seus movimentos eram lentos, os músculos do rosto, frouxos. Alguém conseguiu acertá-lo com um dardo paralisante. Mas ele agarrou Gardin pelo cotovelo e o puxou para cima. O rei quase desmaiou. Ele desejava desesperadamente deixar a inconsciência chegar, desaparecer na escuridão e na morte antes de ver o que sabia que deveria acontecer a seguir. Mas ele se recusou a sucumbir a esse desejo.

Ele iria assistir. Até o fim.

Onde estava a garota? Seu cérebro doente agarrou esse pensamento com um lampejo de esperança, mesmo quando o bruxo o jogou no chão ao lado da laje de pedra e do cadáver de seu inimigo. Sem a garota, eles não poderiam cumprir seu propósito. E ela não estava à vista. Talvez... talvez...

A bruxa puxou um frasco feito de alguma pedra preciosa preta facetada do peito de seu vestido esfarrapado. — A cabeça, minha querida. Traga a cabeça de nossa rainha. — Ela disse, sua voz tão reverente como uma freira em oração.

O outro bruxa foi até o pedestal e ergueu a cúpula de vidro. Ele o deixou cair e ele se espatifou em cem cacos no chão. Alcançando ambas as mãos para aquela cabeça horrível, ele a ergueu com tanta gentileza, tanta ternura! Como se ele tivesse a mais sagrada das relíquias. Ele a carregou até a laje e gentilmente, muito delicadamente, colocou-a no lugar ao lado do pescoço decepado.

Todos os três bruxos se aglomeraram. Ansiosos para ver, ansiosos para ver o milagre. A maldição. A abominação que Gardin já havia testemunhado uma vez. Vinte anos atrás...

Tentáculos escuros de oblivos estendiam-se de osso a osso, pescoço a pescoço, costurando o que nunca deveria ser consertado. Terrível Odile estava mais uma vez inteira.

— Por que ela não acorda? — Um dos bruxos exigiu, sua voz esganiçada e cuspiendo em sua ansiedade. Ele pairou sobre sua rainha morta, que ainda estava inerte, os espíritos dentro dela em silêncio. — Por que ela não se levanta?

— Você se esquece, irmão... — a bruxa o repreendeu com um olhar penetrante antes de mais uma vez fixar seus olhos de adoração no rosto da bruxa morta. — Você esquece a contra maldição. Ela só pode ser restaurada por um de seu próprio sangue. — Ela sorriu então, destampando o frasco que segurava. — Mas, como acontece com todas as maldições de sangue, geralmente há uma solução alternativa.

Ela pegou a boca do cadáver em sua mão, puxando a mandíbula aberta. Inclinando o frasco, ela observou uma fina corrente de líquido vermelho escuro derramar na língua inchada e escorrer por sua garganta destruída. Ela continuou derramando até a última gota cair. Então ela fechou a mandíbula da mulher morta e deixou cair o frasco de modo que se espatifasse

na pedra. Ela recuou, assim como os dois bruxos. Seus rostos eram máscaras de medo e desejo, terríveis de se ver.

Guardin soube então o que havia acontecido. De alguma maneira... de alguma forma, eles haviam tirado o sangue da garota. Não muito. Mas não importaria. Apenas um pouco era necessário.

Deusa, Guardin orou enquanto sua vida escorria entre seus dedos trêmulos. Deusa, não puna meu povo por meus pecados. Não puna meu filho por minha mentira. Não nos abandone...

O corpo teve um espasmo. Os braços, cruzados em seu peito, estendidos para os lados, cada dedo se esticando. A cabeça inclinada e as costas arqueadas.

Terrível Odile gritou.

CAPÍTULO 21

Ayleth gritou.

Fendrel girou na base da escada, seus olhos brilhando com a luz das sombras. — O que ela está fazendo? — ele rosnou. Por um momento, Hollis temeu que ele soltasse a maldição que havia construído na palma da mão, cortando Ayleth em duas, onde ela estava deitada para silenciá-la.

Agindo rápido, Hollis desceu as escadas em cima de Ayleth, colocando-se entre sua ex-aprendiz e o Venador Dominus, e tapou a boca de Ayleth com as mãos. A garota parecia não se dar conta de sua presença e continuou gritando, mesmo enquanto perdia o fôlego. Nesse ritmo, ela alertaria todas as bruxas em um raio de trinta quilômetros de sua presença.

— Cuidado com a passagem! — Hollis atirou de volta em Fendrel por cima do ombro. Ainda mantendo as mãos apertadas sobre a boca aberta de Ayleth, ela encostou a testa na da garota.

— *Ayleth!* — Ela mergulhou sua sombra nas bordas da mente da garota. A Aparição, que viajou muitas vezes para este reino, moveu-se rapidamente, em busca de uma abertura. O terror de Ayleth dificultou o acesso, mas Hollis dirigiu sua sombra. — *Ayleth! Você pode me ouvir?*

Olhando através dos olhos de sua sombra, ela vislumbrou a floresta sombria que constituía a paisagem mental de Ayleth. Em algum lugar daquela floresta, a alma de Ayleth gritava para o céu vazio, incoerente. Hollis estendeu a mão com sua sombra, tentando tocar o limite da consciência da garota, apenas para fazê-la perceber que não estava sozinha. Ela finalmente a encontrou e mergulhou para alcançá-la.

Então ela ouviu a voz.

VENHA ATÉ MIM! VENHA ATÉ MIM! VENHA ATÉ MIM!

Ele preencheu este espaço como um trovão constante e estrondoso, explodindo com raios como um relâmpago. Era uma voz que Hollis conhecia. Bem demais. Muito bem.

— *Ayleth!* — ela gritou novamente, desesperada para alcançar a garota. Usando o poder de sua sombra, ela a fulminou bem fundo na mente da garota. — *Ayleth, venha até mim! Siga minha voz!*

Mas Ayleth não conseguia ouvi-la. Ela estava totalmente entregue ao seu terror, totalmente entregue à voz pulsante e pulverizante que golpeava sua alma. Hollis não conseguiu detectar nenhum sinal da sombra da garota, que Ayleth normalmente mantinha tão perto. A voz levou até mesmo aquele poderoso espírito de volta para os recessos mais profundos da floresta sombria.

De repente, a voz cessou. Os gritos de Ayleth também morreram, quase imediatamente. Hollis, usando o poder de sua sombra, estudou a garota parada em sua mente, ereta e sem expressão, os braços moles ao lado do corpo.

Ela abriu os olhos mortais para ver a forma física da garota diante dela. Ayleth piscou lentamente. A consciência cintilou em seu rosto e então voltou totalmente à vida. Ela afastou as mãos pressionando de Hollis, fez uma careta e esfregou a testa com a palma da mão. — O que... o que aconteceu?

Hollis não respondeu. Ela ficou na escada, virando-se para enfrentar Fendrel lá embaixo. O Venador Dominus levantou-se com uma maldição, preparado para um ataque de bruxa a qualquer momento. — Fendrel! — Hollis latiu.

Ele olhou para cima, encontrou o olhar dela. A cor sumiu de seu rosto. Hollis não precisou dizer nada. Ele já sabia.

Mas ela disse as palavras de qualquer maneira: — Ela está acordada.

O poderoso guerreiro, o homem de visão, o líder que comandou a morte de milhares por causa do que ele acreditava... Naquele momento, ele parecia um garotinho perdido e assustado.

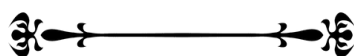
Sua mandíbula se firmou. — Levante-a. — disse ele, subindo os degraus de dois em dois. Ele estendeu a mão esquerda. — Ponha-a de pé! Ela é nossa única chance agora.

Hollis não discutiu. Ele estava certo. Ela agarrou Ayleth pelo braço e, com a ajuda de Fendrel, puxou a garota alta para cima. — Hol... Hollis. — Ayleth engasgou. Ela cambaleou e seus olhos rolaram. — O que... o que você está...?

Hollis pegou um dardo de uma das aljavas pendurada no peito de Ayleth. Ela agarrou o escorpião da garota, jogou o dardo carregado para cair nos degraus de pedra e deslizou este novo dardo em seu lugar. — Veneno elementar. — Ela disse. — Não hesite em atirar. No momento em que você tiver um tiro certo, atire!

— Atirar? Em quem?

— Você saberá. — Fendrel respondeu sombriamente. Eles desceram para a passagem sombria, cambaleando e tropeçando o mais rápido que podiam, enquanto Ayleth tentava desesperadamente recuperar o controle dos próprios pés. Hollis não se permitiu esperar que eles chegassem a tempo. A esperança não importava mais.



Suas mãos procuraram seu pescoço, tremendo como folhas. Ela engasgou e engasgou, tossiu e cuspiu, sentou-se na laje de pedra e se debateu entre os joelhos erguidos. Nada saiu, mas ela continuou a vomitar, seus longos dedos tremendo enquanto ela acariciava e acariciava seu pescoço, como se incapaz de acreditar que estava intacto. Então ela olhou para seus braços, ombros, mãos.

— Eles me queimaram. — Ela murmurou. A voz era como facas rasgando sua garganta. Ela engasgou novamente. Mas suas mãos se fecharam em punhos e ela balançou a cabeça, rugindo mais alto apesar da dor. — Eles me queimaram! Eles me queimaram! Eles cortaram minha cabeça e me queimaram!

— Minha Rainha... — Falou a Bruxa Fantasma.

Com um rugido, a coisa espectral na laje esticou um braço, e um raio de pura escuridão disparou de cada ponta de dedo, atingindo a parede à direita de sua serva, abrindo um buraco na pedra. A câmara estremeceu, o teto estremeceu.

As bruxas se afastaram da laje, trocando olhares assustados.

Terrível Odile olhou para sua mão maravilhada. Então, um sorriso lento e terrível apareceu em seu rosto.

— Eu ainda estou com você, não é? — ela murmurou. — Minha sombra, meu demônio mais querido. Mesmo agora você não consegue resistir à minha vontade. Portanto, podemos reconstruir. Podemos recuperar o que foi roubado. Nós encontraremos nossa coroa, e nós iremos...

Seus olhos e narinas dilataram-se e ela virou a cabeça, seus olhos iluminados pela morte fixos no rei, que estava deitado em um feixe de membros perto da parede. Ele encontrou o olhar dela, e embora seu coração falhando disparasse com o desejo de estar diante dela uma última vez, ele não

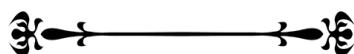
tinha mais controle de seu corpo. Suas mãos enfraquecidas caíram do ferimento em sua garganta de onde fluía o sangue de sua vida. Mas ele encontrou seu olhar sem vacilar.

— Você. — Odile assobiou. Ela se retorceu na laje, tentou escalar e quase caiu com o esforço. Seus dedos trêmulos agarraram a borda da pedra, apenas mantendo-a de pé. — Você cortou minha cabeça e queimou meu corpo. Você roubou meu trono e massacrou meu povo.

Ele não conseguia falar. Ele não podia fazer nada exceto...

Um canto de sua boca se torceu em um meio sorriso fraco.

Com um grito de pura raiva, Terrível Odile ergueu seu braço esquelético e explodiu o Rei Escolhido de Perrinion até o esquecimento.



Ayleth ouviu gritos no final da passagem. Sua visão turvou, e o mundo ao seu redor parecia feito de um caos de pesadelo.

Como ela conhecia aquela voz? Por que Fendrel e Hollis a carregavam entre eles, não para longe da batalha, mas em direção a ela? Ela tentou se recompor, se libertar de seus braços, ficar de pé sozinha.

Adiante ela viu a porta do cofre. A luz da lanterna passou por uma abertura na passagem sombreada. E então a gritaria:

— Eles me queimaram! Eles me queimaram! Eles cortaram minha cabeça e me queimaram!

Seu estômago se apertou de terror. Laranta uivou dentro dela. Ela deveria recorrer ao poder de sua sombra agora, livrar-se das mãos que a arrastavam e fugir. Mas não. Ela era uma venatrix. Ela não fugiria de uma luta.

— *Encontre a sombra, Laranta!* — Ela comandou do lado de dentro.

Laranta lamentou: — *Sombra! Sombra!* — e seus poderosos sentidos saíram de Ayleth para aquela câmara. As bruxas estavam lá, esperando, sombras ascendentes.

Mas havia mais. Havia... um poder. Diferente de tudo que Ayleth já havia encontrado.

— Você! — A voz rugiu. — Você cortou minha cabeça e queimou meu corpo. Você roubou meu trono e massacrou meu povo.

Fendrel saltou para a porta, largando o braço de Ayleth e erguendo o braço esquerdo, a magia da maldição crescendo em sua palma. Ayleth cambaleou para o lado e olhou para aquela câmara aberta. Seus sentidos mortais estavam muito confusos para compreender qualquer coisa. Mas seus sentidos de sombra perceberam tudo em um único momento cristalino de clareza absoluta.

Ela viu a laje e a mulher sentada sobre ela, segurando as pontas da pedra com tanta força que seus dedos sangravam. Ela viu os bruxas, três deles com as costas pressionadas contra a parede, os olhos arregalados de terror, as bocas abertas de admiração. Ela viu o rei, sangrando, desabando no chão não muito longe da porta.

Ela viu o poder do oblivis crescendo do centro da alma da mulher furiosa. Um elemento que não era deste mundo, uma força de destruição total.

— NÃO! — Fendrel gritou. Ele se lançou, mas Hollis o agarrou pelo braço e o puxou para trás, impedindo-o de se jogar na frente do rei.

Ayleth, com seus olhos mortais cegos, sua visão sombria deslumbrada, viu a escuridão absoluta do oblivis disparar do centro da mulher, canalizando-se ao longo de seu braço, por entre os dedos. Atingiu o Rei Escolhido no coração, estilhaçando seu peito em um milhão de partículas cintilantes. Cada

um por um instante brilhante cintilou como as estrelas do céu, explodindo para preencher todo o universo com seu brilho. Então eles se dissiparam e caíram em uma nuvem de poeira, opacas e mortas no chão.

Guardin desabou, um buraco aberto em seu torso se entrelaçando com tentáculos de oblivis.

Todos os sentidos mortais entorpecidos. Ayleth não conseguia ouvir nada, não ver nada, não sentir nada. Ela percebeu com sentidos não naturais como Fendrel se debateu e rugiu atrás dela, caindo de joelhos, ainda preso nas mãos de Hollis. Ela percebeu os bruxos se lançando em direção à laje central, as mãos estendidas para a mulher.

Ela sentiu a mulher erguer os olhos da morte que acabara de lidar e encarar Ayleth diretamente no rosto. — Você deveria estar morta. — disse ela.

Ayleth viu seu próprio rosto. Só era o rosto dela como tinha aparecido na visão de Nilly de sua morte, cabelo queimado, uma marca negra rodeando sua testa e crânio, sua pele descascando como cachos de cinza. Seus próprios olhos, brilhando com sombras e morte, olharam para ela.

A mulher ergueu a mão e o poder do oblivis se reuniu, formando uma densa esfera de destruição em sua palma, pronta para explodir. Ayleth ergueu seu escorpião armado com o dardo paralisante e mirou.

A Bruxa Fantasma pegou a mulher pelo ombro. Pouco antes de o ferrolho se soltar, uma rachadura nos mundos se abriu e os próprios Assombrados bocejaram ao redor dos bruxos. Ayleth deu o tiro, mas o dardo disparou através de uma nuvem de oblivis rodopiante onde a mulher na laje havia se agachado apenas um instante antes.

O dardo atingiu a parede oposta com estrépito e caiu quebrado no chão.

CAPÍTULO 22

Ayleth permaneceu com seu escorpião ainda erguido, apoiado em seu braço esquerdo. Ela olhou para aquele espaço na câmara vazia onde seu próprio rosto estivera apenas um momento antes. Seu coração batia forte em seus ouvidos e lentamente, lentamente, ela se deu conta de outros sons, outros movimentos no mundo ao seu redor.

Fendrel se desvencilhou do aperto de Hollis e mergulhou naquela câmara. As proteções de sangue não o afetaram. Ele passou sem parar e caiu de joelhos ao lado do corpo quebrado de seu irmão. Como se estivesse longe, Ayleth ouviu lamentos e soluços, e percebeu que vinham do Venador Dominus, que recolhia o rei morto em seus braços.

Alguém tocou em seu braço. Com um sobressalto de surpresa, Ayleth olhou para os olhos claros de sua senhora. Hollis olhou para ela, as lágrimas brilhando, sua expressão cheia de coisas que Ayleth não conseguia entender.

— Aquela era Terrível Odile. — disse Ayleth.

Hollis acenou com a cabeça uma vez. Mas ela não precisava. Ayleth já sabia. Terrível Odile... viva, não morta, como Ayleth sempre aprendera. Não decapitada e queimada e desaparecida. Viva. Ayleth piscou. Sua visão turvou enquanto ela tentava manter o foco nos olhos aflitos de Hollis.

Suavemente, ela sussurrou: — Por que ela tem meu rosto?

Hollis se afastou de Ayleth quase como se não suportasse mais olhar para ela. A cabeça de Ayleth girou. A escuridão se fechou em torno das bordas de sua visão. Ela seguiu a linha de visão de sua ex-senhora, olhando para a câmara protegida por sangue.

Fendrel, com o braço direito pendurado mole, de alguma forma conseguiu erguer o corpo do irmão para cima e por cima do ombro com o único braço bom. Usando a parede como suporte, ele se levantou, o poder de sua sombra brilhando em cada membro. Ele se virou para a porta, as lágrimas escorrendo pelo sangue em seu rosto, e por um instante seu olhar perfurou o rosto de Ayleth com um ódio tão feroz que ela temeu que seu coração parasse ali mesmo. Seus olhos se desviaram dela no momento seguinte, e ele curvou a cabeça sob o fardo que carregava e saiu pela porta, carregando o cadáver do rei.

Hollis e Ayleth recuaram, dando-lhe espaço na passagem estreita. A mão de Hollis se estendeu, apenas tocando seu braço morto quando ele passou. — Fendrel? — ela disse calmamente.

Ele não respondeu, nem reconheceu, mas moveu-se pesadamente pelo corredor. Mais de uma vez ele caiu contra a parede e teve que parar e firmar os pés. Embora Hollis várias vezes tenha se movido reflexivamente para ajudá-lo, ela se conteve, recuando vários passos. Nenhum dos dois falou sobre o que acabaram de ver, a aparição impossível que fora real demais momentos atrás. No meio de seu horror, nenhum deles parecia... surpreso.

Eles sabiam. A compreensão atingiu Ayleth no estômago. Eles sabiam o tempo todo. Terrível Odile não estava morta. E eles mentiram. Ambos. Mentiram descaradamente.

Os pés de Ayleth moviam-se por conta própria, pois ela não conseguia encontrar forças para seguir a venatrix e o dominus. Mas ela deveria segui-los. Era isso ou ficar aqui na escuridão da cripta, tão perto do fedor da morte e do oblivis. Raiva e traição rugiam em sua cabeça, muito confusa para se transformar nas perguntas que ela precisava responder.

O barulho de botas na pedra atraiu a atenção de Ayleth. Ela espiou com visão sombria através da escuridão à frente, por cima da cabeça de Hollis e ao redor dos ombros largos de Fendrel e do corpo que ele carregava. Terryyn apareceu na base da escada que conduzia ao andar principal do castelo, a luz da sombra brilhando em seus olhos, seu escorpião erguido. Ele assustou-se ao ver Fendrel e mirou, mas se impediu de disparar quando o reconhecimento se consolidou.

Seu olhar caiu sobre o rosto morto do rei. Ele respirou fundo e deu um passo em frente, tentando ajudar Fendrel com seu fardo. — Afaste-se, Venador. — Fendrel rosnou, e empurrou rudemente seu ex-aprendiz. Terryyn se achatou contra a parede e Fendrel subiu a escada, cada passo laborioso um esforço de pura vontade.

Hollis o seguiu, mas Terryyn se virou para olhar para trás, para o corredor. Sua visão sombria iluminou Ayleth, e ela viu sua boca aberta, sua mão estendida em sua direção.

Ela não conseguia olhar para ele. Ele estava envolvido no engano de Fendrel? Afinal, ele era o protegido criado à mão do dominus, treinado para servir, treinado para obedecer sem questionar. Ele sabia quem havia descansado sob os pisos do Castelo Dunloch todo esse tempo?

Ele sabia de quem ela compartilhava o rosto?

— Ayleth. — sussurrou ele, mas ela passou por ele sem dizer uma palavra, subindo apressadamente as escadas atrás de Hollis e Fendrel.

Quando ela ganhou a galeria acima, ela viu Fendrel já na metade do caminho para a porta. Hollis esperava por ela, de pé sobre a forma inconsciente da Bruxa de Cristal. A venatrix assentiu e Ayleth se moveu para obedecer sem protestar, o instinto de anos ditando suas ações. Ela se abaixou e pegou a bruxa pelos ombros enquanto Hollis a erguia pelos joelhos. Juntas, elas a arrastaram

da galeria, entre as saliências de cristais que se projetavam do chão, e seguiram Fendrel.

Gerard, Ayleth pensou repentinamente. Eles deixaram o príncipe deitado na passagem fora da galeria. Ferido por um golpe de maldição, sangrando, vulnerável. Outra bruxa o encontrou e terminou sua vida enquanto ele estava desprotegido? Perrinion tinha perdido seu Rei Escolhido e seu Príncipe Dourado no decorrer de uma noite?

Enquanto ela e Hollis carregavam o corpo inerte da Bruxa do Cristal para a passagem, Ayleth olhou imediatamente para o lugar onde vira o príncipe pela última vez. Seu coração deu um baque de puro alívio, pois ela o viu sentado, com a cabeça apoiada em uma das mãos e os olhos fechados. Seu rosto estava cortado em três listras terríveis onde a maldição da Bruxa do Ardor o atingiu. Senhora Cerine estava imóvel onde Ayleth a vira pela última vez, a vários metros do príncipe.

Ao som de sua abordagem, Gerard olhou para cima para ver Fendrel caindo sobre ele com o corpo pendurado no ombro. Ele se levantou com dificuldade, balançou com tanta força que quase caiu de novo, mas conseguiu manter o equilíbrio. Seus olhos, enormes e redondos, fixaram-se nas figuras banhadas pelo luar.

Fendrel desabou aos pés de Gerard. O corpo do rei esparramado no chão. Gerard recuou vários passos. Ayleth observou seu olhar viajar da ferida ensanguentada no pescoço do pai até o buraco onde deveria estar o coração. Ela assistiu a batalha de incompreensão e guerra de realização em seu espírito, assistiu a luta de autocontrole contra o terror puro. Ele balançou a cabeça, cada vez mais forte, como se recusando a aceitar a realidade diante dele.

— O rei está morto. — A voz de Fendrel encheu a passagem como o rugido de um trovão. — Vida longa ao rei.

O rosto de Gerard congelou. Ele parou de tremer e uma imobilidade tomou conta dele como uma máscara caindo no lugar. O coração de Ayleth doeu com a visão, mas ela, Hollis e Terryn imediatamente ecoaram as palavras de Fendrel: — Vida longa ao rei.

Fendrel respirou fundo, sibilando. Então ele se curvou sobre o corpo do irmão em uma atitude de oração ou desespero, era impossível dizer qual. Ele colocou uma mão trêmula sobre o ferimento no peito de Guardin, como se ele pudesse de alguma forma, por pura força de vontade, reparar o dano e renovar a vida interior.

Gerard ergueu o olhar das costas curvadas de seu tio e olhou para Ayleth e os outros dois. — Como... Como isso aconteceu? — ele perguntou, sua voz grossa e cheia de dor. Ele considerava Terryn como aquele em quem confiava na maioria dos reunidos.

Terryn abriu a boca, mas hesitou. Ele não tinha visto como o rei havia morrido. Ele não tinha visto o que acontecia naquela câmara secreta. — Nós... encontramos a Bruxa de Cristal guardando a porta para... — ele começou.

— Foi Odile.

Hollis ergueu a cabeça baixa e encontrou o olhar intenso de Gerard. Seus olhos eram pontos brilhantes de sombra-luz espiando por trás dos fios de cabelo loiro.

— Foi Odile. — Ela repetiu. — Seus tenentes invadiram o cofre e despertaram sua senhora. Odile então matou o rei, e a Bruxa Fantasma a levou, junto com outros dois bruxos sobreviventes.

Embora suas palavras tenham sido ditas suavemente, elas soaram alto naquele ar mortalmente parado. Ouvir Hollis expor o assunto com tanta clareza fez Ayleth sentir vontade de se enrolar e vomitar no chão.

Mas pior ainda era a expressão no rosto de Gerard. A expressão que dizia que ele também sabia. Junto com Fendrel, junto com Hollis. Gerard, o Príncipe Dourado, a esperança de todos os Perrinion... Ele estava mentindo.

Terryn se voltou para Hollis. — O que você está dizendo? Odile está morta há décadas.

A veemência de suas palavras surpreendeu Ayleth, mas um rápido dardo de alegria seguiu sua surpresa. Ele, pelo menos, não tinha sido conivente com os outros. Ele era inocente de seus enganos. Seu olhar mudou de Hollis para Ayleth, buscando nos olhos dela alguma verificação de suas próprias palavras de dúvida. Mas ela não podia dar nada a ele, não importa o quanto ela desejasse. Terryn balançou a cabeça, sem vontade de acreditar. — Eu estava lá. — disse ele. — Eu estava lá quando o Rei Escolhido entrou em Dunloch com a cabeça em uma lança! Eu estava lá quando o corpo dela foi queimado. Ela não pode...

— Ela não está morta.

Os olhos de Terryn dispararam para Gerard. Sua boca se abriu para falar mais protestos, que morreram em sua língua.

— Ela não está morta. — Gerard repetiu. Ele fechou os olhos e esfregou o rosto com a mão, manchando o sangue dos cortes. — Eles não a mataram, Terryn.

Terryn olhou fixamente para o príncipe, sua boca se fechando lentamente. Então ele abaixou a cabeça. Seus ombros se curvaram e ele se retraiu para dentro de si mesmo quando todo o peso dessas revelações caiu sobre sua alma.

Gerard deu um passo à frente, pairando sobre a forma agachada de seu tio e o cadáver de seu pai. — Agora não é hora para perguntas. — disse ele. — Devemos nos reagrupar. Devemos nos recompor e discernir o que é melhor ser feito. Venador Dominus... Não. — Ele balançou a cabeça e ergueu o olhar de Fendrel para Terryn. — Venador du Balafre, eu o exorto a descobrir qual de seu povo está vivo. Reúna os Evanderianos e proteja o castelo. Veja se não há mais bruxas entre nós.

A cabeça de Terryn se ergueu e, pelo espaço de uma única batida do coração, Ayleth se perguntou se ele obedeceria. Mas ele ofereceu uma saudação no momento seguinte. Então, sem olhar na direção de Ayleth, ele disparou pelo corredor, indo em direção aos fundos do castelo e ao terraço de pedra onde os evanderianos haviam trabalhado antes para erguer sua pira.

Ayleth o observou ir até que ouviu a voz de Gerard falar o nome dela. — Venatrix di Ferosa, quem é esta que você trouxe para mim? — Ela encontrou o olhar do príncipe e viu que ele indicou a bruxa inconsciente deitada ao lado dela.

— A Bruxa de Cristal. — ela deixou escapar apressadamente. — Uma... uma das tenentes de Odile.

— Viva? — Gerard perguntou.

Ayleth concordou com a cabeça.

— Excelente. Você e Venatrix...?

— Di Theldry. — Hollis forneceu. — Hollis, Venatrix di Theldry.

— Vocês duas prendam essa bruxa em um dos depósitos dos fundos. Vamos questioná-la ao acordar e descobrir o que nossos inimigos pretendem fazer a seguir.

— Não precisaremos esperar que ela acorde. — Hollis murmurou sombriamente enquanto ela e Ayleth se apressavam em obedecer à ordem do

príncipe. Ayleth não conseguia olhar para a senhora, mas mesmo assim a ajudou a erguer a bruxa. Se nada mais, era um alívio ter uma ordem a seguir, um trabalho a fazer. Algo útil para focar sua mente em vez de reviver o que acabara de testemunhar.

Pouco antes de ela e Hollis chegarem ao fim da passagem, ela ouviu Gerard falar mais uma vez: — Tio, cuide de meu pai. E não fale com ninguém até que você me veja novamente.

Ayleth olhou por cima do ombro para ver o Venador Dominus curvado e quebrado sobre o corpo de seu irmão.

CAPÍTULO 23

Sons de gritos e choro ressoaram por todo o castelo enquanto Ayleth e Hollis arrastavam o corpo da bruxa para as passagens de trás de Dunloch em direção aos depósitos escuros. Aqui e ali elas passavam por membros da família assustados e em fuga que olhavam para as venatrizes com terror absoluto, incapazes de distinguir entre bruxas e evanderianos. Nem Ayleth nem Hollis tentaram chamá-los ou assegurar-lhes que o perigo havia passado.

O ataque a Dunloch pode ter terminado, mas o perigo real estava apenas começando.

— Aqui. — disse Ayleth, abrindo com um chute uma porta baixa que descia por um pequeno lance de escadas e conduzia a um subsolo sem janelas e de teto arqueado. Barris de vinho, carnes e vegetais armazenados em vinagre cobriam as alcovas, mas fora isso estava vazio. Serviria como uma masmorra improvisada.

Hollis e Ayleth jogaram seu fardo no centro da câmara. O veneno paralisou seu corpo e alma. Olhando para ela com visão sombria, Ayleth podia ver sua sombra enrolada sob as supressões venenosas. Mesmo assim, Terrynt teve o cuidado de amarrar suas mãos e pernas, e Ayleth sentiu o funcionamento de um feitiço de canção de Detrudos ao seu redor também. A Bruxa de Cristal era uma velha e poderosa trabalhadora de magia, com controle magistral sobre a sombra que residia nela. Não seria sensato subestimar sua força.

Ayleth deu um passo para trás quando Hollis se ajoelhou ao lado da bruxa, estendendo a mão para pegar seu rosto entre as mãos. — Espere. — disse Ayleth.

Hollis ergueu os olhos rapidamente. — Vou acessar a mente dela. — disse ela. — Precisamos descobrir...

— Não. Por favor. — A voz de Ayleth saiu pela espessura de sua garganta. — Hollis, você tem que me dizer. Não me faça perguntar de novo, eu imploro. Por que... Por quê...?

Por que ela compartilhava um rosto com a maior vilã de toda a história da Gália? O monstro? Terrível Odile, a matadora e escravizadora da humanidade? Por que tudo o que Ayleth acreditava ser verdade de repente se desfizera diante de seus olhos? O Rei Escolhido que matou a Rainha Bruxa foi morto pela Rainha Bruxa. E a profecia da Deusa foi anulada, dizimada.

— Por que? — Ayleth sussurrou.

Hollis se levantou e se afastou da bruxa, com os punhos cerrados. Só então Ayleth percebeu uma certa rigidez em seus movimentos, um leve favorecimento de uma perna em relação à outra. Ela estava ferida? Isso explicaria por que ela não tinha vindo atrás de sua aprendiz rebelde antes.

A luz da sombra cintilou nos olhos de sua senhora quando ela se virou, foi até a parede e se sentou em um dos barris de vinho. — Eu tenho muito para te contar, minha garota. Muito devo confessar. Eu... Não sei por onde começar.

— Sim. — disse Ayleth. Ela cruzou os braços, endurecendo-se contra a vulnerabilidade que ouviu na voz de Hollis. — Eu sei exatamente por onde começar. Eu sou inata. Eu já sei disso. Eles já levantaram minha estaca no quintal e pretendem me queimar ao amanhecer.

Hollis estremeceu. Ela parecia mais frágil naquele momento do que Ayleth jamais a vira. Mas ela balançou a cabeça e a fragilidade desapareceu

quase imediatamente. — Eles não vão tocar em você agora. — disse ela asperamente. — Eles não ousariam. Fendrel não deixaria.

— Fendrel orquestrou isso. — Ayleth cruzou a câmara escura para Hollis. Ela queria pegar a venatrix pelos ombros, sacudi-la até obter as respostas de que precisava. — Ele soube que eu era inata no momento em que me viu. Como? Como ele soube? Como ele...? Por que eu...?

Hollis estendeu a mão e segurou a mão de Ayleth. Um gesto simples, mas que Ayleth não se lembrava de ter ocorrido entre elas antes desse momento. Nem mesmo quando ela tinha sete anos, recém-chegada ao posto avançado de Gillanluòc. Hollis agarrou seu braço, agarrou seu pulso, até mesmo a agarrou por sua longa trança escura. Ela nunca segurou sua mão.

Ela a pegou agora, como uma mãe gentilmente pegando os dedos de seu filho, e embora Ayleth fosse mais alta do que sua senhora por mais de uma cabeça, seu espírito estremeceu com aquele toque. Ela queria derreter nos braços de Hollis, ser abraçada, consolada.

O impulso a horrorizou. Como ela poderia, mesmo depois de tudo que tinha descoberto, ainda desejar o amor e o cuidado dessa mulher? Como ela ainda poderia ser tão estúpida, tão suscetível? Ela poderia muito bem abrir sua mente e convidar Hollis para entrar, dizer-lhe para bloquear o que quisesse, dizer-lhe para manipular como bem entendesse.

Ela arrancou a mão do aperto de Hollis e deu vários passos para trás. Seu corpo estremeceu, mas ela puxou a cabeça para trás, as narinas dilatadas. — Eu sei que você manipulou minha mente. — ela rosnou, cada palavra farpada.

Hollis não baixou a cabeça. Nenhuma vergonha apareceu em seu rosto quando ela respondeu apenas: — Sim.

— Você bloqueou minhas memórias. Do meu passado. Minha... Minha família.

— Sim.

Ayleth cerrou os punhos. Suas unhas se cravaram nas palmas das mãos com força suficiente para tirar sangue. — Por que?

— Porque eu matei sua mãe, Ayleth. — Hollis respirou fundo e piscou lentamente, mas manteve o queixo firmemente erguido e a expressão calma. — Eu a matei e levei você, e sabia que você nunca confiaria em mim se você se lembrasse do que eu tinha feito.

O silêncio trovejou nos ouvidos de Ayleth. Ela não conseguia mais ouvir nada além do baque de seu próprio coração. Ela olhou para sua ex-senhora, mas não conseguiu vê-la.

Em vez disso, ela viu as sombras longas e baixas de quase-memórias correndo pela floresta de sua mente. Ela viu a ravina escura, o fosso, o feitiço da teia. E ela quase, mas não exatamente, ouviu o rugido de animais, selvagens de fúria e dor.

— Quem... quem era minha mãe, Hollis? — ela perguntou, sua voz fina e pequena.

— O nome dela era Olecia di Mauvalis. — respondeu Hollis. — Princesa de Dulimurian e filha única da Terrível Odile.

Isso não foi exatamente uma surpresa. No momento em que ela viu aquele rosto no cofre, ela soube que deveria haver alguma conexão. Mas ouvir isso declarado de forma tão direta tirou o fôlego de seus pulmões, a força de seus membros. Ayleth desabou no chão, com um joelho encostado no peito e a outra perna estendida à sua frente. Ela pensou que poderia estar doente e baixou a cabeça, esperando a tontura passar. Sua longa trança caiu sobre seu ombro e balançou ao lado de sua bochecha.

Um farfalhar de movimento, então Hollis estava ao lado dela, uma mão em seu ombro. — Ayleth, por favor. Há muito e... e tão pouco tempo! Eu não

tive escolha. Sua mãe teria me matado, e então ninguém sobraria que soubesse que você estava viva. Precisamos de você, Ayleth, e...

— Devolva-as para mim.

Hollis recuou ligeiramente. Sua mão no ombro de Ayleth tremia.

Ayleth ergueu os olhos e encontrou seu olhar. Ela falou por entre os dentes. — Devolva minhas memórias. Agora.

— Eu não posso. — disse Hollis. — Não tudo de uma vez. Isso iria sobrecarregar você. Isso poderia te matar.

— Eu não me importo. — Suas mãos se moveram mais rápido do que pensava. Ela pegou Hollis pela frente de seu colete e, com a força de Laranta fluindo por ela, levantou-se de um salto e ergueu a outra venatrix, tudo em um único movimento. Os pés de Hollis balançaram no ar e ela segurou os pulsos de Ayleth, indefesa em suas mãos. — Devolva-as para mim! Agora! — Ayleth rugiu.

A mandíbula de Hollis se contraiu e a luz da sombra cintilou nas profundezas de suas pupilas. Então ela soltou os pulsos de Ayleth e segurou seu rosto com as duas mãos. Uma explosão de magia brilhou na cabeça de Ayleth e...

Luz vermelha crua em seus olhos. Paralisia em seus membros.

Um lobo está ao lado dela, expirando seu último suspiro. Um enorme lobo negro, língua pendurada, olhos ainda brilhando com vida. Além dela estão outros corpos, corpos peludos de lobo cinza, sangrando e mortos.

Seus irmãos. Suas irmãs.

Ela alcança o lobo preto. Só que ela não pode alcançar. Seus braços estão dormentes. O veneno a prende dentro de seu próprio corpo. Sua alma grita: — Mãe! Mãe!

Uma figura passa por cima do corpo, recortada à luz do fogo. Uma figura com um capuz puxado sobre o rosto e um escorpião preso a um braço. Ele fica sobre o lobo, abrigando aquele corpo enorme e caído. Ele levanta um escorpião, dispara...

– Não! – ela grita, mas apenas em sua cabeça. Ela não pode se mover, ela não pode falar. Ela não pode fazer nada.

– Calma, calma, criança. – A figura se agacha ao lado dela, e a voz é a voz de Hollis. – Pronto, vou tirar a dor...

Mãos fecham em torno de seu rosto. Ela tenta morder, tenta rosnar, tenta uivar de raiva. Ela tenta chamar sua matilha, sua família. Mas a paralisia é muito forte e ela não consegue resistir. Ela não consegue parar a fatia de luz de sombra brilhante rasgando sua mente...

Ayleth caiu de costas com força. Suas pálpebras tremeram enquanto o teto baixo da casa subterrânea girava diante de sua visão. Laranta moveu-se dentro de sua cabeça, choramingando: *– Senhora! Senhora! –* mas sua voz parecia distante. Ayleth mal conseguia ouvir por causa dos gritos de morte ecoantes de sua mãe... suas irmãs... seus irmãos...

Outras memórias se aglomeraram perto. Ela podia sentir agora como elas iriam dominá-la, quebrar sua mente, se elas invadissem tudo de uma vez, e ela se esquivou delas com terror. Mas aquela única memória permaneceu clara, clara, mas confusa porque era uma memória de criança, com a compreensão de uma criança.

Ela respirou fundo e se apoiou nos cotovelos. Hollis estava sentada perto, com as costas apoiadas em um barril e a cabeça inclinada para o lado. A luz da sombra cintilou ao redor dela, o poder de sua sombra ascendente ondulando por sua alma. *– Eu lhe dei a última lembrança antes de bloquear sua mente. –* disse ela. *– As outras memórias vão voltar agora também. Devagar.*

— Minha... mãe. — Ayleth balançou a cabeça, seu rosto se contraindo como se estivesse com dor. — Não entendo. Meus irmãos e irmãs... eles eram lobos?

Hollis balançou a cabeça. — Olecia escondeu sua alma em um corpo hospedeiro de lobo por sete anos. Ela a levou para a selva, nenhum de nós sabia que você existia, então não fomos procurar. Meu palpite é que logo após possuir o lobo, ela deu à luz uma ninhada. Filhos e filhas de lobos. Seus irmãos de alma, por assim dizer. Eles eram inatos, é claro. Os espíritos animais foram expulsos ou suprimidos logo após o nascimento, os espíritos das sombras inteiramente ascendentes.

— Eu sabia que a alma de Olecia não tinha sido enviada para os Assombrados. Nós a havíamos caçado por muito tempo e duramente, mas quando finalmente a encontramos, ela se apunhalou no coração. A guerra estava em crise, então não ficamos para descobrir seu novo hospedeiro. Voltamos para enfrentar a batalha final em Dulimurian, levando seu corpo conosco e deixando sua alma para trás.

— Depois da guerra, fui procurar Olecia. Levei anos e muitas vezes desisti de rastreá-la. Mas, finalmente, sete anos depois, eu a encontrei... e você.

— Os olhos de Hollis brilharam, desta vez com uma película de lágrimas. — Você foi um presente, Ayleth. Um presente da Deusa. Eu soube imediatamente.

Ayleth se sentou. Seus membros tremeram e uma raiva selvagem queimou em seu coração. Ela queria dar um bote em Hollis, quebrar seu pescoço, deixá-la cair quebrada no chão a seus pés. As imagens que ela acabara de ver, as memórias... Parecia que ela tinha acabado de viver aqueles momentos horríveis. Seu coração se partiu de tristeza por uma família que ela nunca soube que tinha.

Imagens se aglomeraram em sua mente mais uma vez. Através de sua memória passou por uma visão vívida de si mesma, pequena, magra, suja, nua. Correndo com selvagem abandono subindo uma encosta florestal de montanha, saltando da raiz à rocha à fenda. Lobos correndo ao lado dela. Não Laranta, mas lobos reais, vivos e respirando. Seus espíritos brilhavam dentro deles, seus olhos brilhando com a luz das sombras.

E Ayleth entendeu. Ela cresceu, não entre lobos, mas entre sombras. Os corpos hospedeiros que habitavam nada mais eram do que a casca externa. Os seres que ela conheceu não eram deste mundo. Eles eram como Laranta, inteligentes, mas outros. E eles aceitaram Ayleth como um deles.

Eles tinham... amado ela...

Hollis estava falando de novo, percebeu Ayleth. Ela puxou sua mente dolorosamente de volta ao presente. — Eu não tinha ideia... — sua senhora disse. — Até depois de ter levado você. Eu pensei que eles eram animais. Só quando comecei a examinar sua mente e suas memórias descobri o que você era para eles. E eles para você.

A lei da Ordem era clara. Um animal tomado pela sombra nada mais era do que um animal doente e devia ser sacrificado antes que pudesse infectar e destruir outros. Hollis agiu de acordo com seu treinamento, de acordo com suas crenças.

— Por que você não me matou também? — Ayleth perguntou amargamente. — Você vai tentar me fazer acreditar que foi um grande ato de misericórdia de sua parte?

Hollis fechou os olhos. — Eu não matei você porquê... porque você é a única que pode nos salvar.

Suas palavras pareceram atingir os ouvidos de Ayleth e se desintegrar antes que o significado pudesse ser absorvido. Ayleth só conseguia olhar para a senhora com a boca entreaberta.

Hollis suspirou. — É... uma longa história. Muito para explicar. E temos tão pouco tempo. Mas farei o que puder para lhe dizer, Ayleth. Se você me ouvir. E confiar em mim.

— Confiar em você? — Ayleth recuou. Era tudo o que ela podia fazer para não atacar com violência. Seria tão fácil. Hollis era formidável em espírito, mas seu corpo não era páreo físico para o de Ayleth, mesmo sem a força de Laranta correndo por ela. — Confiar em você, Hollis? Como posso saber que você não vai me contar mais mentiras?

— Você não pode saber. — Admitiu Hollis. — Mas eu juro, não direi nada além da verdade. Quer você acredite ou não.

Ayleth enfrentou as escolhas diante dela, sua boca fechada em uma linha sombria. Ela poderia negar a Hollis sua chance de dizer o que queria e, assim, permanecer em total ignorância. Ou ela poderia arriscar mentiras na esperança de obter algum entendimento.

— Diga-me então. — disse ela. — Mas se você tentar qualquer coisa, se você tocar minha mente ou manipular qualquer uma das minhas memórias novamente, eu vou te matar.

Ela podia ver que Hollis acreditava nela. Embora ela não estivesse totalmente certa de que acreditava em si mesma.

— Muito bem. — disse sua senhora. — Ouça com atenção, Ayleth. Esta é a história de sua família, sua história, até onde eu sei...

CAPÍTULO 24

— Eu nunca disse a você a fonte do grande poder da Terrível Odile, o poder que deu a sua supremacia de deusa neste mundo e levou incontáveis sombras a adorarem a seus pés. Você conhece parte da verdade. Você sabe que ela carregava uma sombra poderosa, um elemental oblivis. O que você não sabe é que Odile subiu às alturas da glória porque ela não controlou o poder de uma grande sombra... mas duas.

— Impossível, você diz? Então deve ser. E assim seria, não fosse pela coroa.

— Você sabe o que é Éter, é claro. Você pode até mesmo tê-lo visto uma ou duas vezes, uma raridade, um metal mais precioso do que ouro ou prata. Como outros metais preciosos, ele pode ser moldado e formado, mas é mais forte do que o ferro, verdadeiramente inquebrável. Mais que isso... acredita-se que esteja vivo. Em um sentido inexplicável de vida que é quase impossível para nossas mentes mortais compreenderem. E porque é vivo, pode possuir uma sombra, como todas as outras coisas vivas.

— Este é o segredo compreendido pelos antigos artesãos tomados pela sombra: bruxas que outrora estudaram as propriedades de Éter e aprenderam a modelar objetos, ferramentas, tesouros. Tesouros nos quais eles aprisionavam sombras e restringiam seus poderes.

— A última dessas formas de Éter era um homem chamado Mauval. Você sabe o nome dele. Eu te ensinei um pouco de sua história. Mauval, o Grande, o imperador tirano que uma vez governou toda a

Gaulia. Quando jovem, ele possuía a mesma sombra que agora se agacha na alma de Terrível Odile. Mas ele procurou aumentar seu poder cem vezes.

— Para esse fim, ele fez uma banda de Éter, uma coroa. E usando o oblivis que sua sombra controlava, ele alcançou os próprios Assombrados e agarrou outra sombra. Outro Elemental, outro manipulador do oblivis, o gêmeo da sombra que ele já carregava. Ele o prendeu dentro da coroa Éter.

— Quando Mauval usou aquela coroa, ele juntou o poder dessas sombras gêmeas em uma força verdadeiramente divina. Assim, ele se tornou Mauval, o Grande, e governou todas essas terras por trezentos anos, sim, mais ainda do que o reinado de Odile. Ele não foi interrompido até que o próprio Santo Evander, inspirado pela vontade da Deusa, finalmente libertou o mundo.

— Você conhece as lendas do Santo. Algumas são verdadeiras, algumas são mitos, outras são algo intermediário. Elas não importam agora.

— Tudo que você precisa saber é que depois da queda de Mauval, a coroa de Éter, com a sombra aprisionada nela, foi colocada nos cofres mais profundos e obscuros, escondido de todos, salvo Evander e seus assessores mais confiáveis. Eles pensaram em destruí-la, mas no final das contas... eles não conseguiram fazê-lo.

— Veja, em meio a todos os horrores perpetrados por Mauval, havia um grande bem: com o poder combinado dessas duas sombras, ele poderia alcançar uma alma tomada pela sombra, separar a sombra e expulsá-la de seu hospedeiro. Tudo sem prejudicar o próprio hospedeiro.

— Pense, Ayleth. Pense no que um poder como esse pode significar para a Ordem Evanderiana. Para todo o mundo! O povo tomado pela sombra poderia ser resgatado sem a necessidade de morte. Mesmo inatos... pois o poder de Mauval era grande o suficiente até mesmo para cortar esses laços sem prejudicar o hospedeiro original.

— Você tem sido uma venatrix por pouco tempo. Mesmo assim, sei que você entende. Nenhum de nós aprecia as duras verdades de nosso trabalho. Cremos na salvação de almas, mas lamentamos por aquelas vidas que devem terminar por causa da redenção eterna. Se almas pudessem ser salvas sem que vidas fossem perdidas... isso mudaria tudo. Para todo sempre.

— Mas o poder da coroa Éter só poderia ser exercido por alguém que carregasse a sombra dupla. Quando Mauval foi derrotado, ele teve uma morte violenta e sua sombra escapou de algum lugar para um novo hospedeiro. Uma grande caçada se espalhou pela terra. Os evanderianos procuraram por toda parte encontrar essa sombra. Porém, mais de oitenta anos se passaram antes que ela fosse encontrada e devolvida a um dos antigos castras.

— Naquela época, um digno doutrinado evanderiano foi escolhido para colocar a sombra em seu corpo. Durante anos, ele estudou como dominar e controlar os elementos do oblivis. Quando finalmente os grandes líderes de nossa Ordem o consideraram pronto, a coroa foi trazida para que ele pudesse tentar juntar às sombras gêmeas e mergulhar nos poderes maiores.

— Ele foi morto em um instante. No exato momento em que colocaram a coroa em sua cabeça, ele morreu. E todos aqueles dentro de um raio de dezesseis quilômetros morreram com ele em uma explosão de puro oblivis.

— Muitos anos depois, o experimento foi tentado novamente. E de novo. Três vezes, a Ordem treinou um candidato digno para usar a coroa de Mauval. Três vezes, o desastre se seguiu. Por fim, toda esperança foi perdida. A coroa estava escondida. A sombra dupla foi capturada e contida, criada para existir dentro de pequenos hospedeiros animais ao longo dos anos, ratos, coelhos, pardais. Coisas que não podiam ser transformadas em armas eficazes.

— Os phasmadores continuaram a estudar a coroa e foi finalmente determinado que Mauval a havia ligado ao sangue de seu corpo hospedeiro. Apenas ele ou um de seus herdeiros poderia ter esperança de empunhar a coroa e sobreviver. Mas aí já era tarde demais. Qualquer família que Mauval, o Grande tivesse, estava há muito tempo espalhada e perdida... ou assim se acreditava.

— Havia uma mulher, de nome Eline Venatrix d'Arcand, que foi tomada por uma convicção que ela acreditava ter sido enviada pela própria Deusa. Ela dedicou sua vida a encontrar um dos herdeiros de Mauval. Muitos riram dela, zombaram dela por sua tolice. Eles não riam mais, porém, quando um dia ela cavalgou de volta ao seu castra local com uma certa jovem ao seu lado. Uma jovem chamada Odile di Mauvalis.

— Não sei os detalhes do que aconteceu, é claro. Mas podemos adivinhar a maior parte disso. Odile foi treinada na Ordem. Ela recebeu o Elemental oblivis e aprendeu a dominar seus poderes. Ela provou sua devoção ao santo e à Deusa. Todo o tempo, o Conselho a observou, estudou e orou por orientação. Eline d'Arcand defendeu durante anos a favor de sua protegida. Suas cartas ainda existem e podem ser encontradas e lidas nas bibliotecas do castra. No final...

— No final, eles colocaram a coroa na cabeça de Odile. E a destruição foi maior do que nunca. Apenas, quando as nuvens do oblivis se dissiparam e a ruína foi revelada ao mundo, a própria Odile estava alta e inteira no meio. Ela sobreviveu.

— Mas ela não era mais a venatrix corajosa e leal descrita nas cartas de Eline d'Arcand. Esta mulher renasceu em uma nova e monstruosa forma. Ela emergiu daquela nuvem de destroços como Terrível Odile, o flagelo das nações. Ela derrubou o templo da Deusa e, usando o poder das duas sombras

combinadas, ergueu Dulimurian do nada. Uma cidade de pura oblidite, negra, devastadora e bela.

— Você sabe o que aconteceu. Eu contei a você muito da história, como ela tiranizou Perrinion pelos próximos dois séculos, como ela convocou as sombras para sua causa e levantou um exército que nem mesmo o poder da Ordem Evanderiana poderia ter esperança de derrotar. Longos e sangrentos foram os anos que se seguiram. Então veio o Rei Escolhido.

— Foi Fendrel quem guiou seu irmão para o papel profetizado. Inspirado por visões e profecias, Fendrel reuniu os castras dispersos de Evander para se unirem sob a bandeira de Gardin. Eu estava com ele... Lutei ao lado dele ao longo desses anos. Eu acreditava na causa; eu acreditava no Rei Escolhido. Principalmente, para ser honesta, eu acreditava em Fendrel. E eu acreditava na arma que ele encontrou nas catacumbas secretas de Morlorn, um feitiço de música de tremendo poder.

— Eu já te contei a história antes. Eu disse a você como duzentos evanderianos jogaram um feitiço poderoso que tirou suas vidas, mas que, ao ser tomado, quebrou a força de Odile e permitiu que o Rei Escolhido cortasse sua cabeça. Mas eu nunca disse a você qual era exatamente o feitiço.

— Era chamado de Atacara. A canção da morte. Era necessária uma companhia de evanderianos para tocar, pois só então a música poderia ser plenamente realizada. O feitiço canalizou toda a magia dentro de cada alma evanderiana em um único fluxo de poder, que foi então direcionado diretamente para a coroa Éter na cabeça de Odile. Nós capacitamos a sombra dentro daquela coroa muito além de sua capacidade de controle. Ela foi forçada a decidir, remover a coroa ou morrer.

— No final, ela tirou a coroa da cabeça e caiu no chão, queimada, quebrada e sem sentidos. Nossos irmãos e irmãs foram mortos em um instante,

no mesmo instante em que a música cessou. Mas Odile estava pasma. Nós tivemos nossa chance.

— Fendrel impediu alguns de nós do sacrifício. Era uma honra que nenhum de nós cobiçava, mas entendemos a importância de nosso papel. Para que a profecia se cumprisse, Gardin deveria cortar a cabeça de Odile, causando uma morte violenta. Mas não podíamos arriscar que sua alma, presa à sua sombra, escapasse para reivindicar um novo hospedeiro. Sem o sangue de Mauval em suas veias, ela nunca mais controlaria a coroa... mas ela era uma força grande e letal mesmo sem a coroa. E ela havia cometido atrocidades terríveis contra o povo da Deusa. Ela deveria ser condenada aos Assombrados.

— Então, eu e meu irmão caçador, Nane du Vincent, carregamos o corpo sem sentido de Odile até os pés de seu próprio ídolo. Lá, nós e quatro outros de nossos irmãos ficamos parados enquanto Fendrel conduzia seu irmão até a ceifeira de madeira. Nossas ordens foram claras: quatro de nós devíamos criar um feitiço de canção para capturar a sombra violentamente liberada. Três de nós devíamos tocar as canções de expulsão e mandá-la arremessada para os Assombrados. Conhecíamos nossos papéis. Estávamos preparados. Ou assim acreditávamos.

— Assim que o Rei Escolhido se aproximou do bloco, assim como ele ergueu sua espada e se preparou para derrubá-la no pescoço da Rainha Bruxa, apenas naquele momento final, ela gritou uma maldição. Ela falou em um idioma que não conhecíamos, mas senti o significado... e eu senti o horror da amarração que a maldição criou. Fendrel também sentiu. Eu o ouvi gritar.

— Mas então a cabeça de Odile rolou. E a maldição foi ativada.

— Quase não sei como descrever o que vi. Os espíritos entrelaçados dentro de seu corpo se libertaram de sua hospedeira, mas em vez de focar todo esse poder, toda essa energia, na fuga, eles se lançaram diretamente no feitiço

da música tecida por nossos colegas. Esses espíritos lançaram o feitiço, e uma reação ondulou através do éter, fluindo de volta para as almas de nossos irmãos. Os quatro morreram antes que eu pudesse pensar em reagir. E Fendrel, Nane e eu fomos arremessados de nossos pés com a força daquela explosão etérea.

— Quase caí inconsciente. Mas de alguma forma consegui me agarrar ao mundo desperto, levantar minha cabeça e olhar.

— Eu vi... Trevas. Alcançando o cadáver quebrado da bruxa. Fluíam com o sangue enegrecido jorrando de sua ferida mortal e dedos de gavinha enrolados em torno de sua cabeça queimada e decepada. Não posso dizer como aconteceu... mas parecia-me que mal pisquei, mal consegui ficar de pé e, de repente, ela estava inteira de novo. Ainda queimada, ainda maltratada. Ainda gritando de dor pela decapitação e arranhando sua garganta. Mas inteira. E viva.

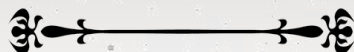
— Gardin foi o primeiro a agir. A explosão do éter não o afetou, não sendo tomado. Ele pegou sua espada e cortou sua cabeça novamente. Uma segunda explosão de poder me jogou girando no chão.

— Mas Fendrel estava preparado. Como se tivesse recebido alguma advertência, ele agiu. Ele rastejou para o lado de Odile, e mesmo quando aquelas mesmas gavinhas escuras se estenderam para mais uma vez reclamar sua cabeça, ele colocou sua mão sangrando sobre a ferida no pescoço e gritou uma maldição, uma maldição contra a que Odile havia feito. Ele não podia desfazer a que ela fizera, mas podia, pelo menos temporariamente, torná-la inútil. Ele colocou um bloco em seu pescoço, impedindo a recolocação de sua cabeça.

— Nunca conheci um homem de maior vontade ou habilidade do que Fendrel du Glaive. Ele deu tudo para criar essa maldição. Tudo. Mesmo assim,

eu não acreditava que fosse aguentar. Mas enquanto eu observava, a magia negra procurou novamente e falhou em reanimar o corpo quebrado de Odile.

— Então ela viveu. Sem cabeça. Queimada, profanada. Ela viveu. Inerte, mas presente. E paciente.



A voz de Hollis foi sumindo, deixando Ayleth em um silêncio atordado. Ela sentou-se no piso subterrâneo ao lado do corpo paralisado de Crisenthia di Bathia, e todo o seu mundo parecia girar ao seu redor, preso em um redemoinho de loucura.

— Você entende? — Hollis perguntou finalmente, quebrando o silêncio.

Com um sobressalto, Ayleth ergueu os olhos bruscamente para sua ex-senhora. — Eu... Não tenho certeza. Que tipo de maldição pode manter um corpo mortal vivo após uma decapitação?

— Uma maldição negra, de fato. Magia dos tempos antigos, proibida pelo Santo. Era chamado de Cravan Druch. Em suma, Odile se amaldiçoou para que ninguém além de seus parentes de sangue pudesse matá-la. Não importa o que fosse feito com ela, decapitação, queimadura, desmembramento, ela não morreria, sempre se reanimava.

A ideia era horrível. Muito horrível de suportar. Ayleth baixou a cabeça, passando as mãos pelos cabelos, soltando as mechas da trança. — Ela devia saber do Atacara. — disse ela por fim. — Ela deve ter sabido o que vocês planejaram para ela.

Hollis acenou com a cabeça. Seu rosto estava abatido e havia um peso em sua voz quando ela respondeu. — Nós tínhamos um... um vidente. A Ordem

usou seus poderes para planejamento estratégico. Ele foi fundamental em muitas de nossas missões, especialmente quando a causa do Rei Escolhido começou a ganhar força. Mas... ele finalmente escapou de nós e fugiu para Dulimurian. Foi ele quem revelou nosso plano para Terrível Odile. Ele nos traiu.

— Um vidente? — Ayleth piscou. As sombras do vidente só apareciam em hospedeiros inatos. A Ordem de Santo Evander proibia estritamente a admissão de qualquer inato em seu número, e todos os descobertos foram mortos, assim como Ayleth deveria ser morta em poucas horas.

O olhar de Hollis desviou para encontrar o de Ayleth, mas apenas por um momento. — Ele era nosso prisioneiro. Nossa... ferramenta. Enquanto precisamos dele, o mantivemos vivo.

— Você manteve um escravo. Um escravo inato. — As palavras tinham um gosto tão amargo que Ayleth mal suportava pronunciá-las.

— Foi uma guerra, Ayleth. — Hollis disse. — Usamos o que podíamos, fizemos o que devíamos. E dissemos a nós mesmos que era bom. — Ela encolheu os ombros e abaixou a cabeça novamente. — Mas nós sabíamos. Cada um de nós sabia. Nas partes secretas de nossos corações, onde não mentimos para nós mesmos. Só que nunca falamos sobre isso. — Ela fechou os olhos, os nós dos dedos apertando enquanto seus dedos agarravam seus próprios braços. — Eles ensinam muitas coisas nos castras. Como pensar com precisão. Como ler sinais e pessoas. Como caçar, como matar, como fazer apenas as perguntas que você precisa fazer.

— O que eles não ensinam é como manter sua honra. O que eles não ensinam é como essa honra é rapidamente destruída. Até que não passe de uma coisa quebrada e sangrenta no centro da sua alma. E quando as ações forem feitas, e quando a guerra acabar, você diz a si mesmo: 'Agora vai

sarar. Agora minha honra será restaurada.' Mas isso nunca cura. Nunca é restaurada. Você pode colocar barreiras em torno do que sobrou, pode proteger o que resta. Você nunca pode tê-la de volta.

Ayleth recuou ante as palavras de Hollis, com medo da verdade que sentia. Ela não ousou olhar para sua própria alma, não ousou inspecionar sua própria honra. Ela suspeitou que já estava corroída nas bordas, além de qualquer esperança de conserto.

Em vez disso, ela balançou a cabeça, focando sua mente em outro lugar. — E Fendrel? — ela perguntou. — Quando ele lançou aquela contra maldição contra Terrível Odile, ele...

— Ele amaldiçoou Odile para que, embora ela só pudesse ser morta por um de seus parentes, ela também só poderia ser despertada pelo sangue de seus parentes. Mas ao lançar essa maldição, ele amarrou sua alma à sua sombra. Ele se condenou aos Assombrados, e nenhum poder deste mundo ou de qualquer outro pode salvá-lo.

Ayleth não conseguia pensar em nada para dizer em resposta a isso. Fendrel du Glaive, o herói de Perrinion, o campeão do Rei Escolhido... ele se voltou para magia negra, magia de bruxa. No entanto, outra ilusão desmoronou diante dos olhos de sua mente. Todos aqueles homens poderosos, todas aquelas figuras brilhantes que ela foi educada para reverenciar, não eram nada além de deuses de argila no final. Rachados e facilmente quebrados.

Hollis passou as mãos pelo rosto, puxando a pele flácida sob os olhos. — Fendrel, Gardin e Nane concordaram em exibir a cabeça de Odile em um grande desfile e fazer um show para queimar seu corpo aqui em Dunloch, diante dos olhos da corte do rei. — A voz dela estava estranhamente calma, como se ela estivesse apenas detalhando os eventos de um dia um tanto enfadonho. — Claro, nenhuma quantidade de queimaduras poderia acabar

com o corpo, pois a maldição o reformava dentro de horas de cada conflagração. Foi Fendrel quem inventou o plano para esconder o cadáver e a cabeça em uma cripta protegida por sangue para que ninguém, exceto a linhagem do Glaive, pudesse entrar. Ele e eu... discordamos. Eu disse a ele que não poderíamos fundar um reino com tal mentira, uma mentira tão sombria e perigosa.

— Mas Fendrel estava determinado. Em sua mente, a profecia foi cumprida. Odile foi parada, se não morta. E seu único parente conhecido, Olecia, se fora. A alma de Olecia pode ter escapado para algum outro hospedeiro, mas seu corpo estava morto e apodrecido. Sem o sangue de parentesco, Odile nunca mais se levantaria.

— Mas eu não confiava nesta pequena ilusão. Eu não poderia. De alguma forma, eu sabia que Olecia ainda estava lá. E eu sabia... Eu sabia se a encontrasse...

Outro silêncio se seguiu. Um silêncio que a mente de Ayleth se preencheu com uma compreensão cada vez maior. Parentes de sangue. Para matar Odile, eles precisavam de parentes de sangue. Eles precisavam de um milagre... uma arma...

O queixo de Ayleth caiu sobre o peito, a cabeça de repente pesada demais para suportar. Como uma contra maldição tão poderosa poderia ter sido quebrada? Ela nem tinha estado na mesma sala que Odile. Independentemente de quaisquer maldições, quaisquer feitiços, ela não havia despertado a bruxa. Isso não podia ser culpa dela.

Ela franziu a testa, no entanto... e lembrou-se de ter ficado paralisada em um altar em um antigo santuário abandonado. Lembrou-se de duas vozes, uma masculina, uma feminina, discutindo sobre seu corpo.

— *Não vejo razão para mantê-la viva. Podemos reunir o sangue dela.*

— *Não temos como mantê-lo fresco. O sangue tem que estar fresco. Não temos garrafas de oblidite... Não... ela pode ser nossa última chance. Não podemos correr o risco de manejar mal este presente.*

— *Não podemos arriscar mantê-la viva também. Ela pode facilmente significar nosso fim como nossa salvação...*

Ela se lembrou de uma explosão de magia Anathema que a enviou contra uma parede da cabana da sebe, e uma figura monstruosa rastejando em sua direção, falando por lábios ensanguentados. Ela se lembrou de mãos trêmulas pegando sua cabeça, segurando uma lâmina em sua garganta, cortando com precisão cuidadosa.

— *Só um pouco de sangue. Só uma pequena gota. Eu não preciso de mais do que isso. Apenas o suficiente...*

A Bruxa do Ardor havia tomado seu sangue. E de alguma forma ela deve ter armazenado, mantido fresco. Fresco e pronto para uso no momento em que encontraram o cadáver da Rainha Bruxa.

Ayleth ergueu os olhos e encontrou Hollis olhando para ela. — Eles usaram meu sangue para acordá-la. Para reanimá-la.

Hollis acenou com a cabeça.

— Você deve saber que eu não tive nada a ver com isso.

— Eu sei, criança.

E ainda assim a culpa permaneceu. Culpa por sua própria existência. Se ela não tivesse vivido, se Hollis não tivesse mostrado misericórdia à criança feroz, a acolhido e salvado das chamas evanderianas, Odile poderia ter dormido para sempre. Presa em seu horror de existência mortal.

Ayleth fechou os olhos. Ela precisava escapar desses pensamentos; ela precisava fugir. Então ela fechou os olhos e parou de repente na floresta de pinheiros de sua mente.

Ela a reconheceu. Pela primeira vez, ela reconheceu a paisagem mental de seu mundo interior. Esta era a floresta em que ela tinha vivido com sua mãe loba, irmãos e irmãs. Ela perdeu todas essas memórias, mas mesmo assim feriram o próprio tecido de sua alma.

Laranta aproximou-se por entre as árvores, grandes e negras. E agora Ayleth entendia por que sua sombra assumia essa forma, pois era a imagem do hospedeiro final de Olecia, uma imagem da mente inconsciente de Ayleth associada à proteção e ao amor.

Sua sombra de lobo se aproximou dela agora, não suprimida e poderosa. Seus olhos vermelhos brilharam, seus dentes brilharam e ela baixou a cabeça para nivelá-la com a de Ayleth. — *Senhora?* — ela disse.

Ayleth se inclinou e passou os braços em volta do pescoço de Laranta, enterrando o rosto naquela projeção mental de pelo preto. — *Eu sinto muito, Laranta.* — Ela chorou. — *Sinto muito por ter amarrado você.*

Laranta apenas se levantou. Sua cabeça pesada repousava no ombro de Ayleth, oferecendo apoio, amor, conforto, força. Como sempre fizera.

Ayleth abriu os olhos, voltando para a cela subterrânea, voltando para Hollis. Sua ex-senhora a observava de perto, e Ayleth sabia que Hollis podia ver o poder ascendente de Laranta dentro dela, não mais contido pelas amarras evanderianas.

— Eu entendo. — disse Ayleth. — Eu entendo tudo agora. Você precisa de mim. Você precisa de sua arma. Você viu que eu era o sangue da Terrível Odile e reconheceu sua chance. Então você me acolheu e me contou as histórias de seu Santo e suas guerras. Você me criou para ser uma Evanderiana boa e verdadeira, bloqueou minhas memórias e suprimiu minha sombra. Você tirou tudo que eu amava de mim e... Eu...

Ela não conseguia falar as palavras. Ela não conseguia dizer o que ansiava por dizer desde os sete anos de idade. Ela não podia dizer que a amava, porque como ela poderia amar a mulher que matou sua família? Quem a pegou e moldou, torceu-a em algo que talvez ela nunca teve a intenção de ser?

Ayleth se afastou de Hollis. Ela olhou para o corpo inerte da Bruxa de Cristal, mas em sua mente ela viu aquela laje de pedra nos cofres, aquela criatura usando seu rosto, sua testa queimada e enegrecida, seus olhos selvagens e transbordando de oblivis.

— Era esse o seu plano, então? — Ayleth não suportava olhar para Hollis enquanto ela falava. — Esperar até eu ter idade suficiente, então me trazer aqui, de alguma forma me levar para o cofre protegido por sangue. Fazer-me apunhalar o cadáver onde ela estava. Então o que? Você simplesmente deixaria a Ordem me levar? Me queimar? Ou você teria me dado a Morte Gentil e deixado minha alma ser amaldiçoada?

Sem passado. Sem futuro. Apenas a caça.

Tudo faz sentido agora.

— Por favor, minha garota. — Sussurrou Hollis, suas palavras trêmulas no ar parado. — Eu queria...

— Você queria acabar com a vida da sua inimiga. Eu sei. — Ayleth ergueu o queixo e puxou os ombros para trás. Ela nem sempre desejou devotar sua vida a um propósito nobre? Saber agora que ela existia puramente para trazer a morte de uma bruxa... como isso era diferente do chamado evanderiano?

No final das contas, Odile era apenas mais uma sombra. Outra infeliz possuidora de um poder que nunca pretendeu ser dela. Outro monstro que se transformou em um mortal que deveria ser abatido.

— Muito bem. — disse Ayleth, levantando-se do chão. Ela ajustou o conjunto de seu escorpião em seu braço. — Você fez bem o seu trabalho. Vou caçar Terrível Odile e acabar com ela. E quando eu terminar... — seus olhos brilharam para encontrar o olhar de Hollis. — Quando eu terminar, vou matar você também.

CAPÍTULO 25

Terryn encontrou Gerard nos aposentos da ala oeste, sentado na beira da cama de Cerine. A senhora estava pálida como a morte após sua provação. Ela ainda usava os trapos imundos de seu vestido de noiva, com buracos ensanguentados onde lombadas haviam estourado de suas costas, mas a maldição se foi, tendo quebrado no momento em que o espírito de Ylaire foi banido para os Assombrados. Seus fios remanescentes demorariam um pouco mais para desaparecer, mas eventualmente desapareceriam por completo.

Entrando no quarto silenciosamente, Terryn fechou a porta atrás dele. Então ele limpou a garganta para alertar Gerard de sua presença. Ele viu a espinha de seu irmão enrijecer, mas o rosto que Gerard virou para ele estava calmo, sua mandíbula firmemente cerrada. — O que você encontrou? — ele perguntou, sua voz baixa para não perturbar a senhora adormecida, embora pelo olhar dela demorasse muito para fazê-la se mexer.

Terryn se ergueu com rígida atenção. — Nenhuma bruxa permanece no local, exceto Crisenthia di Bathia, que está sob nosso controle. Ainda estamos tentando contabilizar quaisquer sombras violentamente soltas, mas temo que possam já haver várias escondidas em novos corpos hospedeiros dentro do próprio castelo. A barreira em torno de Dunloch as terá impedido de voar para longe.

Gerard estremeceu e sua mandíbula se apertou. — E os evanderianos? Como eles se saíram?

— Phasmatrix Domina di Conradin está morta, queimada pelas chuvas do Bruxo da Tempestade. Quatro outros foram mortos e ainda mais foram

feridos ou ficaram inconscientes. Kephan foi encontrado com um veneno para paralisia no pescoço, mas ninguém sabe quem o tratou. Ele parece ileso.

— Bom. Bom. — Gerard acenou com a cabeça e voltou a olhar para o rosto pálido de Cerine descansando em um travesseiro de neve. Sua mão se estendeu e pairou sobre sua bochecha, mas ele não a tocou.

Terryn respirou fundo, então caminhou ao redor do outro lado da cama de Cerine para uma posição que lhe permitisse uma visão clara do rosto de Gerard. — Há quanto tempo você sabe, Gerard?

Lentamente, Gerard ergueu a cabeça, seus olhos se movendo para contemplar o espaço acima do ombro de Terryn. Ele sabia exatamente o que Terryn perguntou.

— Alguns dias. — Ele respondeu suavemente. — Eles me contaram depois... depois que Cerine foi levada. Eles me mostraram o corpo. Decapitado. Queimado. Não parecia possível que ainda pudesse estar vivo, e ainda assim...

Ele não terminou. As palavras simplesmente desapareceram. Terryn observou o jogo de expressões movendo-se em seus olhos, logo atrás de sua máscara estoica. — Por que você não me contou? — ele sussurrou.

Gerard encontrou seu olhar então. Sua expressão era dura como uma pedra e ele não respondeu.

Terryn praguejou. Ele se virou e passou a mão pelo rosto, puxando a pele da bochecha marcada. Ele queria ir embora. Ele queria ir embora e nunca mais olhar para trás, nunca mais ver o rosto de Gerard novamente. Ele queria encontrar seu cavalo e cavalgar para fora de Dunloch, assim como pretendia cavalgar com Ayleth apenas algumas horas antes.

E por que não deveria? Por que ele não encontraria Ayleth mesmo agora, e os dois escapariam? Ele carregava uma sombra não suprimida dentro

dele. Ele estava praticamente morto, um herege que ousava andar entre os devotos. Por que ele não deveria fugir com a bruxa inata e nunca mais pensar na Ordem? Nunca pensar em Gerard, o falso príncipe, filho do falso rei...

Você não pode deixar seu povo agora.

A voz profunda e tranquila falou através do rugido dentro de sua cabeça.

Terryn estremeceu e fechou os olhos.

Eles precisam de você. Eles precisam de nós. A Rainha Bruxa deve ser parada. A sombra que ela carrega sofre sob seu domínio. Devo salvar os meus, assim como você deve salvar os seus. Vamos trabalhar juntos, homem mortal. Unidos, podemos derrotar nosso inimigo mútuo.

Balançando a cabeça, Terryn pressionou as costas das mãos nos olhos. A voz era muito estranha, as coisas que ela comunicava eram muito bizarras para ele entender. E ele já estava muito cansado, confuso.

No final, não importava quais mentiras fossem contadas; não importava quais segredos fossem mantidos; não importava se a profecia da Deusa fosse reduzida a nada e até mesmo a própria fé de Terryn fosse reduzida a algo pequeno, insignificante e tolo; não importava o que mais o mundo e o destino lançassem em seu caminho. Só uma coisa ele sabia com absoluta clareza:

Ele nunca abandonaria seu irmão.

Terryn abaixou as mãos e se recompôs, então se virou para encarar Gerard. Ele puxou os ombros para trás e agarrou o pulso direito com a mão esquerda atrás das costas. Ele se tornou um venador mais uma vez, dirigindo-se ao seu príncipe. Seu rei. — Quais são seus pedidos?

Gerard se levantou e enfrentou Terryn, embora uma mão ainda segurasse os dedos finos de Cerine. — Veremos quais informações Venatrix di Theldry pode obter de nossa prisioneira.

— E então?

— Nós cavalgaremos fora, é claro. Juntos.

Terryn piscou. Então, ele balançou a sua cabeça. — Não, você não pode...

— Não posso? — Os olhos de Gerard brilharam e seus dentes apareceram em uma careta. — Eu sou rei ou não? Não, não... — Ele balançou a cabeça, baixou o queixo e respirou fundo. — Não, me perdoe. Eu sei a resposta para essa pergunta. — Ele respirou novamente, exalando o ar de seus pulmões em um fluxo longo e lento. Então ele olhou para Terryn. — Mas vamos fingir por um momento que eu sou rei e não o filho arrogante de um bastardo arrancador de coroa. Como tal, não devo, pelo bem das aparências, isso ao meu povo? Cavalgar em busca de seu grande inimigo e ter um fim glorioso?

Terryn balançou a cabeça. — Você não deveria vir. Nós cuidaremos disso.

— Nós? De quem você fala, Terryn?

— Falo de Fendrel, Ayleth, Venatrix di Theldry e de mim mesmo. Os outros evanderianos que estão aptos para cavalgar.

— Então você acha que eu iria enviar você e eles em uma missão suicida enquanto eu... o que? Aqueço meus pés perto do fogo da lareira e aguardo notícias de sua morte?

Terryn não se lembrava de ter visto o rosto de seu irmão tão sério. — Não precisa ser uma missão suicida... — disse ele. — Nossas fileiras estão esgotadas, mas também estão os Diabos Carmesins. E... e Odile... se Odile estiver realmente viva... ela não pode estar em boas condições. Podemos ter uma chance.

Com essas palavras, Gerard balançou a cabeça e riu, um som frio e duro. Seu cabelo caiu em seus olhos, e seus dentes brilharam em um sorriso triste. — Eu sinto muito. Eu não queria rir de você. — Ele afastou o cabelo do rosto e novamente encontrou o olhar de Terryn. — Mas não se engane: este é o

fim. Não se esqueça, eles têm Inren di Karel com eles. Ela pode carregá-los por um quilômetro de cada vez em um instante; ela só precisa das âncoras para fazer isso. Pelo que sabemos, eles passaram os últimos vinte anos plantando âncoras na Floresta da Bruxa, prontos para esta jornada. Na verdade, eles já podem ter alcançado seu destino.

— Que destino, Gerard? O que você está falando?

— Ora, Dulimurian, é claro.

As palavras eram tão sombrias e profundas quanto sinos funerários dobrando no ar parado entre eles. Terryn estremeceu como se um fantasma tivesse acabado de deslizar sobre seu túmulo. — Eu... Não entendo.

— Oh, você também não conhecia aquele mito? — Gerard riu novamente. — A coroa de Éter, Terryn. Não foi destruída. Nem estava escondida. Eles a deixaram. Meu tio, meu pai e quaisquer outros tolos que eles enganaram em sua causa. Eles deixaram a coroa nas ruínas de Dulimurian. A Floresta da Bruxa tem sido sua guarda todos esses anos, mas a Floresta da Bruxa não vai parar Odile. Nossa batalha já está perdida. Ainda assim, iremos cavalgar, mesmo assim.

Gerard olhou para Cerine, então se curvou sobre ela. Ele passou a mão pelo seu cabelo curto, seus olhos estudando seu rosto como se tentassem memorizar cada característica. — Vamos morrer heróis, não mentirosos. — disse ele, falando com ela e não com Terryn, ou assim parecia. — Eu só desejo... Eu gostaria de ousar esperar um pouco mais. Eu gostaria de poder ficar o tempo suficiente para me despedir dela.

O sangue trovejou nas têmporas de Terryn. Novamente ele sentiu sua sombra mexendo dentro dele, quente no âmago de sua alma. — Então esse é o nosso plano, Gerard? — ele disse. — Cavalgar juntos e morrer? — Ele engoliu em seco e sua mão esquerda apertou seu pulso direito com força. Ele queria

protestar, queria insistir que Gerard ficasse para trás. Como ele, um mortal, sem poderes de sombra, sem treinamento nas artes venatorias, poderia esperar combater gente como Inren e Gillotin e o resto? Como ele poderia esperar enfrentar Terrível Odile, se de fato Terrível Odile tivesse sido revivida? Era uma loucura.

E, no entanto, havia tanta determinação queimando na alma de Gerard, brilhante e visível à visão sombria de Terryyn quando ele olhou para este homem que era seu irmão e seu rei, que apesar de tudo, todas as revelações, todas as mentiras, ele não pôde evitar acreditar: aqui estava o Príncipe Dourado. A promessa da Deusa cumprida.

Talvez sua sombra ascendente o estivesse deixando louco. Ele não se importou. Ele ofereceu uma saudação afiada. — Se essa for a sua vontade, será uma honra cavalgar ao seu lado. Meu rei.

Gerard fez uma careta e a dor brilhou em seus olhos. — Não faça isso, Terryyn. Por favor. Entre nós, pelo menos, que não haja mais falsidade. — Ele largou a mão de Cerine e fez um gesto em direção à porta. — Vá agora. Encontre meu tio. Ele está em sua vigília na capela, com os restos mortais de meu pai. Ele acredita em suas próprias mentiras, não importa o quanto a verdade o destrua. Então diga a ele... — Por um momento, as palavras falharam. Mas Gerard se recuperou rapidamente e continuou com uma voz firme e certa: — Diga a ele que ele não é mais o Capuz Negro do rei. Diga a ele que seu rei exige que ele entregue o capuz a Terryyn, Venador du Balafre. Então ele deve estar pronto para cavalgar. Seu rei requer seus serviços uma última vez.

CAPÍTULO 26

A escuridão da capela ecoou com os gritos dos mortos de Dunloch. Os evanderianos que foram pegos de surpresa, incapazes de se defender. Os homens e mulheres não tomados, impotentes e expostos. As crianças. Todos os que foram vítimas das bruxas.

E por trás desses ecos, mais vozes.

As vozes de centenas. De milhares, até.

Vozes que ele nunca deixou de ouvir no fundo de sua alma a cada hora de cada dia, e especialmente na escuridão da noite. Os espíritos daqueles que, por ordem dele, morreram. Morreram porque acreditou, acreditou em uma profecia, em um mundo melhor, em um Rei Escolhido. Em uma Idade de Ouro construída por suas próprias mãos ensanguentadas.

Fendrel se ajoelhou ao lado da ruína de todas as suas esperanças, todos os seus planos, todos os seus sonhos. O corpo de seu irmão jazia no altar diante dele, o sangue ainda escorrendo de suas feridas. As mãos do rei morto estavam cruzadas sobre o buraco em seu peito.

Não era assim que deveria terminar. Esta não era sua visão, o novo amanhecer glorioso. O braço direito de Fendrel pendia mole e inútil em seu ombro, enquanto sua mão esquerda se agarrava aos dedos sem vida de seu irmão. Ele não se preocupou em acender nenhuma das velas sagradas, e o espaço cavernoso da capela em arco parecia fechado, escuro e pesado.

Sua sombra se agitou em sua alma, lutando contra os feitiços de supressão. Sentiu seu fraco estado emocional e procurou tirar vantagem. Ele há muito aprendeu a suprimir suas emoções como um meio de suprimir sua

sombra, aprendeu a suprimir toda fragilidade humana em busca de sua causa sagrada. Mas agora... agora...

A visão sempre foi tão clara, a alta vocação, o propósito sagrado pelo qual ele dedicou sua vida nos últimos vinte e tantos anos. O Rei Escolhido acabaria com Terrível Odile, e a nova era surgiria. Uma era de pureza e santidade em que a praga das sombras no mundo seria finalmente erradicada. Ele sacrificou tudo por esta visão. Tudo e todos.

Ele tinha tanta certeza. Tanta certeza...

E sim, ele mentiu. Mas ele mentiu apenas para o bem da nação. Perrinion não havia prosperado nas últimas duas décadas? A cicatriz no coração de Gaulia não tinha se curado? A adoração à Deusa foi renovada, a paz foi restaurada. Tomados por sombra foram caçados e almas mortais salvas. Tudo isso não justifica uma única mentira?

E realmente, a mentira era apenas uma mentira! Odile estava praticamente morta. As profecias nunca aconteceram exatamente como o esperado. Todo mundo sabia disso. Mas isso não significa que eles não foram cumpridos.

Fendrel encostou a testa na borda da pedra do altar. O sangue de seu irmão escorria e se acumulava em seu cabelo e barba. — A Deusa não iria me enganar. — Ele sussurrou, sua voz oca naquele lugar escuro. — Ela não deixaria Seu servo se desviar do caminho.

Deveria ser um teste. Um teste final para provar sua devoção. Ele tremeria agora e cairia com a explosão final? Ou ele se recomporia e se manteria firme diante de suas dúvidas?

Ele sabia o que deveria fazer. Era hora do sacrifício final.

Passos soaram atrás dele. Três pares de passos, botas evanderianas pesadas soando na pedra. Fendrel estremeceu e por um momento seu aperto

na mão de seu irmão aumentou. Ele enviou uma rápida oração pedindo força para a Deusa, uma única respiração antes que uma voz atrás dele falasse.

— Fendrel, Venador Dominus du Glaive.

Era Terryn. Claro que era. Gerard confiava nele como ele foi criado desde a infância para confiar. Gerard não podia ver o que Fendrel viu. Ele não tinha clareza de visão.

Fendrel se levantou lentamente. Ele olhou para o rosto de seu irmão, ainda contorcido naquela última expressão de choque e dor. Ele tocou dois dedos levemente na testa de Guardin, no lugar vazio onde seu coração deveria estar e em seus lábios. Um último sinal de bênção.

Então ele se virou e enfrentou Terryn. Dois outros evanderianos estavam com ele, Venator du Ferro e Venatrix di Ranille. Todas as três sombras estavam ascendentes, mas a visão das sombras facilmente discerniu os feitiços que restringiam as sombras de du Ferro e di Ranille. Nenhuma dessas amarras brilhava na alma de Terryn. Sua sombra se agachava dentro dele, não suprimida, pronta para explodir em plena ascensão a qualquer momento. Um perigo para todos ao seu redor.

O idiota.

— Vim do rei. — disse Terryn, com apenas um instante de hesitação antes de declarar o novo título de seu soberano. — Ele manda você dar seu capuz para mim. Você não é mais o Capuz Negro do Rei.

Fendrel olhou para seu ex-protegido, seu olhar longo e duro. Ele sentiu sua própria sombra se esforçar novamente em suas supressões, mais uma vez procurando usar sua própria emoção contra ele. Mas ele era feito de um material mais duro. Ele há muito aprendeu a suprimir emoções por uma questão de dever. E seu dever agora estava claro. Tão claro.

— Venator du Ferro. — disse ele sem tirar os olhos de Terry. — Venatrix di Ranille. Vocês dois observam algum feitiço de supressão de música dentro da alma de nosso irmão du Balafre?

Os olhos claros de Terry se arregalaram ligeiramente. Calor e sombra de luz chamejaram dentro dele. Os dois evanderianos trocaram olhares. Então eles olharam para Terry. Eles não poderiam ter deixado de perceber a verdade da situação.

— Nosso irmão se tornou herege? — Fendrel continuou, dando um passo pelo corredor, longe do altar e dos restos mortais de seu irmão. Não havia outra luz além da luz da sombra brilhando em seus olhos e nos olhos dos outros três. A escuridão da noite era pesada, uma cortina ao redor deles. — Você renunciou a seus juramentos, Venator? Você agora cuspiu na cara do seu santo?

— Eu sou o servo leal do Rei Gerard du Glaive, primeiro em seu nome. — Terry respondeu. Mas ele mudou ligeiramente para uma posição defensiva. — Dê seu capuz, Fendrel. Você ainda pode servir ao seu rei e ao seu país.

— Eu pretendo. — Fendrel falou por entre os dentes. Seu braço esquerdo se moveu, ele ainda não conseguia sentir o direito, e puxou os tubos Vocos de sua bainha. Ele os jogou para Terry, que pegou o instrumento por impulso de treinamento. — Pronto. — disse Fendrel. — Sua sombra está ascendente, as supressões quebradas. Toque as canções de feitiço. Amarre-a de volta.

Terry agarrou os tubos em seu punho. Os nós dos dedos dele embranqueceram lentamente. Venator du Ferro e Venatrix di Ranille se afastaram de Terry e se equilibraram na planta dos pés. A mão de Venatrix di Ranille moveram-se para suas aljavas.

— Você me ouviu, Venador? — Fendrel repetiu. — Você conhece a lei. Você conhece a vontade de Santo Evander. Suprima sua sombra!

O éter no espaço entre eles agitou-se e faiscou como se estivesse pronto para pegar fogo, agitando-se naquela competição tumultuada de almas.

A boca de Terryn se endureceu em uma linha sombria. Com um lampejo de dentes, ele jogou os Vocos para o lado. Ele pousou, quicou e rolou para as sombras.

— Foi o que pensei. — Fendrel rosnou. — Evanderianos! Derrubem esse herege.

Venatrix di Ranille lançou um dardo em seu escorpião e deu um tiro. Mas Terryn já estava em movimento. Ele percebeu que du Ferro era o menos preparado dos dois e saltou de lado, acotovelando o homem e o derrubando. O dardo de Di Ranille disparou inútil por cima do ombro e se chocou contra os pilares sombrios que sustentavam o telhado arqueado da capela.

Du Ferro atacou, a ponta de ferro de sua braçadeira acertou Terryn quando ele caiu. Terryn saltou fora de alcance e girou para enfrentar seus atacantes. Uma luz branca brilhante chamejou em suas mãos, sua magia de sombra ascendente invocada de uma vez.

Fendrel não esperou. Ele passou a mão esquerda pelas feridas sangrando em seu rosto. Com uma palavra de comando murmurada, ele balançou o braço em um arco amplo. Gotas de sangue respingaram e raios de maldição se manifestaram no ar e dispararam direto para Terryn, prontos para perfurá-lo.

Um clarão de luz cegante. Fendrel jogou o braço para cima e rugiu, tanto sua visão mortal quanto sua visão sombria temporariamente ofuscadas. Pelo espaço de dez batidas do coração, ele ficou impotente de raiva e dor. Então ele piscou com força, e sua visão voltou lentamente, apenas rápido o suficiente para ver Terryn disparar pela porta da capela, para o pátio.

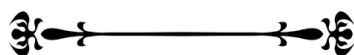
— Vamos! — Fendrel gritou e saltou em sua perseguição. Du Ferro e di Ranille seguiram atrás dele e, juntos, avançaram em perseguição de sua presa. Chegaram à porta a tempo de Fendrel ver a agitação da capa de Terryn enquanto subia os degraus da varanda.

Mais quatro evanderianos pararam no ar frio do pátio do lado de fora, com os olhos arregalados e as sombras ascendentes. — Atrás dele! — Fendrel gritou, gesticulando descontroladamente com o único braço. — Derrube o Venador du Balafre! Ele se voltou contra nós!

Em qualquer outro momento, eles poderiam ter questionado seu comando. Em qualquer outro momento, eles podem ter hesitado. Mas depois da noite em que tinham acabado de sobreviver, uma noite cheia de bruxas e horror e morte, eles olharam para seu Venador Dominus como olhariam para o próprio Santo Evander. Sua palavra era lei, e sua palavra os galvanizou à ação.

Três dardos voaram atrás de Terryn assim que ele alcançou a porta da fortaleza principal. Dois deles erraram e um ficou preso nas dobras de sua capa. Ele se virou, esticou o braço e um lampejo de luz branca saiu de sua mão. Ele voou sobre as cabeças dos evanderianos, mas foi o suficiente para cegá-los novamente, para atrasá-los.

Fendrel sibilou uma maldição e bateu nas pedras do pavimento em sua perseguição.



O fogo rugia em suas veias, queimando seu corpo de dentro para fora. Terryn agarrou o corrimão da escada da frente e vislumbrou sua própria

mão. As bolhas subiram por baixo da pele. A cada respiração ofegante, ele exalava uma nuvem de fumaça e o suor escorria por seu rosto, ensopando suas roupas.

Ele não poderia sobreviver a este tipo de poder. Se ele o usasse novamente, certamente o destruiria.

Ouvindo um grito atrás, ele parou no patamar e viu três evanderianos pularem pela porta abaixo, seus escorpiões erguidos. Ele se escondeu atrás de um pilar e ouvi o tock de um dardo bater onde sua cabeça teria estado. Ele estendeu a mão para suas aljavas. Para seu horror, ele não tinha nenhum veneno paralisante. Apenas a Morte Gentil.

Ele pode ser exatamente o que Fendrel o acusou de ser: um herege, pouco melhor do que um bruxo. Mas ele não suportaria usar a Morte Gentil em seus antigos irmãos.

Ele cambaleou, a dor queimando por ele como uma tocha plantada em seu peito. Os evanderianos não precisariam usar seus venenos nele. Ele estaria morto em breve. Sua própria sombra o inundaria com magia. Por que ele foi tão tolo, jogando fora aquele Vocos? Ele deveria ter feito o que Fendrel disse; ele deveria ter usado os feitiços da música.

— *Nisirdi!* — Ele chamou dentro de sua cabeça. — *Nisirdi, reduza!*

Mas ele não tinha controle sobre este ser. Ele respondeu à sua emoção tumultuada, crescendo em força cada vez maior, e não parecia ouvi-lo, não importa o quanto ele gritasse.

Ele estava errado em confiar nisso. Tão errado...

Um lampejo de movimento. Terryn alcançou o topo da escada e viu outro capuz vermelho vindo em sua direção, cortando o caminho que ele pretendia tomar na ala leste. Ele se virou para correr para o outro lado... mas não. Gerard

estava na ala oeste. Ele não poderia levar esta batalha em qualquer lugar perto de Gerard e arriscar que ele fosse pego no fogo cruzado.

— Du Balafre! — a venatrix caindo sobre ele gritou. — Renda-se!

Ele viu que ela não tinha mais dardos para sua arma. Em vez disso, ela convocou seu poder Elemental, conjurando uma bola de fogo entre seus dedos.

Com um grito, Terryn disparou para uma pequena porta na parede. Ele a abriu bem a tempo de usá-la como escudo. A bola de fogo estourou do outro lado dos painéis de madeira, embora, na verdade, provavelmente não poderia tê-lo machucado tanto quanto o calor que já crescia dentro dele.

Os outros evanderianos ganharam o patamar e subiram o último lance de escada. Terryn olhou para trás e pensou ter visto o rosto de Fendrel, pálido e duro, lá embaixo. Por um instante, seus olhos se encontraram.

Então Terryn disparou pela porta e fechou-a atrás dele. Ele parou em uma escada estreita e teve uma fração de segundo para decidir, subir ou descer. Ele escolheu. Suas mãos pressionaram contra as paredes de pedra fechadas, deixando impressões derretidas para trás. Cada respiração era uma agonia. Embora as sombras fossem pesadas, seus olhos brilhavam com uma luz de sombra tão brilhante que era quase cegante.

— Ayleth. — Ele engasgou. Ele ouviu a porta atrás dele abrir, ouviu passos enquanto os evanderianos o perseguiam. — Ayleth...

Se Fendrel tivesse se voltado contra ele, ele iria atrás dela em seguida. Mas onde ela estava? Ele poderia encontrá-la, ele poderia avisá-la? Não se ele não pudesse abalar esses perseguidores primeiro.

Ele deixou a escada e emergiu em outro corredor estreito no quarto andar da torre de menagem. Sons de perseguição o conduziram como uma raposa pela floresta, correndo para iludir os cães. Ele perdeu a noção das curvas que tomou antes de chegar a outra porta, outra escada, esta conduzindo em uma

espiral. Encurralado em cada lado, ele subiu os degraus o mais rápido que pôde antes de irromper pela porta no topo. O vento gelado do inverno soprava em seu rosto, mas não fazia nada para esfriar o calor dentro dele. Ele cambaleou para o ar livre sob um céu estrelado. Sua fuga o levava a uma das duas torres do castelo construídas sobre o lago.

E não havia maneira de descer, exceto pelo caminho que ele veio.

— Malditos Assombrados! — ele sibilou. Sua língua queimava com cada palavra falada. Ele correu para as ameias e se inclinou para fora, olhando para o lago lá embaixo, suas profundezas brilhando com uma camada de gelo. O calor dentro dele aumentou mais rápido agora, como um vulcão, e ele sabia que tinha poucos momentos antes da erupção e destruição final.

— Venador du Balafre!

Ele virou. Os evanderianos saíram pela porta da plataforma da torre. Três deles já, e mais vindo atrás. Ele conhecia seus rostos. Eles eram seus camaradas, seus irmãos e irmãs da Ordem. Ele havia treinado com du Ferro quando menino, estudado venenos sob a orientação de di Ranille em uma primavera.

Em poucos instantes, ele morreria. E na explosão que deveria vir, ele poderia levar todos eles com ele. Talvez dar a Ayleth uma chance de lutar.

Ele olhou nos olhos de du Ferro.

A decisão estava diante dele. Um único momento à beira da eternidade. Ele era o herege, o bruxo? Ele mataria seus companheiros enquanto eles tentavam matá-lo? Este seria seu último ato neste mundo antes que sua alma voasse livre?

Du Ferro armou seu escorpião. Ele mirou.

E Terry se jogou sobre a borda da ameia. Ele ouviu o estalo do escorpião disparando e sentiu a picada de um dardo em seu braço enquanto voava para o ar vazio.

CAPÍTULO 27

Ayleth estava encostada na parede, braços cruzados e cabeça baixa, observando Hollis, que se agachava sobre o corpo imóvel de Crisenthia di Bathia. Sua ex-senhora pressionou a testa contra a da bruxa, segurando aquele rosto largo entre as mãos. Penetrar em sua mente não era uma tarefa fácil, mesmo para uma venatrix tão experiente como Hollis. Os Diabos Carmesins usavam proteções mentais para se proteger contra invasões, e o veneno de paralisia tornava sua mente turva.

Mas Hollis não era novata. Sua sombra de aparatação brilhou dentro dela, tão brilhante que Ayleth quase podia ver muitas asas fantasmagóricas se estendendo do centro da alma de Hollis.

Se elas tivessem sorte, se a Deusa ainda estivesse do lado delas apesar de tudo, Hollis seria capaz de puxar planos da cabeça da Bruxa de Cristal, para descobrir o que os Diabos Carmesins pretendiam fazer agora que haviam recuperado sua rainha.

Embora Ayleth não tivesse dúvidas. Eles devem ir em busca da coroa de Éter.

Ela estremeceu. Por que, quando Hollis mencionou aquele estranho tesouro de eras passadas, parecia ter tocado uma corda tão familiar em sua alma? Um acorde que estremeceu com um som que era quase um nome. Seus lábios inconscientemente tentaram formar uma palavra, uma palavra estranha que não fazia parte de nenhuma língua que ela conhecia: — *Oromor*.

Por que ela conhecia esse nome? E de onde essa visão em sua cabeça se manifestou, nebulosa e distorcida como um pesadelo... a visão de uma mulher

usando uma faixa de algum metal escuro e uma voz mais profunda do que o anoitecer rosnando em sua mente.

Finalmente...

— Ayleth.

Ayleth saltou de seus pensamentos e olhou para sua patroa. Hollis se sentou, puxando as mãos da cabeça da bruxa como se ela queimasse as palmas. Ela respirou fundo com os dentes cerrados e deu uma olhada rápida na direção de Ayleth. — É isso. — Ela ofegou. — Isso é tudo que nós precisamos. Por favor... mate ela.

Imediatamente, Ayleth se ajoelhou ao lado de sua senhora e arrancou a Morte Gentil de entre seus venenos. Era o último, mas ela não hesitou. Ela espetou o dardo no pescoço da bruxa e observou enquanto as almas unidas, bruxa e sombra, se erguiam do corpo enquanto ele morria.

Os Assombrados abriu para reclamar suas dívidas.

Ayleth e Hollis abaixaram a cabeça para longe da boca aberta daquele outro mundo. A mão de Ayleth estremeceu em reflexo de seus tubos, mas Hollis estendeu a mão e a parou. Esta era a alma de uma bruxa, destinada ao tormento eterno de uma bruxa.

Um dardo de culpa passou pela alma de Ayleth enquanto ela olhava para aqueles dois espíritos entrelaçados, arrastados se contorcendo para aquele portão repugnante e o caos esmagador além. Crisantha era uma assassina, um horror, que havia massacrado inúmeras almas inocentes. Ayleth pensou nos homens e mulheres mortos que vira no vestíbulo. Ela pensou em todos os corpos que a Bruxa de Cristal profanou ao longo dos anos, todas as almas que ela devastou, todas as ruínas que ela deixou em seu rastro. Este foi um final estranhamente tranquilo para um monstro como ela.

Mas, Ayleth se perguntava... sua própria alma seguiria um caminho semelhante um dia? Ou alguém faria a gentileza de queimá-la viva?

Cruzando os braços, ela forçou esses pensamentos de volta e voltou sua atenção para Hollis. Sua ex-senhora ainda respirava com dificuldade, uma das mãos pressionada contra o peito. Seu espírito sombrio cintilou com ascendência perigosamente potente, mas Hollis não lutou contra isso. De qualquer maneira, ainda não.

— O que você achou? — Perguntou Ayleth.

Hollis olhou para cima, estremecendo, seus olhos eram meras fendas em seu rosto pálido. — Eles estão indo para Dulimurian. Eles pretendem pegar a Estrada da Rainha através da Floresta da Bruxa. Eles não têm âncoras suficientes para que a Bruxa Fantasma os carregue por todo o caminho. Nós podemos... — A voz dela parou por um momento, e ela respirou fundo. — Ainda podemos pegá-los.

Embora as palavras tenham sido ditas com esperança, Ayleth não sentiu nada além de horror. A ideia de reentrar em Floresta da Bruxa era quase mais do que ela poderia suportar. E caçar em suas profundezas, tentando capturar a bruxa mais temida e mortal da história de Perrinion? Ela não estava preparada. Ela não era forte o suficiente. Ela não estava...

Na mente de Ayleth, Laranta se movia, seu poder não suprimido transbordando de ansiedade. — *Senhora.* — Ela rosnou. — *Senhora, nós caçamos. Nós caçamos! Nós caçamos!*

Um sorriso curto, agudo e terrível apareceu no rosto de Ayleth. De repente, ela sabia exatamente o que seu futuro reservava. Ela não precisava de profecias; ela não precisava de sonhos. Ela não precisava de maldições de sangue ou feitiços. Ela era uma caçadora criada por lobos e sabia seu propósito nesta vida.

Só agora, finalmente, ela tinha uma presa que valia a pena perseguir.

— Não se preocupe. — disse ela. Ela ergueu o braço de escorpião e puxou o mecanismo de gatilho para a marcha. — Terrível Odile nunca vai tocar em sua coroa.

Hollis acenou com a cabeça, um olhar de esperança sombria em seu rosto. Ela se levantou, balançando levemente em seus pés, mas sua respiração havia melhorado um pouco. — Devemos nos reportar ao rei imediatamente. — disse ela. — Não há um momento a perder.

— O que faremos com ela? — Perguntou Ayleth, indicando os restos mortais de Crisenthia.

— Deixe por enquanto. — respondeu Hollis. — Ela não fará mais mal neste mundo.

Com essas palavras, Hollis dirigiu-se à escada subterrânea que conduzia à porta, apoiando-se pesadamente na parede quando começou a subir. Sua invasão da mente da bruxa havia minado suas forças, e Ayleth sabia que ela ainda lutava para manter sua sombra sob controle. Seria sensato fazer uma pausa e usar os Vocos para suprimir o espírito dentro dela. Mas ela precisaria de seus poderes logo.

Ayleth seguiu vários passos atrás de sua senhora e ainda estava na metade da escada quando Hollis abriu a porta. Imediatamente, Laranta rosnou em sua mente. — *Perigo, senhora.*

Ayleth fez uma pausa, arregalando os olhos. — *Que perigo, Laranta...* — ela começou.

Hollis deu um grito curto e agudo.

Ayleth ergueu os olhos e viu a silhueta de sua senhora na porta. Um dardo com pontas estremeceu de sua garganta.

Hollis se virou para Ayleth. — Volte! — ela gritou. Suas mãos agarraram a porta, tentando fechá-la novamente, tentando barrá-las do lado de dentro. Antes que ela pudesse fechar a porta, uma mão apareceu, agarrou-a e puxou-a para fora da vista de Ayleth.

— Hollis! — Ayleth subiu os degraus, impulsionada pela força de Laranta. Ela ganhou a porta, mas só foi rápida o suficiente para cambalear para trás antes de um raio de maldição. Os pingentes de gelo Anathema, desde que seu braço se espatifasse no chão e na porta, rompendo madeira e pedra. Eles se projetavam de todas as superfícies, impedindo sua saída.

Com um rugido, Ayleth se atirou contra os ferrolhos. Quando ela os agarrou e quebrou um após o outro, esmagando-os em suas mãos com o poder Feral, eles se estilhaçaram e se dissiparam em magia discordante. Ela empurrou para a passagem além, preparada para outro ataque.

E parou abruptamente, com os punhos cerrados. Sua garganta parecia fechar, parando sua respiração.

Hollis estava diante dela. Ou melhor, ela não se levantou, mas estava inerte, paralisada nas garras de dois evanderianos de capuz vermelho. Fendrel estava atrás dela, sangrando de vários ferimentos e rodeado por uma aura de magia Anathema ascendente.

Ele segurou um dardo com penas pretas na garganta de Hollis, a um fio de cabelo de sua pele.

Laranta rosnou ferozmente e deu uma guinada na cabeça de Ayleth, dando um passo à frente. — Mais um passo e ela morre! — Fendrel gritou. Ayleth arrancou o controle de sua sombra e parou de repente. Cada músculo de seu corpo saltou com a necessidade de ação, e seus dedos se curvaram como garras prontas para rasgar e rasgar.

— Eu posso te matar em um segundo. — Ela disse, olhando-o nos olhos. — Você não pode me impedir. Esses seus cães domesticados não podem me impedir.

Os Capuzes Vermelhos segurando sua senhora tremeram. Eles viram o quão ascendente estava sua sombra. Eles sabiam que não eram páreo para sua velocidade ou violência. Mas eles não recuaram.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Fendrel, mas não atingiu seus olhos. — Você pode me alcançar antes que eu a mate? — ele perguntou.

Ela não conseguia. Ela era rápida. Mas não tão rápida.

— Por que eu deveria me importar com o que você faz com ela? — Ayleth respondeu por entre os dentes. — Ela mentiu para mim. Ela manipulou minha mente. Ela matou minha família. Ela não é nada para mim.

Seu sorriso cresceu, mostrando dentes selvagens. — Então me mate, garota. — Ele disse. Sua mão nunca vacilou. A Morte Gentil equilibrada, pronta para atacar. Um movimento fracionário de sua mão e Hollis estava perdida.

Mate, mate! Laranta insistiu. Ele é nosso inimigo! Devemos matar!

Cada instinto, natural e não natural, exigia que ela agisse. Agora!

E ainda...

Ela nunca iria perdoar Hollis. Não enquanto ela vivesse.

Com uma maldição cruel, Ayleth ajoelhou-se e ergueu as duas mãos. — *Calma, Laranta.* — disse ela.

Mas Senhora...

— *Eu disse CALMA.*

Sua sombra de lobo rosnou, jogou a cabeça para trás e deu uma patada nas bordas de sua mente. Ela estava ascendente. Ayleth não tinha meios de controlá-la, de forçá-la a obedecer. Mas Laranta recuou, recuando para dentro

até se agachar. Todo o poder da sombra ascendente fluiu dos membros de Ayleth.

Fendrel observou. A visão da sombra brilhou em seus olhos, e ele sabia exatamente o que acontecia dentro de sua alma. Mas ele não se afastou de Hollis, não removeu o dardo de sua posição em sua garganta.

— Tudo bem, garota. — disse ele. — É assim que vai funcionar. Eu preciso de você. Perrinion precisa de você. Precisamos da arma que Hollis fez de você para desfazer este desastre que você criou.

— Eu criei? — Ayleth engasgou as palavras, saliva se formando em seus lábios. — Seu bastardo inflamado, eu vou...

— Você ainda vai matá-la. — Fendrel ergueu as sobrancelhas e mudou de posição. A pena preta no dardo estremeceu ligeiramente.

Foi uma agonia engolir suas palavras. Ayleth cerrou os punhos, cravando as unhas na pele das palmas.

Os olhos de Fendrel brilharam com a luz da sombra novamente enquanto ele se certificava de que Laranta permanecesse suprimida. Satisfeito, ele continuou. — Primeiro, preciso saber quais informações você obteve da Bruxa de Cristal.

— Essa é uma informação para o rei.

— E eu sou o Capuz Negro do rei. Você entregará o que sabe e eu informarei Sua Majestade.

De alguma forma, ela não podia acreditar que essa era a vontade de Gerard. Mas Gerard não estava aqui. E ele não conseguia controlar seu tio de qualquer maneira. Ninguém poderia.

— Os Diabos Carmesins planejam pegar a Estrada da Rainha através de Floresta da Bruxa. Seu objetivo é Dulimurian e... e a coroa.

Fendrel acenou com a cabeça lentamente. Todas as cores foram drenadas de sua pele até que o sangue manchado de sombra salpicado em seu rosto se destacou preto e áspero. — Bom. — disse ele. — E a Bruxa Fantasma?

— Ela não tem âncoras suficientes para carregá-los. Eles terão que viajar a pé. A menos que roubem cavalos, mas os cavalos não os levarão muito longe através da Floresta da Bruxa.

— Isto é verdade. — Fendrel exalou longa e profundamente. Em seguida, ele sussurrou: — Então, ainda há uma chance. — Seus olhos brilharam novamente, mais brilhantes do que nunca, quase exultantes. — Ela a treinou bem. Eu conheço Hollis. Eu sei como ela funciona, como ela pensa. Ela pode ter errado em deixá-la viver, mas agora que o dano está feito, você servirá para corrigir o erro dela. Podemos consertar isso. Podemos salvar Perrinion. — Ele ergueu a cabeça e chamou alguém na passagem atrás dela: — Agora. Tragam eles.

Ayleth não olhou em volta, não desviou o olhar do rosto de Fendrel. Não até que outro Capuz Vermelho apareceu na frente dela, carregando algo pesado em suas mãos. O fedor de ferro encheu suas narinas. Ela olhou. Seus olhos se arregalaram.

— Não! — ela engasgou e começou a pular de joelhos. Laranta, sentindo sua angústia, começou a inchar com poder em sua alma.

— Fique, garota! — Fendrel rosnou. — Você vai matá-la!

Com o coração batendo forte contra o esterno, Ayleth olhou nos olhos do Venador Dominus. Ela olhou para Hollis, tão indefesa, quase sem vida.

— Submeta-se. — disse Fendrel. — Eu não pretendo matar você. Você sabe que não posso. Precisamos de você agora, precisamos do sangue em suas veias, ou estaremos todos mortos. Então você está segura por enquanto. Mas devemos estar protegidos de você também.

O Capuz Vermelho à sua frente se moveu novamente. — Suas mãos. — disse ele.

Ele ergueu as luvas de ferro. Um instrumento evanderiano de tortura, eram luvas em forma de bola que envolviam as mãos e prendiam os pulsos. O ferro tão próximo de sua pele nua causaria desconforto e náusea. Muito pior, se ela desenrolasse os punhos, se movesse os dedos para o lado errado, mesmo que ligeiramente, espinhos internos perfurariam sua pele. Não tão profundo quanto a ponta de ferro que ela usou em si mesma alguns dias atrás, mas dezenas deles de uma vez encheriam seu corpo e alma com veneno de ferro.

Laranta ficaria presa, movida por uma dor profunda demais para oferecer qualquer ajuda. A própria Ayleth seria tão fraca e inútil como um gatinho.

Ela olhou para aquele instrumento de tortura evanderiano. Ela ainda tinha escolha. Ela poderia lutar. Ela poderia resistir. Ela poderia deixar Hollis morrer e dilacerar seus inimigos, usando o poder de Laranta para despedaçá-los.

Em vez disso, ela ergueu os punhos. E o Capuz Vermelho prendeu as luvas de ferro no lugar.

Uma onda de náusea a envolveu. Embora ela tenha enrolado os punhos com força, os espinhos cravaram em sua pele, e a dor inundou seu corpo enquanto o veneno inundava sua mente. Ela caiu de joelhos e a escuridão se aproximou. Ela tentou se manter em pé, mas caiu para o lado, sacudindo ainda mais as mãos. Talvez ela tenha desmaiado. Mas muito em breve a escuridão passou, devolvendo-a a um mundo de dor. Sua consciência se esclareceu e ela gemeu, desejando poder voltar ao esquecimento.

Mas então ela ouviu uma voz que ela reconheceu.

— Onde ele está, Fendrel? Onde está Terry? O que você fez com ele?

Ayleth forçou seus olhos a abrirem uma fresta. Ela descobriu que não estava mais na passagem pela casa subterrânea. Ela estava deitada no chão do grande salão, cercada por Capuzes Vermelhos.

— Terryn du Balafre abandonou seus votos. — Essa voz era inconfundivelmente de Fendrel. Os lábios de Ayleth se curvaram e ela virou a cabeça na direção do som. Ela viu Gerard parado na base da escada, de frente para seu tio. Ele usava roupas de montaria e uma espada embainhada pendurada ao seu lado. Seu rosto estava selvagem, aterrorizante.

— O que você está dizendo? — ele exigiu, dando um passo agressivo em direção a seu tio, que se elevou sobre ele, seu rosto coberto por seu capuz preto. — Onde está Terryn? Onde ele está? — A cada palavra, sua voz ficava mais frenética. Ayleth nunca o ouvira soar assim.

Fendrel estendeu a mão e agarrou o ombro de Gerard, segurando-o com força. — Terryn está morto. — disse ele.

O mundo pareceu quebrar, estilhaçar-se em um milhão de cacos de vidro cintilante diante da visão de Ayleth. Ela viu Gerard desabar no chão; ela viu Capuzes Vermelhos mergulharem de cada lado dele, agarrando seus braços. Em algum lugar à distância, ela ouviu a voz de Fendrel novamente, dizendo: — Tranquem o rei em seus aposentos. Ele não está vindo nesta caçada.

Mas nada disso importava. A dor invadiu a mente de Ayleth mais uma vez, afogando-a em seu implacável mar de escuridão.

EPÍLOGO

O ar da noite estava parado. Uma quietude invernal sem o canto dos pássaros nem o zumbido dos insetos para quebrar a atmosfera congelada. Até mesmo o riacho havia cessado seu murmúrio, suas águas marcadas por um delicado laço de gelo. Nem um sopro de vento agitava a grama quebradiça ou se movia nos galhos do carvalho alto e nu.

Debaixo do carvalho, uma velha estava sentada. Ela estava tão imóvel que um transeunte poderia pensar que ela havia se transformado em pedra. Ela se agachou entre as raízes da árvore que se espalhava, os ombros curvados, as mãos em concha diante do rosto. Na maior parte, seu olhar se fixou no que estava em suas palmas, mas de vez em quando seus olhos se moviam para cima, seus cílios tremulando para quebrar a geada tentando fechá-los, e olhavam para baixo para onde o riacho desaguava no Lago Sagrado. Lá, a apenas uma milha de distância, no máximo, as altas torres do Castelo Dunloch erguiam-se para o céu estrelado.

Se alguém escutasse com atenção, poderia apenas ouvir a respiração ofegante e suave da velha.

De repente, a quietude se quebrou. A velha, sobressaltada de sua imobilidade, soltou um grito e endireitou-se, as mãos se abrindo como se estivessem queimadas. Uma pedra voou pelo ar e rolou até a margem do riacho. Um clarão disparou de seu centro, um clarão, não de luz, mas de escuridão tão profunda que queimou os olhos.

O mundo se abriu. Por um instante, a quietude da noite de inverno foi preenchida com um coro de gritos sobrenaturais. A velha levantou-se com

dificuldade e atirou-se para trás do grosso tronco de carvalho. Agarrando a casca com dedos com os nós dos dedos brancos, ela observou aquele lugar onde o ar rasgava e a realidade ondulava. Seus olhos brilharam com a luz da sombra.

Algo tropeçou no caos. Por um instante, parecia nada mais do que uma vaguidade sombria. No instante seguinte, ele se fundiu na forma de uma jovem mulher, uma senhora de graça e porte nobre, cujo cabelo dourado caía solto e irregular ao redor de seus ombros nus, e cujo vestido esvoaçava em farrapos sobre suas pernas. Ela saltou pela abertura entre os mundos e caiu de joelhos na grama alta e marrom, puxando dois homens atrás dela. Ela quase perdeu o controle sobre eles, pois o reino que ela acabara de atravessar lutou para mantê-los, para devorá-los. Com um grito angustiante, ela os puxou, um após o outro.

O primeiro homem era alto e tinha olhos escuros, ombros largos, mas seu corpo emaciado, como se sua força outrora impressionante tivesse sido sugada. O segundo homem era ainda menos visível, uma criatura estreita e miserável com uma barba grisalha triste composta de protuberâncias feias semelhantes a fungos em vez de cabelo.

A jovem se recuperou primeiro da passagem entre os mundos. Ela jogou seu cabelo dourado e olhou para trás por cima do ombro, não para nenhum dos homens, mas para a quarta figura que carregavam entre eles. Uma coisinha esquelética, mais morta do que viva, sua carne arrancada dos ossos, a pele queimada e enegrecida.

Os dois homens cambalearam e caíram no chão, largando o fardo enquanto caíam. A pobre criatura desabou na grama alta, os braços estendidos, a cabeça inclinada em um ângulo estranho e não se mexeu.

A jovem olhou ao redor para a paisagem fria e invernal, seus olhos brilhando com a luz das sombras. Ela avistou a velha encostada no tronco da árvore e ergueu a mão em saudação.

A mulher trêmula se separou do carvalho e deu um passo na direção deles, abaixando-se para pegar a pedra âncora em seu caminho. — Você a encontrou, Inren? — ela gritou, sua voz fina e afiada com esperança. — Você encontrou a rainha?

Sem responder, Inren se virou para os homens, que ainda estavam curvados sobre as mãos e joelhos, tremendo de pavor. Ela não podia culpá-los muito bem. Um voo através do infernal Assombrados não era uma tarefa fácil até mesmo para ela, e ela estava acostumada a isso. Seus camaradas haviam feito a viagem com ela apenas algumas vezes antes, e a cada vez eles emergiam tremendo como geleias em uma tigela.

— Gillotin. Zarc. Levantem-se. — Ela rosnou. — Ainda temos uma longa jornada pela frente.

O barbudo Zarc lançou-lhe um olhar fulminante, mas por outro lado não se moveu. Gillotin, de olhos escuros, no entanto, se recompôs. Ele estendeu a mão para a coisa quebrada caída ao lado dele na terra, pegando um braço magro e puxando-o cuidadosamente para si, como uma mãe gentil tentando acordar um bebê adormecido.

A coisa gemeu. O som causou arrepios na espinha de Inren. Mas a velha engasgou e juntou as mãos. Ela caiu de joelhos, depois de cara, prostrando-se diante do ser cadáver.

— Minha deusa! Minha deusa! — ela gritou, as lágrimas sufocando sua voz.

Ao som daquela voz, a coisa quebrada e queimada se mexeu. Sua cabeça pendeu sobre o pescoço enfraquecido. Um par de olhos brilhantes e

amarelados espiou por entre os fios de cabelo preto e se fixou na velha. — Zilla.
— Ela resmungou. — Zilla, minha querida...

Sua voz se interrompeu em um acesso de tosse tão violento que seu corpo frágil parecia prestes a se quebrar em mil pedaços. Mas Inren viu cem mil fios de feitiço entrelaçados, segurando todas aquelas peças mortais no lugar, recusando-se a deixar o corpo morrer e o espírito livre.

Inren comprimiu os lábios em uma linha apertada. Isso não era o que ela esperava quando ela começou a reclamar sua deusa. Em sua mente, em sua memória, Odile era gloriosa, linda, poderosa, imparável. Essa coisa, essa coisa quebrada... não era Odile. Não poderia ser.

Uma criatura tão destruída, tão frágil, nunca poderia usar a coroa Éter e sobreviver.

— Levante-se, Zilla. — Ela rosnou, chutando sua irmã bruxa na nádega. — Não temos tempo para isso. Onde está minha âncora?

— Aqui. — A velha se sentou ereta, estendendo a mão fechada e largou a pedra brilhante na palma estendida de Inren. Cem fios de fios em forma de tentáculos saíram de seu centro, todos mergulhando na alma de Inren. Ela mesma havia formado os fios, chamando cada um deles cuidadosamente à vida, fechando cada laço com cuidado. Quando ativados, esses feitiços eram poderosos o suficiente para trazê-la de volta para este mundo dos Assombrados, permitindo que ela viajasse para dentro e para fora desta realidade em um piscar de olhos.

Mas uma âncora ativada também deixaria um rastro distinto de magia. Uma trilha que até o mais inexperiente dos caçadores de sombra poderia seguir.

Inren fez uma careta. Demorava horas, às vezes dias, para criar uma pedra âncora forte. Seu estoque estava baixo e ela não teria tempo de fazer mais

nas horas que viriam. Mas ela sabia que os inimigos estariam sobre eles em breve. Os evanderianos podem até agora passar pelos portões de Dunloch, cavalgando forte durante a noite.

Então ela agarrou todos aqueles fios de feitiço e os enrolou firmemente em seus dedos. Quando ela tinha todos eles firmemente em suas mãos, ela deu um puxão repentino. Os fios se quebraram, o feitiço se quebrou. A âncora perdeu seu brilho e se tornou nada mais do que um pedaço morto de oblidite em sua palma. As pontas quebradas dos feitiços flutuaram de seu centro, apodrecendo rapidamente.

Inren a jogou por cima do ombro e se virou para seus companheiros. — Precisamos nos mover. — disse ela.

— Qual é a pressa? — Zarc exigiu. Seu rosto pálido havia recuperado um pouco da cor e ele se levantou. — O rei está morto.

— Fendrel du Glaive ainda está vivo. — Disparou Inren. Os outros se encolheram com esse nome. Todos eles sabiam quem era seu verdadeiro inimigo. Não o rei. Nunca o rei. — Ele reunirá seus caçadores e estará em nossa trilha ao amanhecer. Devemos levar nossa rainha a sua coroa.

— Somos mais do que páreo para um punhado de evanderianos. — disse Zilla, endurecendo o queixo. — Podemos não ser tão poderosos quanto éramos, mas não somos fracos. — Ela olhou em volta então, piscando com a realização repentina. — Onde está Ylaire? Onde estão Scias e Crisenthia?

— Eles se foram. — respondeu Gillotin. Ele se levantou, ajustando seu aperto cuidadoso na rainha, tratando-a como faria com vidro quebrado. — Ylaire está morta. Os outros... Não sei.

Um espasmo de dor percorreu a alma de Inren. E com isso... Oh! com isso veio uma agitação mortal dentro dela. Esse outro espírito agachou-se nas profundezas deste corpo hospedeiro. Fayline, momentaneamente suprimida,

mas ainda presente em espírito. Ela usaria as emoções de Inren contra ela em uma tentativa de ascender à ascendência.

Ela tinha que lutar. Ela deveria manter o foco.

— Se Scias e Crisenthia viverem, eles podem desacelerar nossos inimigos.

— disse ela. — Mas não podemos contar com mais nada. Devemos nos mover. Zarc, leve nossa rainha. Zilla, ajude-o.

Os dois bruxos pularam para obedecer, livrando a frágil criatura dos braços de Guillotin. Embora nem a Bruxa do Vento nem o Bruxo da Tempestade fossem fortes, vinte anos de morte haviam deixado o corpo de Odile reduzido a uma sombra. Entre eles, eles a carregaram sem dificuldade.

— Há cavalos na próxima cidade. — disse Zilla. — Podemos pegá-los com bastante facilidade.

— Bom. — Inren se virou para a Cadáver. — Guillotin, eu quero que você fique para trás. Eles certamente enviarão batedores e encontrarão minha âncora quebrada. Espere até que Fendrel chegue e faça o que puder para atormentar ele e seus seguidores. Mate-os se puder.

o Cadáver respondeu com um sorriso, puxando uma adaga e deslizando a lâmina pela palma cicatrizada. Sangue fresco fluíu ao longo de sua borda, e o brilho vermelho da magia Anathema chamejou na escuridão. — Vou matar du Glaive. — disse ele. — E a neta. Ela não viverá para ver outro pôr do sol.

— Não.

O coração de Inren parou. Ela sentiu uma onda de surpresa passar por seus camaradas como um relâmpago pulando de uma alma para a outra. Cada par de olhos se voltou para Odile.

Sua rainha, sua deusa, ergueu sua cabeça queimada e horrível. Os olhos com anéis brancos brilharam quando ela fixou o olhar em Guillotin. — Não mate minha neta. — Suas cordas vocais cortadas, apenas recentemente re-

costuradas, latejavam e estremeciam, produzindo um som áspero e terrível. — Eu exijo por toda a lealdade que você uma vez me teve: traga a garota para mim. Viva.

Gillotin abriu a boca. Inren sentiu todos os protestos que queria falar, pois eram os mesmos que clamavam em sua própria cabeça, desesperados para serem falados em voz alta. Odile sustentou seu olhar. Seu pescoço tremia com a força necessária apenas para manter a cabeça erguida. Por fim, Gillotin curvou-se e colocou as duas mãos sobre o coração em um gesto de servidão absoluta.

— Seu desejo é uma ordem, Adorada.